



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**



DARLANE SILVA VIEIRA ANDRADE

DANDO VOZ À DIVERSIDADE:

Um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador

SALVADOR

2007

Darlane Silva Vieira Andrade

DANDO VOZ À DIVERSIDADE:

Um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Área de concentração: Mulheres, Gênero e Feminismo. Linha de pesquisa: Gênero, Identidade e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gabriela Hita

SALVADOR

2007

Darlane Silva Vieira Andrade

DANDO VOZ À DIVERSIDADE:

Um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Área de concentração: Mulheres, Gênero e Feminismo. Linha de pesquisa: Gênero, Identidade e Cultura.

Aprovada em 29 de outubro de 2007

COMISSÃO EXAMINADORA

Maria Gabriela Hita

Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade Federal da Bahia

Cecília Maria Bacellar Sardenberg

Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade Federal da Bahia

Giovana Dal Bianco Perlin

Doutora em Psicologia e Professora da Faculdade de Sergipe e da Faculdade Ruy Barbosa

Miriam Cristina Marcílio Rabelo

Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade Federal da Bahia

À
cada pessoa solteira,
em sua diversidade

Andrade, Darlane Silva Vieira
A553 Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador / Darlane Silva Vieira Andrade. – Salvador, 2007.
166 f.

Orientadora: . Profa. Dra. Maria Gabriela Hita
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

1. Solteiros – Atitudes – Salvador, BA. 2. Relações homem- mulher.
3. Mulheres. 4. Identidade. I. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II. Hita, Maria Gabriela. III. Título.

CDD – 305.389

Agradecimentos

Como está sendo difícil escrever a última palavra desta dissertação!... Antes de escrevê-la, começo a me despedir de uma etapa importante em minha vida pessoal e profissional que foi estar neste curso de mestrado, com o qual tanto sonhei. E para me despedir, gostaria de agradecer em primeiro lugar à Deus, pela vida e às pessoas que participaram de perto desta importante etapa.

À minha orientadora Gabriela Hita que acolheu a mim e ao meu projeto de pesquisa, sendo um importante apoio no processo de construção deste trabalho e com quem aprendia a dialogar com outros saberes, de forma interdisciplinar.

Às professoras, aos(as) amigos(as) e colegas da primeira turma do Programa de Pós-Graduação do NEIM/UFBA pelos bons momentos na construção de um curso feminista!

Às professoras que gentilmente colaboraram no exame de qualificação desta pesquisa: Cecília Sardenberg, importante referência como teórica feminista; Giovana Perlin, uma ponte do meu passado e presente como pesquisadora e psicóloga; e Eliane Gonçalves, gentil colaboradora que recentemente nos presenteou com sua tese sobre “Mulheres que vivem sós”.

Agradeço em especial ao apoio e amor dos meus pais José Darlan e Janete Andrade. Agradeço às minhas queridas irmãs: Talitha pelas palavras de incentivo, e à Daiana que junto com Paulinho nos presenteou com Guilherme, meu afilhado.

A toda a minha família extensa que de perto ou de longe, sempre torceram por mim!

Aos amigos e às amigas das minhas mais variadas redes dentro e fora de Salvador, e em especial a Henrique pelo carinho e apoio nos mais importantes momentos desta etapa da minha vida.

À Graça, psicóloga que participou do meu crescimento pessoal no decorrer do mestrado, com quem compartilhei angústias e alegrias nesta caminhada.

Às pessoas solteiras participantes - e protagonistas - desta pesquisa, obrigada por compartilharem comigo um pouco das suas experiências de vida!

Às pessoas que me ajudaram na transcrição das entrevistas e a todas as pessoas que contribuíram com idéias interessantes a respeito do tema.

Por fim, ao apoio financeiro da CAPES/bolsa de demanda social, e da Fapesb, às quais fui contemplada em momentos diferentes do curso, permitindo que esta pesquisa fosse realizada.

“eu acho que ser solteiro é uma coisa boa, se você quer ficar só. Estar solteiro não é sozinho, é totalmente diferente. Eu sou solteiro, estou morando só, mas não estou sozinho, não falta pessoas pra ficar comigo, seja relacionamento sexual, seja amizade, mas eu nunca estou só, sempre estou com alguém, o tempo todo, todos os dias, seja fisicamente, o contato, seja por telefone, mas eu não fico um dia sem ter contato com alguém, então eu não estou só”. (Paulo, 34 anos)

Resumo

Nesta dissertação interessou-nos aprofundar, desde uma perspectiva de gênero e de modo exploratório, em que medida o contexto de transformações globais que caracteriza a contemporaneidade estariam incidindo, influenciando ou impactando na configuração de novos estilos de vida, relacionamentos amorosos e identidades de pessoas solteiras de classes médias residentes em Salvador, na Bahia. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa para analisar os dados colhidos através da combinação de instrumentos de entrevista, histórias de vida e observação de campo, em uma amostra de vinte pessoas com idades entre 23 e 46 anos, de diferentes orientações sexuais, naturais de Salvador e migrantes. Todos moram em bairros de classe média, são graduados e exercem atividade remunerada; quinze pessoas não têm parceiro/a fixo e cinco namoram. Os achados apontam para estilos de vida onde o trabalho é prioridade, busca-se em diversas atividades sociais o bem estar pessoal, havendo flexibilidade na rotina; estão conectados a redes sociais diversas onde as amizades têm uma função importante com valor equivalente aos familiares. Nas práticas e nas experiências relacionais, estão o “ficar”, o namoro e as relações mediadas pela internet, onde se encontram elementos como a velocidade, a descartabilidade, o individualismo, a autonomia, a flexibilidade nas relações de gênero, o rompimento com tradições do casamento, convivendo com crenças mais convencionais. As identidades tendem a ser flexíveis para mulheres “independentes”, “autônomas” e para os homossexuais, do que para os homens heterossexuais. A convivência entre antigos estereótipos e novas construções de gênero é possível na contemporaneidade, onde a diversidade é contemplada.

Palavras-chaves: relações de gênero, pessoas solteiras, identidade, contemporaneidade

Abstract

With this research, our study interest is gender perspective and in an exploratory way, how the global transformations that characterizes the present days has influenced or impacted the configurations of new life styles, love relationships and identity of the middle-class bachelors living in Salvador, Bahia. This study used a qualitative method to analyze the data built through the combination of instruments of interviews, life stories and live observation from samples taken from twenty persons with age between 23 and 46 years old, of different sexual orientation, born in this capital and migrants. All of them living in middle class neighborhoods, with college degree, working in financed jobs; fifteen of them didn't have a partner and five had girl or boyfriends. The results showed a life style where the professional career is a priority, the personal/individual satisfaction is through seeking in a variety of social activities, with flexibility on the routine; they are connected by a variety of social networks where the friendship has an important value just as the family values. On their practice and experiences of love relationships, there are the "stay", the dates and the relationships mediated by the internet, where there are elements from the present days as the short time, quick dismissal, the individualism, the autonomy, the gender equity, the breach with the traditional rules among marriages, at the same time there are traditional believes about these rules. The identities constructed among these questions tend to have more flexibility for "independence" and "autonomy" women and for the homosexuals, than to heterosexual men. The coexistence between the old stereotypes and the new constructions of gender is possible on the present days, where the diversity has its space.

Key-words: gender relations, single person, identity, present days

Sumário

AGRADECIMENTOS	04
RESUMO	06
ABSTRACT	07
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A CONTEMPORANEIDADE E AS RELAÇÕES	
AMOROSAS	24
A contemporaneidade	24
Características das sociedades contemporâneas.....	28
Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade	36
CAPÍTULO 2: TEORIA FEMINISTA E IDENTIDADE NA	
CONTEMPORANEIDADE.....	42
Teoria feminista, identidade e gênero	43
Os sujeitos em uma sociedade contemporânea	52
CAPÍTULO 3: “SOLTEIRO(A), MAS NÃO SOZINHO(A)”: AS PESSOAS	
SOLTEIRAS E SUAS REDES DE RELAÇÕES SÓCIO-AFETIVAS EM	
SALVADOR	56
O processo de construção dos dados.....	56
O contexto etnográfico: Salvador	59
A classe média de Salvador	62
As pessoas solteiras: quem são	64
Como vivem as pessoas solteiras	66
Os cuidados com o corpo e a mente	72
Os espaços de lazer para as pessoas solteiras	74
As redes de relações sócio-afetivas	79
As relações de amizade	80
As relações familiares	81
As relações afetivo-sexuais	84
Projetos para o futuro	87

CAPÍTULO 4: OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS EM TEMPOS ATUAIS: RUPTURAS E CONTINUIDADES A PARTIR DE DIFERENTES VIVÊNCIAS DE PESSOAS SOLTEIRAS		89
A vivência feminina do “ficar”		90
A vivência masculina do “ficar”		98
O namoro para os homens e as mulheres		107
Considerações sobre os relacionamentos amorosos		111
CAPÍTULO 5: “EU NÃO ME SINTO HOMEM NEM MULHER”: CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS A PARTIR DE HISTÓRIAS DE VIDA		114
Identidades femininas		115
Luana: uma “mulher emancipada”		115
Grace: “nem homem nem mulher”		118
Identidades masculinas		121
Rui: identidade hegemônica		121
Felipe: identidade não-hegemônica		124
Considerações sobre identidades contemporâneas		127
CONSIDERAÇÕES FINAIS		130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		137
ANEXOS.....		145
Anexo 1 - Roteiro para entrevista: Perfil das pessoas solteiras		146
Anexo 2 - Roteiro para entrevista de História de vida		148
Anexo 3 - Quadro: Dados dos sujeitos		150
Anexo 4 - Perfil da amostra		152

Introdução

Nesta pesquisa de mestrado, desde um olhar interdisciplinar sobre as questões de gênero e de modo exploratório, buscamos estudar práticas, experiências e significados da vivência sócio-afetiva de pessoas adultas e solteiras¹ de classes médias na cidade de Salvador, com intuito de compreender em que medida as transformações sociais que vem ocorrendo na contemporaneidade estão presentes nesta vivência. Com um recorte de gênero, fundamentado em análises e teorias feministas e embasamento da Teoria Social, o que aqui nos propusemos foi a produção de um tipo de conhecimento “situado²”, e atento às interações entre o pesquisador e seus informantes.

E para ser coerente com esta perspectiva e a proposta epistemológica feminista, escolhi iniciar o trabalho com uma auto-apresentação e exposição da minha trajetória de pesquisadora, situando de modo mais claro e transparente meus interesses neste objeto de estudo. Sou psicóloga, heterossexual, baiana e natural do interior deste Estado, já residi e trabalhei em outras cidades na Bahia e em Minas Gerais. Considero-me parda, sou proveniente de família de classe social média, onde as mulheres são maioria. Como uma mulher jovem e solteira, convivo e compartilho com meus informantes muitas das alegrias e angústias que busquei recuperar adiante, em alguns dos relatos dos participantes desta pesquisa.

Minha trajetória de vida, profissional e interesses acadêmicos vêm ampliando o olhar e atenção com que me volto hoje para o impacto das transformações da modernidade nas reconfigurações familiares, conjugais e, de modo especial, nos relacionamentos amorosos adotados pelas pessoas solteiras, seus estilos de vida e a própria forma como vai se reprocessando a constituição de sujeitos contemporâneos.

O que me chamou atenção e incitou à realização deste estudo foram os paradoxos, as diversidades e inúmeras possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais que há atualmente e que, muitas vezes, convivem com modelos tradicionais. E como estas novas formas de se

¹ Optamos por utilizar o termo “solteiro/a” ao invés do “celibatário/a” por ser um termo que está sendo mais utilizado no censo comum e pela mídia em geral.

² Donna Haraway (1995) é uma dentre outras feministas que utilizam a noção de “conhecimento ou posturas situadas”, postura muito próxima à perspectiva do “standpoint” ao se referirem à produção de conhecimentos desde o lugar de quem fala ou desde onde este está sendo produzido. Este processo de produção de saberes não ocorre de forma isolada nem está isento da subjetividade dos seus autores e é erguido como importante ponto de partida de uma ciência feminista. Há importante correlação desta postura epistemológica destas feministas com a discutida no marxismo sobre o papel da ideologia na ciência.

relacionar aparecem para alguns, atreladas aos significados positivos e de satisfação por parte das pessoas que se engajam neste movimento de vai-e-vem e indeterminação de relações, e, para outros, na sensação de não terem um chão para pisar, nem um norte para seguir. Denomino estas questões como pertencentes ao campo da chamada contemporaneidade sobre a qual propus-me debruçar e entender para o desenvolvimento deste trabalho.

Durante o curso de minha graduação em Psicologia participei de um grupo de pesquisa de Psicologia da Sexualidade³ em 2002, onde os primeiros passos dessa pesquisa tiveram lugar já na monografia (ANDRADE, 2004). A literatura revisada atribuía as principais transformações na intimidade e nos estilos de vida às grandes transformações sociais e mudanças de comportamentos e percepções resultantes, entre outros fatores, das conquistas promovidas por movimentos feministas e das sociedades “pós-industriais” contemporâneas (entre outros elementos, destacam-se o advento dos anticoncepcionais, o que passava a desvincular sexo da maternidade e a entrada maciça das mulheres – burguesas – no mercado de trabalho), desencadeando, dentre outros, a revolução sexual. As mulheres vêm adotando novas posturas perante a sociedade e estas transformações vêm repercutindo de modos decisivos na reconfiguração de novas relações sociais e familiares.

Estas questões, somadas às minhas observações de pesquisas anteriores e mais especialmente dos relacionamentos de cunho temporário praticados pelos jovens do meu ciclo de convívio social, me impulsionaram a estudar o tema “ficar” que tem se configurado com uma forma de relacionamento afetivo-sexual condizente com a realidade atual (CHAVES, 1997; WEINGÄRTNER et al., 1995). Ao tempo em que atende às necessidades imediatistas de exercício da sexualidade, rompe com alguns modelos de comportamentos de gênero tradicionais, visto que as mulheres também praticam o encontro casual momentâneo e/ou sem compromisso, antes permitido socialmente aos homens, ao menos no campo das representações e do senso comum. Por sua vez, este tema trouxe questionamentos sobre o resultado paradoxal - achado a partir das falas dos sujeitos - do engajamento nesta relação já que o “ficar” pode ser, ao mesmo tempo, vantajoso por não exigir o compromisso com quem se está “ficando” e desvantajoso pelo mesmo motivo: a ausência do compromisso (ANDRADE & PERLIN, 2003; ANDRADE, 2004⁴).

³ O grupo de pesquisa em Psicologia da Sexualidade foi um desdobramento da disciplina que tinha o mesmo nome, sob coordenação da professora Giovana Perlin na Faculdade Ruy Barbosa em Salvador.

⁴ A pesquisa sobre o “ficar” contou com uma amostra de 22 pessoas com idades entre 17 e 40 anos, de classes médias, residentes em Salvador. Destes sujeitos, foram selecionados seis, para uma análise mais aprofundada, no trabalho de monografia (ANDRADE, 2004)

Os resultados me conduziram a estudar como se constrói a identidade de gênero destas pessoas solteiras que adotam relacionamentos tão paradoxais. Foi na pesquisa monográfica⁵ (ANDRADE, 2005) que comecei a estudar a identidade de gênero. Entre os principais resultados, encontramos certa tendência de tanto homens quanto mulheres a apresentarem identidades de gênero mais igualitárias, privilegiando as atividades de trabalho em detrimento das da vida familiar e conjugal, e expectativas em torno dos relacionamentos amorosos mais flexíveis onde a liberdade e a autonomia individuais ganham espaço.

A partir desses estudos, emergiram novos questionamentos acerca de como estes sujeitos – pessoas solteiras de classes médias em Salvador – constroem sua identidade dentro das suas vivências sócio-afetivas, como vivenciam a “solteirice” em uma cidade de cultura carnavalesca onde o “ficar” é uma prática constante que caminha junto com uma diversidade de outros estilos de relações, também tradicionais e, principalmente, como as mulheres mais independentes e “modernas” se colocam neste universo.

O foco no estudo das mulheres solteiras e que moram sozinhas, foi a minha proposta inicial de projeto para cursar o programa de mestrado em gênero e feminismo do NEIM, pensando em compreender melhor as principais questões iniciadas nestas pesquisas anteriores.

Agora me concentraria em um grupo de mulheres que, ao falar sobre suas práticas afetivo-sexuais e de caráter esporádico, acreditavam que iriam ser tachadas de “promíscuas”, pelo senso comum, em oposição às cobranças de constituição de família e casamento para as mais “certinhas”, como dois tipos de estereótipos contrastantes que até hoje são comuns como referência à posição ocupada no imaginário social por mulheres solteiras e independentes.

A escolha deste objeto nos conduziu à definição de um dos principais critérios que delimitaram nosso campo empírico a estudar no mestrado: aquele manifesto domicílio unipessoal (constituído por uma só pessoa). Acreditamos ser este um bom indicador do individualismo - dimensão marcante em tempos atuais, fortemente evidenciada em estudos que realizei, quando foi observado que jovens adultos fazem escolhas em seus relacionamentos e constroem projetos para o futuro pautados em um modelo altamente individualista, deixando pouco espaço para lidar com possíveis frustrações decorrentes do encontro com o outro, da vida conjugal e familiar.

Minhas leituras em estudos feministas contemporâneos me acordaram para a diversidade de identidades e que o gênero como categoria analítica, remetia novas elucidções do fenômeno.

⁵ Estudo realizado para o curso de Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar na Faculdade Ruy Barbosa, em Salvador. Nesta foi utilizada uma amostra de 31 pessoas de ambos os sexos, heterossexuais, de classes médias, com idade média de 27 anos, provenientes de Salvador e outras cidades do país.

Esta categoria permite um olhar que desconstrói a idéia de que a biologia é o destino, amplamente defendida por alguns cientistas no passado, presente até hoje no senso comum, o que pode operar como justificativa para a exclusão das mulheres de atividades sociais e a limitação de homens e mulheres a padrões pré-definidos a partir da diferença sexual.

Novos feitos voltados para aspectos culturais e sociais dos significados atribuídos às diferenças sexuais, voltaram minha atenção para se pensar de modo mais profundo na construção sócio-cultural do ser homem e ser mulher. Em sociedades atuais, nos anos cinquenta, Beauvoir declara “não se nasce mulher, torna-se mulher”, (BEAUVOIR, 1980), suscitando importantes debates por diversos autores em torno da construção social e não-determinista da identidade. Assim, os questionamentos sobre corpo, sexualidade, conjugalidade, família, relações amorosas ganharam outros rumos, e o feminismo como teoria, suscita estes debates de uma forma crítica e se utiliza da categoria gênero para falar desta construção social das diferenças sexuais, poucas décadas depois da publicação de “O segundo sexo” (BEAUVOIR, 1980).

A partir dos anos oitenta, o feminismo dentro do meio acadêmico foi influenciado por teóricos do pensamento pós-moderno e pós-estruturalista (como Lacan, Foucault e Derridá que enfatizavam novos discursos e criticavam as grandes metanarrativas) formularam uma forte crítica à categoria de gênero como tratada até esse momento, o que ia produzir uma nova perspectiva cultural e discursiva.

A mulher – objeto de estudo privilegiado nos estudos de caráter feminista – agora é vista em sua pluralidade. Fala-se em mulheres, em identidades (no plural) e em sujeitos na sua diversidade. Isto é retrato ainda de lutas pela emancipação e conquistas de igualdade para o gênero feminino, concretizada a partir de suas múltiplas diferenças.

A categoria gênero agora não é mais utilizada de forma isolada, e sim, enfatizando sua interseccionalidade com outras categorias como as de raça/etnia, classe, localidade/origem, geração, dentre a infinidade de variáveis que abarquem a diversidade que constrói cada sujeito (SCOTT, 1998).

O debate atual e as novas leituras em torno da construção da categoria gênero, de certo modo, vêm desconstruindo esta categoria e do modo como vinha sendo utilizada nas décadas de 60, 70 e 80 pela segunda onda do feminismo⁶. Butler (2003), importante autora deste debate, propõe a teoria da “performatividade” para indicar como o gênero é construído na sua ação e

⁶ Pierucci (1999) em seu livro “Cilada da Diferença” identifica três principais ondas do feminismo, sintetizadas na seqüência histórica: “da igualdade à diferença e destas às diferenças”, cujo desdobramento se remete às principais ondas do feminismo.

ênfatiza também sua pluralidade e fluidez, abrindo caminhos para pensar nos diversos sujeitos, nas sexualidades e na autonomia destes sujeitos que transitam nos universos masculinos, femininos, neutros e plurais⁷.

Esta diversidade a que nos referimos emerge nesta era globalizada e informatizada, que caracteriza a contemporaneidade, marcada por mudanças na ordem mundial capitalista em que a lógica do consumo, da descartabilidade e do imediatismo passa a fazer parte das relações sociais. A lógica consumista pode, dentre outros fatores, estar contribuindo para transformações significativas nas subjetividades e nas relações afetivo-sexuais e sociais em geral, assim como permite dar uma nova roupagem e significados em torno dos novos estilos de vida de sujeitos, em especial os de classes médias⁸ privilegiadas neste estudo – classe consumidora – que vivem em grandes centros urbanos, como discutem Castells (1999), Bauman (2001a), Severiano (2001), entre outros autores.

Procurando apreender o que esta diversidade presente nos sujeitos contemporâneos representa e buscando situá-los no contexto global (com características próprias de uma era marcada por mudanças rápidas e significativas da forma com que o sistema capitalista tem se organizado) e local no qual estão inseridos (neste caso, a cidade de Salvador, na Bahia), é que se definiram os principais interesses de estudo desta pesquisa. Interessou-nos aprofundar, desde uma perspectiva de gênero, em que medida as transformações contemporâneas identificadas por alguns autores como elementos de instauração de uma nova era - a da “pós-modernidade” -, estariam incidindo, influenciando ou impactando na configuração de novos estilos de vida, relacionamentos amorosos e identidades de sujeitos residentes em Salvador, na Bahia. O estudo privilegia as pessoas solteiras.

Fizeram parte deste estudo, vinte sujeitos, tanto homens como mulheres de diferentes raças/etnia (brancos, negros e pardos), identidades sexuais (heterossexuais, homossexuais e bissexuais), de diferentes origens (soteropolitanos, interioranos, sulistas, paulistas e migrantes de outros países), mas que compartilham o fazer parte de uma classe social específica – a classe média, em alguns de seus diferentes segmentos, e de idades relativamente homogêneas (adultos entre 23 e 46 anos). O estudo priorizou os domicílios unipessoais, com uma amostra pequena de pessoas que compartilham a moradia com amigos e/ou um dos familiares.

A escolha da amostra foi feita considerando o **objetivo principal** desta pesquisa: compreender desde uma perspectiva de gênero e de modo exploratório, de que modo distintas

⁷ Estes debates serão discutidos em maior detalhamento no capítulo 2.

⁸ Velho (1989) discute como as classes médias urbanas se constituem um segmento social cujos estilos de vida incorporam elementos do processo de individualização e promovem novas formas de socialização na atualidade.

transformações sociais da contemporaneidade estão presentes na vivência sócio-afetiva de pessoas solteiras de classes médias em Salvador, capturadas a partir de duas distintas matrizes identitárias privilegiadas na nossa análise como as diferenças de gênero e orientação sexual.

Para isto, foram definidas algumas **metas empíricas e teóricas** que nos auxiliariam a desenvolver esta preocupação. Em primeiro lugar, buscou-se identificar e analisar as práticas, os significados e sentidos atribuídos à experiência de ser solteiro/a para homens e mulheres, considerando as diferenças de gênero (homens e mulheres de diferentes orientações sexuais - homossexuais, heterossexuais e bissexuais) assim como as construções e posicionamentos de gênero adotados por pessoas solteiras de diferentes segmentos de classe média em Salvador. Em segundo lugar, procurou-se compreender a construção identitária e de gênero de pessoas solteiras contemporâneas, a partir das narrativas de reconstrução de suas trajetórias mediante História de Vida, com foco em especial nas “performances” que estes sujeitos adotam em suas distintas redes de relações, como na vida pessoal, afetivo-sexual, profissional. Em terceiro lugar, buscou-se identificar e analisar como os distintos elementos descritos na literatura como fazendo parte da contemporaneidade, se apresentam nos estilos de vida, nas redes sócio-afetivas e nas identidades dos sujeitos estudados.

Mas por que estudar pessoas solteiras? E que tipo de pessoas solteiras estamos falando? Além do interesse surgido em estudos anteriores, as pessoas solteiras poderão estar conformando uma parcela importante dos sujeitos que melhor evidenciam as transformações de comportamentos e rompimento com padrões mais tradicionais de modelos de família e conjugalidade. Com relevantes e impactantes dados do cenário mundial, Castells (1999) demonstra como tem decaído o número de domicílios constituídos por famílias nucleares (formado por pais heterossexuais e filhos) e aumentado o número de lares monoparentais⁹ (constituído por crianças e um dos pais), grupos extensos e o que especialmente nos interessa, o aumento do número de pessoas que moram sozinhas, principalmente nos países desenvolvidos¹⁰. Estes são importantes elementos destacados por autoras feministas e teóricos sociais como Giddens (2000; 2002) e Castells (1999) ao mencionarem o declínio do patriarcado em era atual.

No Brasil, dados demográficos divulgados no ano 2000 pelo IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatística) têm mostrado a tendência a mudanças nos arranjos doméstico-familiares, quando vem diminuindo a quantidade de membros na família (de 3,9 no ano de

⁹ Para estudos sobre mulheres chefes de família na Bahia, ver Hita (2004) e Macedo (1999).

¹⁰ Outra mudança global destacada pelas pesquisas é a diminuição da proporção de mulheres casadas. O número mundial de mulheres acima de 15 anos de idade casadas caiu de 61% em 1970 para 56% em 1985 (CASTELLS, 1999).

1991, para 3,5 em 2000), e a diminuição de famílias nucleares que passou de 65,3% das famílias brasileiras, em 1991, para 61,1%, em 2000. Ao mesmo tempo, aumenta o número de famílias unipessoais¹¹ (constituídas por uma só pessoa), sendo este estilo de arranjo que mais cresceu no período entre 1991 e 2000, numa proporção de 32,5%¹². Grande parte das famílias unipessoais é constituída por mulheres (IBGE, 2006¹³).

Na população norte-americana percebe-se também o aumento dos lares unipessoais em proporções um pouco maiores: os lares de homens que vivem sós cresceram no período de 1970 a 1990, de 4,3% para 9,7% e os lares de mulheres que vivem sós eram de 8,7 % em 1960 e passou para 14,9% em 1990 (CASTELLS, 1999). Algumas análises da Demografia sinalizam que a opção por este tipo de moradia demonstra um estilo de vida emergente com o processo de individualização característico dos grandes centros urbanos na contemporaneidade (GONÇALVES, 2007).

O arranjo unipessoal e uma diversidade de outros arranjos doméstico-familiares sempre existiu em sociedades marcadas pela diversidade, do mesmo modo o das pessoas solteiras¹⁴. No entanto, os modelos de família que se diferenciavam dos padrões hegemônicos de famílias nucleares eram pouco privilegiados em estudos científicos, segundo Aylmer (2001), por uma questão histórico-social, já que a norma social era o casamento e as pessoas, até poucas décadas atrás, não vivenciavam ou experienciavam muito pouco tempo estarem solteiras ou se o faziam, não recebiam a visibilidade social que hoje se permite, ou eram estigmatizadas e negligenciadas nos estudos acadêmicos. Na atualidade, com mudanças nas relações de intimidade e novos modelos de casamento ou relações de conjugalidade, que aprofundaremos em capítulos seguintes, o tema das pessoas solteiras, entre outros temas relacionados a estilos de vida e configurações doméstico-familiares não hegemônicos também tem ganhado destaque e novos tratamentos.

¹¹ O IBGE adota o termo “domicílio unipessoal” para referir ao domicílio constituído por uma pessoa. O termo “família unipessoal” é utilizado quando considera-se a noção de família enquanto grupo social coincidindo com a noção de grupo doméstico/residencial (GONÇALVES, 2007).

¹² Pesquisas de Fonseca (2000) e Hita (2004) mostram que se lêem este crescimento da chefia feminina é indiscutível e crescente, que o aumento deste dado pode também estar evidenciando a sua inadequada medição no passado. E antes do que exclusivamente se falar em aumento, é preciso, sobretudo se pensar em sua maior visibilidade nas estatísticas atuais.

¹³ Dados acessados pelo site: www.ibge.gov.br em 2006

¹⁴ A existência da diversidade de arranjos familiares e tipos de domicílios que incluem os unipessoais no Brasil foi estudada por diversos autores, entre eles Dias (1984), Mattoso (1988), Corrêa (1982), Samara (1989), Hita (2004). Tosi (1998) estudou mulheres solteiras na Idade Média; Araújo (2006) e D’Incao (2006) têm estudos sobre mulheres solteiras no período do Brasil colonial.

Alguns fatores têm contribuído para mudanças de concepções e velhos estigmas relacionados às pessoas solteiras (apesar deles ainda existirem), como a valorização do investimento no trabalho e a busca de maior autonomia financeira: este é um elemento especialmente importante para o caso das mulheres, como foi amplamente tratado em obra de Beauvoir (1980) e por Virgínia Woof (1985). Os conceitos de autonomia e independência estão associados às lutas das mulheres pelo direito ao prazer e respeito também no campo sexual (VAITSMAN, 1994). A divulgação, pela mídia, desta imagem de independência e “modernidade” associadas às pessoas solteiras e às que não convivem em padrões hegemônicos de família, também são contribuições importantes para mudanças de perspectivas.

Estudo sobre mulheres solteiras realizado por Amorim (1992) na cidade de Maceió, discute a construção de uma nova identidade substituindo o estigma da “solteirona” e tese de Gonçalves (2007) defende a construção de uma nova imagem da “solteirona” como a de mulheres independentes, autônomas e “modernas”. Esta autora estudou mulheres adultas que moram sozinhas há mais de dois anos e seus achados apontaram para a associação deste estilo de vida ao da autonomia pessoal, à independência financeira que permite a mobilidade social destas mulheres e que, em suas narrativas, não consideram o fato de morar sozinha ou estar solteira como sinônimos de solidão – associação esta que tem sido feita em muitos dos estudos que tratam de pessoas que não têm parceria amorosa¹⁵, e na visão acrítica do senso comum. E ainda: textos demográficos caem no padrão heterossexual de família e as pessoas solteiras são vistas como figuras fora de lugar (GONÇALVES, 2007).

Os resultados do último censo no Brasil apontaram para o crescente número de pessoas solteiras. Censo do IBGE de 2000 demonstrou que na faixa etária dos 30 aos 34 anos, o número de homens e mulheres solteiros foi de 26% da população. A partir de 35 anos, a distância entre as taxas de “solidão conjugal” das mulheres e as dos homens cresceu um ponto anualmente (NERI, 2005). Estes dados têm sido enfatizados em reportagens como a da revista Veja (VEJA, 25/04/2005) que buscou retratar uma imagem das principais capitais do país onde o número de mulheres solteiras é expressivo, apontando Salvador e outras cidades do interior da Bahia no topo da lista com maior número de mulheres solteiras.

Segundo sua análise, Néri (2005) esperava que por efeitos demográficos derivados da estrutura etária da população feminina, o número de mulheres solteiras caísse na faixa etária

¹⁵ Em termos, o estudo de Neri (2005), por exemplo, denomina o número de solteiros no país com o termo “solidão conjugal”, associando acriticamente o fato das pessoas não terem um cônjuge ao sentimento de solidão.

dos 20 anos. No entanto, observou que este percentual aumentou e os dados apresentados o levaram a crer que este aumento se deu possivelmente por efeitos comportamentais. Estilos de vida, questionamento dos papéis tradicionais e identidades de gênero, assim como mudanças na religião, aumento da escolaridade das mulheres, independência financeira, aumento da longevidade e uma série de outros fatores estariam contribuindo para a conformação de novos cenários.

Somado a estes fatores, autores como Castells (1999) apontam para o impacto do crescimento de uma economia informacional global, das mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e modos de comunicação, e os impulsos promovidos pelos movimentos sociais, principalmente o movimento das mulheres, como principais explicações destas grandes transformações de comportamentos e mentalidades. Para Jablonski (1998) também incidem os elementos: a diminuição da religiosidade e a difusão da psicanálise, com maior impacto no aumento do sexo pré-marital e de vidas sexuais mais livres (em especial para as mulheres), na comunicação mais franca entre as pessoas, além do desenvolvimento e maior divulgação dos estudos sobre temas relacionados à sexualidade.

Há consenso entre os diversos autores e perspectivas em reconhecer que um dos principais fatores que tem determinado estas mudanças sociais e familiares, foi a entrada maciça das mulheres burguesas no mercado de trabalho. Atualmente as mulheres correspondem a 32,1% da força de trabalho em termos globais (CASTELLS, 1999).

Em um mundo capitalista e que demanda a constante atualização e investimento no âmbito do trabalho, parece haver uma tendência à priorização deste campo e o adiamento da vida conjugal. Vaitsman (1994) considera que a participação das mulheres de classes médias no mercado de trabalho a partir dos anos 60, além de outros fatores associados às conquistas democráticas de autonomia e igualitarismo, tem contribuindo para que as mulheres construam projetos de vida desvinculados exclusivamente da esfera privada, abrindo caminhos para redefinições nas relações de gênero. O casamento e a maternidade fazem parte agora de mais uma dimensão da vida das mulheres, juntamente com outros projetos e aspirações pessoais. Também para os homens que não tem como metas principais na vida a paternidade e o papel de provedor da família.

As pessoas solteiras, neste contexto de transformação, vislumbram a possibilidade de relacionamentos fora dos padrões tidos como “convencionais”, como o engajamento em relacionamentos informais, o sexo sem compromisso, a adoção de filhos ou reprodução independente, dentre outras possibilidades como apontam Beck & Beck-Gernsheim (1990),

Giddens (1992), Amorim (1992) e Mansur (2003). Estas possibilidades advêm de questionamentos sobre o que era considerado como “natural” no ciclo de vida: o casamento e a constituição de família, com filhos.

O casamento tradicional – patriarcal, de papéis de gênero rígidos e estereotipados - tem sido alvo de críticas, o que abriu a possibilidade para emergência de novas alternativas de relacionamentos, com o aumento do número de divórcios¹⁶. Outros elementos passam a ser critérios para o engajamento em uma relação amorosa, agora se pauta no desejo individual, no sentimento de amor e não há mais a obrigatoriedade social e econômica do casal ficar junto “até que a morte os separe” nem a permanecer, do contrário, em um relacionamento insatisfatório.

A maior visibilidade social e legitimidade das pessoas solteiras na sociedade, o aumento do número de divórcios e de separações mostra ainda uma tendência de mudanças importantes, mas pouco exploradas em estudos no âmbito dos relacionamentos amorosos: apesar de aumentar o número de divórcios e a tendência das pessoas permanecerem mais tempo solteiras, o relacionamento amoroso é ainda almejo, quando vê-se pessoas querendo se casar ou recasar, assim como a busca por alternativas de relacionamentos, como o “ficar”, o “morar junto” ou o casamento em casas separadas.

Neste contexto de transformações, novos elementos passam a ser incorporados nos relacionamentos amorosos como uma maior igualdade sexual e emocional, a flexibilidade nas regras que envolvem as relações, a plasticidade do significado do sentimento de amor, a busca por prazer e satisfação individual - características do “relacionamento puro” de Giddens (1992).

Outras características como a descartabilidade, a velocidade, o pouco envolvimento emocional presentes nos relacionamentos atuais, tem desafiado homens e mulheres a se relacionarem quando, segundo Bauman (2001b), os relacionamentos são almejados e ao mesmo tempo as pessoas não querem se envolver emocionalmente nem se comprometer, o que também é estudado por Beck & Beck-Gernsheim (1990), Chaves (1997) e Gillebaud (1999). Para lidar com as angústias decorrentes deste movimento de relacionar-se, Bauman (2001b) e Giddens (1992) observam que tem aumentado a busca por instrumentos de auto-

¹⁶ Nos Estados Unidos, o número de casamentos ainda é grande, mas cerca de 50% destes resultam em divórcios ou separações (CASTELLS, 1999). No Brasil, o fenômeno do aumento do número de divórcios é mais freqüente na década de 80, segundo Chaves (1997). Em 1994 há 1 divórcio para cada 4 casamentos, segundo dados divulgados pelo Anuário Estatístico Brasileiro editado pelo IBGE em 1996. Destes números, a grande demanda de separação é feminina: 71% de separações judiciais não consensuais encerradas em primeira instância, foram requeridas por mulheres (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

ajuda e práticas terapêuticas que auxiliem as pessoas a aprenderem a se relacionar melhor em um mundo tão complexo, - dimensão que nesta dissertação buscamos compreender.

Para estudar estas questões, buscamos definir uma amostra que fosse ideal com um perfil de sujeitos que auxiliaria de uma melhor forma a compreender os temas enunciados. Esta foi uma tarefa difícil e processual. Isto porque, a definição do que entendíamos por “solteiro/a” ou da “solteirice”, por si, já é complexa e foi sofrendo modificações no decorrer da construção desta pesquisa.

O estudo de Gonçalves (2007) sobre mulheres “sós” no Brasil contemporâneo, no intento de definir o seu objeto e da “solteirice”, caracteriza a pessoa “solteira” pelo ponto de vista do estatuto matrimonial: aquela/e que não é casada/o. Mas no senso comum há diversas formas de lidar e se situar frente à “solteirice” que variam desde opções e escolhas pelo não casamento até situações de solidão após separação ou morte de parceiros por circunstâncias da trajetória de vida (viúvas, separadas e/ou divorciadas), e as que estão por falta de opção e por não desejar um/a companheiro/a, evidenciando o quão este universo é diversificado. Gonçalves (2007) privilegiou, em seu estudo, as mulheres solteiras que moram sozinhas na busca de uma dimensão das mulheres solteiras tidas como independentes e “modernas”, uma dimensão com a que esta pesquisa especialmente intenta dialogar.

As pessoas solteiras privilegiadas para a realização desta pesquisa de mestrado foram aquelas que não estão engajadas em um relacionamento estável como o matrimônio e o noivado, que não tenham filhos, e buscando não restringir esta escolha à situação conjugal apenas, procuramos acessar as pessoas que tivessem um estilo de vida mais contemporâneo e cosmopolita, ou seja, que incorporem algumas das características descritas na literatura sobre o momento social atual como a autonomia e a independência financeira, a flexibilidade, o nomadismo, o rompimento com as tradições, entre outras. Para isso foram escolhidas pessoas adultas, de diferentes orientações sexuais, provenientes de classes médias que estejam inseridas no mercado de trabalho privilegiando as que moram sozinhas ou com amigos. O acesso aos sujeitos se deu através da minha rede de contato que se estendia como efeito “bola de neve” à rede de contato das pessoas entrevistadas.

A pesquisa, de teor qualitativo¹⁷ utilizou entrevistas semi-dirigidas a uma amostra de vinte pessoas solteiras com o fim de construir um perfil aproximado e variado de experiências e estilos de vida destas pessoas. Também foram realizadas entrevistas com formato de histórias

¹⁷ Ver abordagem qualitativa em Madureira, (2000); González-Rey, (2002); Spink (1999; 2004); Gill (2003), Harding (1998) e Jaiven (1998).

de vida mediante uma reconstrução mais aprofundada de trajetórias¹⁸, a partir de uma sub-amostra de quatro pessoas entrevistadas nesta fase final, e que identificamos como sendo as mais “pós-modernos” e cosmopolitas, e aqueles que melhor evidenciariam o que pretendíamos estudar.

As entrevistas envolveram os seguintes itens (ver guia de entrevista no ANEXO 1): dados pessoais; rotina; reconstrução de perfil afetivo-sexual e projetos para o futuro. A construção semi-aberta da guia de entrevista possibilitou que as pessoas falassem sobre temas de interesse no momento da conversa, sem um direcionamento específico da entrevistadora. A entrevista de História de Vida foi feita a partir dos eixos: infância, adolescência e iniciação sexual, vida adulta e relacionamentos amorosos, trajetórias laboral e escolar, trajetória religiosa, migração e vida de solteiro(a) atual (ver ANEXO 2).

As entrevistas permitiram vislumbrar construções de alguns significados e sentidos atribuídos por estas pessoas a suas experiências de viverem sós ou com pessoas que não sejam seus familiares, e se engajarem em relacionamentos afetivo-sexuais de caráter informal, além de permitir analisar melhor as relações e construções do próprio gênero que estes sujeitos elaboram nas suas trajetórias.

Além das entrevistas, foram feitas observações de campo com sete participantes, que se mostraram mais acessíveis para este tipo de acompanhamento, em lugares de lazer em Salvador, o que permitiu complementar dados das entrevistas a respeito da “performance” destes informantes nestes locais, contrapondo, complementando ou até confirmando estes dados. Nesta direção, foram observadas a dinâmica de cada lugar, como o tipo de música, o estilo das pessoas que os frequentam e a estrutura do local (no que se refere a esta ser mais propícia à paquera). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, também utilizando a técnica das notas e um diário sistemático de campo, com o registro das percepções e observações acerca da construção dos dados, incluindo as observações que iam ocorrendo em campo.

Os dados construídos foram analisados a partir de dois eixos de investigação que nortearam o estudo, funcionando como principais referências para a verificação e análise: 1) a contemporaneidade em suas diversas características: o imediatismo, a fluidez, a flexibilidade, as novas noções de espaço e tempo, a reflexividade, a volta ao “eu” e o narcisismo, o

¹⁸ A noção de trajetória tem a ver com a movimentação do sujeito em um determinado espaço de atuação; traz idéia de deslocamento do sujeito que se movimenta dentro de um contexto. Pensando não somente no sujeito e suas ações, mas naquilo que o constitui, como o trabalho, as relações familiares, as ideologias, etc. (MACEDO, 1999), por isso nas histórias de vida trataremos de aspectos das principais trajetórias dos sujeitos, buscando compreender a construção dos gêneros a partir dessas atuações.

consumismo, a democracia, a organização em rede; 2) as noções de identidade e gênero lidas a partir de autoras do feminismo contemporâneo, levando em consideração as interseccionalidades da categoria gênero com as de raça/etnia, classe, geração, localidade ou origem, compreendidas como categorias relacionais que expressam “conjuntos” ou “sistemas de relações sociais” básicas da vida social, implicam em lugares sociais de caráter provisório (BRITTO DA MOTTA, 1999).

O capítulo um aborda reflexões acerca das principais configurações que marcam a era atual e se fecha com reflexões de autores renomados sobre aspectos da contemporaneidade contribuindo para transformações no âmbito dos relacionamentos amorosos. As características de reflexividade, a volta ao eu, o narcisismo, o “fim da tradição”, as novas noções de tempo e espaço, a organização em rede, a pluralidade e fluidez, a democracia, e outras, emergem como consequência de uma era pós-industrial de constante reinvenção do capitalismo, agora caracteristicamente marcada por um consumo globalizado. As características que descrevem as emergentes transformações são pontos de reflexão para a emergência de novas formas de se relacionar afetivo-sexualmente, onde as regras que envolvem estas relações são flexíveis e transitórias, sendo possível pensar em reconfigurações de identidades e formas de viver para homens e mulheres.

No capítulo dois encontra-se uma discussão sobre a diversidade presente nas identidades contemporâneas tendo o gênero e a noção de identidades (no plural) lidas a partir da teoria feminista. Contribuem para o debate as teóricas feministas contemporâneas como Butler (1987, 1998, 1999, 2003), De Lauretis (1994), Haraway (1995), Scott (1998), Nicholson (1993; 2000) e outras que discutem o sujeito como constituído por gênero. Esta categoria é compreendida aqui como construção social, discursiva, que envolve relações de poder, símbolos, significados, representações e tecnologias de gênero. Também o seu aspecto de construção “performática”, ou seja, o gênero é construído na ação, abrindo à possibilidade de emergência da pluralidade (BUTLER, 2003). Estas discussões são complementadas por aspectos dos sujeitos emergentes na contemporaneidade como sujeitos individualistas, narcísicos, fragmentados, mas também plurais, descritos por autores da psicologia social e da Teoria social.

No terceiro capítulo, descreve-se como se deu a construção dos dados e o contexto etnográfico onde a pesquisa foi realizada - a cidade de Salvador - principalmente do ponto de vista das pessoas solteiras e o uso que estas pessoas fazem do espaço urbano, num contexto de classe média urbana. Após situarmos estes sujeitos, eles são analiticamente apresentados nos aspectos que envolvem os estilos de vida, como a origem, tipo de moradia, a rotina, as

relações sociais familiares, os ciclos de amizades, os espaços sociais ocupados e os projetos para o futuro, discutidos a partir da Teoria Social e do feminismo. A discussão gira em torno dos aspectos sociais atuais presentes nestes estilos de vida principalmente as característica de flexibilidade, presentes na dinâmica social de um grande centro urbano como julgamos ser a cidade de Salvador. Nestes contextos, homens e mulheres re-constroem significados atribuídos aos gêneros em diferentes lugares de “solteiros” nos seus estilos de vida.

O quarto capítulo discute as principais continuidades e rupturas percebidas pelos sujeitos entrevistados, em suas falas acerca das práticas e vivências da “solteirice”. A análise é feita a partir dos estilos de relacionamentos mencionados pelos sujeitos: o “ficar” e o namoro, e vislumbra observar como se apresentam nestas práticas, distintos elementos mais contemporâneos e os mais conservadores. Numa perspectiva de gênero, as práticas e os significados construídos em torno das vivências relacionais, são relacionados aos modelos sociais e familiares de relações de gênero e conjugalidade, presentes nas trajetórias dos sujeitos entrevistados.

No quinto capítulo analítico, as questões acerca das identidades e das construções de gênero são desdobradas a partir de quatro histórias de vida de homens e mulheres de diferentes orientações sexuais e origens, selecionados por incorporarem em seus estilos de vida e modo de ser, características atuais que rompem com linearidades na construção de gênero. Vemos homens mais sensíveis e flexíveis e mulheres mais práticas e objetivas. Estas pessoas rompem com tradições relacionadas às concepções de amor, família e casamento e refletem particularidades do momento social atual na construção de gênero, principalmente para as mulheres e os homossexuais. Estas refletem conquistas sociais e feministas, e que legitimam espaços a construção de identidades de forma plural, a partir da ação.

Por fim, concluo este estudo fazendo considerações sobre as principais implicações das distintas características da contemporaneidade no âmbito da intimidade e como homens e mulheres em diferentes posições de solteiros, constroem assim, estilos de vida e diferentes identidades, assim como os principais desafios e possibilidades que estes sujeitos encontram para relacionar-se.

Capítulo 1

A Contemporaneidade e as relações amorosas

A Contemporaneidade

Diversos são os termos e os conceitos utilizados para se referir ao período global que estamos vivendo. Alguns falam de um período de transformação da modernidade e do sistema econômico capitalista que a marca, como “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001a), “modernidade reflexiva” (GIDDENS, LASCH & BECK, 1997), “alta modernidade”, “segunda modernidade”, “capitalismo tardio”, “supermodernidade” e “hipermodernidade” (BAUDRILLARD, 2004). Outros utilizam do termo “pós” como “pós-modernidade” (HARVEY, 1994; SOUSA SANTOS, 2001; EAGLETON, 1996; VAITSMAN, 1994), “pós-industrial” (TOURAINÉ, 1995) referindo-se às importantes rupturas nos diversos aspectos que caracterizavam a modernidade, firmando o quanto as transformações nos diversos setores têm sido importantes, velozes e radicais.

No entanto, o uso do termo “pós-moderno” gera controvérsia entre autores porque efetivamente o modo de produção capitalista, característico da modernidade não teve um fim. Ao contrário, ele ainda ordena as relações econômicas e sociais em grande parte do mundo, como criticam Severiano (2000) e Giddens (2000). E ainda: muitos conceitos e características importantes da modernidade continuam fazendo parte dos modos de viver em sociedades urbano-industriais ocidentais. A diferença é que agora estes modelos convivem com outros, mais novos e transitórios.

Outros termos são utilizados como referência ao processo acelerado da informatização que vem ocorrendo na contemporaneidade, como “Sociedade em rede” ou “era da informação” (CASTELLS, 1999). Algumas metáforas também falam desde período como “líquido” e “fluido” os quais se contrapõem a característica do “sólido”, enfatizando a mobilidade que é própria da contemporaneidade (BAUMAN, 2001).

Deleuze & Guatarri (1997) utilizam a metáfora do “espaço liso” para falar em “pós-modernidade” que, como um feltro, não tem demarcações, certezas, limites, fronteira, centros e direções, sendo nômade, em contraposição a “espaço estriado” marcado por certezas,

barreiras e fronteiras, característico da modernidade. O “liso” e o “estriado” não se excluem nesta concepção, mas haveria predomínio de um sobre o outro no que estes autores chamam de “pós-modernidade”. Esta metáfora é utilizada para falar do processo de “alisamento” que a sociedade vem sofrendo em função do capitalismo multinacional – a diluição de fronteiras e barreiras, a ausência de demarcações sociais definitivas, a crescente mobilidade de tudo e de todos que conduzem a pensarmos na desterritorialização, no nomadismo e na fluidez.

Apesar de inclusões da polêmica quanto às diversas nomenclaturas - que não se pretende adentrar nesta dissertação - é consenso entre autores que vivemos em um mundo diferente, com características diversas que marcam um período de transição. As mudanças se dirigem de um tipo de modernidade marcada pelas características do Iluminismo como a razão, estabilidade, certezas e linearidades de conceitos, onde as tradições regiam modos de viver e havia papéis bem definidos na sociedade para homens e mulheres, onde o processo de massificação da produção de bens de consumo fazia parte da economia, dentre outras características, passando para outra ordem onde vigoram as constantes transformações, a fluidez, a instabilidade e o relativismo das verdades. Há também mudanças na forma com que o capitalismo se organiza com a emergência do capitalismo de consumo e o *boom* da globalização, além da velocidade dos avanços nos setores de tecnologia (principalmente as tecnologias de comunicação) e nas ciências em geral rompendo principalmente com pressupostos positivistas.

O que caracterizam as transformações que temos vivenciado nas últimas décadas é a velocidade com que estas acontecem, visto que mudanças sempre aconteceram no decorrer da história da humanidade, mas nunca de forma tão veloz. As transformações têm sido aceleradas principalmente a partir da segunda metade do século XX, tendo como eventos importantes deste período, a Segunda Guerra Mundial e o ano de 1989 (com a queda do muro de Berlin), que gerou um colapso no mundo comunista e fortaleceu a democracia em todo o mundo, emergindo também movimentos sociais de caráter reivindicatório para que os ideais democráticos (de liberdade, igualdade e fraternidade) atingissem toda a população, já que na prática, eram beneficiados os homens bancos e burgueses. (BECK, 1997; EISENSTEIN, 1997; PHILLIPS, 1996).

Marcam também um cenário de transformações, os avanços nos setores tecnológicos e industriais, em destaque no setor de telecomunicações e serviços globalizados que vêm transformando radicalmente as relações humanas e conceitos antes inabaláveis, como os de tempo e espaço. Outro elemento destacado é o advento de sociedades urbano-industriais e o próprio processo de modernização que vem acontecendo desde o século XIX. Estas

modificações foram substituindo os: “vínculos sociais baseados em tradições locais pela ‘lógica do mercado’, deixando os indivíduos ‘perdidos’ em meio ao anonimato e complexidade dos novos códigos das grandes cidades emergentes” (SEVERIANO, 2001, p.18). E também gerando novas formas de organização social, de modos de viver e de se relacionar para homens e mulheres situados nestas grandes cidades.

Desde uma análise weberiana, Severiano (2001) aponta as transformações no capitalismo, de como o capitalismo de mercado que visava a produção sem excedentes se modificou a partir da crise desse sistema com a crise econômica de 1929. Emergiu como solução para esta crise, um “capitalismo de consumo”, e o “boom” da globalização com a expansão de mercados a nível mundial, a partir da criação de estratégias a nível global para o aumento do consumo, fomentando nos sujeitos o ideário de que a felicidade será alcançada pela aquisição de bens e serviços, usando a propaganda como principal instrumento para a veiculação desse sonho de consumo.

O aspecto do consumo é tratado por esta autora em relação com a característica de narcisismo presente na cultura atual, onde os ideais vinculados à marca dos produtos que são vendidos pela propaganda agora produzidos de forma “personalizada”, ou seja, de acordo com estilo de vida e a personalidade do cliente. Esta é uma característica de “fetichização” do objeto, ou seja, um consumo acrítico e feito para atender à busca por identificação pessoal e a grupos específicos. A propaganda veicula através de seus produtos, “códigos de conduta, estilos de vida, enfim, toda uma ‘cultura’ mercadológica que se impõe como novo *ethos* da vida ‘pós-moderna’” (SEVERIANO, 2001, p.111), principalmente nos grandes centros urbanos, onde o capital gira de forma mais dinâmica.

Beck, Lash e Giddens¹⁹ (1997) descrevem o dinamismo característico da sociedade industrial, uma constante reinvenção do capitalismo que caracteriza o período atual. Estes autores o definem como uma “modernidade reflexiva”, que com o colapso do mundo comunista e o ocidente sendo afetado por este colapso, acarretou numa democracia “generalizada em escala global, sem consumir suas bases físicas, culturais e sociais” (BECK, 1997, p. 11); há um retorno do nacionalismo e do racismo na Europa, a emergência de uma nova sociedade industrial e pode-se pensar na emergência também de novas formas de controle social.

¹⁹ Giddens, Beck e Lash (1997) não denominam nem identificam este período com o termo “pós-modernismo”, optando chamá-lo de “modernização reflexiva” ou “modernidade tardia”, porque para estes e outros autores, o termo “pós” marca o fim de algo anterior – um período histórico caracterizado também pelo modo de produção capitalista. Apesar das mudanças neste modo de produção, ele não deixou de existir. Apesar desta crítica, a descrição que Giddens, Beck e Lasch (1997) fazem deste período, ao meu ver, é similar ao que outros autores chamam de “pós-modernidade”. Por isso agrupamos de modo indistinto, termos que nos permitem construir certo perfil de sociedades urbanas contemporâneas globais ou identificarem e descreverem quais são os principais elementos e transformações ocorridas em sociedades atuais.

Neste cenário de reinvenção do capitalismo, as mudanças atingem os diversos âmbitos, como o social, econômico, o cultural, religião e artes²⁰, na forma de pensar²¹ e nas relações humanas como um todo. As mudanças se dirigem para um:

mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, na qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classe cede terreno a uma série difusa de 'políticas de identidade'. (EAGLETON, 1996, p. 7).

Vivemos agora em um mundo de construções plurais de sujeitos, identidades além da circulação mundial e virtual de capital, bens e serviços, onde a tradição não mais impera, gerando incertezas e instabilidades de instituições como família, casamento e as relações amorosas, discutidas também por Giddens (1992; 2000).

Neste mundo, cabem a mobilidade, a flexibilidade, a fluidez, a relativização, os pequenos relatos, a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, as fusões, o curto prazo, o imediatismo, a descentralização e extraterritorialidade do poder, a imprevisibilidade e o consumo (DELEUZE & GUATARRI, 1997; NICOLACI-DA-COSTA, 2004a; EAGLETON, 1996; BAUMAN, 2001a).

O consumo que marca as sociedades pós-industriais atuais se traduziria no controle social pulverizado no poder e nas estratégias mercadológicas. Desta forma, todas as características que marcam o momento atual como a “fragmentação”, a “integração” e “pluralidade” são, para Severiano (2001), nada mais do que estratégias de controle de mercado agora em um nível segmentado e globalizado, incorporados nos ideais de “liberdade”, “democracia”, “ruptura”, centralização de poder, ou adaptação rápida às mudanças. O poder agora está descentralizado nestes ideais, nas novas estratégias criadas para fins lucrativos e que extrapolam para o terreno da subjetividade.

São muitas as buscas por compreender como o mundo em que vivemos se organiza e se constitui, e aqui procuramos compreender como são descritas e analisadas algumas das principais características que tem marcado a contemporaneidade, numa tentativa de discutir

²⁰ As transformações da modernidade atingem o campo das artes, emergindo como um estilo de cultura que reflete as mudanças sociais por meio de uma “arte superficial, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura ‘elitista’ e a ‘cultura popular’, bem como entre a arte e a experiência cotidiana.” (EAGLETON, 1996).

²¹ As transformações nas formas de pensar caracterizam o pensamento “pós-moderno”, emergente a partir da despolitização de conceitos e categorias, assim como das crises de movimentos políticos. Esta forma de pensar “questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação”. (EAGLETON, 1996, p.7). Este tipo de pensamento influenciou o pensamento feminista que será discutido no capítulo seguinte.

juntamente com os autores aqui trazidos, como estas impactam nas questões da intimidade e nas questões de identidades e modos de vida.

Os principais aspectos serão trazidos com mais ênfase: a democracia, a fragmentação, pluralidade, flexibilidade, as mudanças da concepção do espaço e do tempo, a velocidade e a instantaneidade, as noções de risco e confiança, a reflexividade, o consumismo e a cultura narcísica.

Características das sociedades contemporâneas

O mundo atual se diz democrático quando presenciamos uma importante participação populacional nas decisões políticas de diversos países, por meio do voto conquistado através de importantes revoluções sociais a favor de uma **democracia** para as minorias, principalmente nos anos oitenta. A democracia passou a ser disseminada pelos meios de comunicação que divulgavam suas vitórias. Neste período há focos de lutas das mulheres por diversos países. Em alguns países como os do leste europeu, em que as mulheres buscam igualdade sexual, por exemplo, a democracia representou a promessa de uma nova liberdade de expressão individual: política, econômica e sexual. E o feminismo enquanto um dos movimentos sócio-político mais novo e forte da contemporaneidade (CASTELLS, 1999) e pensamento acadêmico que dialoga com os princípios da democracia, por corroborar com ideais igualitários e participativos, vem travando discussões e batalhas em defesa desta liberdade de expressão, contribuindo para a mudança de posturas e mentalidades frente às questões sociais que norteiam as relações entre os sexos²².

Apesar das conquistas democráticas, o mundo não se encontra em um estado de controle e harmonia. Giddens & Pierson (2000) e Giddens (2000) elencam uma série de configurações do mundo atual que caracterizam um estado de descontrole e risco²³. Uma **sociedade de risco** implica, segundo Beck (1997) na relação com as transformações sistêmicas, o uso dos recursos da natureza e os modos de vida culturais.

A noção de risco emerge nos séculos XVI e XVII e se manifesta desde os primórdios da sociedade industrial moderna, sendo cunhada por exploradores ocidentais ao partirem para

²² Sobre feminismo e democracia ver: Phillips (1996), Eisenstein (1997).

²³ As conseqüências da globalização e dos avanços tecnológicos mudaram o perfil global, onde convivemos com mudanças climáticas bruscas – efeito de ações humanas no ambiente para possibilitar avanços tecnológicos de diversas ordens, sem a preocupação de conservação dos recursos naturais. As transformações atuais descrevem o que Giddens (2000) chama de sociedade de risco, o que não quer dizer que as mudanças na ordem atual precisem necessariamente passar por crises. Seus aspectos positivos existem, mas também implica em insegurança com o futuro. As crises e os riscos existem, haja vista o número de pessoas passando fome, o desemprego e outras tragédias concomitantes aos avanços tecnológicos.

suas viagens pelo mundo, estando relacionada aos problemas que os navegadores iriam encontrar (GIDDENS & PIERSON, 2000). Esta noção foi transposta para o tempo, referindo-se a diversas situações de incertezas. Contrapondo às culturas tradicionais que não tinham certo risco, por estarem pautadas em normas estáveis, convivemos hoje com uma sociedade instável devido à imprevisibilidade do futuro. Significa assim, a análise ativa das contingências futuras.

O aspecto positivo do risco é visto pelo caráter de ser uma “dinâmica mobilizadora de uma sociedade propensa à mudança” (GIDDENS, 2000, p. 35), que se desprende do determinismo da religião, da tradição ou da vontade da natureza. A noção de risco ultrapassa as questões econômicas, chegando à saúde e outras questões da vida cotidiana, quando as pessoas procuram o que é seguro, como sendo esta uma base para assumir as diversas situações de risco.

O risco está relacionado diretamente com a confiança, que diz respeito à vinculação de tempo e espaço; significa comprometer-se futuramente com uma pessoa, grupo ou sistema. A “confiança pode ser um meio para enfrentar o risco; a aceitação do risco pode ser um meio de gerar confiança” (GIDDENS & PIERSON, 2000, p. 77). Neste sentido, a confiança tem que ser recíproca para ser efetiva.

Estes autores chamam atenção para dois tipos de risco: o fabricado e o externo. O risco externo é o risco vindo de fora, das fixidades da tradição ou da natureza e o fabricado é o risco criado pelo impacto do nosso crescente conhecimento sobre o mundo, tendo em vista as respostas da natureza como conseqüências das ações da globalização.

O risco fabricado se refere também às áreas da vida a exemplo da família e do casamento, que têm se tornado cada vez mais instáveis e sem regras pré-definidas, como aponta também Castells (2000). Giddens (2000) considera, por fim, ser impossível a adoção de uma atitude negativa em relação ao risco, pois a “busca ativa do risco é um elemento essencial de uma economia dinâmica e de uma sociedade inovadora” (GIDDENS, 2000, p. 44-45). E acrescenta a importância de ousar, numa era global em que “viver significa enfrentar uma diversidade de situações de risco” (GIDDENS, 2000, p. 45). Esta noção é importante para se pensar em sujeitos e relacionamentos amorosos tendo em vista o advento de doenças sexualmente transmissíveis, além da Aids e da frustração própria do encontro com o outro, fazendo o ato de se relacionar envolver risco e confiança de forma sistêmica.

Num contexto de sociedade de risco, discutem-se as transformações nas tradições, e estas perdem seu lugar, gerando sentimentos de insegurança. Giddens & Pierson (2000) consideram que o conceito de tradição é importante por caracterizar as sociedades ocidentais atuais devido

ao seu rompimento, e chegam a falar do “**fim da tradição**”. Definem tradição como: “transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém”, no sentido etimológico da palavra. A tradição define um tipo de verdade: conservadora e contínua. Esta noção foi sendo destruída aos poucos com o avanço da modernidade, vem perdendo seu conteúdo, e sendo comercializada. As tradições são necessárias pelo motivo de que elas “dão continuidade e forma à vida” (GIDDENS & PIERSON, 2000, p. 54).

As mudanças no papel da tradição levam às novas dinâmicas serem introduzidas no cotidiano, sendo estas mudanças como um: “empurra e puxa entre autonomia de ação e compulsividade por um lado, e entre cosmopolitismo e fundamentalismo, por outro”. (GIDDENS & PIERSON, 2000, p. 55), e onde há espaço – já que a tradição recuou -, para “se viver de uma maneira mais aberta e reflexiva”. (GIDDENS & PIERSON, 2000, p. 55).

Em seu livro “A transformação da intimidade”, Giddens (1992), e nos outros (GIDDENS, 2000, 2002), discorre sobre a compulsividade, a dependência e o vício, como problemas emergentes da autonomia e da liberdade, buscadas com o fim da força das tradições e a imersão do sujeito numa sociedade que agora exige que ele tome as decisões de forma autônoma nos diversos âmbitos da vida. Na medida em que, por exemplo, o amor, a comida, o sexo, não estão mais estruturados pela tradição e pelo costume como era antes, o sujeito pode ficar ansioso com a responsabilidade de tomar decisões e assim, cair na compulsão ou na dependência.

Com o enfraquecimento das instituições familiares e das regras sociais e de condutas que eram organizadas pelas tradições, emerge o sentimento de insegurança. O sentimento de segurança é buscado agora no próprio “eu”, havendo um culto ao intimismo, ao individualismo²⁴ e aos ideais de eu, construídos sob moldes agora instáveis e inseguros de instituições extrafamiliares, resultando no que Lasch (1983) e Severiano (2001) discutem que seja uma **cultura narcísica** e no surgimento de indivíduos com egos fragmentados, de acordo

²⁴ O termo individualismo é utilizado com ênfase em estudos sobre as sociedades contemporâneas. Este termo tem diversas concepções, e segundo Velho (1989), dá margem a discussões complexas. Para este autor, o individualismo significa uma “valorização, ao nível da representação, da ideologia, do *indivíduo biológico* como sujeito, unidade mínima significativa da vida social” (VELHO, 1989, p. 24). Com a noção de individualismo como uma valorização do indivíduo deve-se falar em *individualismos*, porque há várias maneiras de realizar o movimento desta valorização. Para este autor, “a construção do sujeito pode ter como referências básicas o econômico, o político, a sexualidade, o discurso, etc., com diferentes pesos e ênfases. Sem dúvida, de alguma maneira, esses domínios podem se articular, mas em princípio, há um foco principal de onde se irradiam experiências e valores, com maior ou menor intensidade e coerência” (VELHO, 1989). Utiliza a idéia de *psicologização* da sociedade para dar conta de um “processo generalizado em que o *sujeito psicológico* passa, de fato, a ser a medida de todas as coisas. Não é um homem econômico ou político, mas o indivíduo portador de uma especificidade *interna particular* de caráter, psiquismo, personalidade, etc. - que se torna a referência dominante em um discurso que tende a se espriar, culminando em diversas correntes psicanalíticas”. (VELHO, 1989, p. 25)

com Severiano (2001). O “narcisismo”²⁵ é discutido a partir de leituras numa vertente social em torno da psicanálise, por Severiano (2001) ao se tratar da sociedade de consumo atual.

A cultura do intimismo existe porque não há um sentido de unicidade e segurança quando as regras sociais se transformam em uma velocidade rápida e se multiplicam, havendo pouco tempo para a busca de um equilíbrio sistêmico. Por outro lado, a diversidade de regras e o aumento das possibilidades que as pessoas encontram para se colocarem no mundo, permitem mudanças positivas no senso de identidade. Há uma liberdade de escolha de estilo de vida e o senso de identidade tem que ser “criado e recriado de forma mais ativa que antes” (GIDDENS, 2000, p. 57), permitindo, assim, a emergência de pessoas mais dinâmicas, flexíveis e plurais.

Neste cenário, Giddens (1992) e Bauman (2001a) observam que cresce o interesse pelo estudo e pelas práticas psicológicas e outros instrumentos de auto-ajuda para lidar com estas novas pessoas. Através destes instrumentos, as pessoas buscam construir estratégias para lidar com as angústias deste mundo “pós-moderno” através do auto-conhecimento, já que não encontram um “porto seguro” fora de si. Assim, o universo psi (terapias, psicoterapias, análises), tem sido um instrumento importante de auto-análise e auto-reflexão utilizado na sociedade atual, em decorrência também da característica de reflexividade e da importância dada às narrativas e aos discursos como produtores de realidades e sentidos. Velho (1989) trata deste processo como uma psicologização das camadas médias urbanas, que adentram neste universo “psi”.

A auto-ajuda e a auto-reflexão são características de uma sociedade onde a **reflexividade, a volta ao eu, o intimismo** e o **narcisismo** são marcantes. Os conceitos de “volta ao eu” e a característica de reflexividade são desenvolvidas por Giddens, Beck e Lash (1997). A idéia de reflexividade remete ao “pensar a respeito do que se faz como parte integrante do ato de fazer” (GIDDENS, 2000, p. 87) e vem do conceito de “modernização reflexiva”, caracterizada por um mundo onde as informações, os modos de conduta, e o próprio sistema econômico, se encontram em constantes redefinições, num processo criativo de reinvenção de toda uma era industrial, dentro do processo de modernização das sociedades. Este estágio marca o dinamismo nas relações, nas tradições e na própria sociedade. Beck (1997) chama atenção para o uso do adjetivo “reflexivo” não implicar em reflexão, mas em auto-confrontação com os efeitos da sociedade de risco que não podem ser tratados e assimilados

²⁵ Narcisismo é um termo trazido da psicanálise para referir ao desenvolvimento do ego e utilizado pelos críticos sociais como referência a característica da sociedade atual.

no sistema da sociedade industrial considerando um segundo estágio, “poder se tornar objeto de reflexão – pública, política e científica”. (BECK, 1997, p.16)

Para Giddens & Pierson (2000) a reflexividade é vista num contexto de transformação do tempo e do espaço, em conjunto com os mecanismos de desencalhe, afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos. A reflexividade assim, diz respeito à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação. Esta característica também faz parte de outras instâncias como os relacionamentos e a identidade, que estão em constante reinvenção dentro da modernidade reflexiva.

Utilizando este conceito, Giddens (1992) fala do “projeto reflexivo do eu”, que se refere a tomar decisões sobre si mesmo (casar ou não casar, ter ou não filhos, fazer ou não terapia, escolher uma profissão, etc.), sendo uma condição que se impõe cada dia mais, e requer um planejamento de vida. Não há caminho, senão escolher. E em um mundo no qual a tecnologia vem avançando, são muitas as escolhas que as pessoas são chamadas a fazer diariamente.

Os avanços tecnológicos marcam um novo processo de industrialização e gera a possibilidade agora de uma rápida comunicação entre as pessoas de diversas partes do mundo através da internet e do celular, por exemplo, que são tecnologias que modificaram as noções da própria comunicação e de relações interpessoais, também as noções de tempo e espaço, que agora se multiplicam, coexistem e ganham ênfase (CASTELLS, 1999; NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Os **novos espaços** emergentes são os espaços virtuais e os “não lugares” (DELEUZE & GUATTARI, 1997). Castells (1999) e Bauman (2001a) consideram que estes espaços emergem em uma sociedade em rede - informatizada - que funciona por meio dos “fluxos” como espaço característico. O “espaço dos fluxos” é um tipo de espaço que flui e pode ser compartilhado em tempo real tudo aquilo que é imaterial. É o espaço gerado por redes de computadores, fibras óticas, cabos, satélites e telefones celulares. De acordo com Bauman (2001a), estes espaços causam impactos psicológicos, gerando uma nova organização subjetiva: menos centrada, mais superficial, mais ágil, menos preza a projetos de longo prazo, que definem princípios e marcas da contemporaneidade.

Jameson (1997) atenta para a importância da categoria de espaço mais do que de tempo: “nossas experiências psíquicas, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço, e não pelas de tempo como era no modernismo” (JAMESON, 1997, p.43). Considera-se o “hiperespaço” como um tipo de espaço gerado pela rede global e multinacional de comunicação descentrada, de características multifacetadas, que pela sua

dimensão, não é passível de ser mapeada pela nossa mente. Neste espaço, as pessoas passam a viver experiências múltiplas e fragmentadas, desde uma visão próxima às de Deleuze & Guattari (1997).

Achados de pesquisas realizadas por Nicolaci-da-Costa (2004a; 2004b) sobre as implicações do uso das tecnologias da comunicação como o celular e a internet com jovens no Brasil, apontaram esta característica de fragmentação nestes jovens quando eles atuam com diferentes *selves*, mediados por estas tecnologias, podendo se apresentar de formas diferentes na vida virtual e na vida real (quando, por exemplo, codinomes e tipos de personalidade são apresentados nas conversas virtuais e quando há o encontro destes sujeitos no “mundo real”, ele se mostra diferente).

Os **novos lugares** são tratados por Augé (2001) com a noção de lugares e “não-lugares” que são os lugares - concretos - existentes nos grandes centros urbanos. Os “não-lugares” são instalações necessárias à circulação das pessoas e bens, onde circulam os sujeitos nômades contemporâneos. Estes espaços são vistos também como espaços alternativos, na perspectiva de Bauman (2001a). Novos espaços físicos, que são opostos aos tradicionais, proporcionam o encontro de pessoas estranhas, e eles podem não interagir. Bauman (2001a) cita os espaços não-civis: “êmicos”, como os guetos; “fágicos”, a exemplo de shoppings; os “não-lugares” como os saguões dos aeroportos, e os “espaços vazios” que são os bairros pobres. Este autor aponta também da mobilidade diferencial dos sujeitos contemporâneos vistos como “turistas” – os que se movem porque assim o desejam, e os “vagabundos” que são os impelidos a se mover. E traz a existência de um espaço extraterritorial e a população da elite global dos negócios e da indústria cultural, que conta com a infraestrutura tecnológica – condição de possibilidade de sua “extraterritorialidade”.

A **noção de tempo** também tem sofrido mutações na atualidade, prevalecendo o tempo presente, quando necessidades - principalmente de consumo - são criadas, existem e são satisfeitas instantaneamente. Assim, o futuro não se faz mais necessário. Para Severiano (2001), numa sociedade de consumo imediatista, as pessoas na contemporaneidade, tornam-se prisioneiras de um presente eterno.

Com a contribuição das tecnologias de diversas ordens, que prometem atendimento imediato às demandas sociais e psicológicas, o presente se torna uma saída viável para a falta de ideais políticos e coletivos, ou um projeto de vida em longo prazo. (EAGLETON, 1996).

As mudanças em um mundo globalizado não acontecem de forma isolada. O momento atual também tem **características sistêmicas** como uma sociedade “em forma de rede”, discutida por Bauman (2001a) e Martinho (2003). Rede engloba todo e qualquer sistema, estruturas ou

configurações organizacionais caracterizados por uma grande quantidade de elementos (pessoas, pontos-de-vendas, entidades, equipamentos, etc.) dispersos espacialmente e que mantém alguma ligação entre si. Possui algumas características como: tem caráter libertador, poder criador, é democrática, aberta e emancipatória. Está presente nos estudos de caráter interdisciplinar, abarcando a perspectiva do pensamento sistêmico e da teoria da complexidade (MARTINHO, 2003). Desta forma, todos os sistemas vivos estão arranjados à maneira de redes por ter um caráter de auto-organização, assim como as pessoas se auto-organizam dentro e fora das suas relações nos domicílios e nas diversas redes que estabelece socialmente - com a inclusão da rede que se forma virtualmente.

A característica de permeabilidade da rede, presente na organização sistêmica é fundamental para nosso objeto de estudo. Esta característica pode ser transcrita para as relações humanas de caráter afetivo-sexual, onde o público e o privado têm um limite muito tênue, em que as regras sociais interferem nas relações no âmbito privado e as questões do privado, do âmbito da intimidade são também postas à público, nos espaços de debates e na mídia em geral.

A invasão do mundo privado pelo público e também o seu contrário, gera um mal estar. De um lado, Sennet (1993) aponta que a diluição dos limites das esferas públicas e privadas a partir do culto ao “eu” (cultura do narcisismo), tornou o mundo público como um mero “espelho do eu”, não mais existindo um necessário distanciamento entre as esferas, nem uma forma de sociabilidade independente da intimidade. Por outro lado, Lasch (1983) contrapõe esta idéia trazendo que a vida privada foi invadida pelas forças da dominação organizadas e que a vida pessoal quase cessou de existir.

O contexto de exacerbação do eu e de fusão do público e do privado, como uma sociedade de espetáculos, que privilegia a visibilidade do público, fala de uma sociedade da “cultura do narcisismo”, que tem como pano de fundo a sociedade de consumo. O culto ao “narcisismo” vem junto com a dialética sujeito-objeto que na contemporaneidade é carregada de ambigüidade, por haver uma fusão de objeto e sujeito, ao mesmo tempo há uma exacerbação da realidade, enfocando no objeto – também um objeto de consumo.

A partir de uma sociedade fundada no realismo, o que está por traz da ideologia contemporânea fundada num positivismo “hiper-realista”, utilizada em grande escala pelos meios de comunicação de massa que pretendem apresentar o objeto como um fato puro, mas que na realidade veicula através de seus produtos novos modos de viver (SEVERIANO, 2001).

Neste movimento, o indivíduo se identifica com objetos fragmentados, e fica incapaz de uma reflexão crítica do objeto. Essa “fetichização” é tão maximizada hoje a tal ponto que o sujeito

consegue se reconhecer como “indivíduo” no momento da aquisição (real ou imaginária) do objeto-fetice (SEVERIANO, 2001), o que também é transposto para as relações afetivo-sexuais, com a instrumentalização do sexo e a venda de corpos produzidos em academias, clínicas de cirurgias plásticas e dietas para serem consumidos, segundo discussões travadas por Guillebaud (1999) e outros teóricos.

O contexto de exacerbação do eu e **fusão do público e privado**, como uma sociedade de espetáculos, que privilegia a visibilidade do privado no público, tem sido igualmente central para a análise feminista. O movimento de liberação das mulheres através da afirmação “o privado é público” trouxe para debate público questões do “privado” (DAHLERUP, 1987; CASTELLANOS, 1996). A fusão do público e do privado já vinha sendo desafiada por Stuart Mill quando sugeriu que a participação política se aprendia na sociedade civil e na prática, “as mulheres e os homens não são igualmente autônomos e livres” (PHILLIPS, 1996). Este debate possibilitou abertura para o público de questões como violência doméstica, sexualidade, afetividade, maternidade, dentre outras, assim como permitiu que as mulheres levassem características e aprendizagens adquiridas no privado para o público, para o mercado de trabalho. Por outro lado, Eisenstein (1997) chama atenção para o que vem acontecendo atualmente: as discussões políticas do pessoal como aborto, violência doméstica, etc., são expostas nos *talk shows* de maneira comercial: “Não há política no pessoal, porque já está privatizado” (EISENSTEIN, 1997, p.215).

Todos os aspectos que caracterizam a era global atual - em se tratando de sociedades urbano-industriais ocidentais - aqui discutidos, foram trazidos a partir de estudos feitos em grandes centros urbanos de países desenvolvidos e que podem, como sinaliza Giddens (2000) ser pensados nas diversas localidades, já que as transformações são globais, apenas com significados diferentes a depender da cultura local. Fazendo uma ressalva que as características apontadas são vivenciadas em especial por uma parcela da população mundial que tem um poder de consumo, que faz uso das tecnologias e ocupa espaços permitidos aos consumidores em potencial, que são as pessoas de classes médias urbanas, o que será discutido em capítulo adiante.

Saber sobre alguns dos principais aspectos das transformações que vem ocorrendo nas sociedades urbano-industriais ocidentais atuais, nos auxilia a pensar como significamos as rápidas mudanças nas vidas cotidianas, nas relações amorosas, nos estilos de vida e nas identidades das pessoas solteiras que nos propomos a analisar. E os elementos discutidos até aqui nos auxiliam nas reflexões sobre como estes se apresentam nas vivências destas pessoas e como estão sendo discutidos na literatura. Assim, podemos compreender que quando

autores falam que os relacionamentos amorosos estão mais velozes, descartáveis e com curta duração, e ainda, que há mudanças nas tradições que regiam as relações de família e casamento, sabemos que estes aspectos fazem parte das novas e emergentes características do mundo em que vivemos. Este capítulo se encerra falando, então, das relações amorosas na contemporaneidade.

Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade

Vários autores destacam como a diversidade está se configurando como uma regra que tem norteado as relações familiares e amorosas contemporâneas. Novos hábitos de vida incorporam alguns elementos como redes de apoio, aumento do número de lares chefiados por mulheres, sucessão de parceiros e de padrões de relacionamentos durante o ciclo de vida (BECK & BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; GIDDENS, 2000; CASTELLS, 1999).

Para Giddens (1992), o que existe atualmente são possibilidades radicalizadoras de transformação no âmbito da intimidade. Esta intimidade é encarada como uma “negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais”, implicando em uma “total democratização do domínio interpessoal” (GIDDENS, 1992, p. 11). As transformações no âmbito da intimidade - família, relacionamentos e conjugalidade - levam ao estabelecimento de diferentes normas que regem as relações interpessoais e a sexualidade de modo mais direto.

Assim, os relacionamentos amorosos recebem uma nova configuração e novos significados na contemporaneidade, quando os laços que os mantêm são tão líquidos, flexíveis e fluidos como o contexto social em que acontecem.

Bauman (2001b), Beck & Beck-Gernsheim (1990) discutem os paradoxos presentes nas relações humanas, em que homens e mulheres buscam ansiosamente pela segurança e aconchego que um relacionamento amoroso pode proporcionar. Ao mesmo tempo, temem a entrega total e a continuidade da relação (por longo prazo ou infinitamente) pelos contratemplos e sofrimentos que esta pode causar. Além de poderem perder a oportunidade – caso engajem em um relacionamento duradouro – de encontrarem outra relação no futuro, que possa ser mais satisfatória. A qualidade se transforma em quantidade num contexto paradoxal, o que leva Bauman (2001b) a pensar que o impulso à não-vinculação pareceria ser uma boa saída, ao mesmo tempo aponta de modo contraditório o outro lado destemido: a incontrolável ânsia por relacionar-se que domina muitas destas dores.

Este paradoxo pode existir em uma sociedade de consumo e com características de imediatismo e hedonismo. O consumo de um produto serve para descartar deste limite o lugar para consumirem outro novo produto. Esta lógica descrita por Bauman (2001b) é discutida também por Guillebaud (1999), Chaves (1997), Giddens (1992), Severiano (2001) e outros autores, quando co-relacionada ao modo como o consumo também do sexo e do prazer individual vem ocorrendo. Vê-se a expansão da pornografia, o discurso da liberdade sexual e a maior visibilidade do sexo sem compromisso, do uso dos corpos como instrumento de prazer imediato, como possibilidades de expressões da sexualidade.

Um estilo de relacionamento visível atualmente carrega estas características de consumo e descartabilidade: o “ficar”. Este termo foi inicialmente utilizado por adolescentes para se referir aos estilos de relacionamentos temporários a partir da década de 1980, no Brasil, e são práticas que também vem sendo adotadas por adultos jovens e mais velhos na atualidade, não tendo este um caráter exploratório da adolescência, mas muitas vezes como uma opção de relacionamento ou como uma ponte para relacionamentos estáveis como o namoro (ANDRADE, 2004; ANDRADE & PERLIN, 2003).

Este estilo de relação, segundo estudos de Chaves (1997), Weingärtner et al. (1995) e Andrade (2004) tem características de efemeridade, descompromisso e está ligado ao desejo e prazer imediatos, havendo a desvinculação do sexo e do afeto; suas regras permitem a flexibilização dos papéis de gênero, a quebra de modelos e regras que envolvem o namoro e o casamento, principalmente a fidelidade e o compromisso – dimensões presentes num modelo patriarcal de família – que são frutos das mudanças nas tradições que regiam as relações amorosas.

Este estilo de relacionamento se aproxima do que Bauman (2001b) chama como as “relações de bolso²⁶”, denominadas assim por serem relações que se guardam no bolso de modo a se lançar mão delas quando for preciso. São identificadas como relações doces e de curta duração. Não há muito investimento em amor à primeira vista, nem apaixonamento. A convivência é a única coisa que conta “e isso é algo para uma cabeça fria, não para um coração quente (muito menos superaquecido). (...) quanto menos se investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras”. (BAUMAN, 2001b, p.37)

Esta superficialidade de sentimentos esteve presente em meu estudo sobre o “ficar” (ANDRADE, 2004), onde me deparei com o seguinte paradoxo em relação a sua

²⁶ Esta nomeação foi retirada pelo autor de comentários sobre o “Guia Matrimonial de Londres” na revista “Guardian Weekend, 9 mar 2002”.

característica de descompromisso, apontada pelos jovens entrevistados (de 17 a 40 anos) como a principal vantagem e também desvantagem deste tipo de relação: as pessoas gostam de ter um encontro afetivo-sexual momentâneo porque não precisam se comprometer com o outro, ao mesmo tempo esta relação pode não satisfazer porque seu futuro e possibilidade de continuidade – que envolve compromisso, confiança e investimento afetivo - ficam comprometidos e é frustrante quando uma das partes almeja esse tipo de encontro. Os resultados apontaram que a noção de “compromisso” está ganhando um outro significado no seio desta sociedade onde a nova cultura de consumo tende a priorizar relações mais frouxas e descartáveis.

Bauman (2001b) aprofunda na compreensão deste paradoxo e aponta uma janela interpretativa a seguirmos, ao se questionar: “num mundo líquido, mesmo procurando relacionamentos duradouros, o desejo é que eles sejam leves e frouxos? Algo que possa ser posto de lado a qualquer momento?” (BAUMAN, 2001b, p. 11). Acrescenta ainda que as pessoas buscam receitas sobre como estabelecer um relacionamento e como rompê-lo sem dor. Nessa perspectiva, o autor considera que este paradoxo tem a ver com as ambigüidades dos “relacionamentos” que testam “ao mesmo tempo dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura” (BAUMAN, 2001b, p. 11). Por isso, as pessoas falam cada vez mais em “conectar-se,” no “conectado” e no lugar da idéia de parceiros, emergem a de “redes de relações” e possibilidades abertas de novos relacionamentos:

Uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. (...) na rede, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. (BAUMAN, 2001, p. 11)

Estabelecer conexões por escolha individual é possível em uma sociedade onde o processo de individualização está presente. Este processo de individualização aponta para uma crítica da tradição, como discutiu Giddens (2000), já que, segundo Beck e Beck-Gernsheim (1990):

a biografia do ser humano se desliga dos modelos e dos padrões tradicionais, dos controles e das leis morais gerais e de maneira aberta como tarefa, é adicionada a ação e a decisão de cada indivíduo. A proporção de possibilidade de vida por princípio inacessíveis às decisões diminuem, e as partes da biografia aberta a decisão e a auto-construção aumentam. (BECK & BECK-GERNSHEIM, 1990, p.14)

Assim, o amor que nasce destas relações mais individualizadas e democráticas ganha outros significados. Agora, a sexualidade e a afetividade que integram o amor, passam a incorporar

em sua dinâmica, a liberdade de escolha de parceiros, se desprende da obrigatoriedade sócio-econômica e da imposição familiar, porque passa a depender da escolha individual focada no sentimento (de amor e também paixão) e na identificação e afinidade com a pessoa com quem o relacionamento irá se estabelecer.

Giddens (1992) aponta como perspectiva para os relacionamentos num contexto de liberdade de escolha, a possibilidade da democratização também fruto das conquistas feministas com a luta pelo direito a igualdade de gênero (fora e dentro dos lares). Homens e mulheres se deparam com um tipo de relacionamento que ele chama de “relacionamento puro” e que seria um “relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (GIDDENS, 1992, p. 10). Isto é, refere-se ainda a uma situação:

em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1992, p. 68-69).

Este tipo de relacionamento reflete as características sócio-políticas da democracia, incorporando a promessa da possibilidade de intimidade e democratização da vida pessoal.

No “relacionamento puro” o amor e a sexualidade estão vinculados. O caráter de autonomia da sexualidade – fruto de conquistas sociais, diminuição da repressão social principalmente para as mulheres – é o que caracteriza a “sexualidade plástica”: uma sexualidade descentralizada e liberta das necessidades de reprodução, desenvolvida a partir da difusão da contracepção e das novas tecnologias reprodutivas; é também de um tipo de sexualidade que quebra com padrões heterossexuais e permite a livre expressão de desejos - visão próxima à das feministas que serão discutidas no capítulo seguinte.

Giddens (1992) com base em relatórios de pesquisas norte-americanas feitas nas últimas décadas, discute como os homossexuais – gays e lésbicas – são importantes representantes deste novo tipo de manifestação da sexualidade, porque o significado do sexo não está vinculado à reprodução nos relacionamentos e estes, quando estáveis, tendem à flexibilidade no exercício dos papéis de gênero. Para Butler (2003) e a perspectiva do feminismo lésbico, estes sujeitos rompem com as regras de sexualidade ligadas à normatividade da heterossexualidade, abrindo para a diversidade de expressão da sexualidade.

Dados do relatório Kinsey²⁷, feito no final da década de 70 nos Estados Unidos, apontou que há grande proporção de homossexuais, em sua maioria mulheres, vivendo em relação de co-habitação com seus parceiros. E nas relações que duraram um ano ou mais, o relacionamento se manteve sem uma estrutura de casamento tradicional, em condições de relativa igualdade entre os parceiros. Isso não quer dizer que toda relação homossexual tenha um caráter mais “libertador”, porque existem relações onde as regras seguidas são as de uma relação homossexual, com hierarquias e papéis bem definidos.

Giddens (1992) observou, por outro lado, que nas relações homossexuais, há uma maior abertura para a comunicação no relacionamento e a permissão para que terceiros façam parte da relação – as conhecidas práticas do “swing”: sexo grupal em diversas modalidades – sem que isso seja considerada uma traição pelos casais que dela participam. E quando há infidelidade, este tema comumente é incluído na conversa dos casais principalmente entre casais lésbicos, de forma mais aberta do que entre casais heterossexuais.

Giddens (1992) sinaliza que o termo “gay” sugere “abertura e legitimidade”, dando à sexualidade um caráter libertador, característico de uma sexualidade plástica. Esta é desenvolvida também através da sexualidade episódica, praticada atualmente com muito mais visibilidade e aproximação do que chamamos do estilo de relação “ficar”.

Os locais possíveis e muito procurados para o exercício desta “sexualidade plástica” são os bailes e as boates, freqüentando geralmente por quem está à procura de parceiros sexuais transitórios. Nestes locais, as pessoas se conectam através dos olhares e da “atração imediata”, o que também foi discutido por Chaves (1997) e por mim, em trabalho sobre o “ficar”.

A sexualidade episódica revela a sexualidade plástica no que ela é: “o sexo libertado de sua antiga subserviência ao poder diferencial” (GIDDENS, 1992, p. 160). Nas relações homossexuais masculina, aparece a sexualidade episódica mais intensificada, em maior grau que as lésbicas, haja vista que a prática do uso das saunas é predominantemente masculina. Nestes locais os homens não têm contato social uns com os outros, exceto para as conversas mais casuais.

Independente da orientação sexual, algumas mudanças em torno do comportamento de homens e mulheres no âmbito afetivo-sexual estão ocorrendo várias pesquisas sinalizando algumas delas: aumento do número de experiência sexual antes do casamento, prática da masturbação (ou abertura para falar dela) e comportamentos sexuais mais diversificados

²⁷ Giddens (1992) utilizou das seguintes referências sobre o relatório Kinsey: Alfred C. Kinsey et al, **Sexual behavior in the huma male**, Filadelfia: Saunders, 1948; **Sexual behavior in the human female**, Philadelphia: Saunders, 1953.

(como prática do sexo oral e anal), a desvinculação do sexo e amor, homens e mulheres têm vida extraconjugal em igual proporção hoje, os jovens iniciam a vida sexual cada vez mais cedo, dentre outras. Destas mudanças, a busca de parceiros passa a ser feita pelo critério de afinidade (GIDDENS, 1992; JABLONSKI, 1998, 2003).

No entanto, apesar da tendência a uma equidade de gênero e flexibilidade nas relações, diferenças existem. Giddens (1992) aponta que no imaginário masculino, os homens ainda tendem a dividir as mulheres em “virtuosas” e “perdidas” e estas últimas estão à margem da sociedade respeitável, porque não se encaixam em um modelo “mariano” de mulher. Já os homens são valorizados e caracterizados pela variedade sexual e estimulados – praticamente obrigados – a terem uma vida dupla quando engajados em um relacionamento estável.

Mudanças nas perspectivas masculinas têm acontecido após as conquistas femininas - a partir do processo de emancipação feminina, fruto de lutas feministas - , mas em um ritmo diferente. A diferença do ritmo de assimilação das mudanças para homens e mulheres, gera um descompasso. Gonçalves (2007) discutiu em sua tese a respeito de mulheres com posturas mais “modernas” se depararem com homens ainda muito tradicionais, que não sofreram o mesmo processo de reflexão e de transformação de mentalidades como as mulheres. Estas transformações foram fortemente apoiadas pelo impacto do feminismo há quase 50 anos, por acesso que nos quais os homens estão dando os primeiros passos, como discutem Gutman (1997) e Tilio (2003). Este descompasso dificulta o encontro de uma parceria amorosa satisfatória, por um lado. Por outro, permite a construção de novas formas de relacionamentos para ambos os sexos que desafiam estas diferenças e abrem caminhos para a inclusão de características do mundo contemporâneo.

Capítulo 2

Teoria feminista e identidade na Contemporaneidade

Num contexto social atual tão complexo, as subjetividades²⁸ ganham novas roupagens (ou talvez antigas roupagens com outras configurações), e autores refletem como as características do mundo atual repercutem na própria construção da subjetividade, quando as pessoas desenvolvem aparatos pessoais/psicológicos para se adaptarem ao meio. Para Severiano (2001):

as subjetividades se constituem a partir de referentes sociais, no sentido de que novas formas societárias implicam sempre a gestação de novas formas de organização da identidade, e que cada sociedade estimula aqueles traços de personalidade mais adequados à sua manutenção. (SEVERIANO, 2001, p. 19).

Desta forma, as noções de identidade trazidas para se falar de homens e mulheres contemporâneos das sociedades urbano-industriais ocidentais, partem do pressuposto da pluralidade e da não fixidez das subjetividades e identidades, condizentes com uma política social globalizada, diversificada e plural.

Para Bauman (2001a) a estratégia de vida atual “não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe” assim como Deleuze & Guattari (1997) que propõem pensar a subjetividade a partir da noção de rizoma que é algo que não começa e conclui, fazendo uma analogia à fluidez, como um rio.

Esta forma de ver a identidade tem sido pensada em um contexto de mudanças de mentalidades com o “pensamento pós-moderno”, que desconstrói idéias de unicidade do sujeito e de uma identidade determinista, fixa e estável, defendendo conceitos e verdades relativizados. Assim, a “pós-modernidade” marca o fim do sujeito cartesiano, e as identidades são concebidas como algo dinâmico, mutável, vista de forma plural e construídas na relação interpessoal e de forma sócio-histórica.

²⁸ Velho (1989) fala de uma cultura subjetiva nas camadas médias urbanas, associada a uma sociabilidade: “Compreende-se que a interação, a sociedade ou a cultura, a *subjetividade - o interno* - é produzida, condicionada, fabricada pelo *externo*. O indivíduo ou o *self*, dependendo da vertente, é essencialmente *social*. Ou, como representação ou como conteúdo, o *interno* só pode ser explicado pelo *externo*.” (VELHO, 1989, p. 21)

Noções da psicologia social, que se aproximam das do feminismo, tratam as identidades como sendo continuamente formadas e transformadas em relação aos nossos “outros”, de acordo com as diferentes maneiras como temos sido representados nos sistemas culturais que estamos inseridos (CIAMPA, 2001). As identidades são um constructo elaborado sócio-historicamente (ROCHA-COUTINHO, 2000; LOURO, 1997; CARNEIRO, 1994). Azerêdo (2004) acrescenta que a identidade não pode ser pensada sem a diferença. Desta forma, as características sociais esperadas de homens e mulheres acabam por definir “identidades” masculinas e femininas, sendo que uma existe devido às diferenças em relação à outra.

Seguindo estas noções, o capítulo trata de aspectos da construção plural de homens e de mulheres contemporâneos a partir da teoria feminista e das noções de gênero por ela trabalhadas. As reflexões são complementadas por concepções de sujeitos contemporâneos a partir da teoria social e da psicologia social referidas de forma breve no capítulo anterior.

Teoria feminista, identidade e gênero

A idéia contemporânea de sujeito visto em sua diversidade, é utilizada e desenvolvida pela perspectiva da teoria feminista, com noções de gênero mais atuais, que incorporou em seu conceito os aspectos discursivos e relacionais desta categoria. Na trajetória da teoria feminista, esta passou do foco do discurso da igualdade para o da diferença e deste para o da diversidade. O debate travado é de caráter eminentemente político, como é o da própria proposta do feminismo - pautada em um ideal emancipatório. Este debate é central para a compreensão das dimensões e relações que insidem na construção de identidades contemporâneas, constituídas pelas variáveis do gênero.

A teoria feminista nasce a partir da incorporação dos ideais dos movimentos de mulheres e feministas²⁹. O movimento que as mulheres fizeram repercutiu e ainda repercute na forma de se ver o mundo, trazendo uma visão feminina para interpretar fatos do cotidiano, contrapondo ao androcentrismo (HARDING, 1992; DIAS, 1994; RAGO, 1998; REINHARZ, 1992).

²⁹ O movimento feminista emergiu na Europa setecentista e foi espalhado pelo mundo a partir dos ideais do liberalismo econômico e da visibilidade dos movimentos sociais reivindicatórios de direitos iguais (das minorias sociais em relação à hegemonia masculina burguesa), organizados por mulheres, que tinham um caráter feminista. Foi influenciado por questões sociais, históricas, econômicas e principalmente pelos pensamentos científicos e filosóficos de cada época e localidade. Autores como Rampage & Avis (1998), Nogueira (2001), Muraro (2002), Castells (1999), Johnson (1997) e Sardenberg (2004) e muitas outras autoras feministas caracterizam este movimento nas suas diferentes trajetórias.

O feminismo levou para academia este outro olhar, incluindo as mulheres como objetos e sujeitos de estudo nas diversas disciplinas, além de temas do mundo feminino – definido como privado e afetivo – e resgatando a participação das mulheres na história da humanidade. Segundo Rago (1998), esta participação gerou uma mutação na produção do conhecimento científico na medida em que as mulheres passaram a expressar uma nova linguagem, um contradiscurso. Este movimento construiu meios de se fazer uma pesquisa feminista (com epistemologia, método e metodologias próprios), segundo autoras como Dias (1994), Goldsmith-Connelly (1998), Harding (1998), Mies (1998), Rago (1998) e Reinharz (1992).

De acordo com Rago (1998), as teóricas feministas “propuseram que o sujeito fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas” (RAGO, 1998, p.27). Assim, a mulher - privilegiada nos estudos de caráter feminista - deveria ser pensada como “uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinares e pelos discursos/saberes instituintes” (RAGO, 1998, p.27). Neste sentido, as feministas buscam a desconstrução do mito de uma condição feminina universal.

A teoria feminista nos anos oitenta é re-atualizada por um pensamento que se denomina “pós-moderno” no campo teórico. Utiliza a perspectiva da construção discursiva de categorias, rompe com binarismos, linearidades, questiona a neutralidade e o objetivismo nas ciências; inclui a subjetividade e o relativismo como parte do processo de construção de conhecimento (REINHARZ, 1992; HARDING, 1998; JAIVEN, 1998).

Os debates seguem as principais discussões travadas pelo feminismo em suas diferentes correntes: a liberal, a radical, a socialista/marxista, que buscam explicações distintas sobre a origem do sexismo e sugestões de superação. As correntes liberal e radical tinham como foco a “mulher” (burguesa) e se preocupavam com questões práticas relacionadas à ocupação de espaços sociais. A liberal se ateu à conquista de direitos de participação da mulher na sociedade e igualdade social, influenciando as políticas de ações afirmativas. A corrente radical questionava o sistema patriarcal e suas manifestações nas relações sociais, influenciou movimentos de contestação social e estava voltada para reeducação da mulher com objetivo de romper com a história de submissão. A vertente do feminismo marxista ou socialista traz um debate sobre as questões de classe e opressão da mulher, contribuindo para a identificação de diferentes realidades para diferentes mulheres. A partir dos anos oitenta, começa-se a agregar às discussões a pluralidade (fala-se em mulheres e não em mulher) e a categoria gênero, agora em vertentes mais atuais do feminismo: o pós-modernismo e pós-estruturalismo dão ênfase à construção social da opressão e trabalham com o relativismo e a desconstrução

de categorias e identidades (COSTA & SARDENBERG, 1994; SARDENBERG, 2004; JHONSON, 1997; CASTELLS, 1999).

Hita (2002) e Pierucci (1999) propõem outro recorte analítico e discutem como o feminismo, em suas diferentes fases, lidou com a questão da igualdade e da diferença.

A perspectiva da igualdade – dos feminismos liberal e radical – no sentido da mulher ser igual ao homem para ser reconhecida socialmente como parte da humanidade, até então excluída, foi combatida por um outro - também considerado um segundo momento do feminismo - apoiado em uma perspectiva da “diferença”. Esta “diferença tendia a essencializar em certa medida a identidade feminina a partir de atributos biológicos e que definem a singularidade da mulher em relação ao homem” (HITA, 2002, p.326). Esta perspectiva estava baseada, então, em posturas mais essencialistas.

A afirmação desta diferença foi útil e necessária, para re-politizar aspectos negados na outra vertente, dentro da perspectiva de que as mulheres não são iguais aos homens, mas querem ter valor similar. Uma terceira postura ou momento do feminismo é o que Pierucci (1999) e Hita (2002) associam às lutas pelas diferenças no plural. Joan Scott (1998) é uma autora que busca sair de certos dilemas e armadilhas que levaram o feminismo a ruas “sem saída”.

Entretanto, podem ser observadas perspectivas distintas em torno da igualdade e da diferença. Scott (1998) propõe desconstruir a oposição binária igualdade/diferença sem perder de vista a importância da “diferença” dentro da luta pela “igualdade”. Assim, será possível dizer que os seres humanos nascem “iguais, mas diferentes”, e também de sustentar que a “igualdade reside na defesa e na afirmação das próprias diferenças”. (HITA, 2002)

Nos anos noventa, as teorias feministas buscam transcender as bipolaridades, sem reduzir um dos pólos ao outro. Os novos questionamentos giram em torno da busca por ideais de mulheres em seus diferentes tipos de ser, ligadas a interesses diferentes, vislumbrando, assim, a pluralidade das identidades.

A categoria gênero é central à perspectiva feminista e foi nesta construída. Ela permite uma análise mais complexa das relações interpessoais na medida em que “desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais” (RAGO, 1998, p. 27). O gênero emerge num período em que o feminismo adentra na academia, a partir dos anos setenta (e no Brasil, a partir dos anos oitenta) e no processo de análise e teorizações em torno desta categoria, ela é re-construída, relendo e atualizando o debate em torno da leitura e construção social das diferenças sexuais.

Se num momento o gênero era utilizado nos estudos como sinônimo de “mulher”, em outro esta categoria é ampliada. O gênero é apontado por Phillips (1996) como uma categoria que desafia as perspectivas políticas, e pede a reconfiguração de posições e conceitos.³⁰

Antes de adentrar na discussão deste conceito mais atual de gênero, é importante de sinalizar que foram a partir dos debates em torno da construção social, cultural e histórica em torno das diferenças sexuais, que a categoria gênero é construída e desconstruída para auxiliar na compreensão dos temas relativos às relações (agora) de gênero.

Nos debates em torno da construção identitária se destacam os questionamentos a teorias deterministas que compreendiam e explicavam as diferenças entre homens e mulheres como resultantes da diferença sexual – biológica. Estas diferenças operaram, por muito tempo como as principais explicações e justificativas para a suposta inferioridade da mulher em relação ao homem, e da sua maior exclusão da vida pública, defendida por cientistas, em sua maioria homens.

Ainda hoje a ciência busca justificar o que é ser homem ou ser mulher apelando a certo determinismo biológico e encontra barreiras quando características biológicas externas que definem os sexos (de uma forma simplificada: os homens têm pênis e as mulheres, seios e vagina) não condizem com certas substâncias hormonais que também os definem. Esta definição se complica ainda mais com a introdução de elementos de uma identificação psicológica com o masculino ou o feminino, onde o auto-conceito ou a auto-percepção em ser homem ou ser mulher independe do aparato biológico (como o caso dos transexuais, homossexuais e travestis).

Fausto-Sterling (2001) discute essa questão citando como exemplo atletas que passam por um tipo de teste em laboratório para confirmarem se são homens ou mulheres e relata o caso de uma mulher atleta que, ao realizar este teste, aparenta uma substância hormonal masculina, o que não a definia segundo este critério, como mulher. A polêmica em torno do caso instigou a comunidade científica - feminista - a pensar na complexidade que é o corpo em se tratando da definição em torno da diferença sexual. Esta e outras autoras irão defender e discutir, então, que a biologia não é o destino para a definição – ou construção – do que é ser homem e ser mulher em tempos atuais. Esta construção que atualmente é o que fala o conceito de gênero foi tema de estudos de Mead e Beauvoir na década de cinquenta.

³⁰ Castellanos (1996) traz o conceito de gênero definido por Joan Scott como uma categoria ligada às relações sociais, ao poder e aos saberes. Bonetti (2004) traz gênero como categoria importante para se falar de poder também. Gênero é visto no campo do político enquanto o cultural, o simbólico e as relações de poder/gênero que aí se constituem e se reconfiguram continuamente diferente do campo da política em que circunscreve a esfera da política clássica.

Margaret Mead (1968) suscitou reflexões sobre a construção social dos sexos quando realizou estudo antropológico em tribos australianas, observando que características associadas para homens (como agressividade) e mulheres (como delicadeza e disposição para o cuidado) em sociedades ocidentais capitalistas, não prevaleciam em outras sociedades. Nas tribos estudadas pela autora, mulheres e homens desenvolviam características opostas às tendências ocidentais e viam-se, por exemplo, mulheres agressivas e homens ocupando a função de cuidadores e demonstrando amorosidade para as pessoas, em uma das tribos estudadas. Neste estudo, a autora mostrou que a aprendizagem social de comportamentos destinados a homens e a mulheres varia cultural e historicamente. Mead identifica a questão da construção social dos sexos, mas não a problematiza. Beauvoir no mesmo período, problematiza, retoma o fenômeno, mas não o descreve como “gênero”.

Beauvoir (1980) em contexto europeu nos anos 50, - período do pós-guerra, no qual Betty Freedom escreve “A Mística feminina”, importante obra sobre a condição feminina - declarou em sua importante obra “O segundo sexo”, que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, com um amplo estudo das construções do que é ser mulher a partir da biologia, da psicanálise, da história e do materialismo histórico, procurando compreender e justificar a construção e aprendizagem social e histórica, não-determinista do que é ser mulher.

Depois de duas décadas do “Segundo Sexo”, os debates teóricos em torno da construção social dos sexos ganharam força. E passaram a integrar e compor o gênero.

Nos anos oitenta, o conceito de gênero, que era utilizado como referência às questões da mulher, passa a ser discutido sob uma perspectiva relacional, discursiva e no campo do poder, envolvendo também o homem e a construção da masculinidade. Nesta direção, autoras como Scott (1998), Butler (2003), De Laurettis (1994), Haraway (1995), Flax (1992), entre outras, discutem o conceito de gênero como relação social e analisa os significados sociais e culturais atribuídos ao sexo, corpo e sexualidades de uma forma localizada e interseccionalizada. Entendem que, para se compreender as relações de gênero, devem-se relacioná-las com outras categorias como as de raça, classe, localidade, geração, para que o sujeito não fique seccionado novamente e possa ser visto em sua complexidade.

De Lauretis (1994) aborda as interseccionalidades que envolvem o sujeito, sendo ele “engendrado”³¹, possuindo uma experiência de raça, classe³², além da experiência em relações de sexo.

De Lauretis (1994) incorpora a concepção do sistema sexo-gênero³³, já tratado por Rubin (1975), afirmando que este tem a ver com a relação social e cultural do masculino e feminino em um sistema simbólico, ou de significações do sexo, de acordo com valores e hierarquias sociais. Esta autora amplia o conceito de gênero vendo-o através de uma tecnologia que o sustenta, dentro de um aparato social e representacional. Utiliza o discurso foucaultiano partindo do pressuposto de que a sexualidade é permeada por uma “tecnologia sexual”: o gênero é visto como uma instância primária de ideologia e, assim, a ideologia é uma “tecnologia de gênero”, já que pauta os sentidos do masculino e do feminino, abrangendo vários conjuntos de relações sociais: trabalho, classe, raça, sexo-gênero, o que vem tendo atenção “desde que o pessoal virou político” (DE LAURETTIS, 1994, p. 215). O gênero está assim, dentro de um sistema de controle social no qual há tecnologias (nos discursos, cinema, tv e outros aparatos também ideológicos) que mantêm este controle, sendo o gênero um produto e processo de um certo número de tecnologias sociais ou aparatos biomédicos.

Numa perspectiva próxima à desta autora, Scott (1998) trata o gênero como uma primeira instância de relações de poder. O gênero ainda implicaria em quatro elementos: 1) símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas e contraditórias: por exemplo, Eva e Maria como símbolos de mulher; 2) conceitos normativos que colocam em evidência interpretações de sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas; 3) inclusão da noção do político como referência às instituições e organizações sociais; e 4) identidade subjetiva.

O aspecto da subjetividade que envolve o gênero é lido por autoras feministas a partir da psicanálise³⁴ freudiana e lacaniana que discute (em linhas gerais) os aspectos psicosssexuais do

³¹ O termo “engendrado” foi utilizado pela autora para designar “marcado por especificidades de gênero”. A autora faz um jogo, durante o texto “Tecnologia do gênero” com os termos “gendrado” e “en-gendrado”, para demarcar as especificidades de gênero.

³² Sobre a relação entre gênero e classe ver: SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe. In: Costa & Bruschini (org.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1992, p. 183-215.

³³ O sistema sexo-gênero é definido como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e na qual estas necessidades sexuais são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 2).

³⁴ As idéias da psicanálise são trazidas aqui em termos gerais. Merecem melhor tratamento em futuros estudos pela sua complexidade por ser uma teoria clássica e importante para a compreensão dos aspectos da subjetividade humana.

desenvolvimento humano pautando-se em identificações com as relações parentais e conflitos decorrentes destas – o conflito edipiano.

Scott (1998) faz uso da teoria psicanalítica lacaniana para discutir a complexidade e a instabilidade de quaisquer identificações dos sujeitos. Aborda os trabalhos de Nancy Chodorow (psicanalista anglo-americana que trabalha com as relações de objeto) e Carol Gilligan³⁵ (psicanalista representante da escola francesa que se embasa nas leituras Estruturalistas e Pós-estruturalistas da escola lacaniana) sobre o elemento da identidade subjetiva que constitui o gênero. Estas autoras trazem a concepção de que a identidade de gênero se forma nas primeiras etapas do desenvolvimento humano, a partir das relações objetais estabelecidas num complexo edipiano de relacionamento.

Esta leitura dá voz às questões subjetivas mesmo que compreendidas de forma determinista, que envolvem a construção da identidade, mas, segundo Scott (1988), acaba sendo limitada por se ater somente à esfera da família e à experiência doméstica, apresentando um caráter a-histórico e de viés androcêntrico. Fazendo uma ressalva que a teoria psicanalítica se iniciou com Sigmund Freud em uma época de sociedade conservadora e eminentemente patriarcal³⁶. Outros olhares para a subjetividade são lançados por teóricos da psicologia mais atuais, apontando o caráter não-determinista desta, porém, são pouco utilizados ainda em estudos feministas.

Butler (2003) e outras autoras que trazem a perspectiva do feminismo lésbico fazem uma crítica ao determinismo psicanalítico afirmando que esta teoria compactua com uma perspectiva dominante que aprisiona o sujeito num modelo compulsório de heterossexualidade³⁷ e, neste sentido, o gênero passaria a emergir enquanto passividade e atividade - características relacionadas à feminilidade e à masculinidade respectivamente - havendo uma fixação nestes modelos binários. A heterossexualidade compulsória - modelo de desenvolvimento da identidade de gênero baseado nos aspectos hegemônicos de heterossexualidade - é motivo de opressão e rigidez nas identidades e sexualidades, sendo

³⁵ Estas autoras são citadas por diversos autores e autoras como referencial das explicações psicanalíticas sobre a construção do que é ser homem e ser mulher, como: Oliveira (1998), Machado (1998) e outros/as.

³⁶ A psicanálise nasce com o médico Sigmund Freud, em Viena nos fins do século XIX em que o patriarcado e as relações de gênero estereotipadas prevaleciam na sociedade e também na família de Freud. Ele foi médico, interessado pelas patologias mentais e que ao buscar explicações para a histeria na consciência, encontrou através do método da hipnose, a noção de inconsciente e revolucionou todo um pensamento científico ao tirar o foco da razão para o lugar da não-razão que norteia o comportamento humano. Ele tinha como livro de cabeceira a Bíblia, era de família judia, sua mãe era muito bonita e seu pai, autoritário (para citar algumas influencias fortes na construção de sua teoria da sexualidade e constituição da personalidade) (BETTELHEIM, 1996).

³⁷ A heterossexualidade compulsória diz respeito ao ideal de sexualidade se pautar em um modelo de sexualidade heterossexual de uma cultura dominante que considera o que foge ao padrão de sexo com penetração do pênis na vagina, como algo desviante.

necessárias ações que quebrem essa norma em defesa da liberdade de expressão e fluidez das sexualidades e da construção do próprio gênero, dando abertura para expressão e legitimação da diversidade sexual.

Nesta perspectiva, emergem questionamentos acerca da própria construção do gênero, abrindo a possibilidade de se pensar na existência de uma diversidade de gêneros como propõe Butler (2003) ao afirmar que o gênero é “performático” no sentido de ser diverso, fluido e construído na ação e no discurso: “não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero (...) a identidade é performativamente constituída” (BUTLER, 2003, p. 180).

O sexo também seria culturalmente construído e, desse modo, gênero, como ato intencional e performático (no sentido de que não se é o que se é, mas o que se faz), seria o meio discursivo e cultural através do qual o sexo é produzido (BUTLER, 2003). Para Piscitelli (2004), Butler também expõe a impossibilidade de separar gênero das intersecções políticas e culturais nas quais é produzido e sustentado, corroborando com as leituras de Scott (1998) e De Laurettis (1994), dentre outras autoras, mas acrescentando que o gênero tem caráter fluido, não se constituindo de modo coerente em diversos contextos históricos.

Butler reforça estas idéias em seu texto “Variações sobre Sexo e Gênero” em que toma o sexo como sendo também discursivo e cultural, e ainda afirma, com base na obra de Monique Wittig, parafrazeando a Beauvoir, “Não se nasce mulher” (1978), que gênero é um eu cultural em que nos transformamos, mas que parece termos sido sempre. Butler (1987) afirma que se o gênero é o modo de existir o próprio corpo e este corpo é uma situação (um lugar de interpretações culturais), então gênero e sexo são culturais, ressaltando que o gênero não é historiável a partir de uma origem definível porque esta atividade acontece sem cessar. Para enfatizar que o sexo é cultural, Butler (1987) afirma que é dentro do contexto político e lingüístico que ocorre a discriminação do que vem a ser sexo e que, como neste contexto acordou-se que a diferença sexual se dá pelos órgãos reprodutivos, a partir daí enquadraram-se comportamentos sexuais como socialmente corretos, tornando a heterossexualidade obrigatória. Deste ponto decorre sua crítica à heterossexualidade normativa, abrindo possibilidades para construções plurais da sexualidade e do gênero.

Esta forma de pensar gênero e sexo como culturais e, portanto, fluidos é criticada por militantes e feministas acadêmicas por deixar estas construções “soltas”, sem um fio norteador. Este fio passa a ser a contextualização do lugar de onde o conhecimento está sendo

produzido, numa perspectiva dos saberes localizados ou *standpoint*, discutidos por Harding (1998), Nichloson (1993; 2000) e outras autoras³⁸.

O debate teórico em torno da categoria gênero nos permite pensar nas identidades de sujeitos contemporâneos e na sua construção num contexto de pluralidade. A pluralidade que também passa a fazer parte da construção identitária, pode ser vista nos diversos modos de ser dos homossexuais gays e lésbicas, dos travestis, dos transsexuais, dos transgêneros, e também entre os heterossexuais que se colocam no mundo com identidades menos estereotipadas.

As características sociais atuais e as novas concepções acerca dos papéis que definiam identidades de gênero dominantes (homem visto como objetivo, provedor, ligado ao trabalho, e a mulher caracterizada pela sensibilidade e o investimento nos cuidados com o lar e com os filhos) vêm sendo modificados a partir de uma série de mudanças de posturas das mulheres no processo de emancipação feminina, repercutindo nas relações familiares e na postura dos homens frente a esta nova mulher - emancipada. Com as transformações nas configurações familiares e a emergência de diversos modelos de conjugalidade, dentre outros fatores, homens e mulheres se deparam com novos arranjos no âmbito privado, transitando entre modelos tradicionais e atuais, e apontam para importantes mudanças nas relações de gênero, identidades e formas de concebê-los.

Pesquisas que começam a discutir a emergência de uma nova identidade de gênero: a andrógina. A noção de androginia emergente nos anos setenta desafia as perspectivas de diferenças estereotipadas e tradicionais de gênero repensadas na bipolaridade masculinidade versus feminilidade. Esta identidade seria representada por atributos de masculinidade e feminilidade no auto-conceito tanto de homens como mulheres, o que possibilita abertura para um extenso e diversificado repertório de comportamentos sociais, assim como uma maior aproximação entre os sexos, no sentido de pôr fim à incompreensão entre os sexos, à exploração e dominação de um sobre o outro (PERLIN, 2002; NOGUEIRA, 2001).

A pluralidade³⁹ presente na construção do gênero é possível em um contexto de complexidade e fluidez, gerando novos estilos de vida e relações sócio-afetivas que não se pautam em

³⁸ Este debate epistemológico em torno dos conceitos da categoria gênero será melhor aprofundado em pesquisa de doutorado.

³⁹ A idéia de pluralidade de sujeitos contemporâneos é contraposta com a idéia de fragmentação deste sujeito, que segundo Turkle (1995 apud NICOLACI-DA-COSTA, 2005) estão relacionadas à metáfora da esquizofrenia, quando sujeitos vêm-se fragmentados em “*selves*” múltiplos num contexto social também multifacetado. Nicolaci-da-Costa (2004a; 2004b; 2005) percebe essa característica em sujeitos usuários de internet, quando estes adotam diferentes personalidades na diversidade na interação com outros sujeitos virtuais. Severiano (2001) e outros autores discutem a fragmentação do sujeito correlacionada com a fragmentação dos centros consumidores que num mundo globalizado, tende a dividir e fragmentar para, assim, pulverizar as formas de controle social.

modelos lineares e estereotipados. A tendência para as identidades de sujeitos “engendrados” é que rompam com os estereótipos em um movimento de autonomia e liberdade, construam seu próprio gênero de forma flexível e aberta a re-edições e modificações constantes.

Dentro do debate sobre as identidades, Hita (2002) propõe reformulações no termo “identidade”, agora pensado em termos de “relação” ou “relacionalidade”, num movimento de produzir um novo tipo de identidade “resultado dos processos de negociações e conexões entre distintos grupos ou facções em conjunturas determinadas” (HITA, 2002, p. 331). Propõe, dentro da perspectiva de Haraway em torno do conhecimento feminista de posicionalidade, o termo “formas de identificação” ao invés de um “novo tipo de identidade”, isto porque estas seriam:

muito mais flexíveis, provisórias (pois toda posicionalidade está aberta à mudança no processo de desconstrução e devir social) e que abarcam diferenças que antes eram excluídas, anuladas ou obscurecidas nos movimentos tradicionais, que eram definidas de forma arbitrária e a priori. (HITA, 2002, p. 331).

Os sujeitos em uma sociedade contemporânea

As noções de sujeito e identidades do feminismo podem ser complementadas e ampliadas a partir de outros autores da sociologia e psicologia que pensam nestas “formas de identificação” dentro de uma sociedade capitalista, de consumo e que visto de forma crítica, e às vezes pessimista, homens e mulheres contemporâneos são descritos como despolitizados, narcisistas e individualistas (como aponta Severiano, 2001).

E trabalhar com sujeitos em espaços urbanos contemporâneos, é nos remeter a noções de individualismo, ou de indivíduo, muito citadas em estudos sobre sociedades contemporâneas. Alguns autores discutem como os sujeitos de classes médias situados em sociedades urbano-industriais atuais são despolitizados e conformistas, atendendo a interesses de grupos particulares, submetidos à indústria do consumo em massa, consumindo sem uma perspectiva crítica e com pouco interesse em interesses coletivos. Este conformismo é contraposto ao ideal de sujeito contemporâneo caracterizado pelos meios de comunicação principalmente a partir dos anos 80 que o definem como “inquieto, dinâmico e personalizado”. Esse homem⁴⁰ aparece retratado na mídia como uma pessoa que responde a:

uma grande exigência de diversidade e pluralidade. Clama constantemente por auto-realização. Egocentrado, particularista e hedonista, busca viver intensamente o

⁴⁰ Este homem referido pertence a pessoas de classes média e alta urbanas.

momento, desprezando o passado e negligenciando o futuro. É desenvolto, inventivo e sedutor. Fascinado pelo espetáculo das novas tecnologias informatizadas, está sempre em busca de “novas realizações”. Obcecado pela “eficiência”, parece possuir a capacidade de dizer e fazer “quase tudo”. Acreditando-se onipotente e onisciente, persegue exaustivamente a fama e a celebridade como um direito “natural”. Predominantemente manipulador, busca exclusivamente a própria vantagem e apenas necessita do outro como instrumento de confirmação e admiração do próprio eu. Possui um profundo sentimento de desprezo e apatia com relação às questões coletivas, não mais se identificando com a luta pelo “bem comum”; seu principal interesse parece residir no consumo irrefreado de bens e serviços, despendidos de forma “segmentada”, de acordo com “seu estilo” e “individualidade”. (SEVERIANO, 2001, p. 35-36)

Já o sujeito contemporâneo é descrito por Pino com o seguinte perfil psicológico:

perfil psicológico – actitud ante la vida: Individualista. No se aferra a nada. Egocêntrico. Liberal. Su libertad está por encima de todo. Seguro de si mismo. Autorreferente. Los cambios son una constante en su vida. Dinámico. Su actitud es la actividad constante. Con temperamento, carisma y fuerte personalidad. No se deja influenciar fácilmente. De gran serenidad. Sabe mantener el tipo. Práctico en función de sus intereses. Le preocupa y cuida su imagen, pero le gusta ser único. Es exquisito y exigente en sus gustos. Lo tiene todo en sus manos: imagen, seguridad, dinero. Es un aventurero empedernido. Siempre dispuesto al ¿ por qué no?
 Perfil sociológico – Estilo de vida: amante y seguidor de sensaciones fuertes y nuevas experiencias. Frecuenta ambientes y lugares poco accesibles a cualquier persona. Huye de lo vulgar, de lo “snob”, de la masificación. Se rodea de gente como él para compartir experiencias. Es un hombre al día por su carácter inquieto. Viaja con frecuencia. Se deja llevar por el riesgo y la no cotidianeidad y no por los sentimientos. La gente le ve como un hombre muy “interesante”, de fuerte magnetismo personal (PINO, 1991, 167-8 apud SEVERIANO, 2001, p. 36)

A tipologia que o sujeito contemporâneo enquanto a “figura de um indivíduo pretensamente ‘autocentrado’, ‘hiperindividualizado’ e indiferente à totalidade social externa” (SEVERIANO, 2001, p. 38). Evoca a um sujeito que é orientado por um ideal de felicidade e não é mais buscado em realizações ou ideais coletivos, encontrando saída para uma “consciência feliz”, agora buscada em realizações privadas de interesses auto-referentes. Tais características revelam a proeminência de uma tipologia de uma personalidade cujas motivações parecem estar, fundamentalmente, centradas no eu, num “eu grandioso”, dando origem à “cultura do narcisismo” (SEVERIANO, 2001).

Lasch (1983) considera que o narcisismo⁴¹, discutido também no capítulo anterior, é um conceito importante para compreender o sujeito contemporâneo (que emerge a partir dos anos

⁴¹ Narcisismo é definido pela psicanálise como um estado psíquico que se origina do retorno dos investimentos objetais em direção ao ego, aludindo sempre a um fenômeno segundo o qual um indivíduo elege a si próprio como objeto de amor ou, nas palavras de Freud: “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo” (FREUD, 1980, v.14). Entretanto, esse narcisismo constitui-se num fenômeno *secundário*, “uma vez que a libido, ao regressar ao ego, apenas está realizando um movimento contrário a uma rota percorrida quando da constituição primária do próprio ego” (SEVERIANO, 2001, p. 122). Para Freud o desenvolvimento do ego depende do direcionamento da libido. O ego, após ter se configurado de forma coesa, pode migrar para três direções: o próprio *ego* (“resíduo do

80) porque o tipo de neurose que tem se apresentado atualmente diz respeito às “desordens do caráter” do tipo narcisista:

cujos distúrbios de personalidade estão frequentemente associados a sentimentos de vazio e de falta de sentido, à incapacidade de relacionamento com o outro de maneira profunda e significativa, à hipocondria, às fronteiras difusas do ego e à falta de um sentimento coeso do eu. (SEVERIANO, 2001, p. 139-240).

Severiano (2001) defende a “volta ao eu” como um elemento fundamental constituinte da subjetividade de sujeitos contemporâneos, que elegem a si mesmos como objetos de amor, e são fisdados pela venda de ideais, estilos de vida, e produtos cada vez mais personalizados, reconhecendo-se como sujeito no próprio ato de consumir.

Num contexto de consumo, o corpo fica em evidência, sendo a ele atribuído um status na sociedade de consumo, passando a ser investido também econômica e psiquicamente, como “o mais belo objeto de consumo” enquadrado, assim, na lógica fetichista da mercadoria, segundo Baudrillard (1970).

O tema do corpo tem se tornado central no pensamento da pós-modernidade por estar dentro de categorias antes estáveis que agora são criticadas nas perspectivas da fluidez e construção cultural que o próprio contexto social demanda. E encontra-se na própria definição de sujeito pós-moderno, por Eagleton (1996): O “sujeito pós-moderno” é aquele “cujo corpo se integra na sua identidade”, diferente do sujeito cartesiano.

Este maior interesse pelo corpo emerge segundo este autor, a partir do esfriamento da energia revolucionária que assolava o mundo ocidental nos anos 60 quando se disseminavam idéias sobre sexualidade que foram substituídas pela filosofia francesa psicanalítica lacaniana e a psicanálise freudiana. O discurso tornou-se ele próprio um fetiche, critica este autor. Cresceu a preocupação com o tema do corpo e com o sexo de forma exacerbada e nas palavras do reconhecido autor: “o corpo combina muito bem com a desconfiança pós-moderna em relação às grandes metanarrativas, assim como a paixão pelo pragmatismo concreto” (EAGLETON, 1996, p. 73).

E na sociedade de consumo, o corpo não é somente um discurso a ser construído, mas um signo a ser consumido. Este corpo implica na volta da “afetividade do corpo/criança para o corpo/objeto, na qual o sujeito é dissociado de seu corpo, o qual, objetificado, passa a significar apenas ‘reflexos dos signos do sistema da moda’” (BAUDRILLARD, 1970). Para este autor, o narcisismo contemporâneo é um “narcisismo dirigido”, ou seja, o investimento

narcisismo infantil”), os *objetos* (libido objetal) e os *ideais* (representados inicialmente pelos pais e posteriormente pelos ideais propostos pela cultura).

no corpo é direcionado, orientado pelos signos da moda que representa em última instância a “salvação” social, assim como outros meios de consumo personalizados.

Concomitante ao interesse pelo corpo, o aumento das práticas de exercícios físicos, as dietas, além do consumo de aparatos de beleza, emergem patologias relacionadas à auto-imagem chamando atenção social à prisão que pode ser ao atender aos ideais de consumo e ainda de uma sociedade com vestígios patriarcais, onde as mulheres através as análise de suas patologias, denunciam a opressão deste sistema, segundo Susan Bordo (1997).

Eagleton (1996) chama atenção para o corpo como lócus de construção de sentidos e não o vê apenas como pela materialidade como percebido em pensamento iluminista, e critica algumas posturas pós-modernas que enfatizam leituras culturais e reificam certo determinismo cultural do corpo e de outros objetos, negligenciando que os seres humanos ficam num limiar entre cultura e natureza, e acabam sendo reduzidos à primeira. O discurso pós-modernista se pauta mais na perspectiva de “ter um corpo” e abre possibilidades para um olhar fenomenológico que nos chama de volta a um eu corpóreo, à natureza situada e encarnada do ser. A verdade do corpo reside para este autor, na tensão impossível entre essas duas versões de corporeidade, ambas justas em termos fenomenológicos: “não é de todo verdade que tenho um corpo, nem de todo verdade que sou um corpo” (EAGLETON, 1996, p. 77). Para o autor, este impasse permeia a psicanálise que teoriza sobre a construção do corpo pela linguagem, mas que também “sabe que nunca (o corpo) vai estar totalmente à vontade lá”, e aponta uma discussão que foi travada pelas feministas pós-modernas, discutidas anteriormente.

Outras observações e correlações entre características ou tipos de sujeitos emergentes em uma sociedade de consumo, nos auxiliam a pensar sobre a diversidade na contemporaneidade. É certo que as pessoas atualmente buscam se adaptar rapidamente, seguindo a velocidade das transformações sociais e nos diversos âmbitos e por isso não se fixam, são “nômades” (BAUMAN, 2001a).

Postas as questões sobre identidade, contemporaneidade e as relações amorosas, podemos agora visualizar quem são estas pessoas contemporâneas, quais elementos podem incorporar em seus estilos de vida, nas relações amorosas e refletir sobre suas identidades. E para isso, há de se fazer uma importante ressalva: os estudos aqui tratados, principalmente os que falam de culturas em sociedades pós-industriais, têm como foco as pessoas de classes médias ou altas porque estas têm o poder de consumo de bens e serviços e uma cultura diferenciada, são consumidores de uma cultura “psi”, numa sociedade intimista, e outros aspectos que os colocam nesta posição.

Capítulo 3

“Solteiro(a), mas não sozinho(a)”:

As pessoas solteiras e suas redes de relações sócio-afetivas em Salvador

Este capítulo descreve e discute como se deu a construção dos dados desta pesquisa e o contexto onde este processo aconteceu: a cidade de Salvador, descrita a partir de dados bibliográficos e principalmente das observações de campo e das vivências, experiências e percepções das 20 pessoas participantes desta pesquisa. Neste contexto, são discutidos aspectos do estilo de vida das pessoas solteiras e suas redes de relações sócio-afetivas, dentro de um contexto de classe média urbana.

O processo de construção dos dados

Os dados foram construídos a partir de observações de campo, entrevistas e histórias de vida. As observações de campo foram feitas em locais de lazer⁴² como bares, boates e na praia, onde costumam circular pessoas solteiras de classes médias. O contato com o campo de pesquisa aconteceu entre os anos de 2006 e 2007, num movimento de construção de redes de contato, que começou a partir da minha rede de contato. O processo de construção dos dados seguiu alguns dos principais pressupostos de como se faz uma pesquisa feminista partindo da teoria feminista e das discussões o uso da categoria gênero, apresentados no capítulo anterior, dialogando com questões também utilizadas pela psicologia no processo de construção de conhecimento.

⁴² Estes locais foram: a barraca de praia “Marguerita” e a “Barraca do Loro” na Praia do Flamengo, no bairro de Stella Maris; as boates “Fashion Club” (Jardim dos Namorados) e “Café Cancun” (bairro Boca do Rio); os shoppings Barra (no Chame-Chame), Iguatemi (na Pituba) e Salvador (Caminho das Árvores) Foi também observado a dinâmica do comportamento de pessoas solteiras que não faziam parte da amostra, em outros ambientes com os quais tenho familiaridade e que são locais freqüentados também pelas pessoas da amostra, como em camarote e bloco durante a festa do Carnaval em Salvador neste ano (no Campo Grande, no bloco Eva e no Camarote Skoll Fest), São João em cidade do interior (Jequié), e os bares “Bohemia” (no bairro Jardim Brasil), “Cira” e “Dinha do Acarajé” (no Rio Vermelho), “Pós-Tudo” (no Rio Vermelho) e “Babalutim” (no Rio Vermelho).

Não há um consenso sobre haver efetivamente uma forma única de fazer pesquisa feminista, já que o feminismo se apropriou de conceitos e metodologias de outras ciências, principalmente das Ciências Humanas, fez uma releitura a partir dos seus princípios, e buscou (e ainda busca) utilizá-los nas pesquisas para produção de um conhecimento que seja diferente do produzido pelos homens brancos, ocidentais e burgueses (HARDING, 1992). Mas nos campos de estudo da mulher na Europa, nos Estados Unidos, Austrália e Canadá, há a aceitação que existe produção acadêmica feminista - os chamados “*feminist scholarship*”, segundo Goldsmith-Connelly (1998). E nestes estudos há uma variedade de definições e fazeres que são considerados feministas.

O conhecimento produzido por uma ciência feminista deve seguir alguns princípios, como: crítica ao androcentrismo, ao patriarcado e à opressão; questionamento da objetividade, do determinismo e busca de uma verdade única; utilização da reflexividade para relativizar os pontos de vista; inclusão e valorização da subjetividade do/a pesquisador/a; crítica e quebra dos binarismos; inclusão das mulheres enquanto sujeitos ativos na história, e de temas a elas relacionados; oferecer um olhar crítico aos fatos do cotidiano focando uma proposta de emancipação.

Seguindo estes pressupostos, as narrativas dos sujeitos foram analisadas qualitativamente, passando por um processo de construção de categorias⁴³ e discutindo a partir delas, questões que iluminavam os principais objetivos traçados nesta dissertação e dando espaço para que outras questões pudessem emergir, com elementos diversos para se pensar nas transformações que queremos observar. Trechos das falas dos sujeitos foram assim, escolhidos como os que melhor ilustrariam as análises expostas.

Na construção dos dados, o elemento subjetividade esteve presente, quando a entrevista foi vista como um processo ativo que envolve o pesquisador também como sujeito, característico de uma pesquisa feminista. Nesta perspectiva cabe a inclusão da dimensão subjetiva, emotiva e intuitiva no processo do conhecimento, sendo a própria subjetividade reconhecida como uma importante matriz e forma de produção de conhecimento⁴⁴, segundo Rago (1998). Para Harding (1998): “a introdução do elemento ‘subjetivo’ a análise incrementa de eixo a objetividade da investigação, ao tempo que diminui o ‘objetivismo’ que tende a ocultar este

⁴³ Como o número de sujeitos da amostra foi pequeno para se fazer uma análise de categorias por frequência, os achados foram postos de forma discursiva, buscando elencar os principais elementos que os sujeitos traziam acerca das principais questões tratadas nas entrevistas.

⁴⁴ A psicologia como ciência também faz uso da subjetividade para construção do conhecimento, havendo contribuições importantes da Psicologia Social e a abordagem Sócio-histórica (BOCK, GONÇALVES e FURTADO, 2001), que inclui o contexto e o indivíduo em interação e compreendem os aspectos subjetivos como não dissociados da objetividade. Estes aspectos proporcionam a construção de sentidos no processo de coleta de dados, na interação sujeito e objeto, como também apontam González-Rey (2002) e Spink (1999).

tipo de evidência ao público” (HARDING, 1998, p.26), ou seja, uma postura denominada “reflexividade da ciência social”, que diferencia esta ciência das conhecidas como “tradicionais”.

Como pesquisadora, situada numa posição que se aproxima do objeto de estudo – uma mulher jovem e solteira – fui afetada a cada entrevista realizada. Houve momentos em que a sensação era a de me ver diante de um espelho refletindo as minhas próprias crenças, vivências e expectativas acerca das temáticas ali trazidas a mim. E esta experiência foi sendo trabalhada por mim num processo reflexivo, onde pude me reconhecer como “estranho o que me é familiar”⁴⁵.

Durante as entrevistas fui percebendo que as mesmas questões propostas também afetavam os/as participantes de alguma forma, já que os temas tratados giravam em torno de elementos importantes de sua vida pessoal e que, quando reorganizados para serem narrados, produziam neles algum tipo novo de reflexão com que alguns não tinham se deparado até então, a exemplo de um entrevistado aqui nomeado Tiago⁴⁶ (23 anos, natural do interior da Bahia, heterossexual, *personal training*) que refletiu sobre o pouco tempo que destina para o lazer em sua rotina: “agora eu percebi que quase não tenho lazer... preciso de mais lazer em minha vida!”(sic) e Joana (33 anos) que em um outro contexto, após a entrevista, comentou, muito feliz, que tinha repensado sua vida depois da entrevista e pode ver com outros olhos algumas importantes questões, até então não pensadas de uma outra forma. A entrevista funcionou para outros como um espaço de desabafo, um momento para falar de si, o que muitas vezes no cotidiano não acontece, por falta de alguém disponível para escutar, ou por haver algum tipo de dificuldade ou preferência em não se falar de si com conhecidos. Grace (37 anos) afirmou que falou sobre determinados temas porque estava na frente de uma pesquisadora, pois não tem o hábito de falar de si em outras ocasiões: “Eu acho que eu falei demais, eu sou uma pessoa introspectiva, uma pessoa que não gosta de conversar, eu odeio DR [discutir a relação],(...) eu abri as amarras e deixar falar...” (Grace, 37 anos, soteropolitana, homossexual, produtora de eventos). Retratado este processo, vamos apresentar o resultado desta construção.

⁴⁵ Para maior reflexão sobre a pesquisa feminista e a relação sujeito-pesquisado ver: GOLDE, Peggy (ed) **Womem in the field: anthropological experiences**. Berkeley: University of Califórnia, Press, 1986a (1970) e _____ *Odyssey of encounter*. In: GOLDE, Peggy (ed) **Womem in the field: anthropological experiences**. Berkeley: University of Califórnia, Press, 1986a (1970)

⁴⁶ Os nomes referidos aos participantes da pesquisa são fictícios com objetivo de preservar a identidade destes.

O contexto etnográfico: Salvador

Salvador, capital da Bahia, se localiza no Nordeste do Brasil, é destacada pela sua beleza natural, arquitetônica, pela cultura e pelo jeito de viver da sua gente. Tem 2.714.118 habitantes (Estimativa de 2006⁴⁷), o que a coloca como a terceira cidade mais populosa do país, primeira do Nordeste. Ocupa uma área equivalente a 707 km². Somada à sua região metropolitana, é um dos principais pólos econômicos do Brasil; o PIB da Região metropolitana de Salvador equivale a 2% do PIB brasileiro. No entanto, esta capital também é conhecida pela pobreza, precariedade e informalização do trabalho⁴⁸, segundo aponta na tese de Duccini (2005).

Salvador é uma cidade também conhecida por ser uma metrópole “negra”. Referências à negritude estão por toda a parte, em seus aspectos culturais, nas danças, na culinária, nas crenças e costumes religiosos com forte expressão do candomblé, nas festas de rua, na moda, e na arte espalhada pela cidade - como as estátuas de orixás, as pinturas nos muros, e outras, como descreve Duccini (2005).

Salvador é uma cidade colonial que passou por um processo de modernização e industrialização fortalecido nos anos oitenta, com a implantação do pólo petroquímico em região metropolitana, em Camaçari, gerando novos empregos para a população abrindo novas possibilidades de ascensão social. A economia gira em torno dos setores de serviço, comércio e indústria (DUCCINI, 2005).

Em Salvador há a convivência do novo com o antigo em sua estrutura arquitetônica e na cultura local, fazendo parte de um mundo globalizado, sendo também alvo de mudanças rápidas e significativas em diversos setores, e é onde sujeitos incorporam aspectos da cultura local e global de forma particular, refletindo os diferentes modos de ser, de se relacionar e de viver.

O urbano é o lócus da diversidade e da segmentação e o modo de vida que aí se constrói. Historicamente tende a ser regido por costumes e tradições menos fixas, havendo a relativização e a liberdade de escolhas, caminhando junto com o sentimento de insegurança, e a premissa de que é de responsabilidade do indivíduo seu sucesso ou seu fracasso, quando o estado neo-liberal atual se isenta de responsabilidades que lhe caberiam para com os

⁴⁷ Dados disponíveis no endereço eletrônico: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador \(Bahia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_(Bahia)) acessado em 03/07/2007 e <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> acessado em 28/08/07.

⁴⁸ Estimativas do censo de 2004 apontam que em Salvador na época, com população estimativa de 2,6 milhões de habitantes, havia 1.544 mil pessoas economicamente ativas, e 1.313 mil ocupados, sendo 555 mil com carteira assinada e 272 mil sem carteira. A renda mensal (no mês de julho de 2004, quando foi feita a pesquisa) referida pelas pessoas com mais de 10 anos de idade, foi de R\$ 707,00. Duccini (2005) traz estes dados para discutir como a classe média em Salvador tem uma renda baixa, que é característica de cidades do Nordeste comparadas às do Sudeste.

indivíduos, além da própria dinâmica da economia, da política e do social caminharem na direção do não-coletivismo e deixar a responsabilidade de bem estar nas mãos dos indivíduos (EAGLETON, 1996; GIDDENS, 2000; VELHO, 1989). Em Salvador a diversidade se expressa nos aspectos étnico-raciais, sexuais, geracionais e de classe, de culturas e crenças religiosas, onde diferentes estilos de vida se encontram nos diversos espaços, que serão mostrados em parte a partir das pessoas entrevistadas.

Esta capital oferece ainda uma cultura que valoriza em muitos aspectos as pessoas solteiras, oferecendo espaços e serviços de lazer destinados a este público. Salvador atrai muitos turistas principalmente no período do verão, que inclui o Carnaval⁴⁹. Esta festa tem uma cultura e uma dinâmica própria: é uma festa profana, com espaço propício para o encontro sexual casual, estimulado pelo clima de permissividade, e por todo um aparato construído para que as regras de controle da expressão da sexualidade sejam quebradas. Este aparato inclui o ritmo e as letras das músicas, as bebidas e outras substâncias psico-ativas estimulantes, o modo de dançar e de se vestir, tudo para estimular a expressão da sensualidade.

O Carnaval ao mesmo tempo que cria ilusão de integração e mistura de classes nas ruas, é também uma festa que segrega visivelmente seus distintos estratos sociais, da mesma forma com que a cidade esconde as favelas por detrás dos edifícios e ruas imponentes. A segregação é vista na delimitação dos espaços através das cordas dos blocos, das estruturas dos camarotes mais caros que separam a população branca e rica que pode pagar um abadá⁵⁰ da grande massa de pessoas negras e pobres que ocupam os apertados trechos das ruas e avenidas em fora dos blocos e camarotes. Há também os blocos destinados à população negra, os chamados “blocos-afro” onde as pessoas brancas não participam, ou o fazem em bem menor escala, pelos controles identitários, além de camarotes a preço popular, acessível à população negra.

Esta segregação durante o Carnaval pode ser vista de qualquer ângulo, em forma de cores: o colorido de cada bloco e camarote, cada um com uma massa de gente vestida com uma cor só, em destaque o branco e o negro das pessoas; o negro e a mistura de cor da “pipoca⁵¹”, com vendedores ambulantes, barracas de bebidas e comidas, policiais fardados, e o outros

⁴⁹ Ver mais dados sobre o Carnaval de Salvador nos sites: <http://www.carnaval.salvador.ba.gov.br/>; <http://www.topdobrasil.com.br/salvador/indexbr.php>. Diversos outros sites com informações sobre compra e venda de camisetas e ingressos para shows no Carnaval e “fora de época” estão disponíveis na internet. O recentemente lançado filme “Ó paí, ó” é um excelente retrato sobre as complexas relações sociais entre distintos segmentos de moradores e usuários do centro da cidade (Pelourinho) em período de Carnaval.

⁵⁰ Abada é um nome dado à camisa que se vende com ingresso para participar nos blocos de Carnaval.

⁵¹ “Pipoca” se refere às pessoas que ficam de fora das cordas dos blocos e dos camarotes.

personagens que compõem este cenário. Um relato do Carnaval colhido no Camarote “Skol Fest” (em Ondina, no corrente ano), conversei com um americano negro, que expressou sua insatisfação com esta festa quando identifica a segregação de classe e raça. Ficou impressionado com a indiferença das pessoas quanto a este fato.

A segregação no Carnaval também se dá por idade e por identidade sexual, onde nos blocos, camarotes, becos e ruas da cidade onde há festa, as pessoas se aglomeram, formando outros territórios próprios. Por exemplo, o bloco “Crocodilo” comandado pela cantora Daniela Mercury tem como público as pessoas mais maduras e mais intelectualizadas; o bloco “Mascarados” cuja principal cantora é Margareth Menezes, tem como público os gays, lésbicas, artistas e intelectuais. A entrevistada Grace (37 anos) comentou sobre este bloco como um lugar de expressão de identidade:

Tem esse bloco, né? Os Mascarados, que é um bloco gay que rola muita pegação. Mas eu nunca saio. Odeio Margarete Menezes. (...) mas no Carnaval, é, uma época de abstrair, aí eu fico adorando ela. (...) eu adoro samba reggae, e eu vou atrás dela, de Daniela Mercury, dos blocos Afro, né? Mas é só isso.” (Grace, 37 anos, soteropolitana, homossexual, produtora de eventos)

Também há becos onde os adultos jovens de classe média se encontram como os becos em Ondina, e há os locais por onde se aproximam as pessoas de identidade homossexual e/ou bissexual principalmente em ruas e calçadas da Barra, e certos espaços do Pelourinho e cidade baixa, exclusivos para este público, como relataram Prates (2005) e Nascimento (2007).

O Carnaval em seus aspectos positivos, é um investimento rentável para a cidade e é o período onde as pessoas solteiras ganham um espaço expressivo para a expressão da sexualidade e das identidades, quando o que a norma é a diversão imediata. O clima de permissividade sexual do Carnaval perdura o ano inteiro em Salvador, criando uma imagem de que na cidade há muitas festas, as pessoas são alegres, receptivas e disponíveis para o encontro sexual. Esta imagem é disseminada também através da literatura, das músicas, dos filmes, e outros meios que descrevem personagens baianos como tendo este perfil. Outra imagem vendida e disseminada sobre a cidade, é a da mulata baiana “boa de cama”, que passa a ser um atrativo para o turismo sexual de diversas modalidades. Adiante, a percepção da amostra desta pesquisa vai apontar que esta imagem da cidade é apenas um ideário e se adequa aos turistas que aqui passam temporadas. Isto porque, no cotidiano Salvador ainda é uma cidade muito conservadora.

Em Salvador as pessoas solteiras têm uma inserção social importante, quando dados do último senso divulgado pela mídia mostram que esta é uma das principais capitais do país com expressivo número de pessoas solteiras.

A classe média de Salvador

A classe social é composta por relações econômicas e de dominação. Envolve então, relações entre os sexos derivadas dos significados à divisão sexual do trabalho, que é um tema importante para análises marxistas feministas. A definição de classe média segundo Albuquerque (1977 apud DUCCINI, 2005) leva em consideração as relações econômicas, o tipo de trabalho e a produção ou não de mais-valia. Para este autor as classes médias têm a ver com os produtores diretos que inseridos em relação de produção capitalista, tentem a predominar sobre as outras, como o trabalho intelectual sobre o artesanal; tem a ver com a posição assalariada ou não do trabalhador, o tipo de trabalho e a representação social, subjetiva e política deste trabalho. Duccini (2005) ao reler as definições de classes⁵² médias, para buscar elementos destas pessoas em Salvador, procurou ir além do fator econômico para se pensar nesta relação social, trazendo a partir deste conceito de Albuquerque, elementos de Weber sobre estratificação social, que envolve classe como grupo de status, e de Bourdier sobre estilos de vida. Aponta a dificuldade de definir o conceito ou criar critérios para se falar de classe média urbana, quando a vivência de classe se apresenta tão heterogênea na contemporaneidade. Para ela, a heterogeneidade acontece “no que diz respeito à inserção no campo da produção econômica, aos níveis de escolaridade, aos modos de vida e posições políticas, e mais ainda quando se procura analisar a formação de identidades” (DUCCINI, 2005, p. 51)

O conceito de classe é substituído por camadas médias urbanas (VELHO, 1989), que são camadas sociais que trazem características do próprio processo de transformação social discutido no primeiro capítulo, onde o processo de individualização, de psicologização, o poder de consumo, o uso de tecnologias, o uso dos novos espaços emergentes nos grandes centros urbanos, são vivenciados e consumidos por uma parcela da população que tem um poder de consumo que a diferencia de uma outra parcela que não é alcançada por este tipo de

⁵² A definição de classe segundo Weber (1974) envolve certo grupo de pessoas que tenham em comum um componente casual específico em suas oportunidades de vida, possibilitado por interesses econômicos da posse de bens e oportunidades de renda, representada sob condições de mercado de produto ou mercado de trabalho.

relação econômica (e que muitas vezes, são maioria nos grandes centros, vivendo em condições de desigualdades sociais marcantes).

As características das sociedades contribuem para emergência de estilos de vida e novas formas de sociabilidade. Nas camadas médias prevalece a ideologia individualista e os critérios de autonomia e liberdade são pontos para se estabelecerem laços sociais diversos.

O conceito de Velho é complementado pelo de Bourdier (2003) sobre estilo de vida. Para este autor, o estilo de vida é definido como “gosto” ou “preferências sistemáticas”, que são sistemas de diferenciação que correspondem às diferentes posições nos espaços sociais; é um princípio distintivo de classificação social, por meio do qual é possível demarcar gostos e preferências por determinados bens culturais mediante análise por oposição, das diferentes posições ocupadas por indivíduos ou grupos nos espaços sociais. O estilo de vida é a expressão da força integradora do *habitus*⁵³ e de sua capacidade de aplicação a distintos campos da prática.

Assim, modos de vida incorporam elementos como tipo de trabalho, o não-manual, definindo classes médias. Aí entram o poder de consumo e a educação como elementos definidores de classe, mas não somente isso. Elementos de valores, cultura e significados em torno dos tipos de trabalho e profissão também fazem parte desta definição. Camada média seria definida pelas “oportunidades de renda, posse de bens e grau de prestígio alcançado socialmente”. (DUCCINI, 2005).

Em Salvador, Duccini (2005) analisou que há um tipo de classe média diferenciada com nível de rendimento escolar e renda salarial muito abaixo comparado às metrópoles do Sudeste, e representa uma parcela de consumidores em potencial que não se constitui a maioria da população, que por sua vez é formada por pessoas de baixa renda, moradores de periferias. Neste sentido, estaremos trabalhando com desigualdades sociais marcantes, mas focando na minoria que se constitui a classe média soteropolitana.

Nesta dissertação, não estamos definindo critérios fechados para se falar em classes médias em Salvador, e sim, buscando elementos a partir da situação econômica, nos hábitos e costumes, que nos permitissem pensar nas relações sociais possíveis neste universo.

Desta forma, podemos falar que as pessoas acessadas na pesquisa, pertencem à classe média em Salvador, levando em consideração alguns critérios na seleção desta amostra, como os critérios econômicos, ligado ao poder de consumo, a localização geográfico-espacial dentro

⁵³ O *habitus* é um sistema de esquemas inconscientes ou profundamente internalizados, são disposições duráveis, mas não imutáveis, sofrem transformações, sendo responsáveis por orientar escolhas que, embora não sejam deliberadas, não deixam de ser sistemáticas (BOURDIER, 2003) sinaliza que variantes estruturais do *habitus* podem ser gosto ou estilo pessoal de cada um, em relação à família, à classe, à uma época.

de Salvador onde certos bairros representam esta parcela da população (trazido por Cunha, 1979 e Duccini, 2005), nível de escolaridade, ocupação e os hábitos de classe. Considerou também origem familiar e cultural. Duccini (2005) descreve a classe média em Salvador também como pessoas que freqüentam certos locais onde possam consumir: shoppings, bares, restaurantes, praias voltados para este público de consumidores (muitos dos lugares que são citados por Duccini são os mesmos freqüentados pelas pessoas solteiras aqui entrevistadas); também são as pessoas geralmente brancas. Estudos apontam a emergência de uma classe média negra em Salvador, de pessoas que ascenderam socialmente. É neste complexo cenário que se localizam as vinte pessoas solteiras entrevistadas.

As pessoas solteiras: quem são

A amostra foi composta por dez homens e dez mulheres, com idades variando entre 23 e 46 anos, com média geral de 35,6 anos. A média de idades da amostra feminina foi de 36,9 anos e da amostra masculina 34,3 anos. A maioria destes sujeitos tem orientação sexual heterossexual (oito homens e sete mulheres), seguidos da orientação homossexual (dois homens e duas mulheres) e bissexual (uma mulher e um homem). Para caracterizar com detalhes a amostra encontra-se em anexo uma tabela com os dados principais dos sujeitos e um perfil de cada um deles (ANEXOS 3 e 4).

Os sujeitos são em sua maioria de cor parda⁵⁴ (4 mulheres e 7 homens) e branca (6 mulheres e 3 homens), com duas pessoas negras (uma de cada sexo). O critério utilizado para indicação de cor foi baseado nos traços fenotípicos, descartando o critério de auto-identificação cromática por este trazer uma ampla possibilidade de diversidade de categorias de classificação, o que poderia dificultar o processo de apreensão deste indicador, discutido por Macedo (1999).

No aspecto naturalidade, mais da metade dos entrevistados nasceu neste estado: sete nasceram em cidades do interior da Bahia e cinco na capital. Oito, entretanto, são migrantes de capitais de outros estados como São Paulo (cinco pessoas), do interior de outro estado (uma pessoa) e dois migraram de grandes cidades de outros países (Argentina e Espanha). A migração para Salvador aconteceu por motivos de trabalho e estudo, principalmente, ou porque a cidade natal não tinha muitas opções de desenvolvimento profissional como as cidades do interior.

⁵⁴ As pessoas pardas foram consideradas as que têm traços mestiços. Muitos estudiosos utilizam a junção das categorias 'pardos' e 'negros' do censo, para designar as populações de descendência da raça negra ou africana (HITA, 2004).

Os migrantes de grandes centros urbanos escolheram Salvador para morar, buscando fugir do ritmo de vida acelerado que viviam. Nas palavras de Luana (37 anos):

naquela época desde 95 eu queria morar na Bahia, e quando foi em 99 eu estava super estressada e não agüentava mais morar em São Paulo, porque é muito cansativo, muito stress (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, cientista social).

A disposição para a mudança de cidade está vinculada ao estilo de vida que as pessoas levavam, por exemplo, nos grandes centros urbanos – São Paulo, Porto Alegre, Madrid, Argentina, que era uma vida de independência e focada em projetos individuais, incentivados também pela família de origem, como afirmou Rui (34 anos): “Daí vamos supor que minha mãe tinha falado quando a gente tinha vinte e poucos anos: ‘é, tá na hora de ir cada um pra sua casa’”. (Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, engenheiro)

Salvador também foi escolhida para se morar pela identificação com a cultura local, de origem africana, e a imagem que se tem desta cidade: um lugar onde há muitas festas, pessoas alegres e acolhedoras. Joana (33 anos) se identificou com a cultura local no que se refere à valorização da cultura negra:

eu me encantei por Salvador, agora hoje eu sei o que me fez encantar (...) foi a questão da negritude, (...) eu olhava no espelho e não achava meu cabelo bonito de jeito nenhum e aí eu comecei a perceber as pessoas e elas não estavam incomodadas em fazer escova, em alisar o cabelo. Foi uma identificação tão feliz, que eu acho que nesse momento eu comecei a trabalhar minha estima enquanto mulher negra, e isso me fez admirar demais Salvador. (Joana, 33 anos, heterossexual, mineira, negra, psicóloga)

A disponibilidade para migração esteve presente também na trajetória que alguns entrevistados fizeram até chegar a Salvador, apontando aspecto de nomadismo dos sujeitos contemporâneos. Em busca de um mercado de trabalho mais promissor, Marcelo (44 anos) saiu da capital paulista para morar em dois países até chegar a Salvador; Joana (33 anos), que do interior de Minas Gerais morou na capital mineira, em outra cidade do interior no período da faculdade e mudou-se para Tocantins por motivos de trabalho, até vir para Salvador; e João (41 anos) que do interior da Bahia, passou por outras cidades do Nordeste, pelos estados de Mato Grosso e Minas Gerais até chegar a Salvador, pelo mesmo motivo. Este aspecto está presente também na vontade demonstrada por Cristiane (32 anos), Mariana (33 anos), Alex (37 anos) e Felipe (29 anos) de morar em outra cidade ou em outro país.

A formação profissional destes sujeitos tende a áreas culturalmente destinadas a homens e mulheres, com algumas exceções. Grande parte das mulheres da amostra tem formação em

cursos nas áreas de Ciências Sociais ou Humanas como Antropologia e Sociologia e Psicologia (com quatro mulheres em cada área). Duas mulheres graduaram-se na área de Saúde. Houve um investimento na formação acadêmica em nível de Especialização (duas mulheres), Mestrado (três mulheres) e Doutorado (três mulheres), e duas mulheres buscaram cursos de aperfeiçoamento na sua área de interesse.

No grupo dos homens, seis deles têm formação voltada para profissões culturalmente masculinas na área de Ciências Exatas como Engenharia e Análise de Sistemas. Um homem tem formação na área de Arte e outro na área de Saúde. Investiram em cursos de Aperfeiçoamento e Especialização três homens em cada modalidade; um homem cursa Doutorado. Dois dos entrevistados têm a Pós-graduação como meta para um futuro próximo.

A maioria está exercendo atividades em sua área de formação, como profissionais autônomos (três mulheres e cinco homens) tendo sua própria empresa ou consultório clínico particular; quatro pessoas estão empregadas no setor privado e seis mulheres e um homem têm renda proveniente de trabalho no setor público via concurso público ou bolsa de pesquisa.

As pessoas têm mostrado satisfação no trabalho quando encontram neste um retorno não só financeiro, mas pessoal, optando por atividades que permitam a flexibilidade de horário, o desenvolvimento da criatividade e o constante aperfeiçoamento. A insatisfação nesta área da vida se refere à falta destes atributos, descritos principalmente por quem trabalha no mesmo setor há muitos anos como Marcelo (44 anos) e Antônia (38 anos) que buscam desenvolver a criatividade em outras atividades. Nas palavras de Antônia (38 anos):

Ele [o trabalho] é repetitivo e a gente cria uma forma porque senão ficaria muito, ficaria muito fácil, né? então a gente brinca entre a gente mesmo, então torna leve essa rotina. E uma coisa, assim, que (/)⁵⁵ eu vou lá pra (/) eu num vou lá pra me estressar, então num vou lá pra pensar (/) aquela coisa que você já sabe que vai fazer tarãã, tarãã, tarãã, num tem negócio de ta descobrindo, de ta pensando, num sei quê, é o trabalho tranqüilo né? E, a criatividade fica pra as coisas que eu faço aqui fora. Não é um trabalho que eu tenho prazer, não é, mas aquela coisa, ali eu ganho meu dinheiro (Antônia, 38 anos, heterossexual, soteropolitana, industriária).

Como vivem as pessoas solteiras

Todos os sujeitos residem em bairros considerados de classe média, classificados assim por Cunha (1979) e Duccini (2005) como Graça, Pituba e Rio Vermelho.

Estes sujeitos têm estilo de moradia que tende à diversidade e fogem da hegemonia dos domicílios constituídos por núcleos familiares: doze pessoas moram sozinhas e destas, oito

⁵⁵ Este símbolo significa que houve um corte ou uma pausa no ritmo da fala, durante a entrevista.

são homens; cinco mulheres residem com colegas e uma mulher reside com a irmã; dois homens com os pais⁵⁶.

A diversidade que constituem os domicílios é uma tendência na atualidade, quando o que prevalece é a descontinuidade de modelos e padrões de organizações sociais das diversas ordens, incluindo as doméstico-familiares. Castells (1999) sinaliza estas mudanças e aponta a tendência ao individualismo quando aumenta o número de domicílios constituídos por uma só pessoa, também no Brasil segundo dados do IBGE tratados por Néri (2005). Para Castells (1999), tais transformações sinalizam o fim do regime patriarcal ou a perda de sua força na era atual e para Velho (1989) as transformações são frutos do processo de individualização e psicologização, próprias das camadas médias urbanas.

Seguindo este pressuposto, podemos pensar o quanto a diversidade que compõe os domicílios carrega características sociais atuais em diferentes aspectos, a partir do estilo de vida retratado pelas pessoas entrevistadas. No domicílio unipessoal acreditamos encontrar as seguintes características com maior força: o individualismo, a flexibilidade de papéis de gênero, a personificação do ambiente – próprio de uma sociedade culturalmente narcísica -, a busca da liberdade na rotina, a busca do prazer e do conforto evitando conflitos de convivência (citados no exercício de compartilhar as tarefas domésticas e lidar com diferentes gostos e hábitos pessoais), a inclusão de tecnologia da comunicação (como a internet e o telefone) como meios para o estabelecimento e manutenção de relações de todo tipo, e também o uso de tecnologias para auxílio nas funções domésticas.

O domicílio constituído por amigos também traz algumas destas características como o individualismo e a personificação do ambiente, que é possível quando as pessoas possuem quartos individuais; o uso de tecnologias da comunicação, e o exercício da democracia e cooperação quando o grupo se organiza para a manutenção da casa. E morar em grupo se aproxima com o tipo de moradia no qual um parente está incluído, havendo a preservação da individualidade no ambiente do quarto, o exercício do respeito mútuo, o compartilhar as tarefas principalmente quem mora com irmãos, quando a relação é mais igualitária.

Para os/as entrevistados/as que moram sozinhos/as⁵⁷, neste tipo de domicílio há a liberdade de organização do espaço individual e dos horários. É um ponto positivo a liberdade de não ter

⁵⁶ João (41 anos) e Marcos (43 anos) residem com os pais temporariamente. Estes sujeitos fogem do critério inicial da escolha da amostra, mas se inserem nesta quando estes critérios foram flexibilizados para incluir pessoas com diferentes organizações domiciliares, mantendo o critério, no caso destes dois sujeitos, de estarem solteiros e nos seus outros aspectos, atenderem aos objetivos da pesquisa.

⁵⁷ Os seguintes entrevistados moram sozinhos: Rui (34 anos), Marcelo (44 anos), Ricardo (30 anos), Tiago (23 anos), André (28 anos), Felipe (29 anos), Alex (37 anos), Luana (37 anos), Daniela (29 anos), Ana (45 anos) e Gisela (40 anos)

alguém para dar satisfações da vida pessoal ou conviver com pessoas que tenham um estilo de vida ou jeito de ser que sejam diferentes. Desta forma, as pessoas evitam uma série de conflitos decorrentes da convivência e preservam a individualidade. Estes aspectos culminam em uma vida com independência:

As facilidades [de morar sozinho] é o fato de você ser independente, você não precisar de ninguém, você não ter que dar satisfação a ninguém. Então, posso dormir e acordar às 3 horas da madrugada num sábado e falar, eu vou sair e... se quiser chegar sete horas da manhã do outro dia e não preciso falar com ninguém. E ter minhas coisas, ter minha independência. Festinha, se eu quiser fazer, na hora que eu quiser fazer eu posso. E, e eu acho que já teve assim, já teve um encaminhamento pra eu ter uma vida assim, independente e eu me amarro! Eu acho ótimo. (André, 28 anos, homossexual, soteropolitano, pardo, dentista)

Morar sozinho é também um desafio quando as pessoas se deparam com a sobrecarga de funções sociais somadas à realização das atividades domésticas, já que estas não são compartilhadas. O trabalho doméstico tem significados e valores diferentes para os homens e as mulheres. O papel de cuidar das atividades do lar foi historicamente atribuído às mulheres e esta dinâmica se repete quando alguns dos entrevistados contratam empregadas ou faxineiras (mulheres) que são responsáveis pelos cuidados da casa. Outros rompem com este ciclo, buscando aprender (com as mulheres da família) a cozinhar e organizar a casa. Aí vemos homens realizando atividades socialmente destinadas às mulheres como cozinhar, arrumar a casa, lavar roupa e mulheres realizando atividades que são comumente associadas aos homens, porque requerem mais força e/ou habilidade física, como trocar a resistência do chuveiro, consertar coisas que se quebram, etc. Quem tem maior poder aquisitivo, faz uso de tecnologias que auxiliam no trabalho doméstico, como a máquina de lavar. Nas falas de Rui (34 anos) e Luana (37 anos) encontram-se ilustrações sobre a realização das tarefas domésticas:

como eu já tinha essa coisa da independência, o que eu não sabia, eu falei, 'o que eu não souber fazer, eu vou aprender'. Então, sei lá, comprei uma máquina de lavar, li o manual, o que eu precisava fazer, o que eu não precisava, organizei meu horário, e, a.. a comida. (Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, branco, engenheiro)

aprendi a trocar o chuveiro, trocar a resistência, colocar quadro, cortina. Então pra mim é super tranquilo assim. (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social)

Os diferentes significados atribuídos às tarefas domésticas são vistos quando algumas das mulheres que moram sozinhas e também as que residem com colegas afirmam não gostarem de cozinhar ou arrumar a casa, o que é condizente com o discurso feminista de criticar o

caráter de obrigatoriedade pelos cuidados do lar atribuída às mulheres. E entra em pauta a observação que muitos estudiosos fazem sobre as conquistas das mulheres no mercado de trabalho atreladas à sobrecarga de funções, isto porque, no ambiente doméstico ainda são elas as responsáveis pela execução destas atividades. Algumas das entrevistadas acham uma saída: contratam empregadas/diaristas/faxineiras, fazem refeições em restaurantes ou aderem à comida congelada.

Daniela (29 anos) se queixa desta sobrecarga de funções:

Porque você morar sozinha é muito... É muito desgastante, você vê todas as atividades, além de trabalhar e de estudar, eu ainda tenho a casa inteira pra administrar. Então fazer a conta, fazer feira, limpar a casa, lavar roupa, cozinhar, tudo sou eu que faço, né? (Daniela, 29 anos, heterossexual, baiana, branca, enfermeira)

Para os homens entrevistados, as tarefas domésticas têm um significado diferente. Eles não considerem como obrigatoriedade ter que arrumar e organizar a casa. Fazem quando querem ou quando preparam a casa para receber visitas. Caso contrário, os homens não consideram ser um problema “pousar” para dormir numa casa suja e desarrumada, em casos mais extremos.

E para os homens, cozinhar é mais uma atividade de lazer, um hobby e soa para eles como uma atividade realizada com mais valor do que quando feita ou referida por mulheres. Os que não gostam de cozinhar também aderem aos congelados⁵⁸ e à comida de restaurante, mas não sentem o peso – pelo menos isto não foi relatado durante as entrevistas – da obrigação das tarefas domésticas.

Morar sozinho traz a possibilidade de construir no espaço do lar, um espelho, refletindo a personalidade de cada sujeito, característico de uma sociedade culturalmente “narcísica”. A personificação dos objetos pode ser vista nas propagandas quando há a estimulação para a compra de produtos a partir dos quais as pessoas possam se reconhecer, e colocar ali elementos de sua própria subjetividade, a exemplo da compra de celulares, carros e computadores produzidos em modelos adequados para o estilo de vida de cada pessoa: os executivos, os jovens aventureiros, etc. Estes aspectos emergem no momento atual na qual a produção agora é feita de forma “personalizada”, refletindo a personalidade de cada sujeito, dando um suposto sentido de identidade aos sujeitos, como no ambiente do lar, retratado aqui por Felipe (29 anos):

⁵⁸ Um dos entrevistados que mora sozinho em um bairro nobre de Salvador, mostrou os itens na geladeira e nos armários: comidas congeladas e bebida alcoólica.

Você transformar o ambiente do jeito que você gosta. Apesar de não ser um ambiente perfeito, você faz de sua maneira. Então, quando você entrar aqui na minha casa, você já começa a perceber como é que eu sou. Pelos cd's, pelos livros, pela forma como eu coloco as coisas, pela planta, pela bicicleta... então, a casa tem muito... diz muito sobre você.(...) Então se você quiser morar num quarto com família, fica muito... fica muito diluído. Então, aqui você ganha uma certa personalidade. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Morar sozinho também traz o desafio de lidar com o “eu”, em momentos de angústia e solidão. É um momento de crescimento pessoal e de “volta ao eu”. Um eu que passa a ser privilegiado em detrimento do coletivo, num contexto onde a busca de elementos que leve ao auto-conhecimento é cada vez mais presente (GIDDENS, 1992).

Quanto ao sentimento de solidão, alguns solteiros que moram sozinhos sinalizaram que não sentem solidão, porque estão acostumados a lidar sozinhos com os afazeres do cotidiano, como Alex (37 anos) e Rui (34 anos), e estão sempre “acompanhados” de livros, internet, telefone, filmes, cd's, e outras atividades do lazer e do trabalho. Outros como Felipe (29 anos) e Luana (37 anos), sentem falta de alguém para conversar e compartilhar momentos de dificuldades.

Na falta de alguém para compartilhar os momentos de dificuldade, são utilizadas algumas estratégias como: fazer alguma atividade que goste como ouvir músicas, ler livros, sair com amigos para beber cerveja e conversar ou simplesmente dormir. Evitar o contato com sentimentos negativos é uma característica da atualidade, quando se vê a propagação do ideário de alegria, felicidade e prazer, e neste meio, aumenta a busca por elementos que tragam o prazer imediato. Antônia (38 anos) retrata este dado:

(quando sinto solidão) eu procuro um lugar (/) a gente já faz de tudo viu? Ou a gente (/) ou eu vô dormir, ou eu vô lê alguma coisa, ou eu boto alguma música pra ouvir, ou eu saio, ou eu procuro (/) saio, dô uma volta sem parar o carro, ou eu vou parar em algum lugar que o chegar sozinha não seja comprometedor, seja assim uma coisa mais tranqüila. Já tiveram muitos dias que eu fui pra bar de noite sozinha né? (Antônia, 38 anos, heterossexual, baiana, parda, industrial)ria)

Os outros oito sujeitos da amostra não encontram esta mesma dificuldade, pois moram com parentes ou dividem aluguel com colegas. O sentimento de solidão, quando aparece, se refere à falta de uma companhia amorosa.

Dividir a moradia com outras pessoas gera uma dinâmica diferente da que é morar sozinho, para quem vive com familiares⁵⁹ e para os que residem com os amigos⁶⁰. A moradia com

⁵⁹ Marcos (43 anos) reside temporariamente com os pais, João (41 anos) mora com a mãe e Grace (37 anos) reside com sua irmã mais nova temporariamente.

amigos e colegas se também se mostra – assim como o domicílio unipessoal – uma nova configuração de domicílio e o estabelecimento de uma dinâmica em termos de qualidade das relações equivalente às relações familiares, quando o laço que une as pessoas é de ajuda mútua, amizade e compreensão, apontado por quem está inserido neste tipo de moradia e sinalizada por Velho (1989) como uma tendência atual, ao se referir ao valor da amizade nas novas formas de sociabilidade em classes médias urbanas.

Quem divide apartamento com os colegas tem a vantagem de ter sempre alguém para conversar, fazer novas amizades, conviver e aprender a solucionar conflitos gerados nesta convivência, além de compartilhar as atividades domésticas e as despesas. Já a residência com os pais traz a tranqüilidade do aconchego do lar e a diminuição de despesas com aluguel e trabalhos domésticos. Por outro lado, há restrições, principalmente quando se quer realizar festas e encontros amorosos, como vivencia Marcos (43 anos), que passou grande parte da sua vida morando sozinho e está temporariamente morando com os pais:

Quando você fica sozinho, você tem toda individualidade, você faz tudo, você namora em casa, você reúne os amigos pra casa, é... você, sabe? Seus horários são livres, né! Então é completamente diferente a rotina, é com(/) Não que eu tenha horário lá, pré-determinado. Não tenho, mas, mas você sempre fica ligado. É... voltar a ter uma família que nunca existiu, entendeu? (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

Marcos (43 anos) e João (41 anos) que residem hoje com os familiares, retratam um estereótipo dos solteiros que são vistos como os responsáveis pelo cuidado com os pais pelo fato deles não terem sua própria família. Marcos (43 anos) decidiu em conjunto com a família, residir com os pais até encontrar uma pessoa de confiança para ajudar a cuidar deles, já que estão idosos; e João (41 anos) desde que se mudou para Salvador, reside com a mãe até que tenha sua própria moradia. Eles representam uma parcela da população de adultos que ainda moram com os pais por motivos de ordem pessoal/emocional/familiar, já que os dois estão bem inseridos no mercado de trabalho, diferente de grande parte da população que tem adiado a saída do ninho familiar por não estar inserido no mercado de trabalho.

E morar com os pais ou com um dos pais, é diferente de morar com a irmã, pois o nível de hierarquia familiar é diferente: os pais representam um papel superior na hierarquia das relações familiares e os irmãos uma função de mais igualdade e desta forma, as relações e tarefas acabam sendo estabelecidas sob estes critérios. Assim é a relação de Grace (37 anos) com sua irmã: de amizade e cooperação.

⁶⁰ Gisela (40 anos), Cristiane (32 anos), Mariana (33 anos), Joana (33 anos) e Isadora (46 anos).

Os cuidados com o corpo e a mente

Faz parte da rotina dos sujeitos entrevistados, além do trabalho e cuidados com a casa, o lazer e os cuidados com o corpo e a mente. Muitos praticam esporte e alguns estão ou já estiveram engajados em processo psicoterápicos, corroborando com o que Giddens (1992) aponta como característica dos tempos atuais o interesse para a realização emocional em detrimento do crescimento econômico e da participação nas questões sócio-políticas.

Os sujeitos aqui entrevistados têm pouco engajamento político com exceção de Mariana (33 anos) e Isadora (46 anos) que participam de debates políticos. Mariana (33 anos) participa de discussões em um partido político de esquerda e desde a faculdade foi engajada em movimentos sociais principalmente os voltados para os interesses feministas.

Neste cenário de um individualismo marcante e pouco coletivismo, o eu é visto como um projeto reflexivo: “uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (GIDDENS, 1992, p. 41) conduzido por recursos reflexivos: terapias, manuais de auto-ajuda, tv, revistas e outros. Esta característica está presente nos sujeitos que participam de algum tipo de terapia (análise e psicoterapias de diversas modalidades): Cinco entrevistados fazem terapia atualmente. Dois homens já passaram por processo psicoterápico em algum momento de sua trajetória de vida. Estas pessoas vêem a terapia como um processo de busca pessoal que pode ter continuidade fora do consultório quando a pessoa aprende a se questionar sobre suas crenças e seus comportamentos.

A característica de reflexividade esteve presente nos participantes desta pesquisa que se colocaram numa posição de refletirem sobre suas experiências passadas e reverem alguns conceitos que impediam que tivessem uma qualidade de vida melhor. Felipe (29 anos) pode representar estes sujeitos, em momentos na entrevista que ele retrata suas reflexões acerca dos motivos que o leva a estar solteiro e de como lidou e lida com esta situação. Marcos (44 anos) também se faz este tipo de questionamento:

Eu tenho relacionamento, mas é... passageiros, assim. Passageiros, não, mas é... não tem continuidade. Mas eu já, já... é... como é que eu posso dizer?... eu já não encasqueto tanto com isso. Tinha momentos que eu já falava assim: ah, meu Deus! O que é que ta acontecendo, tê tê, tê, comigo? O que pode ta acontecendo? Por que não dá certo? Essas coisas que as pessoas ficam assim, questionando. Eu não! Isso... é... é, ta, parece uma coisa comum. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

É... eu sempre, toda relação que eu tenho, do trabalho, de amigos, se com namorada, se tem algum estresse, eu aprendi a sair, a ir, ficar no ar, ver o que

aconteceu. Eu tento identificar de uma forma bem fria, o que é que aconteceu. E volto, verifico o que aconteceu, pra ver onde eu errei, e eu tento me justificar, e eu... Com amigo, com trabalho... não sou perfeito, agora eu me trabalho muito pra evoluir. Sempre, sempre, sempre. Não na velocidade que eu gostaria que fosse, mas eu me trabalho todo dia. (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

A busca do cuidado com o corpo foi referida por doze dos entrevistados que praticam esportes como musculação, dança, natação e caminhada. Destes, oito são homens que costumam praticar mais de um esporte, inclusive nos finais de semana como mais uma atividade de lazer.

O corpo para Giddens (1992) é o domínio da sexualidade e assim, está intensamente impregnado de reflexividade. É portador de auto-identidade e está integrado nas decisões individuais do estilo de vida. E inserido em uma cultura mercadológica globalizada, o corpo é visto também como objeto de consumo, como um instrumento de prazer, vendido como um atrativo importante para encontros sexuais momentâneos, já que estes são focados no interesse imediato e no desejo suscitado pela primeira impressão, pela “química”, pelo “*feeling*” como discutem Gillebaud (1999) e Chaves (1997) e Andrade (2004).

Grace (37 anos) explicitou este significado do corpo como objeto de consumo entre as pessoas solteiras, principalmente as jovens homossexuais. Ela critica este ideal de beleza que é acompanhado de acessórios comercialmente vendidos como elementos que estão “na moda” que acabam sendo incorporados à identidade pessoal e de gênero situada em grupos e até em guetos específicos. Em sua fala:

Alguns que estão mais velhos e que perderem entre aspas, o valor de mercado deles, aparentam mais idade, ou não tem um corpão, né! Porque a moeda é juventude, beleza, é ter um corpo malhado, roupa da moda. A moeda que eu falo é do meio gay que eu convivo, né? (Grace, 37 anos, homossexual, baiana, parda, produtora de eventos)

Em observação de campo na barraca de praia Marguerita (na praia do Flamengo no bairro de Stela Maris) a entrevistada Cristiane (32 anos, espanhola), comentou que nunca tinha visto tantas pessoas bonitas e com corpos malhados, o que ela não costumava ver no seu país de origem. Isto a fez ter mais vontade de se cuidar, de frequentar academia de ginástica. Antes ela não tinha esta preocupação e nunca se incomodou com seu corpo como agora.

Os espaços de lazer para as pessoas solteiras

Em Salvador, as pessoas solteiras entrevistadas relataram os principais espaços onde elas circulam. Nestes espaços, códigos, estilos de vida e identidade são criados e recriados o tempo todo. Aqui serão descritos os espaços de lazer. O lazer é considerado por Vaitsman (1994) como um importante aspecto em torno do qual se constrói a identidade, e está vinculado aos ideais de consumo, signos e imagens num contexto social “pós-moderno”:

A identidade pós-moderna se constrói mais em função do lazer, tornando-se um jogo escolhido mais livremente, uma apresentação teatral do ego, uma apresentação de si através de uma variedade de papéis, imagens e atividades. (VAITSMAN, 1994, p. 50)

O lazer é parte imprescindível na vida dos sujeitos da amostra, e é um dos critérios que definem as especificidades em torno da classe média e dos estilos de vida, quando as pessoas optam por frequentar programas culturais – teatro, cinema, bares e shows voltados para um público de artistas e intelectuais – ou as que seguem os modismos locais (bares, boates e praias que estão no circuito da moda e geralmente tem preços elevados). Os espaços de lazer também falam de identidades nos aspectos sexuais e geracionais quando há locais destinados a um público gay, a um público adulto jovem e outros segmentos.

Apesar de Salvador contar com uma variedade de atrações de lazer, Prates (2005) observou que esta cidade ainda está aquém do padrão cultural de grandes metrópoles, porque conserva um apego aos elementos regionais, “da terra”, valorizando a cultura negra e comparada com outras grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, é limitada em opções de lazer, “seja em relação à música, vida noturna, teatro e até mesmo cinema⁶¹” (PRATES, 2005, p. 147).

Considerando estas questões, a amostra aponta duas tendências: um público que se interessa por espaços do circuito “alternativo”⁶², ou os voltados a programas culturais e os que preferem os do circuito da “moda”⁶³ que são bares, boates e as praias voltados para um público de classe média-alta. O trânsito entre um ou outro espaço vai depender não somente do poder aquisitivo, e sim do estilo de vida, dos gostos pessoais, por exemplo, Luana (37 anos) tem preferência por frequentar bares e cinema alternativos que geralmente tem pouco custo financeiro, mas eventualmente realiza viagem para fora do país.

⁶¹ No que se refere ao número de salas de cinema, por exemplo, Salvador possui menos da metade das salas de exibição de filmes do que Rio de Janeiro ou São Paulo, segundo Prates (2005).

⁶² São eles: Luana (37 anos), Mariana (33 anos), Isadora (46 anos), Joana (33 anos), Gisela (40 anos), Cristiane (32 anos), Daniela (29 anos), Grace (37 anos), Alex (37 anos), Felipe (29 anos), Paulo e Tiago (23 anos)

⁶³ São eles: Ana (44 anos), Antônia (38 anos), Ricardo (30 anos), Rui (34 anos), Marcelo (44 anos) e Marcos (43 anos).

O circuito “alternativo” da cidade é constituído por programas artísticos e culturais como teatro, os cinemas conhecidos como “alternativos” como o “Cinema do Museu” (Corredor da Vitória), os cinemas no Pelourinho ou nos Barris, ou shows na Concha Acústica (Campo Grande) voltados para um público mais intelectual, que gosta de música popular brasileira (e de alguma forma critica o comercial axé music).

A praia que foi citada como fazendo parte deste circuito foi a do Porto da Barra, principalmente durante a semana ou nos sábados pela manhã, quando há uma menor quantidade de pessoas, o que facilita o encontro com amigos, a prática de esporte ou apenas deitar e dormir, como Alex (37 anos) gosta de fazer.

Os bares citados pelos “intelectuais” da amostra, foram os localizados no bairro do Rio Vermelho como o “Pós-Tudo”, o “Buteco do França”, os bares onde situam a Dinha e Cira do Acarajé. Há também os chamados “butecos” localizados perto da residência de quem os frequenta, como o faz Tiago (23 anos), que são voltados para estudantes universitários e para quem quer sentar e conversar com os amigos, comer e beber bem e pagar pouco.

A situação financeira e os gostos pessoais permitem que uma parte da amostra estenda seus territórios para além de Salvador, como as constantes viagens em períodos de férias, feriados relatadas por Marcelo (44 anos), Antônia (38 anos) e Rui (34 anos), e também para praias próximas a Salvador como Guarajuba, citada por Ricardo (30 anos) e Praia do Forte, como citou Marcos (43 anos). Os jovens de Salvador quando em períodos festivos, como São João e Reveillon, se deslocam para o interior do estado em busca de diversão em cidades que promovem festas mais propícias para as pessoas solteiras.

Em Salvador os espaços do “circuito da moda”, citados foram os bares “Bohemia” e o “Ócio do Ofício” (no Jardim Brasil) e outros situados nos bairros da Pituba e Rio Vermelho. Fazem parte deste circuito também alguns restaurantes, como o “Soho”, no Comércio ou os diversos restaurantes mais sofisticados, no bairro da Pituba, frequentados por Marcelo (44 anos) e Rui (34 anos).

Marcos (43 anos) citou também as boates que costuma frequentar como a Dolce e a Lótus, que estão no circuito “da moda” nos últimos anos. Ana (37 anos) também circula por estes territórios quando está solteira e Antônia (38 anos) gosta de frequentar bares dançantes, como o “Bambara” (no bairro Costa Azul), pois lá encontra pessoas da sua idade.

Os espaços também funcionam como demarcadores de identidade nos aspectos geracionais, sexuais, de estado civil, além da de classe. Assim, há espaços específicos para um público gay

como bares, boates e praias. Foi citado o bar⁶⁴ “Babalutin” (no Rio Vermelho) e a boate “Off Club” (na Barra) pelos homossexuais da amostra. Nestes espaços não há o constrangimento ou olhares “repressores” e preconceituosos das outras pessoas, como há nos espaços onde predominam os heterossexuais. Este olhar preconceituoso limita a expressão da afetividade entre homossexuais, dificultando o trânsito nos diversos espaços sociais da cidade. Assim, as

Como alternativa a estas limitações, André (28 anos), frequenta a casa de amigos e espaços gays da cidade:

no meu caso, não que eu não posso [demonstrar carinho pelo companheiro em público]. Eu não devo. É diferente. Então isso termina limitando os lugares que você vai. Você termina querendo com (/) normal, você gosta de alguém, você quer abraçar, beijar. Então você termina limitando a sua vida a lugares que você possa fazer isso. (André, 28 anos, homossexual, baiano, pardo, dentista)

[costumo demonstrar afeto] em casa, na casa de amigos. Não, na casa de amigos, não. Na casa de amigos gays que você tem mais liberdade e nos lugares gays daqui de Salvador (André, 28 anos, homossexual, baiano, pardo, dentista)

Em observação de campo feita no bar “Babalutin”, no bairro do Rio Vermelho (em julho deste ano), notei que mesmo em um espaço tipicamente gay, as subdivisões acontecem. O bar tem dois ambientes, um externo e um primeiro andar mais reservado. No bar há um telão onde passam *video clips* de músicas americanas, num ritmo de *dance music*. No ambiente externo estavam em sua maioria homens homossexuais, que se cumprimentavam com um rápido beijo na boca. Também casais mais reservados, que não trocavam carinho em público. No ambiente superior encontravam-se as mulheres, com trajes e comportamentos mais femininos e outras com aparência masculina, tanto pelo jeito de ser como pelo jeito de se vestir. Elas trocavam carinhos entre si, independente de estarem acompanhadas.

Este bar tem uma história de luta dos homossexuais para conquistar um espaço onde tivessem a liberdade de expressão, e houve um período que as pessoas que frequentavam este espaço fizeram um protesto contra a visão homofóbica da proprietária do estabelecimento, segundo Grace (37 anos):

⁶⁴ O circuito “gay” em Salvador tem concentração na Barra, mas também se espalha por outros bairros, de forma mais dispersa. Prates (2005) nomeou uma série de territórios frequentados por homossexuais em Salvador, como bares, boates, praias, lugares específicos no Carnaval. Sinaliza que os lugares frequentados pelos homossexuais são muito “misturados” (havendo todo tipo de segmento de homo e heterossexuais) e esta mistura, segundo a autora, fazia com que as pessoas desenvolvessem interessantes formas de diferenciação. Pesquisa de Nascimento (2007) também descreve os circuitos gays nesta cidade.

Os bares heterossexuais citados pela amostra foram “Buteco do França”, “Bohemia”, “Ócio do Ofício”, “Moema” e “Porto Brasil”; as boates heterossexuais foram “Borracharia”, “Dolce”, “Twist” (pub), “Lótus”, “Fashion Club”, “Zauber” (no Comércio), “Borracharia” (Rio Vermelho), “Miss Modular” (extinto), “Galpão” (extinto).

É um bar gay, mas não é por isso que eu vou lá. Porque antes eu sempre fui, assim, tem anos que ta ali, porque as donas são minhas amigas agora. E... antes eu não ia, porque eu não gostava da dona, e, também porque depois ela fez um... uma história de proibir rapazes de se beijarem e tal. Falou que não tinha interesse ter esse tipo de cliente aí, enfim, rolou a maior campanha, a gente fez um boicote ao lugar. E aí ele realmente faliu. Aí elas compraram o ponto e eu vou lá de novo. (Grace, 37 anos, homossexual, baiana, parda, produtora de eventos)

Prates (2005) relatou em sua dissertação, como os homossexuais eventualmente sofrem punições por expressarem afeto em locais públicos: No ano de 2003, um casal de lésbicas foi reprimido por se beijarem no “Bar Quixabeira”. Foi, então, organizada uma manifestação, o “beijaço”, onde vários casais gays se beijaram num determinado horário, defendendo o “direito ao beijo”. O bar fechou pouco tempo depois. Eventualmente retaliações deste tipo acontecem em Salvador.

Nos bares heterossexuais a dinâmica também é de delimitação de espaços mais reservados para os casais se encontrarem e os locais onde a disposição das mesas ou o balcão do bar permite a exposição das pessoas, facilitando a troca de olhares, a comunicação corporal que o movimento da paquera exige. Foi observada essa disposição em bares como “Bohemia” e “Ócio do Ofício” (no Jardim Brasil). O mesmo ocorre nas boates que observei, (“Fashion Club”, “Café Cancun” e “Dolce”), onde a disposição do espaço favorece a exposição de corpos que se encontram e trocam olhares e expressões, além do movimento corporal da dança estimulado pelo tipo de música, que são elementos que favorecem o encontro sexual, e segundo Chaves (1997), até facilitam este encontro. Para a autora:

A música também pode ser um bom estímulo em boates, seja para fazer com que os dois sujeitos se aproximem, seja ao levá-los a ficar bem perto um do outro para poderem ‘conversar’. A dança em si pode ser um enorme estímulo, um modo de seduzir o outro. (CHAVES, 1997, p. 49)

Os locais de lazer também são escolhidos, assim, visando encontrar um tipo de paquera adequado, com um estilo e situação social específico, como relatou Daniela (29 anos):

Olha, primeiro pra uma pessoa ir pra uma boate ela tem um nível sócio-econômico mais elevado né? .. Porque pra ir pra um barzinho toma uma cerveja qualquer pessoa pode ir, mas pra você entra numa boate já é mais caro. Primeiro existe uma seleção de idade né? Não entram pessoas menores de vinte e um anos de idade, então isso já é uma vantagem né? Tem alguns lugares que você vai que tem só pessoas, né? Menino muito novo e tal né? Muito abaixo da sua idade, então realmente num é interessante. Então quando você vai pra um show... um teatro... né? Alguma coisa mais, mais cultural ou uma boate que são, é um outro nível de pessoas que freqüentam (/) Acho que tanto na, no, tanto no nível sócio-econômico e cultural né? E quanto na questão da idade também. Então eu acho que a probabilidade é

maior de você encontrar alguém do seu perfil. (Daniela, 29 anos, heterossexual, baiana, branca, enfermeira)

As mulheres que querem encontrar um namorado ou alguém para ter um encontro casual, geralmente freqüentam os territórios citados. Já os homens acreditam que nestes territórios onde geralmente circulam pessoas que estão solteiras, não são propícios para encontrar uma namorada, porque as mulheres que os freqüentam não têm um perfil para namorar e devido à disponibilidade para um encontro momentâneo. Sobre esta opinião, Rui (34 anos) narra que em uma boate ou outro evento festivo, a aparência física vai ser o atrativo principal para o encontro amoroso. Este encontro tende a não ser duradouro porque é mais provável que não haja afinidade entre as pessoas por estas não fazerem parte do mesmo ciclo social. Considera ser mais provável que um relacionamento tenda a ser duradouro quando as pessoas pertencem ao mesmo ciclo de convivência social.

A demarcação dos espaços aqui é feita por linhas pontilhadas, permitindo que as pessoas tenham mobilidade entre estes. No entanto, o trânsito pelos diversos espaços não é uma tarefa confortável para muitas pessoas. Por exemplo, a circulação de pessoas gays por ambientes públicos fora dos seus guetos, requer restrições de contato físico – troca de carinho – limitando os espaços sociais e gerando mal estar pelo sentimento de não pertencimento. Ao visitar o bar gay Babalutin, o sentimento era justamente esse, de estar em um ambiente ao qual não pertença.

O mesmo sentimento de não pertencimento está presente nos adultos mais maduros que encontram poucas opções de lazer – bares e boates – voltadas para este público, já que predomina na cidade bares e boates voltadas para um público mais jovem, como observou Antônia (38 anos). Já os homens na faixa dos quarenta anos (Marcos e Marcelo) não sentem a mesma dificuldade e transitam em bares e boates onde também se encontra um público de adultos mais jovens, isto porque eles se relacionam com mulheres mais jovens, ao contrário das mulheres desta faixa etária que geralmente buscam encontrar homens da mesma faixa etária ou mais velhos. Estes, segundo comentários do senso comum, estão casados ou procurando mulheres mais jovens para se relacionar. Marcos (43 anos) relata os lugares que costuma freqüentar. Estes têm como público, as pessoas jovens (acima de vinte anos e abaixo de quarenta):

(costumo freqüentar) cinema durante a semana, algum barzinho, uma coisa rápida, sair mais de diversão mesmo, quinta ou nos fins de semana. (...) Ah! Porto Brasil, Moema, Twist, ah... pra dançar, na Lótus ou... Dolci, Caminho de Casa. Esses barzinhos, assim, esses lugares. (...)Praia, praia, praia! Como é que não vai na

praia? Praia... Praia do Forte. Adoro! Aqui em Salvador, Flamengo e Stella. (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

No espaço urbano, cabem espaços diversos onde os sujeitos transitam e expressam identidades, mas também ficam anônimos em espaços não-cívicos (BAUMAN, 2001), ou os não-lugares (AUGÉ, 2001), como os terminais dos aeroportos, os shoppings, etc., e em Salvador, estes lugares podem ser pensados nas multidões que se encontram nas ruas, becos e avenidas em dias de festas populares. Neste cenário, a expressão das sexualidades ganha espaço, supostamente de forma “livre”, já que no anonimato, aparentemente tudo é permitido. Por outro lado, o anonimato dos mega espaços urbanos⁶⁵, promove o silêncio social para olhar para as discriminações e segregações sociais de todo tipo, onde a diferença (quem foge do padrão heterossexual, branco, e que não tenha nenhum tipo de deficiência, que constrói um estilo de vida próprio) não é encarada como algo comum. Prates (2005) exemplifica a problemática em referência às vivências homossexuais:

a metrópole se revela um ambiente propício para a vivência da homossexualidade, por conta de fatores como o anonimato, que traz a possibilidade de encobrimento da sexualidade, considerada desviante, a multiplicidade dos estilos de vida, que acaba por favorecer o acomodamento cotidiano das diferenças, etc. (PRATES, 2005, p. 145)

As redes de relações sócio-afetivas

No espaço urbano, estas pessoas situadas em uma cultura globalizada, se organizam em redes que vão das relações estabelecidas com pessoas significativas do seu meio social como familiares, amigos e colegas de trabalho ou dos locais onde praticam esportes, às relações estabelecidas via tecnologias de comunicação como a internet. Alguns têm a religião também fazendo parte desta rede, como Gisela (40 anos) que encontra forças na sua crença para enfrentar as dificuldades do cotidiano e lidar com a vontade de ter um marido e filhos.

A relação estabelecida com estas redes tem um significado específico para cada um dos sujeitos entrevistados. A qualidade destas relações favorece o bem estar pessoal e auxilia no enfrentamento de dificuldades emergentes no cotidiano. As redes se estendem para além do ambiente doméstico-familiar e vão além dos espaços “reais”, sinalizando a característica da diversidade e falam do nível de complexidade presente nas relações humanas na atualidade.

⁶⁵ Recentemente a inclusão do “mega” no espaço urbano de Salvador pode ser representada pelo Shopping Salvador, inaugurado há poucos meses e que tem nas suas lojas e espaços de lazer esta característica.

As relações de amizade

Uma rede que se destaca entre as pessoas solteiras é a formada por amigos e colegas que é construída a partir de espaços específicos: os locais de esporte, de lazer, o local de moradia e o ambiente de trabalho. Há também os amigos de diversos tipos como os amigos de infância e os atuais, os grupos de amigos divididos por orientação sexual e por estado civil (os solteiros e os que têm relacionamento estável, comumente chamado de “casados”). Estes diferentes grupos e estilos de amigos fazem parte de diferentes espaços e situações vividas por cada entrevistado, e funcionam como apoios diferentes nas diversas situações, em destaque aqui o grupo de amigos divididos por “estado civil”.

A situação de estar solteiro ou com um relacionamento estável, possibilita tipos de apoios diferentes para as pessoas, opiniões diferentes sobre a situação de “solteirice” e o tipo de programa que se faz. Com os amigos solteiros frequentam-se os bares e as boates voltados para este público, e a permanência na vida de solteiro - que é uma vida cujo lazer está voltado para as festas e há uma maior disposição de tempo para estar com os amigos - é estimulada. Já os amigos que estão namorando, estimulam o abandono da vida de solteiro. Com estes amigos, outros programas sociais são realizados. Marcos (43 anos) e Ricardo (30 anos) exemplificam esta divisão:

Eu digo que eu tenho dois grupos de amigos, né? Um grupo solteiro. Um grupo solteiro. Eu tenho um segundo grupo de amigos que estão casados, né? e que eu tenho um carinho muito especial por eles. Os solteiros é que a gente sai pra praia, barzinho, restaurante, é aquele do, do que chama pra fazer farra e tudo, né?E... a outra turma, a outra turma que é mais de reuniões, de reunir mais com casais de reunir, entendeu? De reunir mais com casais (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

Os amigos que tão namorando, botam votos que eu encontre alguém. Os que tão solteiros né, botam lenha na fogueira! É por isso que são dois universos diferentes. De certa forma não se misturam! (Ricardo, 30 anos, heterossexual, paulista, pardo, analista de sistemas)

O grupo de amigos solteiros funciona também como uma rede de identificação com a situação de estar solteiro. Felipe (29 anos) sinaliza que pertencendo a um grupo em situação de igualdade, compartilhando as especificidades que a condição de solteiro lhe traz, ele não se sente diferente nem acha que está solteiro por uma dificuldade pessoal/individual. Este informante também sinaliza, assim como outros entrevistados que a rede de amigos tem um valor equivalente ao de um membro da família, constituindo um forte elemento para lidar com

as dificuldades da vida, principalmente nos momentos de tristeza e solidão, mas também para o compartilhamento de alegrias e conquistas:

É como eu falo: amigos é terapia, é brincadeira... eu sou muito de ficar contando as coisas. Eu narro muito as coisas que eu faço, mas pra isso eu tenho que confiar nas pessoas, pra saber que aquela pessoa é íntegra. Então, é... é uma família que a gente escolhe. Os amigos. Que a gente tem oportunidade de escolher. Porque aquela que você nasce, você não, não tem aquela interferência naquela família. Os amigos você escolhe. Você determina aqueles que você quer se relacionar, né? Eu acho importante por causa disso. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Algumas pessoas estabelecem critérios de afinidade para uma relação de amizade funcionar, com base em uma referência pessoal – do eu – buscando pessoas mais parecidas consigo. Outros têm critérios menos seletivos e estão mais dispostos a conhecer pessoas de diferentes jeitos de ser, como Grace (37 anos): “E, assim, eu adoro casa cheia, e tenho amizade com todo tipo de gente”.

No rol das relações de amizades, há as relações estabelecidas pelo uso das tecnologias de comunicação principalmente a internet e o telefone, que também funcionam como instrumentos de trabalho. O contato com pessoas por meio destas tecnologias funciona para diminuir o sentimento de solidão ou a falta de companhia de alguém para conversar, como apontou Rui (34 anos): “Mas eu nunca, eu nunca me sinto sozinho. Falo bastante no telefone, ligo pra família, pros amigos. Normal. Eu gosto de falar no telefone também à noite”. (Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, branco, engenheiro).

Velho (1989) chama atenção ao fortalecimento das redes de sociabilidade através da união dos indivíduos e neste lugar, as amizades e os rituais onde estes amigos se encontram, integram e incorporam os grupos. E em uma sociedade em constante abertura para novas redes de sociabilidade, “as amizades podem ser tão ou mais significativas do que os parentes, em termo de frequência de contato, apoio cotidiano e compartilhar de dificuldades” (VELHO, 1989, p. 28), o que permite abranger o universo relacional dos sujeitos contemporâneos.

As relações familiares

Sobre as redes de relações familiares, os sujeitos da amostra têm famílias com características diversas, condizentes com as tendências sociais atuais, a começar pela redução do número dos seus membros, com poucas exceções (Tiago tem 10 irmãos e Mariana, seis. Estes sujeitos são naturais do interior da Bahia). Há a presença de divórcios e recasamentos: sete dos

entrevistados têm pais separados, alguns com recasamento de um ou dos dois pais. O fator perda de algum ou os dois pais também esteve presente na configuração da família de sete dos participantes, gerando um re-arranjo neste sistema em que filhos tiveram que ser cuidados por avós (como Isadora), ou buscaram quando adultos⁶⁶, sua independência, como viveram Luana (37 anos) e Felipe (29 anos).

Para Vaitsman (1994), Giddens (1992), Castells (1999) a família sofreu transformações na contemporaneidade, mas o modelo de família conjugal moderna não foi substituído por uma família do tipo “pós-moderna” porque ela ainda é marcada pela dicotomia entre papéis. Para Vaitsman (1994) “o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas” (VAITSMAN, 1994, p. 19), o que pode ser percebido nos estilos de família dos entrevistados. Contribuiu para estas transformações o processo de modernização da família a partir dos anos sessenta e nas camadas médias urbanas e cosmopolitizadas, mais do que as de classe trabalhadora, havendo uma afirmação do individualismo, trazendo o igualitarismo em substituição da hierarquia na família e a diluição das atribuições de gênero (VELHO, 1989).

Nas famílias da amostra, os papéis de gênero se mostram diversos e flexíveis, onde muitas mulheres ocupam ou ocuparam (se falecidas) tanto as funções de mães e cuidadoras somente (como as mães de Rui, Marcelo, Marcos, Paulo, João, Alex, Ana, Gisela, Mariana e Isadora) e outras somam estas funções às atribuições exigidas no trabalho onde estão inseridas (como as mães dos outros sujeitos). Já os pais tinham como principal função na família a de provedor e se posicionavam de forma periférica, ou seja, pouco participativa, como os pais de André (28 anos), Felipe (29 anos) e Grace (37 anos). Para Grace (37 anos), seu pai não tem uma significação especial em sua vida: “meu pai é um zero à esquerda em minha vida” (sic.). Já os pais de Luana (37 anos) e Rui (34 anos) são participativos nas relações familiares e estimulam a independência dos filhos.

A qualidade da relação com a família de origem⁶⁷ varia de acordo com o posicionamento de seus membros, que se colocam como mais autônomos ou em busca desta autonomia⁶⁸

⁶⁶ Sobre o ciclo de vida familiar ver: CARTER, B e MCGOLDRICK, M. e cols. *As mudanças do ciclo de vida familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed., São Paulo, Artmed, 2001

⁶⁷ Família de origem se refere às pessoas que fazem parte da primeira geração de relações dos sujeitos: pais e irmãos, e pode incluir membros próximos como avós, tios e primos.

⁶⁸ A noção de autonomia tem relação com a de independência que para Beauvoir (1980) está ligada diretamente à independência financeira que permite um posicionamento das mulheres de forma mais participativa. E numa perspectiva feminista, podemos refletir sobre a relação da autonomia com o “empoderamento”. E com o olhar desde dentro da teoria familiar sistêmica, o grau de a autonomia ou de dependência emocional dentro das relações familiares, é analisado a partir da teoria boweniana. Segundo esta teoria, através do processo de

emocional e também financeira, ou, por outro lado, com posturas de mais dependência emocional⁶⁹. A postura de independência faz parte da realidade da maioria da amostra, já que foi também um dos critérios indiretos da seleção destes sujeitos. As pessoas que moram com amigos e as que moram sozinhas buscaram nestes estilos de moradia e concomitantemente, no estilo de vida que adotam em Salvador, uma vida independente e autônoma. Para alguns como Daniela (29 anos), Luana (37 anos) e Felipe (29 anos), a relação de distância emocional com a família de origem contribuiu para esta postura de independência.

Nem todos conseguem manter esta relação de independência. André (28 anos) e Tiago (23 anos) têm um vínculo forte com a figura materna: eles namoram além de outros motivos, para agradar sua mãe.

Foi percebido diferenças em relação a crenças sobre família e casamento vindas das famílias de origem dos sujeitos: as famílias interioranas principalmente, valorizam e cobram de seus filhos solteiros o casamento, diferente das famílias das pessoas provenientes de outros centros urbanos, como São Paulo, que educaram seus filhos ensinando-lhes privilegiar a carreira profissional e a não priorizar a vida conjugal. As diferenças entre estas famílias podem ser expressas nas falas de Luana (37 anos) e Mariana (33 anos):

A minha mãe fez a minha cabeça contra o casamento desde pequenininha. Ela dizia que se eu casasse, que ela não a convidasse porque ela não iria. Que isso era a pior coisa que uma mulher podia fazer, que casamento acabava com sua liberdade, que casamento não deixava você aprender (risos) a ser independente, que você tinha que ter uma carreira, que tinha que ter uma carreira, ter seu dinheiro, ser independente, ter seu trabalho, fazer suas coisas, fazer tudo sozinha. (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social)

A minha mãe me diz ainda hoje que estava bêbada, que estava fora da lucidez dela ter me deixado sair de casa, porque lá é muito comum as mulheres saírem de casa, casada (Mariana, 33 anos, heterossexual, baiana, interiorana, parda, pesquisadora)

A família aparece como uma rede de apoio significativa para cada sujeito, sendo ela um lugar de pertencimento destes sujeitos e ponto de referência para continuidade ou rompimento de tradições em torno da opção individual por um estilo de vida de solteiro ou a transição deste para qualquer outro estilo de vida, considerando que as escolhas que os sujeitos fazem não são estáticas.

diferenciação da família de origem, o indivíduo se coloca no mundo de forma mais autônoma e menos responsiva, na medida em que amadurece suas relações a família de origem. (ANDOLFI, 2002; NICHOLS & SCHWARTZ, 1998).

⁶⁹ Estes dados puderam ser colhidos quando os sujeitos falaram sobre estas relações familiares e seus posicionamentos perante esta família nos diversos aspectos da vida, como na opção pelo estilo de moradia, pela migração, as escolhas referentes ao âmbito das relações amorosas, para citar alguns aspectos.

As relações afetivo-sexuais

Faz parte da vida das pessoas solteiras em Salvador, o exercício da sexualidade, vivenciado nos diferentes estilos de relacionamentos adotados no decorrer do ciclo de vida, que não necessariamente seguiram um padrão fixo. Os estilos de relacionamento vivenciados pelas pessoas no passado foram citados como: namoros longos que duraram mais de dois anos (foram citados dez vezes pelos entrevistados), namoros curtos que duraram alguns meses (12 citações), “ficar” ou os encontros fortuitos (11 citações), dois homens foram noivos e um homem foi casado, mas nunca morou junto com a esposa⁷⁰. A fala de Antônia (38 anos) retrata esta diversidade de estilos de relacionamentos, adotados ao longo da vida, sinalizando a dificuldade de encaixar os sujeitos em padrões únicos de comportamentos:

Eu tive poucos relacionamentos, relacionamentos longos, cinco anos, seis anos, assim poucos relacionamentos, e passei nesses intervalos entre os relacionamentos muito tempo só, dois anos, três anos, seis anos, entendeu? Muito tempo também sozinha. (Antônia, 38 anos, heterossexual, baiana, parda, industrial)ria)

Meio à diversidade, alguns sujeitos seguiram duas tendências: prevalecer maior período de tempo com namoros longos como Ricardo (30 anos) e Cristiane (32 anos) e outras com namoros curtos como Luana (37 anos) e Isadora (46 anos).

Atualmente quatorze dos sujeitos entrevistados exercem a sexualidade através de relacionamentos ou encontros fortuitos, como o “ficar” em suas diversas modalidades: o “ficar” como encontro casual que envolve beijos e troca de carícias, podendo chegar ao ato sexual, desprovido de compromisso e de envolvimento emocional, prevalecendo o desejo momentâneo e o sentimento de paixão, como descrevem Chaves (1997), Andrade (2004), Andrade & Perlin (2003). Geralmente este encontro acontece em locais de festa ou outro ambiente de lazer. E esta prática tem sido comum para homens e mulheres. Nas palavras de Luana (37 anos):

você sai, tudo bem, paquera, bate papo, volta pra casa e pronto. (...) se eu achar uma segunda vez que vale a pena, para uma avaliação eu troco telefone. (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social)

⁷⁰ O homem aqui referido é Paulo (34 anos), que em sua trajetória de vida, teve um namoro que durou cerca de quatro anos e nessa relação um filho foi gerado. O casamento (no civil) aconteceu por vontade da namorada. Isto ocorreu no período em que ele estava terminando a graduação. Ele residia em república de estudante e nunca morou junto com a namorada. Apesar de o relacionamento ter chegado ao fim, eles não se separaram legalmente. Paulo relata que nunca se sentiu casado. Foi incluído na pesquisa por este motivo, também por morar sozinho e ter uma vida com autonomia e independência financeira.

Uma nomenclatura que tem sido muito utilizada para descrever este tipo de relacionamento fortuito é o “pegar” que tem uma conotação de maior imediatismo e de pouco envolvimento afetivo, mas tem um sentido e/ou função equivalente ao “ficar”. Nas palavras de Felipe (29 anos) o “ficar” e o “pegar” trazem esta mesma conotação: “Engraçado que o cara tinha uma namorada e também pegava o primo da namorada! (...) Aí ficou comigo também” (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista).

Outra modalidade do “ficar” é vivenciada por três sujeitos entrevistados, que tem um/a “ficante” mais “estável”, ou seja, uma pessoa com quem esporadicamente se encontra para um relacionamento amoroso, que pode estar funcionando como uma ponte para o namoro, mas que ainda não se caracteriza como namoro porque não há o comprometimento que este estilo de relação exige.

Cinco dos sujeitos têm namoros que estão no início (dois ou três meses de relação), e destes, dois homens tem namoros que duram mais de um ano, com características de um compromisso mais flexível onde os laços de fidelidade são frouxos.

Duas pessoas da amostra estão em uma relação amorosa assumindo o papel de amantes, o que gera em um caso, desconforto por não compreender ao certo qual é o seu papel na relação, no caso de Felipe (29 anos) que está envolvido neste relacionamento que envolve quatro pessoas⁷¹.

Um encontro que eu tive, aí chegou.. inclusive o cara tinha uma namorada. Engraçado que o cara tinha uma namorada e também pegava o primo da namorada! Pra você ver, uma pessoa bem... eclética. Aí ficou comigo também. Aí não sei qual é o meu papel nessa relação, aí também não tenho proximidade porque eu mantenho um distanciamento pra falar: ah, vamos curtir apenas! Até porque eu acho que não é um... uma coisa assim... eu não sei. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Pensando na característica dos relacionamentos esporádicos, o “ficar”, o “pegar”, o ser “amante” se aproximam apesar de suas especificidades, e tem assim, um papel central nestes estilos de vida mais contemporâneos porque atendem ao envolvimento rápido, veloz, sem comprometimento, com liberdade de escolha de parceiros e flexibilidade de exercício da sexualidade para homens e mulheres.

Outra forma de se relacionar muito mencionada foi a relação mediada pela internet, que possibilita o encontro no anonimato e este pode se estender para a “vida real”, como relataram Marcos (43 anos), Felipe (29 anos) e Grace (37 anos), que já experimentaram este tipo de

⁷¹ Felipe se relaciona com um homem que tem uma namorada e que também mantém um relacionamento esporádico com o primo desta namorada.

relacionamento, mas preferem conhecer pessoas na “vida real”. O contrário aconteceu com Daniela (29 anos) que manteve contato pela internet com pessoas que tinha “ficado” em alguma festa no período do verão em Salvador.

Grande parte das pessoas tem acesso a internet e utilizam sites de relacionamento como o “orkut” para manter contato com amigos, ou o *messenger* que permite a conversa em tempo real. Felipe (29 anos) tem um *blog* que é um site personalizado que permite postar fotos e mensagens diariamente. Relatou uma experiência de relacionamento amoroso pela internet, que se constitui para ele como um espaço em que a fantasia em relação ao modo de ser da outra pessoa criada durante o contato virtual, não foi atendida no contato real e a frustração aconteceu também por querer ter uma relação duradoura através deste contato:

eu acho meio fantasioso, assim, você pode falar o que você quiser. Mas, é... eu acho que eu tinha um 19 ou 20 anos. Aí você tem que criar aquela fantasia... com aquela pessoa. Mas foram relações que não duraram muito não. Teve um que eu me apaixonei, né? Mas depois, aí eu falei, “ah, não vale a pena”, assim. (...) Quando encontrou foi extremamente contrária ao que ela disse, né? Eu acho que encontrei umas três vezes, umas três vezes que como eu sou tímido, eu acho que o olhar é muito importante. E o contato físico, né? Mas eu, eu... aí eu falo assim, foram três vezes. Hum... mas teve um que eu pensei que poderia ter alguma coisa mais duradoura, entendeu? (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Esta diversidade de relações é possível em um contexto soteropolitano onde a cultura do Carnaval – período em que todo tipo de expressão sexual é mais visível, onde há a “livre” expressão das identidades pelas ruas da cidade e o clima do descompromisso com outra pessoa - perdura o ano inteiro, e foi observada pelos sujeitos entrevistados.

Felipe (29 anos) e Tiago (23 anos) relataram conviverem com pessoas se afirmam heterossexuais e tem prática homossexual, e não se afirma bissexual:

Tem um broder meu mesmo que é uma onda, o cara tá com uma mulher e vive apertado e sem dinheiro ai vai atrás de viado, depois fica dizendo “eu não sou viado não meu irmão”, eu disse: “meu irmão, o cara tá lá e você não é viado!” tá entendendo? Aí o cara vai por causa do dinheiro, eu não sei nem se tem relação amorosa numa onda dessa, depois o cara gosta e fica a vida inteira, a vida toda. (Tiago, 23 anos, heterossexual, baiano, pardo, *personal training*)

Foi observado pelos estrangeiros Cristiane (32 anos) e Alex (37 anos), que em Salvador as pessoas estão mais disponíveis para o sexo e que têm um comportamento mais “ativo” para isso, fazendo desta cidade palco de um cenário “pós-moderno” no que diz respeito à expressão da sexualidade de forma diversa.

Por outro lado, apesar da imagem de que na Bahia tudo é permitido, oito participantes desta pesquisa apontaram o quanto Salvador também é uma cidade conservadora e preconceituosa. Estes participantes são originários de grandes centros urbanos e, com um olhar de

“estrangeiro” para os costumes locais, observaram no seu ciclo de convívio social aspectos ainda voltados para uma cultura que valoriza a constituição de família, o casamento em um momento específico do ciclo de vida, criticando quem não está casado e não se “enquadrou” neste padrão. Observaram também que as relações estabelecidas no meio familiar e conjugal estão pautadas ainda em um “coronelismo” velado, apesar das conquistas das mulheres que buscaram a emancipação. Meio ao conservadorismo, ainda há pouca abertura social para a expressão da identidade sexual, quando não no período do Carnaval, na Parada Gay e nos espaços de lazer voltados para este público. As falas a seguir indicam os aspectos mencionados:

Eu achei Salvador mais conservador do que os gaúchos. Apesar de toda história dos gaúchos serem conservadores. Eu não sei se sou muito, eu só vou fazer uma leitura um pouco política. Eu não sei se foi isso ou se é só isso. Mas o PT de lá a base deles se firmou muito no movimento ecológico e no movimento lésbico e gay. Então, isso é uma questão, (...) na gestão da prefeitura. (...) na passeata gay tem famílias assistindo. (...) Essas coisas quem trouxe foi o PT, mas nem todo o PT. Essa coisa de movimento ecológico e pela livre expressão sexual. Esses dois pólos. E claro, do feminismo também. Esses três pólos acho que contribuiu para que Porto Alegre mudasse a mentalidade cultural. (...) No sul do país tem tantos gays como aqui. (Isadora, 46 anos, bissexual, sulista, branca, pesquisadora)

Em São Paulo a mulher tá muito mais igual ao homem em termos de comportamento (...) Aqui [em Salvador] as pessoas estão mais independentes, os dois trabalham [o homem e a mulher], mas o conceito [de coronelismo] existe disfarçado, tipo, o homem manda (Marcelo, 44 anos, heterossexual, paulista, pardo,engenheiro)

Projetos para o futuro

Fazem parte do modo de viver das pessoas solteiras, os projetos para o futuro. Estes têm a mesma característica da vida que os sujeitos têm levado: são imediatistas e focam no trabalho. As pessoas querem continuar na carreira ou mudar para um trabalho que promova a flexibilidade de horários e procuram investir no bem-estar pessoal visando realizar planos focados no lazer e outras atividades prazerosas. Foi comum entre as respostas a afirmativa de não haver planos para um futuro longínquo. Para retratar o imediatismo dos projetos para o futuro, Marcelo (44 anos) faz referência ao cantor Zeca Pagodinho:

Eu tava vendo uma entrevista aí de Zeca Pagodinho. Pô, (risos), pô, daí ele fala assim, ‘deixa a vida me levar’. Eu sou meio assim, eu nunca acabei traçando nenhum objetivo na minha vida não. De falar assim, ‘po, agora eu vou fazer isso aqui, agora eu vou conquistar isso’. Talvez de momentos mais imediatos né? Nada muito a longo prazo, nada muito de planejar. (...) É muito de imediatismo, muito de

deixar acontecer depois você vê o andamento da coisa. (Marcelo, 44 anos, heterossexual, paulista, pardo,engenheiro)

Em relação ao futuro da vida de solteiro/a, os sujeitos dividem suas opiniões a partir das experiências e práticas em torno da “solteirice” e das crenças sobre a vida conjugal e familiar. No geral não tem “engessado” um projeto de vida que envolva o fim ou a continuidade da vida de solteiro/a, porque não querem se fechar para novas experiências.

A vida de solteiro/a se mostra satisfatória para sete pessoas da amostra que não têm planos quanto ao casamento e/ou ao engajamento em qualquer tipo de relacionamento estável. Planos de casamento ou de filhos não fazem parte da vida de Isadora (46 anos), Luana (37 anos) e Grace (37 anos), por exemplo, que rompem com o que é comumente esperado para as mulheres e rejeitam a maternidade, também para Felipe (29 anos) e Alex (37 anos) que não tem planos para casar ou ter filhos.

Outras sete pessoas almejam ter um relacionamento estável, e por não estarem engajadas em um, no momento, se mostram insatisfeitas neste aspecto da vida amorosa, apesar de estarem satisfeitos em outros aspectos como no campo do trabalho.

Duas pessoas, Mariana (33 anos) e Rui (34 anos) não tem definido planos para casar ou ter filhos e deixam esta possibilidade em aberto, acreditando que com ou sem uma parceria amorosa, podem estar felizes.

As pessoas que tem namorado estão satisfeitos com a relação e não fazem planos quanto ao futuro relacional.

Aspectos das práticas, experiências e significados em torno da “solteirice” serão discutidos no próximo capítulo, para nos auxiliar a compreender estas escolhas.

Desde diferentes lugares, as pessoas solteiras que residem em Salvador, apontam para estilos de vida onde aspectos do contexto social atual estão presentes. As pessoas buscam, desde uma escolha individual, o bem estar pessoal nos diversos âmbitos da vida, incorporando a flexibilidade nos elementos que compõem a rotina, as relações sócio-afetivas, levando, assim, uma vida mais “solta” e fluida. Elementos novos de sociabilidade como o uso da internet, as relações de amizades com valores similares ao das relações familiares, e as novas formas de se organizar o espaço privado - com uso de tecnologias e flexibilização nas funções e papéis de gênero, para citar alguns dos principais elementos aqui discutidos, são incorporados nos estilos de vida das pessoas solteiras entrevistadas.

Capítulo 4

Os relacionamentos amorosos em tempos atuais: Rupturas e continuidades a partir de diferentes vivências de pessoas solteiras

Estão em destaque neste capítulo as vivências, práticas e experiências em torno da “solteirice”, olhando para elementos que indicam rupturas e/ou continuidades nos estilos de relações amorosas nas vidas das pessoas solteiras entrevistadas, considerando as relações de gênero e outros aspectos que se interrelacionam com esta categoria.

As “continuidades” se referem aos aspectos comumente presentes nas relações afetivo-sexuais, conjugais e nas relações de gênero, onde homens e mulheres se comportam seguindo padrões sociais pré-definidos para cada sexo, ou seja, comportamentos mais tradicionais ou convencionais. As rupturas se referem aos elementos que se diferenciam destes padrões e se aproximam das características da contemporaneidade, como a pluralidade, a flexibilidade nas relações de gênero, a velocidade e descartabilidade presentes nos relacionamentos amorosos para citar algumas delas já trabalhadas em capítulo teórico.

Para exemplificar, alguns dos padrões comumente atribuídos aos homens são: no jogo de conquista, cabe ao homem tomar iniciativa, ele pode ser infiel sem ser julgado de forma negativa, ele é o “garanhão”, o “conquistador”, é o provedor, é quem costuma praticar o sexo casual e sem compromisso, etc. Às mulheres cabe o papel de esperar que o homem tome a iniciativa em um jogo de conquista em que ela pode lançar olhares e fazer gestos que atraiam a atenção deste homem, mas a ela não cabe a primeira aproximação; são educadas a serem monogâmicas e toleram com mais facilidade a infidelidade masculina; elas mostram disponibilidade para cuidar dos homens (dar carinho, atenção, etc.), entre outros comportamentos que remetem a um ideal de mulher “virtuosa”.

Os dados apresentados são analisados a partir de reflexões sobre as principais práticas afetivo-sexuais narradas pelo grupo de pessoas entrevistadas: os relacionamentos temporários, representados pelo estilo de relação “ficar” e um relacionamento estável, o namoro.

O “ficar” tem sido um estilo de relação comumente praticado pelas pessoas solteiras da amostra, exercendo a função de atender vontades e desejos de ter um encontro amoroso sem o

compromisso que existe no namoro. Este estilo de relação envolve regras e comportamentos específicos (ANDRADE, 2004; ANDRADE & PERLIN, 2003) onde comumente as pessoas chegam ao ato sexual, diferente dos achados de pesquisas sobre o “ficar” entre adolescentes (WEINGARTNER et al., 1995; CHAVES, 1997) que comumente não inclui sexo. A prática do sexo casual entre as pessoas adultas pode se aproximar da prática dos adolescentes no sentido de que também estão conhecendo seu corpo e lidando com o exercício da sexualidade, mas com uma outra conotação, que é o acúmulo de experiência e a autonomia em lidar com a própria sexualidade, principalmente para as mulheres.

Entre os entrevistados, a prática do “ficar” recebeu diferentes conotações a depender de duas principais funções deste tipo de relação: atender necessidade de sexo e a função de ser um meio para se chegar a um relacionamento estável. Estas funções estão relacionadas a perspectivas de transformações no âmbito da intimidade, em crenças e concepções que envolvem a família e o casamento e serão discutidas aqui a partir das particularidades de gênero.

A vivência feminina do “ficar”

A prática do sexo sem compromisso nem envolvimento afetivo, que era aceitável pelo senso comum para os homens, agora passa a ter visibilidade e presença no universo de mulheres de classes médias urbanas.

A concepção de mulher solteira tem deixado de ser sinônimo de solidão e “encalhamento”, quando a maioria destas mulheres afirma não sentirem solidão e lidarem bem com a vida de solteira, porque priorizam o bem estar pessoal nos diversos aspectos do estilo de vida, como já discutido, e lidam bem com os relacionamentos afetivo-sexuais eventuais. Estas mulheres também têm uma rede de apoio significativa.

O “ficar” entra como alternativa de relacionamento para estas mulheres nas suas diferentes orientações sexuais, quando optam por um estilo de relação que possibilita a preservação da individualidade e evita conflitos decorrentes do processo de lidar com as diferenças de gostos, interesses, jeitos de ser da outra pessoa em um relacionamento estável. Numa sociedade contemporânea, abrir mão da individualidade e dos interesses pessoais tem se tornado uma tarefa difícil, devido à priorização do “eu”.

A opção por um estilo de relacionamento esporádico e a não-opção por um relacionamento estável, é feita no decorrer das experiências de vida. Luana (37 anos), por exemplo, passou por uma experiência de morar junto com um namorado por dois anos e os entraves

decorrentes da relação principalmente no que diz respeito ao envolvimento de um na vida do pessoal do outro, a fizeram optar por relações amorosas com menos compromisso. Acredita que a individualidade deve ser preservada e nas relações, os problemas pessoais devem ser resolvidos de forma individual e com ajuda de terapia:

Eu prefiro ficar com o mesmo terapeuta durante anos. (risos) eu vou amadurecer mais, vou ficar mais tranqüila do que ficar com um namorado que vai ficar nin nin nin, picuinha daqui, picuinha dali (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social)

As mulheres entrevistadas que adotam o “ficar”, o fazem também para atender necessidade de ter sexo sem compromisso. Com esta prática, Luana (37 anos), Isadora (46 anos), Grace (37 anos) e Antônia (38 anos) desconstroem tabus e preconceitos em torno da prática do sexo sem afeto, quando compreendem que a relação sexual é um elemento importante na vida das mulheres e que esta prática não está necessariamente atrelada a um sentimento, porque depende também da vontade momentânea, do tesão e do desejo. Como Chaves (1997) discute, o sentimento de paixão pode estar presente no “ficar” e este tipo de relação envolve o que Giddens (1992) chama de amor confluyente, que é um tipo de amor desvinculado do sentimento, da maternidade, e exercido de forma mais livre e plástica.

Isadora (46 anos) retrata a prática do sexo casual como algo que não a preocupa e que tem a ver com sua vontade:

Eu nunca tive essas preocupações de não transar na primeira noite. Isso nunca passou pela minha cabeça. Ou achar, o que os outros vão pensar em relação a isso? Também não (...) eu ia fazer o que tinha vontade na hora. (Isadora, 46 anos, bissexual, sulista, branca, pesquisadora)

O “ficar” acontece de forma ocasional quando as mulheres saem com amigos e sentem-se atraídas por alguém que faça parte deste ciclo. Também acontece de forma “voluntária” quando as mulheres saem na intenção de encontrar alguém para ter uma relação sexual casual, buscada geralmente em ocasiões de festas, em boates ou bares, onde as pessoas comumente estão mais disponíveis para este tipo de encontro.

Grace (37 anos) que é homossexual vê o “ficar” como sendo uma prática muito comum entre grupos de pessoas gays e lésbicas principalmente entre as mulheres mais jovens, que segundo ela, exercem o encontro sexual sem compromisso com maior visibilidade e de forma contínua, priorizando a quantidade de parceiros sexuais mais do que a qualidade nestas relações, o que é

discutido por Bauman (2001b). E entre as pessoas (gays) que estão namorando, segundo Grace (37 anos), é comum o sexo fora da relação e o casal conversar sobre isso.

Na prática bissexual, a escolha de parceiros se dá a partir do interesse pela pessoa independente se é homem ou mulher, e Grace (37 anos) que se identifica como homossexual, também adota esta prática. A abertura para a prática sexual com o mesmo sexo ou com ambos, torna a sexualidade mais plástica do que entre as mulheres heterossexuais, considerando a noção de plasticidade de Giddens (1992) e sua observação sobre o comportamento das pessoas homossexuais.

Os aspectos mencionados fazem do “ficar” um tipo de relação que tem característica de consumo, porque a troca de parceiros é constante. Assim, o investimento em uma relação estável encontra barreiras porque a possibilidade de conhecer uma pessoa mais interessante é alta e a vontade de conhecer outras pessoas (foco na “quantidade”) impede que haja um investimento afetivo em uma pessoa. Nas palavras de Grace (37 anos):

(...) essa lógica consumista ela atingiu esse, esse campo da vida, entendeu? Então hoje as pessoa querem muito, entendeu? Querem mais quantidade mesmo. A quantidade se tornou a qualidade, sabe como é? Tipo, hoje em dia, você quer, (/) as pessoas querem alguém hoje, alguém amanhã, alguém depois. Querem um homem, querem uma mulher, querem dois homens, querem duas mulheres. Querem ir pra cama com os amigos, entendeu? Eu não acho errado. Eu me sinto, inclusive, contaminada por isso. Então eu, nunca tenho coragem de apostar porque acho que tem uma coisa melhor aí na frente, né? (Grace, 37 anos, homossexual, baiana, parda, produtora de eventos)

A busca por quantidade pode sinalizar também uma mobilidade no terreno das relações, onde a autonomia de escolha por parceiros é uma possibilidade não vivenciada em épocas atrás, onde as pessoas – falando especificamente as da classe média ou da burguesia – mantinham relacionamentos estáveis monogâmicos por um período longo, mesmo estes não sendo satisfatórios.

Os relacionamentos estáveis foram criticados pelas mulheres citadas, por restringirem a liberdade e a autonomia individuais, exigindo da mulher uma postura que mostrasse dependência do homem ou de outra mulher (nas relações lésbicas). Esta postura vai de encontro às de independência e autonomia que caracterizam a mulher mais contemporânea como as que foram citadas aqui. Luana (37 anos) descreve como comumente as mulheres, se quiserem namorar, tem que voltar a um padrão de dependência masculina, e que a postura da mulher “moderna⁷²” não se encaixa na proposta do namoro:

⁷² O termo “moderna” está sendo utilizado aqui por ser comum no cotidiano, que se refere e caracteriza as mulheres contemporâneas que fogem do padrão de mulher tradicional (mãe e dona de casa) e se aproximam da construção de um modelo mais atual de mulher que é independente e mais autônoma.

é fazer a coisa de, “eu preciso fazer coisas com você”. Eu acho que essa coisa de muito, “você faz o que você quiser, o que está na sua cabeça”, eu não sei. Eu to te dizendo agora a teoria nativa. O comportamento masculino. (...) eu tenho a impressão de essa coisa de ser muito independente, seria a palavra. Essa coisa de dizer muito, ‘eu não preciso de ninguém, (...) eu não preciso de ninguém pra ir ao cinema comigo, de esperar o cara me ligar pra sair’. (...) na verdade eles não vão comprar a sua conversa. Eles acham legal, saem, se diverte, transam e eles não precisam aparecer. (Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social)

Estas mulheres acreditam que em um relacionamento deva haver o respeito à autonomia e a liberdade, preservando a individualidade de cada um dos pares envolvidos. Foi recorrente durante as entrevistas a disposição para abrir mão da rotina somente por alguém que “valha a pena”, ou seja, alguém por quem o sentimento de afeição – amor, paixão – seja muito forte, somado à pessoa ter gostos parecidos ou estar disposta a acompanhar o ritmo de vida do/a companheiro/a. Esta busca por uma pessoa que “valha a pena” pode estar apontando uma reatualização dos ideais de amor romântico, onde as pessoas esperam por alguém que irá trazer um sentimento de completude afetiva, que irá atender aos ideais e expectativas em torno deste ideal de pessoa para amar. O que acontece agora de algo diferente e contemporâneo, é que esta espera por um modelo de relação é feita de forma autônoma, e não está amarrada a um destino para a mulher, que agora tem outras funções sociais diversas, e ocupam espaços conquistados independente de um projeto de conjugalidade.

Concomitante à prática do “ficar” e aos questionamentos em torno dos relacionamentos estáveis, há críticas em torno da maternidade como fazendo parte do destino feminino, ou da condição feminina. Os questionamentos em torno da maternidade como destino feminino, foram promovidos pelas feministas e os avanços no campo da tecnologia reprodutiva, vem dando um outro significado à maternidade, que agora legitima a opção de vê-la como uma escolha da mulher e não uma obrigação.

Esta crítica aparece nos relatos de Isadora (46 anos), Grace (37 anos) e Luana (37 anos), que optaram por não ter filhos porque não se identificam com a maternidade. Antônia (38 anos) quer ter filhos e pensou em ter um que fosse fruto de um casamento. No entanto, sua trajetória de vida a levou a optar atualmente pela adoção de uma criança, já que não encontrou um parceiro ideal para se casar. Sua vontade de exercer a maternidade agora não está atrelada a um casamento e devido à sua idade, teme não ter condições biológicas de parir.

A concepção de autonomia e de ter uma vida independente, rompendo com padrões de família e casamento faz parte do estilo de vida construído por Luana (37 anos) e Isadora (46 anos) que incorporam no seu modo de viver aspectos próprios de grandes centros urbanos (elas conviveram a maior parte da vida em grandes capitais no sul e no sudeste do país), onde as

tradições familiares perderam a força. Apesar dos seus pais⁷³ terem tido uma relação conjugal duradoura e feliz, eles não costumavam seguir tradições cuja relação com a família extensa foi pouco desenvolvida. Segundo Luana (37 anos): “eu lembro que minha mãe adorava repetir assim, que família quantos mais quilômetros tiver no meio, melhor fica. (...) família pra gente era só aquela coisa assim, das festas” . A concepção de casamento também era criticada e havia em detrimento do projeto de vida conjugal, o incentivo para o investimento na carreira profissional.

Outra experiência significativa para o rompimento com tradições em torno da família e do casamento, foi a admiração por posturas políticas de esquerda, que questionavam padrões de comportamento hegemônicos. As mulheres citadas conviveram com pessoas que pertenciam a partidos de esquerda ou grupos de anarquistas e outras facções esquerdistas.

Grace (37 anos), Isadora (46 anos) e Luana (37 anos) têm referências de mulheres (mães) que estavam inseridas no mercado de trabalho, com postura que incentivava a autonomia e independência das mulheres em relação aos homens e uma referência de pai participativo (no caso de Luana), diferente dos padrões tradicionais.

Isadora (46 anos) e Grace (37 anos), por outro lado, tiveram referência de uma figura paterna ausente. Grace (37 anos) não admirava a postura do seu pai porque ele era uma figura pacata, passiva, pouco participativa, apesar de admirar o universo masculino mais do que o feminino: “Meu pai é um zero à esquerda na minha vida. Não somos brigados, mas ficamos anos sem se ver, mas quando a gente se vê também, não, não tem nenhum... nós não somos próximos”. (Grace, 37 anos)

Grace (37 anos) teve referências familiares menos tradicionais. Tem forte identificação com sua mãe cuja postura era “menos feminina” para os padrões da época, ou seja, ela era uma mulher trabalhadora, uma mulher que tomava iniciativa, diferente do seu pai que era uma pessoa passiva e pouco participativa. Foram referências importantes os papéis masculino e feminino presentes nos programas na televisão. Grace (37 anos) considerava as atividades masculinas como mais interessantes e buscando adotar estes comportamentos em sua prática cotidiana. O trânsito pelo universo gay também permitiu que ela questionasse o padrão hegemônico das relações de gênero e de exercício da sexualidade.

Outras mulheres fazem uso do “ficar” como um meio de encontrar alguém para um futuro namoro. São eles: Daniela (29 anos), Gisela (38 anos), Cristiane (32 anos), Joana (33 anos).

⁷³ As relações familiares foram tratadas aqui como importantes referências para a construção do gênero por serem uma primeira e significativa forma de aprendizagem social e relacional.

Estas mulheres pretendem se casar e ter filhos, mas não necessariamente nesta ordem. E por estarem solteiras não estão muito satisfeitos com a vida amorosa atual e encontram dificuldades para iniciar um namoro, relacionadas principalmente ao nível de exigência nas escolhas de parceiros e em lidar com a velocidade e transitoriedade nos relacionamentos.

O sonho de casamento para algumas mulheres é visto com descrédito pela rede social devido ao grande período que passaram solteiras e à idade (acima de trinta anos). No entanto, elas mantêm firme a vontade de constituir uma família, como Joana (33 anos) que tem o sonho de casar e Gisela (38 anos) que é uma pessoa religiosa e acredita que seu desejo de se casar vai ser realizado porque ela tem fé. Nas palavras destas mulheres:

todo mundo ri quando eu falo de casar de véu e grinalda. Mas eu gostaria muito de construir minha família, de ter filhos, isso faz parte, eu tenho muito medo, a idade me assusta. (Joana, 33 anos, heterossexual, mineira, negra, psicóloga)

Porque eu acredito mesmo que eu vou ter minha família, é um desejo que eu tenho assim e que Deus vai, sabe? Porque Deus, a bíblia fala que Deus tem, Ele sente prazer em realizar os desejos do nosso coração. Desde que você acredite, que você tem fé. Então Ele sabe que eu quero e não assim, porque num é um desejo assim, que eu tenho só porque “ah, eu tenho medo de ficar frustrada se eu num me casar”, eu já tive esse momento, e esse momento já passou em minha vida, o momento em que eu me senti frustrada. (Gisela, 40 anos, heterossexual, baiana, branca, pedagoga)

Estas mulheres têm em comum a origem interiorana, onde a valorização da tradição familiar está muito presente, mais do que em famílias de grandes centros urbanos. E mesmo Cristiane (32 anos), que é natural de outro país, tem uma cultura que se aproxima da vida tradicional de cidades do interior no sentido de priorizar as relações duradouras e almejar o casamento.

A migração para Salvador possibilitou o contato com uma cultura mais flexível e onde estas mulheres tiveram experiências diferentes das vividas em uma cultura mais conservadora, estabelecendo relações amorosas de diversos tipos e sem a finalidade de constituir família, apesar de almejarem.

Mariana (33 anos), por exemplo, nos primeiros anos de residência em Salvador, tinha um namorado que a propôs casamento, mas ela rompeu este relacionamento e priorizou a vida acadêmica. Neste período, ingressou na Faculdade e morou em residência universitária, onde as pessoas conviviam de forma democrática e onde teve experiências amorosas que tendiam à instabilidade e ao descompromisso. Foi também participando de debates sobre feminismo e nos movimentos sociais, que construiu posturas mais reflexivas em torno da posição da mulher na sociedade. Hoje suas relações amorosas tendem a horizontalidade, são focadas no diálogo e na negociação.

Na busca de um relacionamento amoroso, Daniela (29 anos) adota uma postura de mulher mais cosmopolita e “moderna”, como as mulheres analisadas no início do capítulo. Em observação de campo em um restaurante, ela conversava com as amigas sobre como a mulher deve se comportar para conquistar um homem: no jogo de sedução, deve deixar que o homem entenda que ele está tomando a iniciativa e ela não deve mostrar que está muito disponível, sabendo que é a mulher quem está no controle da situação.

As outras mulheres costumam “ficar” com homens que tenham mais afinidade e geralmente o sexo não acontece no primeiro encontro. Elas buscam conhecer mais a pessoa e desenvolver um sentimento afetivo, buscando a continuidade da relação. Esta prática está relacionada à cultura de origem das informantes. Cristiane (32 anos), por exemplo, é proveniente de uma cultura espanhola, na qual, os encontros amorosos seguem um ritual mais definido, onde, por exemplo, o primeiro beijo do futuro casal normalmente não acontece no primeiro encontro. No Brasil, esta informante tem se deparado com uma cultura diferente e apesar de ter experimentado beijar um desconhecido (que aconteceu por incentivo das amigas no período do Carnaval), esta prática não é algo que se sente à vontade de fazer.

Joana (33 anos) é proveniente de uma cultura mineira na qual, no senso comum, os encontros casuais são vistos como algo pouco praticado. Por questões pessoais que envolvem o auto-conceito – ela não se considera uma pessoa interessante para “ficar” – e também a vontade de constituir uma família, ela procura se envolver emocionalmente com os homens que conhece e tem mais namorados do que “ficantes”.

Eu não tenho isso, as coisas acontecem na minha vida, sem eu provocar, talvez em função da minha estima, eu não me considero uma mulher sedutora, uma mulher capaz de ir lá e conquistar é aquele que eu quero, é aquele que eu vou ficar, as coisas acontecem. Talvez seja um erro, de esperar muito que as coisas aconteçam, eu poderia ser mais protagonista nesses momentos, e fazer minha história, mas é meu jeito, não é jeito de mineiro, não é coisa de mineiro que não, não dá pra pensar que os mineiros são assim, pelo menos meus amigos, é um estilo de deixar as coisas acontecerem. (Joana, 33 anos, heterossexual, mineira, negra, psicóloga)

Na trajetória de vida de Gisela (40 anos), ela costumava “ficar” (geralmente com rapazes mais jovens) quando mais jovem. Após ter se dedicado à religião, esta prática ganhou outro significado, agora negativo porque a postura da mulher que “fica” vai de encontro ao ideal de mulher “virtuosa” descrito na Bíblia, e que agora ela procura seguir. Acredita que a mulher deve ser dedicada à família e assumir um papel complementar ao do homem (mulher cuidadora da família e o homem, provedor) e que um foi feito para o outro. Esta construção de gênero é o ideal de mulher buscado pelos homens entrevistados, porque condiz com um tipo

de mulher vista por eles como ideal para constituir uma família. Gisela (40) fala dos papéis complementares de homens e mulheres - modelo de relação heterossexual:

A coisa, assim, quando eu leio que Deus criou o homem, depois, assim, criou a mulher. Eu acho tão bonito, assim, como ele teve tanto amor, assim, com muito amor, realmente. Fez o homem e depois fez a mulher. Ele sabia, que “ah, você fala que não é bom que o homem fique só”. Então é uma coisa de Deus, uma coisa dele, né? (Gisela, 40 anos, heterossexual, baiana, branca, pedagoga)

As crenças construídas em torno das vivências do “ficar” refletiram as tradições familiares e posturas femininas voltadas para o papel de cuidadora. Joana (33 anos) e Gisela (40 anos) cuidaram de parentes doentes e se responsabilizaram por uma série de questões familiares. Gisela (40 anos) é um exemplo de mulher que exerce o papel de cuidadora também no trabalho como professora de crianças e em casa quando se coloca como responsável pela administração do apartamento, mesmo esta moradia sendo compartilhada.

Joana (33 anos) transferiu o forte vínculo que tinha com seus pais e com a sua avó quando eles eram vivos para a relação com seus irmãos e hoje tenta se desvincular da família de origem e definir melhor a sua função frente a esta família. O processo terapêutico tem ajudado na busca desta independência e a definir seu papel perante esta família, pois, por exemplo, ela tratava seus sobrinhos como se fossem seus filhos. Sintetizou toda a sua trajetória de vida – as cidades que já residiu, os namorados que já teve, os amigos conquistados, a relação com sua família e as conquistas no âmbito do trabalho – na seguinte frase: “acho que eu andei isso tudo em busca da minha própria família”. (sic)

Estas mulheres, na busca de realização da vontade de constituir uma família, têm vivido algumas frustrações no processo de busca de um namorado, porque não encontram homens que estejam disponíveis para se comprometer. Cristiane (32 anos) tem se assustado com a postura dos homens baianos, que diferente dos espanhóis, não prometem o que cumprem. Por exemplo, eles prometem ligar para que possam sair uma outra vez, mas não telefonam. Esta é uma postura comumente adotada pelos homens quando estes não querem se comprometer.

A busca por um namorado acontece de forma diferente a depender da faixa etária da mulher. Foi percebido que entre as mulheres mais jovens, esta espera acontece de forma ansiosa, menos do que para Gisela, que tem 40 anos e mostra tranquilidade em lidar com esta espera, sinalizando que o acúmulo de experiência da maturidade auxilia neste processo.

A vida destas mulheres, apesar da expectativa em encontrar um namorado e constituir família, não gira somente em torno deste projeto. Elas investem na carreira profissional, fazem planos neste campo da vida, e esperam conciliar este investimento com a vida familiar no futuro.

A vivência masculina do “ficar”

Os homens também vivenciam o “ficar” como uma alternativa para satisfação de necessidades sexuais. Esta é uma prática social que já fazia parte de modelos de uma masculinidade mais hegemônica e tradicional. Os entrevistados que praticam o “ficar” sem uma finalidade de encontrar uma namorada ou um namorado (no caso dos homossexuais) são Rui (34 anos), Marcos (43 anos), heterossexuais, Alex (37 anos, Bissexual) e Felipe (29 anos, homossexual). Ricardo (30 anos, heterossexual) tem praticado o “ficar” agora que está sem namorada, mas acredita que irá começar a namorar assim que encontrar uma pessoa interessante.

Aos homens é incentivada a prática sexual constante, sem que esta esteja vinculada ao sentimento afetuoso ou amoroso. A novidade apresentada pelos homens heterossexuais da amostra aqui citados, está na relação que estabelecem com mulheres que se colocam com uma postura mais “ativa” na relação, e na percepção destes sobre alguns aspectos dos relacionamentos amorosos atuais, como a velocidade com que estes se iniciam e que a intimidade e o envolvimento afetivo acontecem.

A postura de independência feminina e uma maior disponibilidade para o sexo têm “assustado” os homens que perderam com isso, o seu papel de “conquistador”. Giddens (1992) discute como os homens têm acompanhado de forma lenta as mudanças de posturas das mulheres decorridas principalmente a partir das lutas e debates feministas. Gutman (1997) na mesma direção considera que os homens pouco mudaram, apesar dos avanços do feminismo. Os homens tendem – ainda – a ter uma imagem feminina paradoxal, buscando dois tipos de mulheres que não podem ser encontrados, no imaginário deles, em uma só mulher: a mulher “virtuosa” e a “perdida” (como discute Giddens, 1992), ou seja, uma mulher com a feminilidade construída sob um modelo “mariano”, que é a mulher dedicada à família e um outro tipo de mulher que tem mais disposição para o sexo, desvinculada da maternidade e despreendida de pudores.

A construção de gênero em torno da imagem feminina foi discutida por Scott (1998) quando apontou a importância de simbologias que falam de uma feminilidade referenciada por imagens paradoxais como as figuras de Maria e de Eva. Neste sentido, os homens entrevistados relacionam a mulher solteira contemporânea que é uma mulher disponível para o sexo, autônoma e independente, que frequenta festas e bares direcionados para as pessoas solteiras, como um tipo de mulher ideal para “ficar”, mas não para namorar. Podemos refletir que este tipo de mulher ameaça a função masculina desde que as mulheres se colocaram em

patamar mais igualitário em relação aos homens, deixando de adotar comportamentos de submissão. Nas palavras de Ricardo (30 anos) e Paulo (34 anos):

[as mulheres que encontro para “ficar”] “são mais atiradas. São... é... andam mais em grupos, é... geralmente são mulheres mais independentes financeiramente falando ou.. socialmente falando. (Ricardo, 30 anos, heterossexual, analista de sistemas)

os homens tem sim um perfil de mulher, mulher na concepção dos homens pra casar é a mulher tradicional, uma mulher mais tranqüila, sei lá, mais passiva, uma mulher mais passiva atrai mais o homem pra casar, a mulher mais independente, mais, que dialoga, que argumenta eu acho que a maioria dos homens tem medo. (Paulo, 34 anos, heterossexual, baiano, pardo, economista)

As mulheres “modernas” têm participação ativa na escolha de parceiros para se relacionar e têm ficado cada vez mais exigentes nesta escolha, segundo a percepção dos homens entrevistados. Estas mulheres tem também disponibilizado menos tempo às relações amorosas por priorizarem a carreira profissional, o que gera um desafio importante para os relacionamentos atuais. Nas palavras de Marcos (43 anos) e Rui (34 anos):

Pra mim, tem duas situações que eu to vendo .. hoje, né? Uma: essas mulheres que estão voltando a ficar solteiras. As separadas. E eu to sentindo que tem algum grupo, um pequeno grupo de meninas, de mulheres que tao se envolvendo com a profissão e esquecendo da vida... elas ficam muito exigentes, que profissionalmente ela é competentes, de competência, né? De, de, fazendo mestrado, escrevendo livros, né? Se envolvendo com, com, com, com, é... com pesquisa, desenvolvendo, é... e.. dirigindo empresa, entendeu? E que começam a ficar exigente pra querer ter um namoro, querer ter uma relação do mesmo nível, entendeu? Então elas externam essa exigência na relação a dois. E, fica complicado! (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

Porque hoje em dia ta muito complicado, não é? Hoje em dia, é, antigamente quando, por exemplo, as pessoas tinham mais tempo livre, a mulher não tava no mercado de trabalho, eu acho que você tinha mais margem pra, pra manobra, pra as pessoas se conhecerem. Hoje acho que as pessoas têm menos manobra pra proceder. (Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, branco, engenheiro)

Concomitante à postura da mulher “independente”, outro fator que tem dificultado as relações amorosas é o ritmo acelerado com que estas acontecem. As mulheres se colocam disponíveis para o sexo no primeiro encontro e a participação da vida de um parceiro na do outro acontece de forma rápida. Por exemplo, em uma semana que as pessoas se conhecem, os dois estão viajando juntos ou participando de reuniões em família. Outra situação relatada por Marcos (43 anos), Rui (34 anos) e João (41 anos): em poucos meses de namoro, a parceira fez uma proposta de casamento, considerada como inesperada para estes homens. A incompatibilidade

em termos da noção do tempo necessário para que um casamento (formal ou informal no caso do morar junto) aconteça, gera desencontros. Estes três homens quando receberam a proposta de casamento, romperam a relação porque queriam ter mais tempo de namoro para terem a certeza que aquela mulher seria ideal para casar.

A característica de velocidade está relacionada à descartabilidade quando uma relação amorosa se inicia e termina de forma fugaz, dando início a um novo ciclo de relações. A postura mais ativa das mulheres – que se colocam mais disponíveis para o sexo e querem sentir prazer ou que, como nos exemplos, tomam a iniciativa de “pedir a mão (do homem) em casamento” – tem contribuído para reformulações nos rituais de conquista e comportamentos em torno do encontro amoroso e do ritual de passagem para um casamento. Agora este encontro acontece de forma mais rápida. Esta característica é possível em uma sociedade onde o tempo presente é o que existe (SEVERIANO, 2001). A velocidade do encontro tem feito os homens repensarem antigos modelos em torno do “sexo na primeira noite”. Marcos (43 anos) traz à tona o questionamento sobre o primeiro encontro: “se há tanta permissividade no primeiro encontro, o que resta para se fazer no encontro seguinte?” Este tema é assunto em conversas deste informante com seus amigos e todos, segundo ele, demonstram sentir falta de um tempo maior de conquista e descoberta entre as pessoas que estão se relacionando para que a relação tenha maior qualidade, o que parece ser um pedido ao retorno da função masculina de “conquistador”. Mas, se o tempo que existe é o presente e o hedonismo faz parte da cultura atual, como adiar o prazer? Nas palavras de Marcos (43 anos):

Eu acho que as pessoas, assim, se envolvem numa velocidade muito grande. Muito rápido. As pessoas precisam frear um pouco. Não como era há 50 anos atrás, mas hoje, é muito rápido. Muito. Muito, muito, muito me... me assusta. Tanto que o questionamento hoje é o que: você sai a primeira noite, você vai transar ou não?(...) (para os amigos) Uns acham que é normal, outros acham que não, que não é, não é... que é falta de valorização, que é falta de conversa, que vai logo pro... entendeu? Se dividem, tanto homem quanto mulher. (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

Os paradoxos são vivenciados no “ficar” quando quem o pratica como meio de satisfazer necessidades momentâneas de sexo, sente falta do afeto e do envolvimento pessoal. Esta necessidade de afeto foi referida por este informante, quando afirma que nas relações momentâneas há “só prazer e diversão. Somente. Acho que, de enriquecimento, de crescimento do relacionamento, muito pouco. Muito pouco.” (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário). Isto mostra que os homens, ao contrário da construção no imaginário social, também buscam relações amorosas mais afetuosas.

A falta de envolvimento afetivo e também a presença do envolvimento com o sentimento de paixão, por exemplo, são os riscos enfrentados pelas pessoas solteiras. Sobre o risco de se apaixonar, Felipe (29 anos), que tem uma vivência homossexual, de uma forma reflexiva, fala deste sentimento – que também é referido por outras pessoas entrevistadas – como um sentimento perigoso, porque envolve a perda de controle sobre si mesmo e o direcionamento da energia para o objeto de paixão, podendo prejudicar a saúde física e mental. O apaixonamento não é buscado por outros sujeitos entrevistados, pelo mesmo motivo. As pessoas preferem ter o controle da situação, manter um grau de distância emocional para poder inclusive conhecer melhor com quem está se envolvendo. Nas palavras de Felipe (29 anos):

a paixão.. que pode se tornar uma doença.. (...) não quero ficar apaixonado, perdidamente apaixonado, assim, loucura e tal, e tal, e tal. Eu acho isso um absurdo! Agora quando você consegue superar, você consegue se interessar por a(/), por uma pessoa, você consegue, é, perceber as qualidades dela, as afinidades, inclusive os defeitos dela, aí eu acho que isso pode ser traduzido como amor. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Neste contexto, a idéia de amor romântico é reconstruída pelos homens e pelas mulheres mais “modernos”. Esta idéia fez parte da vida amorosa dos sujeitos na primeira experiência amorosa em que acreditavam que o sentimento e a relação amorosa durariam “para sempre”. No entanto, as frustrações com o primeiro amor fizeram com que esta crença fosse revista e as pessoas deixaram de acreditar que encontrariam um amor que durasse para sempre. Assim, as experiências amorosas que se seguiram, tiveram outras características quando não estavam mais pautadas no amor romântico.

As transformações no amor romântico são discutidas por Beck & Beck-Gernsheim (1990), Giddens (1992) e Bauman (2001b). Este amor estava sustentado na promessa de eternidade, na indissolubilidade do casamento, na dedicação total ao parceiro e na predisposição ao sacrifício para consumir o projeto do amor inabalável. Na contemporaneidade há lugar para uma forma de amor mais fluido, que é o que Giddens (1992) chama de amor confluyente. Neste tipo de amor, o afeto é contingente e o relacionamento baseado neste amor se pauta numa negociação de correspondência dentro de uma relação horizontalizada entre as pessoas envolvidas, inspirada em valores de igualdade entre as partes. Difere do amor romântico porque dura enquanto durar a co-satisfação entre os parceiros. Assim, a individualidade é preservada e a livre escolha que não existia em uma relação de opressão, passam a fazer parte

das relações amorosas, que agora são vistas como um encontro de duas pessoas e não mais a complementaridade entre elas. Felipe (29 anos) retrata as transformações no amor romântico:

Mas eu, por exemplo, não acredito no amor romântico, uma criação... da Idade Média, né? Aquela questão do, “ai, vai aparecer o príncipe encantado!”, que “eu vou me casar, ter filhos e vou viver feliz o resto da vida”. Eu acho que a vida é muito mais complexa do que isso. Aí tem aquela questão do... do Vinícius de Moraes, né? Que o amor seja eterno enquanto dure. Isso é uma verdade, né? (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

O “fim da tradição” em relação ao amor romântico e com isso, o rompimento com a perspectiva de que a felicidade ou a satisfação pessoal estão vinculadas prioritariamente ao casamento indissolúvel, abre caminho para o investimento na vida pessoal e individual, num movimento de volta ao “eu” ou a característica de uma cultura narcísica. O investimento no “eu” é uma estratégia para lidar com estar solteiro e também morar sozinho, e auxilia na qualidade das relações interpessoais, segundo Felipe:

Eu procuro me desvincular disso tudo, trabalhar minha cabeça nesse sentido de estar bem comigo mesmo, entendeu? É, o que aconteceu? Eu considero assim, que, ao cuidar do seu jardim, as borboletas irão até ele. Pode vim qualquer tipo de borboleta: feia, horrorosa, pode vim até praga! (risos), mas, enfim, ta vindo, né?! E eu observei muito dessa coisa, é, é, eu cuido de mim, gosto de mim. Ao invés de ficar tenso, procurando. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Felipe (29 anos) foi muito citado por trazer questões importantes para homens e mulheres solteiros de qualquer orientação sexual. Suas opiniões vêm de vivência como homossexual, que se aproxima da prática de Alex e André – que também tem práticas homoeróticas. Quando solteiros, procuram pessoas para se relacionar sem compromisso. E geralmente são pessoas que despertam algum interesse sexual.

No encontro entre os homens, a velocidade com que o sexo acontece é maior do que entre as pessoas heterossexuais, quando no próprio ambiente onde as pessoas se conhecem, há um espaço reservado para fins de encontro sexual como as salas escuras, o que não há, pelo menos aqui em Salvador, em boates heterossexuais. Estudos de Prates (2005) e Nascimento (2007), e os citados por Giddens (1992), relatam os ambientes das salas escuras, das saunas e outros freqüentados por gays com objetivo de ter sexo preservando sua identidade. Esta prática faz com que o sexo seja visto como uma resposta fisiológica a um estímulo específico, desvinculado de qualquer tipo de envolvimento afetivo e exacerbando o anonimato que é possível nos novos espaços nas cidades, em uma era pós-moderna.

A postura dos homens homossexuais pode ser lida a partir de referenciais de construção de uma identidade masculina hegemônica onde aos homens é atribuída a característica de “promíscuo”: a quantidade de relações sexuais é valorizada e estimulada, e esta está desvinculada do envolvimento afetivo. Assim, na percepção de André (28 anos) as relações homossexuais exacerbam características típicas de homens heterossexuais, referindo-se à sua vivência masculina quando está solteiro:

Então normalmente quando eu to solteiro eu escaldo geral mesmo. Então eu saio pra beijar na boca, pra namorar direto, então, típico de homem padrão. Então, normalmente quando os homens estão solteiros (/) Eu normalmente faço essa, essa analogia, assim. Quando você ta um homem solteiro. Vamo dizer que um cara heterossexual que namorou cinco anos com uma mulher. Então ele vai e termina o relacionamento. Se você conhecer algum assim, você vai saber. Ele sai no (/) na primeira oportunidade que ele tiver, ele vai sair e pegar o máximo de piriguetes⁷⁴ que ele puder. Só que (/) ou então ele vai pegar qualquer mulher que ele queira com o intuito de, com o intuito de fazer sexo com ela. Pra se divertir ao máximo. Muitas vezes ele não vai conseguir porque a mulher se bota na posição de que não faz sexo no primeiro encontro, que só faz sexo lan, lan, lan... esse tipo de coisa. Mesmo morrendo de vontade. Ela não faz. Aí fica aquela coisa. Ou o cara consegue ou o cara não consegue, dependendo da mulher. Só que quando você leva isso no mundo gay, então você ta colocando dois homens, dois homens. Dois com, com intuito sexual de se encontrar e de se divertir. Então é muito mais fácil. Então normalmente no mundo gay quando você encontra alguém e que você está a fim de sexo. Então, normalmente a outra pessoa está a fim daquilo. De sexo casual e (/) sem compromisso. Pronto. Normalmente é isso que acontece. Quando eu to solteiro, a gente sai, beija na boca, sexo casual, um abraço e tchau. (André, 28 anos, homossexual, baiano, pardo, dentista)

A visão masculina das mulheres comumente disponíveis para o sexo e os homens solteiros, ao contrário, estarem sempre disponíveis, é contraposta com o depoimento de algumas das mulheres aqui entrevistadas e discutidos acima. As mulheres apontam que também estão disponíveis para o sexo, mas na concepção dos homens, estas ainda são vistas de forma deletéria, como “piriguetes”, ao contrário dos homens, que não perdem seu poder de “garanhão”, quando têm o objetivo de realizar o sexo sem compromisso.

As identidades femininas e masculinas são vistas sob um prisma hegemônico, por um entrevistado bissexual. A prática bissexual de Alex (37 anos), que permite a mobilidade entre o universo masculino e feminino em termos do exercício da sexualidade (como também tem Grace), confirma a visibilidade das identidades hegemônicas, quando ele percebeu nas diferenças entre os homens e as mulheres com quem ele se relacionou, as dicotomias que envolvem estas identidades, numa visão conservadora: mulheres mais afetuosas e homens mais disponíveis para o sexo. Em suas palavras:

⁷⁴ O termo “piriguite” tem sido comumente utilizado na Bahia para se referir às mulheres “galinhas” e “promíscuas”.

Eu acho que.. a mulher é mais companheira, é mais pra ficar em casa... gosta mais de conversar... e... assim... o sexo com a mulher sempre depende da mulher (risos). Se ela quer, ta tudo bem. Se ela não quer, você é obrigado a falar que ta tudo bem. (risos) É assim, e com... para os homens teve sexo, passou e não significa nada. Passou e não constitui nenhum compromisso. Da minha parte e da parte deles. Falo assim. Não significa nada. É legal. (Alex, 37 anos, bissexual, argentino, branco, professor)

Estes homens, assim como algumas das mulheres entrevistadas, não almejam o casamento nem querem ter filhos, com exceção de Felipe (29 anos) que pensa em adotar uma criança. Em suas diferentes trajetórias, tiveram vivências que contribuíram para o rompimento da tradição em torno da família e do casamento, que se aproximam das vivências de algumas das mulheres citadas: morar em uma metrópole e ter um estilo de vida mais individualista e famílias de origem menos tradicionais (como os sujeitos Rui, 34 anos; Marcelo, 44 anos; e Alex, 37 anos) e a vivência homossexual e bissexual que permitem um trânsito mais flexível em torno da sexualidade (experienciada por André, 28 anos; Felipe, 29 anos; e Alex, 37 anos). Os lugares de onde estes sujeitos falam os colocam em uma posição de solteiro vista por eles de forma positiva, porque assim conseguem se desprender de padrões de família e casamento, questionar esses padrões tradicionais que limitam o papel masculino e os fazem também dependentes das mulheres (já que eles não aprendem a cuidar do ambiente doméstico sozinhos porque esta não é uma função socialmente atribuída aos homens) e assim, criaram alternativas de viver e de se relacionar de forma mais “solta”. Os entrevistados exemplificam o que foi citado:

O modelo tradicional é muito monótono. Os que salvam acho que conseguem não deixar a monotonia tomar conta do casamento. Mas aqueles, normal, que vai trabalhar, volta pra casa, aí trabalha a semana toda e fim de semana vai pra casa da sogra, pra casa do sogro e não-sei-o-quê, pá, pá, pá, acabou. (Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário)

Eu acho [os homens solteiros] uma grande conquista (risos)(...) A independência, né? Porque sempre... homem tem uma vantagem social, né? Histórica, né? Ele sempre, sempre... é cuidado, né? É amparado, é ... protegido, pra que ele tenha uma vida dele independente, né? Mas sempre perto de uma mulher que faça a comida dele, que lave a roupa dele, que limpe a casa dele. Ele vai trabalhar e já encontra aquilo tudo, que cuide do filho dele. E tem os homens que conseguem romper essas barreiras eu acho, eu acho... um grande passo, entendeu?”. (Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista)

Sempre tendia ter namoros longos. Desde muito novo. (...) [os namoros foram] Sempre intensos, né? Sempre muito ligado a família dos dois. É... acho que por isso que eu gosto de estar solteiro. Vivendo intensamente essa fase, porque é... eu nunca me senti livre. (Ricardo, 30 anos, heterossexual, paulista, pardo, analista de sistemas)

A cidade de origem pode ter contribuído para que alguns dos homens entrevistados tivessem uma característica de independência e questionarem os modelos mais tradicionais. Rui (34 anos), Marcelo (44 anos) e Alex (37 anos) moraram boa parte da vida em cidades que tem características mais cosmopolitas, dentro e fora do Brasil, onde as pessoas são mais independentes e individualistas do que as que residem em Salvador, na percepção destes sujeitos. A cultura familiar nestes grandes centros tendeu a ser menos tradicional, diferente da capital baiana onde as famílias tendem a manter os filhos próximos a elas e a cobrar deles o casamento. Desde diferentes trajetórias familiares, estes sujeitos buscaram autonomia e independência.

Homens e mulheres em suas diferentes e ao mesmo tempo parecidas trajetórias como pessoas solteiras que rompem com a expectativa social da busca por um casamento ou uma família, relativizam suas escolhas e flexibilizam suas relações, vislumbrando a felicidade a partir da realização pessoal, sozinhos ou acompanhados. Na fala de Rui:

Eu acho que é aquela coisa do “antes só do que mal acompanhado”. Se você está bem acompanhado é bom. Se você está sozinho também é bom. Então, são duas coisas que são, que vão lhe deixar feliz do mesmo jeito. (Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, branco, engenheiro)

O “ficar” como um caminho para o namoro é praticado por Marcelo (44 anos) e João (41 anos), a partir de diferentes trajetórias e perspectivas em torno dos relacionamentos amorosos. Marcelo (44 anos), por ter tido uma trajetória de vida onde passou muito tempo em grandes centros urbanos dentro e fora do país, vivencia os relacionamentos amorosos com mais flexibilidade do que João (41 anos), que vindo de uma família de classe média mais baixa e com forte referência religiosa, tem concepções mais tradicionais em torno dos relacionamentos. Já Ricardo (30 anos) vislumbra a possibilidade de encontrar uma namorada porque considera a vida de solteira finita:

eu acho que, que o ponto final de uma vida de solteiro é você encontrar uma pessoa bacana. Né? Que eu ainda não encontrei até o momento. Ou... de repente você até consegue gerenciar o lado(/) eu acho que tem um lado de solidão forte nisso. Eu acho que... aí sim entra sua amizade, entra sua rotina. Eu acho que pessoas mais caseiras, elas tendem a não administrar bem essa questão do ser solteiro. (Ricardo, 30 anos, heterossexual, paulista, pardo, analista de sistemas)

Esta solidão que é referida por Ricardo (30 anos) é vivenciada por Marcelo (44 anos), quando ele se vê com quarenta e quatro anos, com uma vida financeira estável. E sozinho. Apesar de ter uma vida social ativa e ter mobilidade na rotina para organizar seus horários e atividades,

sente falta de uma mulher para lhe fazer companhia. Comentou que desde que se mudou para o atual apartamento, o lençol da sua cama é o mesmo e se ele morasse com uma mulher, sua casa estaria mais organizada. E este é um comentário comum de muitos homens que moram sozinhos, porque geralmente eles não têm a preocupação com as atividades domésticas, como foi discutido no capítulo anterior. A busca de uma mulher para auxiliar na organização doméstica, volta ao ideal de feminilidade que estes homens buscam em uma mulher, enquadrada ainda em padrões estereotipados e onde há pouco espaço para as mulheres “modernas” que se negam a limitar suas funções sociais ao trabalho doméstico. Vemos, assim que o padrão feminino de cuidar da casa ainda é preponderante.

O desencontro de homens e mulheres acontece quando os homens têm que lidar com as mulheres mais “modernas” ou “pós-modernas”, somado às características que são tendências para os relacionamentos amorosos atuais, discutidas anteriormente. Os homens reconhecem a independência feminina, mas ainda encontram desafios em lidar com esta postura mais autônoma.

Apesar da dificuldade, homens e mulheres almejam um relacionamento que seja democrático, como é a proposta do “relacionamento puro” de Giddens (1992). Homens e mulheres escolhem estar juntos até que “os problemas os separem”. Quando a opção por um relacionamento está vinculada à satisfação pessoal e quando a relação deixa de atender este item, uma das partes envolvidas não permanecerá na relação:

hoje se eu tiver alguém do meu lado é pra ter alguém que tiver acrescentando alguma coisa, que você esteja dividindo apesar da necessidade de a gente ter, assim, um, um, uma mulher do seu lado, ter alguém do seu lado, num esquema de convívio, num esquema de sexo, de tudo, sabe?E, mas tem que ser alguém que não te aporree muito não, (risos), porque sozinho por sozinho você já ta, (risos). Então ter alguém do lado tem que ser alguém assim que bate com você e que você seja feliz, assim, que tenha mais momentos bons do que momentos ruins porque a hora que tender pro outro lado, como você tem sua independência e como a mulher tem a independência dela, automaticamente a pessoa acaba pulando fora, né?Eu pelo menos. (risos).Eu acho que seria o lógico, né, a partir do momento que você saiba estabelecer qual é o seu limite. Até onde você abre mão das suas coisas e até onde você deixa a coisa acontecer. A hora que começa a invadir muito e esse invadir muito não traz consequências legais você acaba desistindo. É triste, mas é por aí, né?(risos). Não é como quando você tinha aquele esquema, de você casou, então casou e até que a morte os separe, né, aquela história assim. Hoje não é mais assim. Você casa, você ta separando, você ta indo. (Marcelo, 44 anos, heterossexual, paulista, pardo, engenheiro)

Uma dificuldade apontada pelos homens deste grupo foi a timidez, que os impede de se relacionar com mulheres de forma mais espontânea. João (41 anos) possui, diferente de

Ricardo (30 anos) e Marcelo (44 anos), uma concepção mais tradicional dos relacionamentos, valorizando a virgindade e com forte vinculação a amores vividos no passado.

Estes homens que fazem uso do “ficar” como meio de encontrar uma mulher para namorar, com características e construções de gênero equivalentes aos homens que não estão à procura de uma namorada (ou namorado, no caso dos homossexuais), apresentando as mesmas críticas - aqui traduzidas em dificuldades para o engajamento em um relacionamento amoroso - em torno da postura das mulheres “modernas” e a velocidade, descartabilidade e consumismo que tem feito parte das relações amorosas em tempos atuais.

O namoro para os homens e as mulheres

Alguns homens e mulheres da amostra estão namorando⁷⁵: Ana (45 anos), Mariana (33 anos) e André (28 anos) estão iniciando um namoro (duração de dois a três meses). Tiago (23 anos) e Paulo (36 anos) estão namorando há mais de um ano.

O namoro é um tipo de relação que tinha a função de preparação para o noivado e daí para o casamento, que era uma regra seguida à risca até poucas décadas atrás. Chaves (1997) descreveu o ritual que existia no namoro entre a classe média brasileira do início do século XX, onde valores e regras era direcionadas ao comportamento de pudor da moça e o rapaz tinha que se comportar com cautela para ser aceito na família que ele iria fazer parte. Com o “fim da tradição” na quebra do vínculo (obrigatório) entre namoro e casamento, este estilo de relação passa a ter outra configuração. O namoro agora tem um fim em si mesmo, “é considerado passatempo ou gozo de satisfações imediatas da afetividade” (CHAVES, 1997, p. 24).

Nos namoros atuais, a família não tem o mesmo papel de vigilante, as pessoas podem namorar várias pessoas no decorrer do ciclo de vida e optar por este estilo de relação pelo prazer da relação. Apesar destas mudanças, o aspecto de compromisso, próprio do namoro tradicional, permanece. Este não necessariamente remete o casal ao casamento, mas pressupõe um vínculo estável, monogâmico e fiel. (CHAVES, 1997)

O compromisso tem sido estabelecido no namoro dos sujeitos entrevistados, de forma diferente para os homens e mulheres. As mulheres que estão namorando, Ana (45 anos) e Mariana (33 anos), mesmo estando no início de namoro, se mostram dedicados à relação. O

⁷⁵ Estas pessoas fazem parte do grupo das pessoas solteiras por não serem casadas, mas pelo fato de estarem namorando, adotam comportamentos sociais diferentes e tem concepções diferentes das pessoas costumam “ficar”.

mesmo para o André (28 anos, homossexual). Para eles, o compromisso e a dedicação à relação estão vinculados à monogamia e à fidelidade. Já no namoro de Paulo (36 anos) e Tiago (23 anos), heterossexuais, o compromisso e as regras da monogamia e da fidelidade não são seguidos.

Ana (44 anos) e Mariana (33 anos) incorporam em seus relacionamentos a abertura para o diálogo onde as negociações são constantes, no sentido de que elas são ouvidas e atendidas em suas necessidades de afeto, apoio, atenção, etc., da mesma forma que atendem o namorado. Estas mulheres têm um estilo de vida e posturas que as caracterizam como mulheres contemporâneas: elas, dentre outras características, investem na carreira profissional e não se colocam numa postura de submissão nos relacionamentos amorosos.

A experiência de migrar do interior para a capital da Bahia contribuiu para mudanças de perspectivas em torno dos relacionamentos. Em Salvador essas mulheres - que são de origem interiorana - tiveram experiências amorosas com relacionamentos passageiros e também com relacionamentos estáveis. Quando mais jovens, assumiam posturas menos igualitárias, nos relacionamentos amorosos, o que foi mudando a partir de outras experiências e influências.

Ana (45 anos) percebeu que tinha uma baixa auto-estima em sua relação com os homens quando estava namorando, o que foi notado no decorrer dos últimos quatro anos que esteve solteira. Este período foi considerado como importante para seu crescimento pessoal, por sentir-se mais livre para lidar com sua sexualidade, e buscar o prazer em relações momentâneas desvinculadas do compromisso. E Mariana (33 anos) aprendeu a lidar com relacionamentos eventuais numa nova cultura da capital, diferente das relações amorosas mais comuns em cidade do interior onde residia, em que os relacionamentos tendiam a ter longa duração.

O namoro para estas mulheres não impede a mobilidade que tinham na vida antes de namorar. Elas continuam realizando atividades de trabalho como antes, com diferenças nas atividades de lazer em que integram o namorado.

Mariana (33 anos) e Ana (44 anos) são naturais do interior da Bahia e assim como outras pessoas interioranas, estas famílias valorizam o casamento. Estas mulheres buscaram romper com esta premissa no decorrer de suas trajetórias em Salvador e têm aprendido a lidar com as cobranças familiares e a se posicionarem de forma autônoma perante a família, num exercício constante de reflexividade.

Aproximando-se de uma perspectiva feminina, André (28 anos) mantém uma relação de muita proximidade com quem está namorando, porque quer cultivar a relação. Considera que sua

vida é mais completa quando está apaixonado. Sua visão do amor se aproxima do amor romântico quando espera que outra pessoa supra sua carência e complete suas faltas:

Eu sou... eu sou, carente ao máximo, assim. E... eu acho que tem, eu acho (/) pra tudo ficar funcionando direitinho eu tenho que estar apaixonado. Quando eu não to eu acho que ta faltando alguma coisa. (André, 28 anos, homossexual, baiano, pardo, dentista)

Seus namoros têm características próximas às dos relacionamentos hegemônico (heterossexuais): estão pautados no companheirismo, na ajuda mútua e com a característica mais atual da igualdade de gênero.

De uma forma diferente, Tiago (23 anos) e Paulo (36 anos) não seguem os padrões do namoro tradicional, mas repetem e reafirmam aspectos hegemônicos de masculinidade nos relacionamentos que se engajam: a poligamia, a infidelidade e o pouco compromisso.

A relação que estes homens estabelecem com as mulheres no namoro implica em autonomia e liberdade para ambos, com pouca interferência na vida pessoal de cada um e a possibilidade de ambos “ficarem” com outra pessoa, o que também é descrito por Grace (37 anos) como fazendo parte do namoro entre lésbicas e gays, mas com significados diferentes. Na relação entre homossexuais, o sexo fora da relação estável é visto de forma menos deletéria para a relação, porque há um diálogo sobre o tema e as pessoas envolvidas compreendem que o sexo também tem uma função de atender curiosidades e desejos sexuais desvinculados de sentimento amoroso. Assim, o sexo paralelo ao namoro pode não abalar esta relação. Giddens (1992) aponta esta característica principalmente entre mulheres lésbicas, que estabelecem um diálogo mais aberto dentro da relação do que o que existe na relação heterossexual, devido à horizontalização que pode ser uma forte característica da relação homossexual. Por outro lado, esta afirmativa não pode ser generalizada, pois muitas relações homossexuais repetem as hierarquias do modelo de relação heterossexual (tradicional).

A infidelidade no namoro destes homens heterossexuais, quando descoberta gera o rompimento ou a mudança na qualidade da relação, quando o sentimento de confiança que havia entre os pares deixa de existir ou existe com menos ênfase. Para evitar este tipo de transformação na relação, o casal prefere estabelecer a regra de não procurar saber o que a outra pessoa faz quando sai sozinha, com amigas enfim, quando não está com o namorado, o que os deixa livre para “ficarem” com outras pessoas e ao mesmo tempo, preservar a relação.

Tiago (23 anos) descreve esta característica:

Essa mesma [namorada] agora, a gente terminou a primeira vez, porque a gente estava brigando muito, quando terminou eu fiquei com alguém, ai quando voltou eu não falei, tá ligado, que tinha ficado, ai a gente brigou de novo e passou uma cara sem se ver, eu não sei se ela ficou com alguém porque eu não perguntei. Ela disse ah!, Eu disse, ‘eu não quero saber o que você fez, não me interessa o que você fez sem mim, tá ligado?’, ai dessa vez eu fui, porque eu senti que eu senti falta, e eu falei que tinha ficado, ela me perdôo mais não fica a mesma coisa não. Se for pra perdoar ela me perdoa, mas tá rolando ai. (Tiago, 23 anos, heterossexual, baiano, pardo, *personal training*)

Tiago está namorando há três anos. Nesta relação, há muitas brigas, períodos de separação, mas também de cumplicidade e afeto. As expressões utilizadas por Tiago para se referir a esta relação - “essa menina eu estou há três anos nessa enrolação” ; “ta rolando”, “a gente se bate por aí” - dão um tom de descompromisso à relação, permitindo a mobilidade dos dois.

Este informante relatou que procura - assim como os outros homens que querem namorar - mulheres mais quietas e reservadas para namorar, mas que conheceu uma mulher com este perfil, mas que gostava de sexo. Esta experiência rompe com a fragmentação que os homens fazem das mulheres, discutida anteriormente. Mas os assusta da mesma forma:

Tipo assim, a gente tenta ficar pra gente aquela pessoa que é mais quietinha, que você acha que aquela pessoa não vai fazer nada, pra namorar. Pra curtir você já quer aquela pessoa mais espontânea, não que aquela pessoa mais espontânea não seja aquela pra você namorar, entendeu? Eu já vi as santinhas do pau-oco, uma vez eu fiquei, eu passo vários tempos sem namorar, ai eu ficava com uma menina que ela tirava a maior onda de santinha, e você olhava pra cara da criatura e você via que ela tirava onda de santinha, mas a menina era depravada... (Tiago, 23 anos, heterossexual, baiano, pardo, *personal training*)

Paulo (34 anos) tem um histórico amoroso de relações estáveis com pouco compromisso. Ele quando namorava, não firmava um compromisso que envolvia fidelidade e dedicação exclusiva à relação, mantendo uma postura de homem solteiro e que está disponível para “ficar” com quem lhe interessar. Mesmo tendo sido casado⁷⁶ (casamento civil), ele nunca se sentiu estar casado: “eu nunca me senti casado, então, a vida toda.” e ter tido duas experiências de morar junto com outras namoradas após o fim do casamento, estas relações nunca se configuraram como relações estáveis com um compromisso firmado entre as partes. Considera que está solteiro porque ficou frustrado com as relações - de casamento e morar junto - anteriores. Ele tinha uma expectativa que as relações durassem, mas não foi o que aconteceu.

Atualmente ele tem um relacionamento estável e simultâneo com duas mulheres, há seis anos. Ele não considera a relação um namoro porque não há fidelidade nem monogamia, apesar das

⁷⁶ Paulo se casou por vontade da namorada que estava grávida dele. Por gostar muito dela neste período, aceitou se casar. Durante os quatro anos de casados, não moraram juntos, porque Paulo residia em Residência universitária e em pouco tempo foi residir em outro estado para cursar mestrado.

duas mulheres o denominarem assim, segundo relato de Paulo. Nestas relações há envolvimento afetivo e a preocupação com o bem estar do outro. Este envolvimento gera em alguns momentos, um sentimento de culpa nele, já que não quer causar sofrimento para as pessoas que gosta. Tem procurado lidar com este sentimento no processo terapêutico, compreendendo que ele não é responsável pela felicidade do outro:

eu vejo que se elas estão comigo é porque quer, não estão comigo por, eu não forço, não coloco uma arma na cabeça, eu não, são pessoas adultas, com mais de vinte e cinco anos de idade, todas com nível superior, nível de mestrado, com um grau de consciência muito grande, de conscientização do mundo e das coisas e eu não obrigo de forma nenhuma, nem tenho esse poder de sedução, de aliciamento pra estar convencendo a pessoa a ficar comigo sem prazer, então, estão comigo porque tem prazer. (Paulo, 34 anos, heterossexual, baiano, pardo, economista)

O acordo que Paulo (34 anos) fez com as mulheres foi o seguinte: “eu gosto de você, quero ficar com você, mas não quero compromisso, não quero participar muito da sua vida com sua família, não quero saber o que você faz quando não está comigo, e também não quero que você me pergunte o que eu faço quando não estou com você.” (sic) Posto isto, as mulheres aceitaram e ele mantém um relacionamento estável com duas mulheres.

Em um momento da sua vida, ele achou que tinha algum problema por gostar tanto de sexo, mas com o tempo compreendeu que não, e hoje aceita mais sua disponibilidade para estar com as mulheres de quem gosta. Afirma que o sexo com amor ou quando está apaixonado é melhor do que o sexo casual, trazendo assim uma perspectiva que não é comumente descrita pelos homens. Por outro lado, comumente é atribuído ao homem o estereótipo de ser poligâmico e estar disponível para o sexo sem afeto e sem comprometimento. E Paulo o tempo todo em que repete este estereótipo, o renova, adicionando-lhe um novo elemento antes não presente neste modelo e inclui o afeto como componente importante para a qualidade da relação sexual.

Considerações sobre os relacionamentos amorosos

A inserção de elementos da contemporaneidade como a flexibilidade, a pluralidade, a fragmentação, o consumismo, o imediatismo, dentre outros, passam a fazer parte também dos relacionamentos amorosos atuais, como discutem Chaves (1997), Bauman (2001b), Gillebaud (1999) e Giddens (1992).

Mudanças sociais e os questionamentos sobre as relações de gênero pautadas em uma heterossexualidade hegemônica e todas as discussões envolvendo a opressão de gênero no

âmbito privado – da intimidade – promovidas por um movimento feminista multifacetado e também pelas lutas e questionamentos desde dentro dos movimentos de gays e lésbicas, colaboraram na promoção de mudanças em torno dos posicionamentos de homens e mulheres. Na contemporaneidade, a expressão da sexualidade é possível em sua diversidade. Homens e mulheres em suas diferentes identidades sexuais tendem a se relacionar de forma mais flexível, com papéis de gênero que tendem à igualdade, quando, por exemplo, ambos praticam o sexo sem compromisso ou tomam a iniciativa em uma investida amorosa. Também crenças e expectativas em torno dos relacionamentos amorosos podem apontar para rupturas com o modelo “antigo”, emergindo novas práticas e significados em torno dos elementos que envolvem as relações amorosas. E convivem com antigos ideais e práticas relacionais em torno da feminilidade e da masculinidade.

Desta forma, os homens e as mulheres entrevistados apontam em suas vivências como pessoas solteiras, rupturas com as tradições familiares e conjugais quando não almejam o casamento ou filhos. Rompem com expectativas em torno dos relacionamentos estáveis quando estes não são almejados e a prática do “ficar” tem a finalidade do encontro casual que é vivenciado de forma satisfatória por boa parte dos entrevistados, além de integrar na forma de se relacionar, as relações mediadas pela internet que trazem conotações específicas da contemporaneidade. As continuidades são vistas com permanências de tradições do casamento, mas que aparecem com outra roupagem. Homens e mulheres que querem um relacionamento estável e/ou um casamento, não querem se engajar em uma relação onde irão perder sua individualidade e sua autonomia. E as pessoas que namoram, colocam esta premissa em prática apesar de encontrarem uma série de desafios: como lidar com a traição, o sentimento de confiança e as relações de poder dentro dos relacionamentos amorosos? Será que as negociações e as concessões que as mulheres contemporâneas - as autônomas e independentes - devem (ou buscam) fazer quando engajadas em um relacionamento estável, têm o objetivo de voltar a um modelo de “mulher para casar”, sendo este um modelo feminino esperado pelos homens? E como os gays rompem com padrões de masculinidade se a “performance” que aprendem é a de um homem heterossexual (solteiro, retratado por André)? No “terreno pantanoso” (palavras da própria Grace) dos relacionamentos amorosos, manter-se de pé é uma tarefa difícil. Por isso as diversas regras e os diversos estilos e formas de se comportar frente às relações mudam no próprio movimento de relacionar-se.

Neste terreno, as pessoas solteiras parecem transitar com flexibilidade. Alternativas são criadas vislumbrando estilos de relações que possam ser satisfatórios. Elegeram o relacionamento em casas separadas e um tipo de namoro mais flexível como ideais por

proporcionarem a preservação da individualidade, com abertura para o diálogo e construção mútua de regras que irão nortear a relação. Também há quem vislumbre um relacionamento aberto, onde a infidelidade não é vista como algo deletério. Estas afirmativas corroboram com a literatura sobre o tema, principalmente sobre os ideais de relacionamentos tratados por Giddens (1992), Bauman (2001b), e as concepções feministas de relações de gênero menos opressoras.

Capítulo 5

“Eu não me sinto homem nem mulher”: Considerações sobre identidades contemporâneas a partir de histórias de vida

Este capítulo tece algumas considerações acerca das identidades na contemporaneidade, a partir de dados sobre a trajetória de vida de quatro dos sujeitos entrevistados: dois homens e duas mulheres, solteiros, heterossexuais e homossexuais, com idades na faixa dos trinta anos; três moram sozinhos e uma mulher reside com sua irmã, em Salvador; os heterossexuais são migrantes da capital paulista e as duas pessoas homossexuais são soteropolitanas. São elas: Luana (37 anos), Grace (37 anos), Rui (34 anos) e Felipe (29 anos). Estas pessoas foram citadas com frequência nos capítulos anteriores por trazerem aspectos contemporâneos acerca das temáticas que até aqui foram trabalhadas. Agora, busca-se integrar essas falas, reconstruindo alguns dos importantes elementos da trajetória de vida de cada uma destas pessoas para que possamos compreender aspectos da construção identitária, focando na construção do gênero e nos elementos que compõem essa construção: as diversas relações estabelecidas durante o ciclo de vida nos diversos contextos por onde os sujeitos se “situaram”, as “tecnologias do gênero” (DE LAURETIS, 1994) e os significados em torno da construção do gênero.

A partir das análises das relações de gênero, buscamos olhar para as pessoas em suas identificações enquanto homossexuais e heterossexuais, trazendo momentos da vida de cada um que retratam este aspecto identitário. Aqui, a orientação sexual não é vista apenas como o direcionamento do desejo sexual para um objeto específico, e sim, como um dos aspectos importantes dentre os múltiplos que fazem parte da identidade. Ser homem ou mulher homossexual ou heterossexual e solteiro em Salvador possibilita a mobilidade das pessoas por espaços e territórios específicos na cidade como foi discutido no capítulo três, favorece relações sociais entre grupos sociais com que eles se identificam, e, dentre outras possibilidades, situam estas pessoas no mundo.

A análise considera o contexto urbano de Salvador e os principais aspectos da era global, descritos anteriormente, para que possamos pensar sobre quais os sujeitos produzidos na pós-modernidade: são novos sujeitos ou antigos sujeitos vestidos em uma nova roupagem?

Identidades femininas

Aqui se descreve a história de vida de duas mulheres, que, de diferentes origens, traçaram caminhos que levaram ao questionamento de padrões de comportamento comumente associados às mulheres, relacionados principalmente à função de cuidado com a família e o lar. Essas mulheres ao longo de suas trajetórias construíram uma identidade feminina com funções que vão além do comumente esperado às mulheres e se aproximam do que as feministas lutaram para conseguir: a autonomia e a independência.

Luana: uma “mulher emancipada”

Luana, 37 anos, paulista, heterossexual, cientista social, branca, se descreve como uma mulher urbana, de classe média paulistana, que nasceu no período da industrialização e num período de influência de ideais dos movimentos sociais contestatórios, como os *hippies* e o feminista. Seu pai era engenheiro e sua mãe dona de casa que trabalhou como costureira e comerciante em alguns momentos da vida. Ela tem um irmão. Esta família passou um período nos Estados Unidos (quando Luana tinha 5 até os 6 anos), e foi onde sua mãe começou a trabalhar. Recebeu uma educação liberal, aprendeu a gerenciar sua mesada e a ajudar na manutenção da casa, principalmente a consertar objetos - o que comumente era tarefa para os homens.

Estudou em uma escola cujo método de ensino era o montessoriano, considerado como um método alternativo. Seus pais lhe proporcionavam conforto material e educacional (ela fazia curso de inglês e outros, a família viajava pelo país durante as férias), mas, por incorporar ideais anarquistas de contestação do capitalismo e dos padrões de comportamento hegemônicos, Luana rejeitava os modismos de cada época e começou a trabalhar com dezessete anos, como busca de independência em relação aos pais, seguindo as premissas do grupo “punk” que participava.

Na adolescência gostava de se vestir com jeans velho e de pintar o cabelo, como parte do processo de identificação com estes grupos, que tinham como premissa o rompimento com

padrões hegemônicos. Seus amigos eram os skeitistas, os punks e os roqueiros. E comumente não se dava bem com as pessoas “caretas”.

Ainda criança, era tímida e tinha poucos amigos na escola, mas no seu bairro, gostava de brincar com meninos e meninas mais “descolados” - aqueles que tinham um comportamento menos hegemônico, e que tinham mais liberdade para brincar na rua e participar dos “bailinhos”⁷⁷. Aos doze anos começou a namorar um amigo do mesmo bairro e no jogo de paquera, costuma ser direta e objetiva com os homens: “até... os quinze anos eu não tinha a menor vergonha na cara! Eu era assim: ‘eu gosto de você e pronto!’ Algum problema?” (Luana, 37 anos). Relatou outras experiências amorosas no decorrer do seu ciclo de vida, que mantinha a mesma postura, por exemplo, quando, já em Salvador, tinha passado a noite com um rapaz e no dia seguinte telefonou para ele o convidando para sair outra vez, ou outra situação que procurou a pessoa que estava em um evento festivo, para que ela fosse à sua casa consertar o computador como uma desculpa para encontrar com este homem no intuito de iniciar uma relação amorosa.

A postura mais “ativa” mostra característica de uma mulher “emancipada”, que tem autonomia sobre seus desejos, sobre seu corpo e sua sexualidade. Este ideal de mulher foi defendido a partir das lutas feministas desde os anos cinquenta, na geração de Simone de Beauvoir, que criticava as relações de caráter opressor e que não possibilitavam a busca desta autonomia. Na adolescência, Luana foi influenciada por estes ideais, quando seus pais a ensinaram a ser uma pessoa autônoma. As propostas feministas chegavam às suas mãos através de revistas que falavam de sexo e defendiam a busca pelo prazer, mesmo que servindo aos ideais dos “bons costumes” das classes médias. Eram revistas lidas por ela e suas amigas que, influenciadas por esta busca do prazer, conversavam sobre suas experiências sexuais reais ou imaginárias (as meninas virgens, para não se sentirem excluídas, também relatavam experiências sexuais, segundo Luana).

A visão que construiu sobre a sexualidade a partir dessas leituras e principalmente na sua trajetória de vida amorosa, não limita o prazer sexual ao ato sexual com penetração - modelo hegemônico de sexualidade. Isso se expressa no relato sobre sua iniciação sexual:

Eh..assim prolongada, né? Porque eu comecei a ficar com ele acho que a gente devia ter uns treze anos... e fiquei até os dezessete/então foi uma coisa assim passo-a-passo! (risos) não tinha aquela coisa assim: “hoje vamos transar!” Era aquela coisa que ficava se agarrando em tudo quanto é canto disponível (risos) então na

⁷⁷ Os bailinhos eram festas organizadas por crianças geralmente de idade acima de 10 anos e adolescentes, onde cada pessoa levava seu disco favorito, comida ou bebida e passava-se a noite ouvindo música, comendo, dançando e conversando. Nestas festas havia a disputa para dançar música lenta, com os meninos considerados mais bonitos.

verdade era uma coisa meio devagar que você não ia direto ao assunto, né? Todo tipo de agarramento (pausa) que passava durante anos (pausa) aos poucos! (...) A gente se agarrava porque a gente tava afim! (risos) ai... quando foi acontecer mesmo já... estava a anos que eu estava com ele! (pausa) não tinha aquela coisa assim. Mas acho que pra mim não fazia muita diferença... entre tem penetração e não tem penetração. Tem, aquela coisa hum... não tinha.../(pausa) essa coisa assim 'ahh! Não sou mais virgem!' eu acho que tudo faz parte da mesma coisa! (Luana, 37 anos)

Na trajetória de vida amorosa desta informante, prevaleceram as relações de curta duração variando entre relações com envolvimento sexual e sem afeto a namoros curtos com homens por quem estava apaixonada. Houve também períodos - quando estava na faculdade, morando na capital paulista - em que esteve apaixonada ou sentindo o que ela denomina de “amor platônico” sem que a relação se concretizasse. Neste campo afetivo-sexual, há a busca de prazer e satisfação que permita a preservação da sua individualidade. Quando sente que este espaço individual está sendo invadido ou que não há mais interesses em comum, a relação chega ao fim. Ela prefere, assim, investir em processo terapêutico a ter que se envolver em problemas pessoais do parceiro.

Luana estabelece como critério para uma relação amorosa acontecer, o pretendente fazer parte do mesmo ciclo de convívio social, porque a atrai pessoas com estilos de vida “alternativos”, iguais aos dela.

O critério “eu” como parâmetro escolher com quem irá se relacionar, retrata uma cultura narcísica que vivemos na atualidade, onde o encontro com a alteridade é cada vez mais evitado, e as relações que deixam pouco espaço para este encontro acontecer, tornam-se uma alternativa viável. Neste sentido, o “ficar” atende de forma significativa, aos desejos de mulheres contemporâneas que desconstruíram ideais de amor platônico, e não querem buscar um príncipe encantado, apenas querem atender ao seu próprio desejo.

Desta forma, Luana encara a paquera e o “ficar” envolvendo também o sexo sem compromisso como parte de seu jeito de ser, que não era - nem é - fixo. Ela transita entre períodos de “galinhagem” e períodos de “calmaria”, em que não procura sair para paquerar:

Ah sempre fui, eu sempre fui a maior galinha! Agora que eu sosseguei, que não tem mais graça! (pausa) não tenho mais paciência! (risos) pra dizer a verdade! Mais até... poucos anos atrás sempre fui a maior galinha! Sempre f/porque eu gostava de paquerar! (Luana, 37 anos)

Um estilo de vida independente foi opção de Luana, quando decidiu não se casar e não ter filhos, investindo sua energia em projetos individuais, coniventes com valores aprendidos na família. Sua família de origem costumava não manter relações de proximidade entre seus

membros, preservando a individualidade de cada um, e apenas se encontravam em eventos festivos. Valores como o casamento como prioridade na vida da mulher, não foi incentivado à Luana, e sim o investimento na carreira profissional como caminho para a independência e realização pessoal.

Os valores de cunho individualistas, com poucos projetos coletivos, e escolhas voltadas para uma satisfação individual é característica visível no processo de individualização nas cidades, onde projetos coletivos são esvaziados e mesmo que as pessoas se identifiquem com ideais contestatórios, o engajamento nestes parece se dar de forma individual, como discute Severiano (2001) ao se referir a uma sociedade de consumo e caracteristicamente narcísica.

Eventos significativos na vida desta informante como a morte dos seus pais e a mudança da capital paulista para Salvador, contribuíram para que amadurecesse sua opção por uma vida com independência, quando escolhe morar sozinha para evitar conflitos provenientes do compartilhamento da vida com outra pessoa e busca preservar seu espaço. Seu estilo de vida agora na fase adulta, tem marcas do período de adolescência quando nos anos 80 costumava freqüentar boates do circuito alternativo na capital paulista e sente falta destes ambientes em Salvador.

Na narrativa da trajetória de vida desta mulher heterossexual, encontram-se representadas outras mulheres que foram entrevistadas para esta dissertação que estão solteiras e convivem bem com o fato de morarem sozinhas. Luana representa a autonomia que as mulheres conquistaram para lidar com seu corpo e sexualidade, saindo de uma posição “passiva”, de quem dependia dos homens e da penetração - como representação da relação de complementaridade vista como definidora de identidades masculinas e femininas hegemônicas, e pautadas em um modelo de heterossexualidade compulsória - para uma postura pró-ativa. Ela é dona das suas escolhas e estas escolhas vão de encontro aos modelos tradicionais de feminilidade, que priorizavam a família, próximo ao modelo de mulher “moderna” que nos diz Gonçalves (2007).

Grace: “nem homem nem mulher”

Grace, (37 anos, homossexual, parda, cientista social) passou sua infância em uma ilha próxima à Salvador. Ela é filha de pais separados, duas irmãs e reside com uma delas. Aos sete anos de idade mudou-se para Salvador com esta família. Pertence a uma família de classe média e apesar de não precisar trabalhar, procurou trabalho por prazer, o mesmo aconteceu na escolha de sua carreira. Coursou parte do curso de Filosofia por curiosidade e não se

identificando, mudou para Ciências Sociais e fez mestrado na área. Trabalhou em uma universidade e atualmente é produtora de eventos.

Era uma criança reservada, não gostava de brincar com os colegas da escola, mas fora do ambiente escolar. Era uma pessoa curiosa e destemida para fazer o possível para atender sua curiosidade.

Quando criança admirava o universo masculino, visto pelos filmes e novelas e no seu convívio social, porque era destinada aos homens as coisas mais interessantes: eles que dirigiam, trabalhavam, enquanto as mulheres não podiam fazer as mesmas coisas e estavam restritas às atividades do lar. Esta admiração era voltada, então, às figuras femininas que representavam esta “atividade”, representada pela sua mãe que era uma mulher que trabalhava e tinha iniciativa quando queria romper alguma relação amorosa. Foi sua mãe quem tomou a iniciativa de se separar do pai de Grace e de outros namorados que o sucederam. Já seu pai não lhe despertava admiração, por ser uma pessoa passiva e pouco participativa na família.

Grace, assim como Luana, era uma criança que gostava de estilos alternativos de ser, e procurava pessoas para fazer amizade que fossem mais “descoladas”, ou seja, crianças que tinham a permissão dos pais para brincar fora de casa, por exemplo.

Ela se vestia de forma diferente e agia diferente das outras meninas do seu ciclo social e por isso era considerada uma pessoa, "freak" (sic). Era chamada de "menino macho", mas não associava, neste período, esta característica ao homoerotismo.

No início da adolescência, se apaixonou por um vizinho que tinha a característica de ser "pop", ou seja, ele usava roupas e acessórios "da moda" e foi com ele o seu primeiro beijo. Teve outras experiências heterossexuais e iniciou sua vida sexual com um homem. Grace não tinha vínculo afetivo com este rapaz e decidiu perder a virgindade para fazer parte do seu grupo social, em que as meninas tinham vida sexual ativa.

Ao relatar as experiências em torno da sexualidade, percebe que na adolescência, apesar de se considerar uma pessoa “descolada”, não tinha o grau de autonomia sobre suas escolhas, como tem hoje na adultez. Suas decisões se baseavam na busca de pertencimento a um grupo de iguais, diferente do momento atual, onde se percebe mais madura para lidar com sua sexualidade e suas escolhas, menos atreladas ao desejo de pertencimento a um grupo.

Foi na faixa dos quinze anos que teve sua primeira experiência homossexual. Narra que esta aconteceu por estímulo de uma amiga, que atualmente não é lésbica. Quando compara as práticas homoeróticas com as heterossexuais, percebe que nestas últimas não havia a troca, e sim, significava para ela a dominação de um sexo sobre o outro, representada pelo ato da penetração. Sua percepção foi confirmada por outras lésbicas do seu convívio social que

tinham rejeição pela figura masculina e tudo o que a prática heterossexual representava: a dominação de um sexo pelo outro. Seus questionamentos seguiam a seguinte direção:

E aí, tem um livro que eu comprei que se chama ‘Sexo entre Mulheres’, e nesse livro tem uma frase que eu considero genial, que ela fala assim que “a penetração é tão heterossexual quanto o beijo”, e é verdade. Eu comecei a deslocar as coisas na minha mente, primeiro tentar... realmente, realmente, incorporar a razão pelas quais se estabeleceu essa concessão no imaginário geral do passivo como inferior e também tipo assim, como a minha vizinha, a minha vizinha virou lésbica e ela, ela falo de mulheres bem masculinas, e ela gostava que as mulheres comessem ela com um vibrador amarrado e eu dizia pra ela “porra Rita! Porque você não arruma logo um homem?” E ela “porque eu gosto do pênis, mas eu não gosto do homem” e eu, “ah tá”, mas como é isso? “ eu gosto da mulher, mas eu gosto da penetração”. Eu pensava, se eu gostasse de fazer sexo assim eu arrumaria um homem e eu comecei a perguntar pra minhas amigas, quem usava e ninguém usava com ninguém. Depois apareceu umas que sim, e tem umas que falam ‘eu gosto de homem, sim’, outras ‘eu gosto da penetração’ e ‘eu prefiro comprar um vibrador porque eu prefiro o tamanho e tal’ e eu não gosto de fazer isso, não tenho prazer, assim, dessa maneira. (Grace, 37 anos)

A partir de seus questionamentos e observações, decidiu que queria desconstruir esta crença negativa em relação aos homens e ao sexo com penetração. Assim, conheceu um homem que despertou interesse sexual, e nesta experiência sexual, sentiu que havia uma troca e não se sentiu usada como antes acontecia. Hoje tem outras práticas heterossexuais, mas não divulga no seu ciclo de amizades, para não duvidarem da sua opção homoerótica.

As relações amorosas de Grace são preferencialmente homossexuais. Ela se interessa por mulheres com características “mais femininas”: as mais “patricinhas” e as “peruas” que são mulheres que usam maquiagens, acessórios mais “chamativos”, mostrando sensualidade. Os homens por quem se interessa são caracteristicamente “másculos”, considerados mais viris. E neste universo masculino e feminino, Grace se vê como uma pessoa sem um posicionamento fixo entre uma identidade e outra. Ela não se considera uma mulher - feminina - porque não tem cabelos grandes, não gosta de usar acessórios “femininos”, nem de se maquiar. Também não se considera um homem porque não tem um jeito masculino de se comportar nem de falar, como muitas lésbicas mais estereotipadas têm. Ao mesmo tempo, ela transita entre os dois universos e tem admiração pelas pessoas. Em suas palavras:

Eu não me sinto mulher, eu acho. Eu me sinto uma coisa, sei lá, não me sinto homem também não, eu me sinto só alguém, uma simples pessoa, então, mulheres elas me fascinam por isso, eu acho bonita a mulher, eu acho bonito o homem também e como eu te falei os caras que eu fiquei são muito másculos, não gosto de homem feminino, não gosto de ratos de bibliotecas, no homem o que me atrai é realmente, o que a gente entende por virilidade, manifestada as vezes com um pouco de força bruta, entendeu. Agora mulher me fascina, o jeito, eu acho encantador, acho muito bonito e eu não consigo ser assim, eu gostaria de ser. (Grace, 37 anos)

Butler (2003) e a perspectiva do feminismo lésbico discutem esta identidade enquanto a expressão de libertação da heterossexualidade compulsória e abertura para possibilidades de gênero mais plurais. Esta e outras autoras na mesma vertente discutem se as lésbicas podem ser consideradas mulheres, já que a definição de “mulher” pré-dispõe uma figura masculina, o que é negado pelas lésbicas. Neste sentido, a definição de “mulher” recebe um caráter de complexidade.

Na trajetória da vida de Grace, a busca por autonomia e por um estilo de vida menos convencional ou “careta” (sic), foi prioridade. Neste sentido, estar solteira é um projeto de vida condizente com esta proposta. E pertencer a grupos sociais diversos - amigos mais novos do que ela, amigos mais velhos, de diferentes orientações sexuais, com diversos e gostos por música, etc. - fala do aspecto de mobilidade e fluidez da sua identidade.

Identidades masculinas

Autores como Giddens (1992) e Tilio (2003) discutem como os homens têm acompanhado as transformações femininas de forma lenta, o que apareceu nos dados do capítulo anterior, quando a masculinidade se pauta em modelos hegemônicos e que os estereótipos de gênero ainda permanecem no imaginário e nos comportamentos masculinos. Por outro lado, há sinais de transformações quando os sujeitos em contexto “pós-moderno” adquirem características mais flexíveis e assumem funções antes destinadas exclusivamente a um determinado sexo, como as atividades domésticas, para as mulheres e as ligadas ao mundo do trabalho, para os homens. E ser solteiro e morar sozinho, como vivem os dois homens que aqui se farão exemplos de sujeitos contemporâneos, demanda deles a entrada no âmbito do privado que, somado às diversas experiências que tiveram ao longo do ciclo de vida, constitui identidades também diversas.

Rui: identidade hegemônica

Rui (34 anos, paulista, engenheiro) como um homem branco, de classe média e heterossexual representa, por possuir estas características, um tipo de sujeito parâmetro para se pensar em outras identidades, e a partir do qual diversas teorias sobre identidade, foram construídas. Este homem hegemônico - na teoria - , encontra hoje o desafio de lidar com novas mulheres que não complementam sua função principal - de provedor, como discutido em capítulo empírico

anterior, desafiando modelos hegemônicos de masculinidade. Este tipo de sujeito vive em um mundo que demanda dele outras funções sociais e outras características identitárias, que incorporam também aspectos de feminilidade, como a possibilidade de demonstrar afeto, a amorosidade, o romantismo, etc. Mas, apesar das novas demandas sociais e no âmbito dos relacionamentos, será que este homem tem mudado? E em que mudou?

Através das trajetórias de Rui contraposta adiante com a do homossexual Felipe, buscaremos elementos que nos iluminem estes questionamentos.

Rui (34 anos) é paulista e grande parte da sua trajetória de vida se deu em uma importante avenida na maior cidade deste país, a Avenida Paulista, onde morou com seus pais, e conviveu perto dos avós maternos e paternos. Seu pai é engenheiro e sua mãe dona de casa. Tem um irmão e uma irmã que atualmente estão casados. Seus pais são tradicionais e ocupavam posições de gênero ligadas ao homem provedor e mulher dona de casa.

Passou a infância e a adolescência seguindo a rotina de estudar - em colégio jesuíta - e praticar esportes em um clube próximo à sua casa. Gostava de programas culturais e a proximidade do teatro e do cinema facilitava o seu lazer. Eventualmente visitava parentes em uma cidade do interior e lá brincava ao ar livre com seus primos e primas.

Ele pertencia a um mesmo grupo de amigos de infância que o acompanhou até o ingresso na faculdade, aos dezoito anos. Estes amigos tinham como prioridade os estudos e não se interessavam em namorar, mas “ficavam” com garotas em situações de festa em cidade do interior, sem compromisso. Rui considera ter sido um adolescente pouco curioso ou interessado no que se refere à sexualidade. Foi despertar para a vida amorosa e sexual no período da faculdade, aos 18 anos, quando ele e seus amigos começaram a sair com mais frequência. Teve sua primeira namorada neste período e o namoro durou cerca de dois anos. Era uma relação satisfatória, mas havia muito ciúme e sentimento de posse, contribuindo para o fim da relação. Passou por períodos intercalados entre estar solteiro e namorando, como se fossem ciclos com intervalos em média de dois anos para cada fase.

Eu tenho essa coisa dos ciclos, enquanto eu estava namorando eu aproveitava o bom de você ter uma companhia pra sair, viajar, tal, só que aí quando eu fico solteiro eu sei aproveitar bem as vantagens de estar solteiro, tipo liberdade de horário, liberdade pra fazer o que quiser. (Rui, 34 anos)

Nos namoros, assumia a função de se dedicar à relação, abrindo mão da sua individualidade. Em suas primeiras experiências amorosas - provavelmente devido à sua educação religiosa e familiar - suas rígidas crenças a respeito da fidelidade e do amor eterno impediam que ele

tivesse relações mais igualitárias e tranquilas. Com a experiência, e observando o comportamento das pessoas no seu ciclo social, percebeu que o que ele acreditava que aconteceria de forma linear - o namoro, casamento e filhos - não era uma regra absoluta. A diversidade em relação ao que envolve a sexualidade passou a ser vista de forma menos preconceituosa, o que o fez ficar mais tolerante frente aos relacionamentos.

Rui foi incentivado a buscar sua independência em relação às mulheres e desde jovem aprendeu a preparar suas refeições e a realizar atividades de lazer, sozinho. Gosta de estar sozinho e por isso optou por não dividir o apartamento quando migrou para Salvador⁷⁸. A experiência de morar sozinho nesta cidade tem sido positiva por permitir que ele volte sua atenção aos seus projetos individuais e a conseguir separar sua vida individual da conjugal, quando está namorando.

Então, eu acho que essas foram as duas principais evoluções, cada vez sendo menos ciumento, cada vez me importando um pouco menos em focar na outra pessoa, em tentar agradar, em fazer o gosto dela, dá mais valor aos meus gostos e procurar conciliar a situação, mais conciliadora e isso evoluiu pelo fato que eu falei pra você, esse fato da tolerância, eu acho que era mais intolerante e fui ficando mais tolerante com a idade, essas foram as principais mudanças de um relacionamento pro outro, foi evoluindo. (Rui, 34 anos)

Reconhece no âmbito das relações, a importância da independência feminina ao mesmo tempo considera que esta independência pode atrapalhar o investimento na relação quando as duas pessoas envolvidas não dispõem de tempo suficiente para esta dedicação. Outro problema enfrentado nos relacionamentos é o desencontro de objetivos, por exemplo, seu último namoro terminou porque a namorada queria muito casar e ter filhos devido à sua idade (na faixa dos trinta anos), o que não estava nos planos de Rui. Ele percebe que as mulheres independentes e que tem no estilo de vida, o trabalho como prioridade, enfrentam este tipo de dificuldade pelas limitações biológicas.

Este entrevistado gosta da sua vida de solteiro, mas não se considera um solteiro “convicto” porque não se fecha para a possibilidade de casamento, apenas acredita que deve aproveitar o seu momento, independente do estado civil:

Eu não sou um solteiro convicto daqueles que falam “não, casar não dá certo” nem o contrário, uma pessoa que acha que tem que casar, desesperado porque não está casado até hoje. Porque eu acho que nem uma coisa nem outra é o certo, depende com quem você está, depende do contexto. (Rui, 34 anos)

⁷⁸ Rui trabalha no setor automotivo e foi transferido do trabalho neste setor, de São Paulo para Salvador, há quatro anos.

Podemos perceber pela trajetória deste informante que a construção do gênero masculino segue o modelo de uma heterossexualidade dominante, mas que vem ganhando flexibilidade no aspecto dos relacionamentos com as mulheres, quando em sua experiência o sentimento de posse que vem com o ciúme e a concepção de fidelidade, vem sendo modificado. Incorporou a flexibilidade e tolerância nestas relações, o que as tem feito mais satisfatórias atualmente e busca relacionamentos mais igualitários - aberto ao diálogo e respeito aos limites de cada uma das partes.

Como homem heterossexual, branco, de classe média urbana, Rui tem uma inserção social favorável, e nesta posição, se coloca como uma pessoa metódica, organizada, mas ao mesmo tempo flexível e que gosta de mudanças constantes, quebra alguns padrões – como nos relacionamentos – e não se fecha dentro dos próprios modelos que cria. No entanto, assim como outros homens entrevistados, carrega ainda concepções fragmentadas de um modelo feminino baseado na dicotomia de um modelo mariano de mulher contraposto com a mulher mais independente, como é a mulher contemporânea.

Felipe: identidade não-hegemônica

Felipe (29 anos) constrói sua identidade a partir de um lugar não-hegemônico: homem negro, homossexual, proveniente de classe popular. A luta diária por sobrevivência fez deste homem uma pessoa forte, ao mesmo tempo sensível, batalhadora. Seus pais tiveram quatro filhos e trabalhavam como comerciários. Sua família é católica, onde seus membros se reúnem nas principais comemorações religiosas e há uma avó considerada por ele uma matriarca, que é uma forte referência para toda a família.

Conviveu com conflitos familiares provenientes da diferença de personalidade entre ele e seus irmãos, o que gerava brigas constantes, somado ao alcoolismo do seu pai e a situação de pobreza. Sua mãe era responsável por gerenciar estes conflitos, além de cuidar da casa e trabalhar. Ele reconhecia as dificuldades da família e admirava sua mãe:

Meu pai começava a estufar, e tal, enfim, começava a dar certo ele bebia, quem segurava a onda toda era minha mãe, tanto da empresa, do negócio, da estufaria quanto dentro de casa, nunca me lembrei dele assim preocupado, nem em dar alguma coisa dentro de casa, minha mãe foi minha mãe e meu pai, assim, quem segurava a onde de todo mundo, filhos pintões, a gente era fogo, ainda mais eu, eu era extremamente fogo, fogo, fogo, fogo, realmente se eu tivesse um filho como eu, eu não sei não, ser pai e mãe é uma coisa difícil. (Felipe, 29 anos)

Aos cinco anos de idade, seus pais mudaram de bairro e ele foi morar com sua avó. Um ano depois, quando voltou para casa, ele estava mais independente do que os irmãos e agora queria ter seu próprio espaço dentro de casa. Ainda criança compreendia as dificuldades dos pais e procurava não dar trabalho, apesar de ser uma criança “pintona” (sic).

Gostava de brincar na rua de correr, fazer trilha, imitar personagens dos desenhos animados e da televisão, gostava de fazer castelos na areia e outras construções e por isso achava que ia ser arquiteto. Em outro período da infância, gostava de brincar que era professor e achava então, que seguiria carreira acadêmica, mas por gostar muito de ler, decidiu fazer Jornalismo. Felipe era uma pessoa estudiosa, compreensiva e independente. Sua dedicação aos estudos se acentuou quando ele repetiu o ano escolar, na segunda série. Fora deste ambiente, continuava “aprontando”, o que demonstra sua característica plural de ser uma pessoa em certas circunstâncias, comunicativa, oras introspectiva e observadora. Este aspecto personalidade foi retratado quando Felipe fala do seu signo e do seu ascendente que representam essas características.

Meu signo é gêmeos, ascendente capricórnio, minha lua é aquário, e diz a Astrologia que o signo é como você pensa, o ascendente como você é visto pelo mundo e a lua é como você recebe as coisas do mundo. Eu pensaria como geminiano, - ou seja, um signo de ar, mais volúvel, que tem essas mudanças de temperamento -, agiria como capricorniano – as pessoas me vêem como uma pessoa séria, pragmática -, e eu recebo as coisas do mundo como aquário é bem, eu não sei identificar os signos, - aquário é bem pra frente, mas bem volúvel também.
(Felipe, 29 anos)

Os aspectos do estudo e trabalho foram prioridades em sua vida, devido à necessidade de ajudar a família e de conquistar sua independência. Ela estudou boa parte da infância em uma Fundação, que era uma escola com método tradicional e metódico; na sétima série começou a trabalhar como estagiário e depois de entrar na universidade, passou um período sem trabalho e recebendo ajuda de sua avó. Já graduado, atuou em trabalhos fixos e temporários, sempre com Jornalismo. Atualmente saiu do emprego estável e trabalha como *free-lancer*, o que possibilita mais flexibilidade e dedicação ao lazer. Encontra esta característica de flexibilidade e também de independência na sua opção por morar sozinho, o que considera uma conquista por ter se desvinculado da dependência que os homens têm das mulheres no âmbito privado.

Felipe considera que a busca pela sobrevivência o afastou dos interesses pelo namoro, pois tinha que trabalhar e estudar muito.

Desde criança percebia um interesse diferente por meninos, mas por se considerar uma pessoa tímida e diferente dos meninos, não conversava sobre assuntos voltados à sexualidade. Na

adolescência, namorou uma menina por um ano porque gostava dela, mas percebia que não era esta sua opção sexual. O namoro terminou no dia em que recebeu a notícia da morte da sua mãe.

A ausência desta mãe foi sofrida para ele, porque era uma pessoa a quem tinha muito apego. Neste período, sua família ficou em desordem e foi quando seus irmãos tiveram que aprender a ser independentes. Neste período, Felipe estava na graduação. A experiência em uma universidade pública foi algo diferente em sua vida porque estava acostumado a estudar em uma escola metódica e organizada. Por outro lado, foi um período de grande aprendizagem, inclusive de descoberta e afirmação de sua identidade homossexual. Ter amigos gays facilitou a entrada neste universo porque sentiu-se à vontade para poder conversar sobre sua sexualidade.

Seus interesses homossexuais eram pautados em paixões platônicas. Quando jovem, sentiu uma forte paixão platônica por um homem, com quem estabeleceu uma relação de amizade, mas não de namoro. Após esta paixão - que o fez adoecer fisicamente - findar, ele aprendeu a se relacionar sem deixar se envolver pelo sentimento de forma tão forte.

Quando eu comecei a sair, quando eu comecei a conhecer amigos também com a mesma orientação, aí eu já fui abrindo os olhos, mas aquilo não me satisfazia, eu me lembro que nessa época eu tive uma paixão platônica, eu já estava acostumado com esse mecanismo, aí me apaixonei perdidamente, fiquei dois anos apaixonado, que perda de tempo, eu emagreci, e eu me tornei amigo dessa pessoa e, sofria porque essa pessoa pegava outra pessoa e tal, cheio de namoros e eu nada, não queria outra pessoa, que idiotice, outra pessoa e tal. Fiquei o tempo todo com essa paixão sem conseguir me relacionar porque estava apaixonada até que eu consegui me libertar, mas eu já tinha vinte anos e algumas coisas, mas nenhum namoro, coisa de um mês, dois meses e tal, porque eu sempre me dedicava ao estudo ou ao trabalho. (Felipe, 29 anos)

Sua iniciação sexual aconteceu aos 17 anos, e atendeu suas expectativas em relação ao sexo. Mas antes disso, havia jogos sexuais sem o ato sexual se completar.

Seus relacionamentos amorosos duram em torno de 2 a 3 meses. Isso o tem feito refletir sobre os motivos pelos quais não se engaja em um relacionamento mais duradouro. Alguns pensados por ele são: não se deixa envolver, tem medo da perda, enjoa da pessoa em pouco tempo e teme ficar dependente de alguém ou de algo. Outro motivo é a característica de velocidade das relações atuais e o tipo de homem com quem se relaciona: homens que não querem se comprometer. E quando encontra alguém que se apaixona por ele, não se deixa envolver:

Em só uma semana dizer eu te amo! Eu não acredito! (risos). Né? A pessoa se apaixona e tal. Você compreende aquilo. Mas, calma aê!... É uma carência! (Felipe, 29 anos)

O relacionamento que mais durou - 8 meses - foi com um homem que conheceu na internet. Este homem era cuidadoso com a relação, era ele que cozinhava, se preocupava com Felipe, e foi quem lhe deu apoio quando seu pai faleceu, há um ano atrás. Ele não gosta de namorados que sejam “grudes”, que discutam a relação, que fazem declarações de amor. Não tolera esta forma de se relacionar. Não acredita no amor romântico e vive sua vida de solteiro de forma tranqüila, porque não há a ânsia por encontrar um parceiro.

Felipe é uma pessoa atenciosa, gosta de ler romances e de conversar sobre as relações amorosas com amigos, tem um site (blog) onde divulga seus pensamentos. Ele se comporta de forma carinhosa com as pessoas - o que foi percebido quando estava ao telefone -, e diferente da construção masculina hegemônica, fala sobre os momentos que chora:

Eu acho que é importante você... é... lidar com essas emoções. Você tá triste. É importante viver aquela tristeza. Não se espera, que eu sei que como eu já conheço um pouco de mim, eu sei que aquilo vai, eu vou melhorar. Eu não fico muito tempo triste: ah, eu fiquei triste, e tal! Eu choro, choro, choro. Aquilo vai passar, né? (Felipe, 29 anos)

Falar de emoções e expressá-las caracteriza um gênero masculino que se coloca numa posição de não-hegemonia, e abertura a outras possibilidades de ser homem.

Considerando o caráter mutável, processual e relacional da identidade e que este processo está situado sócio-historicamente, podemos refletir como estes sujeitos a constroem durante as experiências diversas que tiveram ao longo da vida, num processo de identificação que expressa esse caráter de mutabilidade.

Considerações sobre identidades contemporâneas

As identidades aqui discutidas, e pensando também os aspectos identitários trabalhados ao longo desta dissertação, temos homens e mulheres representantes de identidade hegemônicas e não-hegemônicas, com aspectos convencionais e também contemporâneos. Estes sujeitos representam as inquietações que temos sentido ao vivermos em um mundo tão complexo. Estes sujeitos em sua complexidade - que em uma ou duas conversas em situação de entrevista formal ou em observação em outro contexto informal, não conseguimos abarcar - se colocam no mundo enquanto constituídos por gênero, de maneiras desafiadoras para as regras

sociais pré-existentes, quando vemos mulheres tendo uma postura mais “independente” e homens com maior flexibilidade no âmbito das relações.

As identidades também nos seus aspectos sexuais dançam conforme o cenário líquido da modernidade vai sendo configurado. Este cenário inclui os diversos grupos sociais, os espaços e os territórios no momento em que os sujeitos - nômades contemporâneos - por ali passaram. E nesta passagem, o processo de identificação vai se configurando. Por isso a análise prévia dos contextos onde estes sujeitos se situam e num tempo específico. Também suas relações, porque o sujeito é relacional. Neste sentido, olhar para homens e mulheres solteiros, permite o olhar também para uma era de re-configuração de identidades, porque as relações que estas pessoas estabelecem fogem das regras convencionais e permitem uma maior mobilidade no universo dos relacionamentos amorosos e assim, na construção do gênero.

Homens e mulheres agora incorporam elementos que retratam a diversidade característica do momento atual, convivendo com novas e antigas formas de estar no mundo. Oras impedem a expressão da diversidade quando mulheres “modernas” se deparam com homens “antigos”, ou os emergentes “novos homens” se deparam com padrões antigos de masculinidade. Mas se estes “antigos” modelos co-existem, é porque, supomos, ainda há alguma funcionalidade social.

As narrativas ilustraram, neste sentido, aspectos da contemporaneidade nos sujeitos: a flexibilidade de construir e re-construir crenças, num movimento de reflexividade, o individualismo nas escolhas que estes sujeitos fizeram em suas trajetórias amorosas principalmente, o imediatismo destas escolhas, o trânsito por espaços marcadores de identidades como os espaços específicos de lazer, - pensando nos dados apresentados ao longo deste trabalho - a diversidade na construção e expressão do gênero, que não se fixou em padrões tão rígidos de masculinidade e feminilidade.

O “não se sentir homem nem mulher” foi uma metáfora utilizada como referência a esta diversidade, tendo em vista que os sujeitos transitam entre os dois mundos, mesmo este trânsito sendo mais fluido e flexível para uns, e mais rígidos, para outros. Homens e mulheres (participantes desta última etapa da pesquisa) trabalham, realizam atividades domésticas, são autônomos e independentes nas escolhas amorosas, se vestem como querem, participam dos grupos sociais específicos quando querem, tem autonomia para se comportar sexualmente.

Compreendemos ainda que a partir das diversas experiências ao longo do ciclo de vida, os sujeitos vão se reconhecendo enquanto tal. E neste universo, o item “ser solteiro” entra como mais um elemento de identidade, porque demarca lugares sociais que são carregados de representações, principalmente em torno da construção de um estilo de vida ou de posturas

específicas perante a vida e aos relacionamentos, relacionadas à flexibilidade de uma vida não atrelada a uma parceria amorosa estável, e uma vida com mais “atividade” porque estando solteira, a pessoa não tem restrições - a não ser internas - para o universo das possibilidades e escolhas individuais. Isto porque ainda há a idéia de que o casamento ou um relacionamento estável irá prender os sujeitos envolvidos um no outro. Por outro lado, esta concepção vem mudando e as relações e os estilos de vida - percebendo que estes elementos são intercambiáveis - tem incorporado os ideais e as representações de uma vida de solteiro mais “líquida” também para os relacionamentos estáveis, quando se aproximam da proposta do “relacionamento puro” de Giddens (1992) discutido anteriormente, reconfigurando os modos de se relacionar na contemporaneidade.

Considerações finais

Procurou-se tratar nesta pesquisa dimensões do que seria um “sujeito contemporâneo” - seus estilos de vida, relacionamentos amorosos e identidade, localizado em um contexto urbano, cosmopolita, onde a modernização e o processo de individualização representam a constante reinvenção do capitalismo, na contemporaneidade. As pessoas convivem com a complexidade dos grandes centros urbanos ocidentais, onde o capitalismo de consumo dita novas regras sociais, há presença de desigualdades sociais marcantes, mas com estilos de vida mais dinâmicos e cheios de possibilidades. Um cenário que pode ser pensado em Salvador, aonde o moderno e o antigo se entrelaçam, formando mosaicos interessantes, com “pedrinhas” segregadas que se misturam gerando links e conexões não imaginadas e bem interessantes.

Neste cenário, os personagens principais não são mais as pessoas senão suas relações: as pessoas estão ansiosas por relacionar-se. Mas o “relacionar-se” na contemporaneidade ganha um outro significado quando a velocidade, o imediatismo, o individualismo (e/ou o narcisismo), a liberdade de escolha, a flexibilidade e a diversidade que caracteriza o mundo globalizado e consumista, passam a fazer parte das regras sociais. O que rege as relações agora não é mais uma regra ou um modelo linear de conduta, e sim, muitas regras criadas no próprio movimento de relacionar-se, ou de conectar-se como o outro. “Conectar”, para Bauman (2001b) e Giddens (2000) talvez seja o termo mais apropriado para descrever e compreender os significados e dimensões das relações provenientes de sociedades em rede e informatizadas.

Esta idéia de conexão é somada à perspectiva de localização dos saberes - desde dentro da teoria feminista - onde se situam os lugares de onde se está falando e quem está falando, sendo uma perspectiva importante para a produção de um conhecimento “situado”. A partir desta perspectiva, fundamentamos o processo de construção teórico-metodológico desta pesquisa. E o que gerou foram resultados que devido a sua importância social, aqui agora se re-configuram. E vem em forma de desafio quando nos deparamos com o impasse que homens e mulheres encontram no movimento de relacionar-se estando na posição de solteiros, quando esta posição carrega representações sociais voltadas para o campo da “masculinidade” ou de uma nova “feminilidade”: as narrativas dos sujeitos a respeito da vida de solteiro remetiam, no geral, a uma vida voltada para o individualismo, a autonomia, a liberdade, à despreocupação com o espaço do privado/doméstico, à busca por satisfação sexual sem o

afeto ou o compromisso. Todos estes são aspectos comumente associados ao campo do “masculino” enquanto construída no binômio “atividade - passividade”, mas não restrito a este. Comumente a construção da masculinidade está associada à atividade, à agressão, ao mundo público do trabalho, enquanto a feminilidade fica restrita a características de sensibilidade, afetividade, cuidados com o outro, e o que mais for relacionada ao âmbito do privado, que vem sendo desafiada a mudar a partir das transformações sociais e pelos debates produzidos pelo feminismo em suas diferentes fases.

O desafio que se lança é apontado pelos homens contemporâneos representados na amostra desta pesquisa, quando se deparam com mulheres mais “ativas” - mulheres “modernas”, independentes e autônomas - que com estas características, colocam-se num patamar de igualdade perante os homens, porque se aproximam de características que são sócio-historicamente associadas ao universo “masculino”. Neste sentido, parece ser uma tarefa desafiadora para os homens se relacionarem de forma igualitária, porque para se chegar a este patamar, alguém tem que “perder” um poder que previamente estava estabelecido. Mas como perder poder em um mundo ainda pautado em padrões hegemônicos? As transformações nas formas de se relacionar, baseadas na complementaridade de papéis, que era regra principal nas relações amorosas assim como a heterossexualidade compulsória, desafiam os sujeitos a buscarem novas formas de se relacionar.

Neste desafio, se buscam alternativas viáveis para desconstruir as dicotomias que os homens ainda trazem em relação às mulheres: a fragmentação da mulher em “aquela para namorar” e “a mulher para ficar”, ou a “virtuosa” e a “promíscua”. O imaginário masculino comporta ainda estas figuras dicotômicas como representações do feminino, e coloca a mulher “contemporânea” e mais “moderna” - aquela mulher emancipada - no patamar das mulheres não disponíveis para o namoro.

Outra crença que permeia o imaginário masculino em relação às mulheres é o sonho de casar e ter filhos, o que na prática e na vivência de algumas mulheres da amostra, não é uma verdade. As mulheres também se relacionam com homens ou com mulheres sem compromisso e não pensam em casar ou ter filhos. Elas buscam a relação com um homem ou com uma mulher pelo prazer da relação, desvinculam sexo de afetividade e não se sentem culpadas adotando esta prática, rompendo com o ideal romântico de amor que pautavam as relações amorosas.

O sexo sem afetividade, a opção pela não-maternidade nem o casamento, a opção por morar sozinha, o investimento na carreira profissional, e outros elementos fazem parte da construção identitária de mulheres contemporâneas. Estes elementos caminham junto com perspectivas

de casamento e constituição de família que não seguem os “padrões tradicionais”. As mulheres e também os homens da amostra que fazem da família um projeto de vida, vislumbram relações mais contemporâneas como o casamento em casas separadas, o casamento “aberto”, e todo tipo de relação que permita o crescimento pessoal do casal, preserve a autonomia e a liberdade, o crescimento profissional, e outras características, num processo de democratização da vida amorosa, que é a proposta do “relacionamento puro” de Giddens (1992) e a busca de igualdade de gênero que as feministas lutaram para promover.

Nestas relações contemporâneas, entram em debate antigos conceitos e padrões de comportamento que norteavam as relações amorosas de caráter estável, como a monogamia, a virgindade feminina e o compromisso. Estes elementos têm ganhado novos significados na contemporaneidade, quando o que rege as relações deixa de ser o fator econômico e passa a ser o emocional - amor, afeto, desejo, paixão - deixando os sujeitos tão flexíveis para construir suas relações quanto estes sentimentos. Perlin (2004) com base nas perspectivas de Giddens (1992) em torno dos relacionamentos amorosos, propõe a “monogamia reflexiva” como um tipo de relação que tenha as características citadas, já que, os elementos que faziam parte das relações estáveis que prometiam a garantia que a relação ia durar e ser satisfatória, na prática é difícil de ser alcançado. Então, ter consciência das limitações das regras que regem as relações e num movimento de reflexividade, cada par/casal construir as próprias regras, pode contribuir para o estabelecimento de relações mais satisfatórias.

E o estilo de relacionamento “ficar” aparece como uma relação que tem uma importante função de romper com regras fechadas e permitir a flexibilidade dos sujeitos e a criação de regras mais abertas e por isso tem sido muito praticado. E entra como uma alternativa para se relacionar, quando as pessoas não encontram parceiros ideais para o estabelecimento de relações amorosas duradouras, quando não querem manter uma relação estável e quando o que se busca é a satisfação imediata do desejo sexual e o pouco comprometimento com o outro, dentre outras vantagens e usos do “ficar”.

O processo de relacionar-se rompendo de forma drástica ou lenta com as tradições no campo da intimidade, foi sendo construído ao longo da trajetória de vida de cada sujeito, como foi mostrado no último capítulo, com as histórias de vida. As identificações com símbolos e comportamentos masculinos ou femininos, assim como as relações de gênero que significativamente fizeram parte da trajetória destes sujeitos contemporâneos, contribuíram para a construção e re-construção de conceitos e crenças relacionadas ao namoro, ao casamento, à família, à sexualidade, fazendo com que, num movimento de reflexividade, cada sujeito fosse, no decorrer de sua trajetória, se re-construindo. Aspectos importantes na

construção de gênero foram a classe, a origem, a geração, para citar alguns dos principais. Nesta diversidade, as relações amorosas tivessem diferentes significados ao longo do ciclo de vida, chegando, na adultez, a perspectivas mais flexíveis e diversas.

E ter atualmente perspectivas e comportamentos em torno das relações amorosas com mais ou com menos elementos da “pós-modernidade”, para os homens e as mulheres da amostra, dependeu de uma série de fatores das trajetórias de vida dos sujeitos. Tiveram expressões significativas e mais próximas a um estilo de vida cosmopolita, contemporâneo, as pessoas solteiras que apresentaram os seguintes aspectos: ter vivido em grandes centros urbanos onde as tradições familiares têm menos força, diferente da origem em cidades interioranas; as vivências de identidade sexual onde os gays e as lésbicas transitam por espaços e estabelecem relações não-hegemônicas e vivências sexuais mais “plásticas”; a origem de classe e a busca por autonomia, independência que para uns significou a própria sobrevivência; as identificações com grupos de iguais e as ideologias nestes grupos que questionavam os padrões sociais hegemônicos - como os grupos anarquistas, a participação em debates e movimentos sociais de caráter libertador (mesmo estes tendo sido referenciados por poucos sujeitos da amostra).

Neste movimento de complexidade e não-linearidade, a diversidade se fez presente nas identidades construídas de sujeitos urbanos contemporâneos, no processo de ocupação dos espaços urbanos para as pessoas solteiras, na construção dos estilos de vida e no processo de relacionar-se amorosamente. Para que pudéssemos pensar neste processo de construção, foi dada voz aos sujeitos durante toda a construção desta pesquisa - sendo eles os protagonistas deste trabalho.

Aqui retomarei a voz de uma mulher lésbica, Grace (37 anos), que no decorrer de sua narrativa, traça aspectos fundamentais para visualizarmos como a identidade é construída a partir desta narrativa e que se materializa nas suas ações, como propõe a perspectiva de “performatividade” de Judith Butler (2003). Grace (37 anos) constrói seu gênero no ato das experiências que se propõe ter, transitando entre os universos masculino e feminino no seu plural modo de ser. Questiona modelos de sexualidade hegemônica e os padrões de relacionamentos convencionais, sem se ater aos binarismos que limitam a expressão das identidades, ao mesmo tempo, busca em pessoas mais “masculinas” ou “femininas” a sua própria construção de gênero, num movimento de busca por uma identidade. É interessante apontar este paradoxo e vislumbrar um tipo de sujeito que se sente “pessoa” antes de se sentir homem ou mulher.

No terreno das identidades, pensemos na construção do sujeito também a partir do seu processo de identificação como pessoas solteiras, residindo em Salvador e o que esta condição de “solteirice” possibilita para estes sujeitos numa cidade de cultura carnavalesca, que ao mesmo tempo é ainda conservadora. Em Salvador, há um mercado de lazer destinado ao consumo das pessoas solteiras que estão em busca de diversão e de um encontro amoroso. Bares, boates, praias, programas culturais - teatro, cinema, etc., shows, e o próprio Carnaval, são meios possíveis onde as pessoas solteiras se identificam entre si e também se dividem: classe, sexualidade, geração demarcam estes espaços, que por um lado, são vistos como limitantes - a exemplo da restrição que os homossexuais sofrem ao transitar em ambientes onde a maioria das pessoas são heterossexuais - e ao mesmo tempo acolhedores, quando há a identificação com os grupos de iguais.

Nesta cidade foi percebido através de dados sobre os estilos de vida discutidos neste estudo, a presença de muitos dos elementos descritos na literatura como fazendo parte da construção de novas formas de organização social dentro dos centros urbanos como elementos do processo de subjetivação das camadas médias urbanas: o consumo individual, a flexibilização da rotina para preservar esta individualidade, a flexibilização das funções de gênero - percebidas principalmente entre as pessoas que moram sozinhas que assumem funções igualitárias nos afazeres domésticos, antes delimitadas para homens ou para mulheres, investimento na carreira profissional, o cuidado consigo mesmo e com o corpo, na busca de auto-conhecimento e bem estar (em processo terapêutico, na prática de esportes, e outras atividades que promovam este bem estar); as redes sociais reais - amizades, colegas nos diversos espaços ocupados, família, as relações amorosas - e virtuais mediadas pelo computador; e ainda a característica de “nomadismo” vista na mobilidade dos sujeitos em mudar de cidade, ou de trabalho e não se fixar em um espaço.

Foi marcante a presença dos aspectos de autonomia e a liberdade, conquistados por homens e mulheres quando se reconhecem como sujeitos livres da dependência de outros sujeitos: homens solteiros e que moram sozinhos, por exemplo, se “livram” da dependência feminina para lidar com as atividades domésticas; as mulheres solteiras (uma parte da amostra) da mesma forma, não dependem de um homem para se sentirem satisfeitas afetivamente.

Tendo em vista estas considerações, acreditamos que as pessoas solteiras se configuram como uma forma privilegiada para podermos compreender e melhor explicar os novos modos de ser dos sujeitos contemporâneos, quando representam nesta forma de ser - de viver, de se relacionar, de se comportar nas relações afetivo-sexuais e nas diversas redes sociais -

indicadores das diferentes transformações na esfera da intimidade - sexualidade, família, afetividade - na contemporaneidade.

A partir destas considerações, podemos pensar em questões que merecem atenção em estudos futuros, como a definição de “solteirice”, que aqui começa a se re-construir. A perspectiva inicial de que as pessoas solteiras enquanto as que não estivessem engajadas em um relacionamento estável pudessem ser representantes de sujeitos contemporâneos que rompem com tradições e se engajam em relacionamentos amorosos e estilos de vida mais contemporâneos, foi sendo confirmada no processo de construção dos dados. Também foi sendo flexibilizada e ampliada, quando na amostra, alguns sujeitos apontaram perspectivas mais “tradicionais” sobre as relações de gênero num contexto de relações amorosas, possibilitando a compreensão de como, na contemporaneidade, a diversidade representada pelo novo e o antigo em termos das regras que regem as relações sociais e das relações de gênero, caminham juntas.

A “solteirice” pode ser vista como um lugar de onde os sujeitos falam e de onde constroem estilos de vida, principalmente para as pessoas que moram sozinhas, como discutido em tese de Gonçalves (2007), condizentes com os comportamentos e representações descritas como fazendo parte da vida de solteiro nesta pesquisa descrita como: uma vida “leve”, desprendida de compromissos com o outro em uma relação amorosa, onde as escolhas são feitas de forma individual, e dentre outras características, onde os sentimentos de solidão ou as dificuldades em lidar problemas do cotidiano são solucionados com a ajuda das redes e de aparatos tecnológicos conformam uma forma de viver condizente com a velocidade e pluralidade que fazem parte da vida urbana contemporânea, de sujeitos de classes médias.

Este lugar de “pessoa solteira” é visto também como um lugar de construção identitária onde as diversas práticas e experiências de vida estão atreladas às representações e comportamentos esperados socialmente a estas pessoas, que é contraposto às “pessoas casadas” porque tem a vida pessoal atrelada à outra e de onde outras representações e práticas irão se conformar. Outras especificidades que demarcam a complexidade deste objeto podem ser contempladas em trabalhos futuros, considerando também comparações entre sujeitos das diversas classes sociais e de outras localidades, principalmente em outros grandes centros urbanos, que foram considerados pelos entrevistados, como lugares onde sujeitos mais individualistas, dinâmicos de desprendidos de tradições vivem, diferente de Salvador, onde ainda a cultura “machista” e “coronelista” permeiam as relações amorosas e os estilos de vida, apesar do discurso de que na Bahia tudo é permitido.

E numa sociedade de risco, complexa, diversa e plural, compreender as identidades que aí emergem é um desafio que as teóricas feministas têm lançado principalmente a partir das construções teóricas em torno do conceito de gênero, quando os sujeitos não podem ser vistos senão como sujeitos “engendrados” - discussão que merece estudos aprofundados.

Consideramos que foi fundamental para este estudo a proposta de se fazer uma pesquisa feminista e de caráter interdisciplinar, onde foram dadas vozes aos sujeitos e às subjetividades, possibilitando a interlocução de saberes e a construção de um conhecimento de uma forma crítica.

Referências

1. ANDRADE, D.S.V. **Antes só do que mal acompanhado/a? Um estudo sistêmico sobre a experiência de ser solteiro/a na atualidade.** Monografia. Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar. Salvador: Faculdade Ruy Barbosa, 2005. (mimeo)
2. ANDRADE, D.S.V. Conceitos e significados acerca do estilo relacional *ficar*. Uma análise de discurso entre adultos jovens. **CienteFico**. Ano IV. V. III. 2004 Disponível em: http://www.cientefico.frb.br/2004.2/especial_tcc/esp_tccs.andrade.pdf
3. ANDRADE, D.S.V.; PERLIN, G. D. B. Relacionamentos sexuais temporários: conceitos e experiências em adultos. **Anais do III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia**. João Pessoa, Fundação Espaço Cultural, v.II, p.211, 2003.
4. AYLMER, R. O lançamento do jovem adulto solteiro. Cap. 9 Em: CARTER, B e MCGOLDRICK, M. e cols. **As mudanças do ciclo de vida familiar**. Uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed., São Paulo: Artmed, 2001
5. ALBUQUERQUE, J.A.G. “Classe média: caráter, posição e consciência de classe”. In: ALBUQUERQUE, J.A.G. (org). **Classes médias e políticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 apud DUCCINI, L. **Diplomas e Decás: Re-interpretações e Identificações Religiosas de membros de classes médias do candomblé**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2005.
6. AMORIM, Nádia. **Mulher solteira: do estigma à construção de uma nova identidade**. Maceió: UFAL, 1992
7. ANDOLFI, Maurizio. A teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen. **Terapia Familiar**. n. 68, março, 2002 pp. 30-41. (trad. Maria Goretti M. Cruz, 2003)
8. ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. Em: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006
9. AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2001
10. AZERÊDO, Sandra. M.M. Deslocamentos da identidade. Teorizando a violência na delegacia de mulheres. Em: RIAL, C.S.M.; TONELI, M.J.F. **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004 pp.117-130
11. BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1970
12. BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2001a
13. BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2001b
14. BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 9 ed. Vol.2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
15. BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consume**. São Paulo: Martins Fontes, 1970
16. BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **El normal caos del amor**. Barcelona: El Roure, 1990

17. BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, cap. 1, p. 11-71
18. BETTELHEIM, Bruno. **A Viena de Freud e outros ensaios**. São Paulo, Ed. Campus, 1996
19. BORDO, Susan. O corpo e a representação da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M & BORDO, Susan R. (orgs). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, pp.: 19-39.
20. BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez Editora, 2001
21. BOURDIER, P. “Gosto de classe e estilo de vida”. In: ORTIZ, R. (org) **A sociologia de Pierre de Bourdier**. São Paulo: Olho D’Água, 2003
22. BRITTO DA MOTTA, Alda. “Não há morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Salvador, 1999. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia.
23. BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. Beauvoir, Wittig e Foucault. In: CEYLA, B. e DRUCILLA, C. (coords.), **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, pp.:139-154
24. _____. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do Pós-modernismo. In: **Trajétoérias do Gênero, Masculinidades**. São Paulo: Cadernos Pagu, 1998.
25. _____. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In GUACIRA, L. L. (org). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-174.
26. _____ **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003
27. CARNEIRO, S. **Identidade feminina**. Em: SAFFIOTI, H.I.B; MUNOZ-VARGAS,M. Mulher brasileira é assim. Brasília: Rosa dos Tempos, 1994.
28. CASTELLANOS, Gabriela. “Gênero, poder e posmodernidade: Hacia un feminismo de la solidaridad.” In: LUNA, Lola e VILANOVA, Mercedes (comps.) **Desde las orillas de la política. Gênero e poder en América Latina**. Barcelona: Seminário Interdisciplinar Mujeres y Sociedad/ Universidad de Barcelona, 1996, pp. 21-48
29. CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. Em: _____ **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Cap.4. vol. 2, 3ª ed. Paz e Terra: São Paulo, 1999
30. CIAMPA, Antônio Costa **A estória do Severino e a história da Severina**. Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001
31. CHAVES, Jaqueline. **“Ficar com”**. Um novo código entre jovens. 2ª edição. Editora Revan: Rio de Janeiro, 1997
32. CORRÊA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira”. Em: ARANTES et al. (org.) **Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982, p.13-38

33. COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria Bacelar;. Feminismos, feministas e movimentos sociais. Em: BRANDÃO, M. L. R.; BINGEMER, M. C. L. (org.) **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994
34. CUNHA, Mercedes. **Dados para uma avaliação de currículo do curso de Psicologia da UFBA**. Caracterização do aluno, análise das condições de ensino oferecidas pela Instituição. Dissertação de Mestrado em Educação da UFBA. Salvador, 1979
35. DAHLERUP, Drude. “Conceptos confuso. Realidad confusa: una discusión teórica sobre el Estado patriarcal”. In: SASSOON, Anne (org) **Las mujeres y el Estado**. Madrid: Vindicación Feminista, 1987, pp. 111- 150
36. DELEUZE, G. & GUATTARI, E. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5. São Paulo: Editora 34, 1997
37. DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. Em: HOLANDA, H.B. (org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp.206-242.
38. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “**Senhoras e ganhadeiras: elos na cadeia dos seres**”. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.83-113
39. D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. Em: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006
40. DUCCINI, L. **Diplomas e Decás: Re-interpretações e Identificações Religiosas de membros de classes médias do candomblé**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2005.
41. EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
42. EISENSTEIN, Zillah. “Lo público de las mujeres y la búsqueda de nuevas democracias.” **Debate Feminista**, ano 8, vol. 15, México, 1997, pp. 198-243
43. FARIA, Sheila de Castro. Viver escravo – Diversidade. Em: **___A colônia em Movimento. Fortuna e Família no Cotidiano Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, cap. 5 pp. 289-355
44. FAUSTO-STERLING. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, 17/18, 2001
45. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 1998, vol.11, no.2 [citado 20 Fevereiro 2002], p.379-394. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7972
46. FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000
47. FLAX, J. Pós-modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: HOLLANDA, H. B. De (org). **Pós-modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
48. FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: **___ Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980

49. GILL, Rosalind. Análise de discurso. Em: BAUER, M.K. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, cap.10, p.244-270
50. GIAVONI, A. e TAMAYO, A. Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA) **Psicologia: teoria e pesquisa**. Maio-ago, 2000, vol. 16, n.2 pp.175-184
51. GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1992
52. _____, **Mundo em descontrole**. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000
53. GIDDENS, Anthony & PIERSON, Christopher. **Conversas com Anthony Giddens. O sentido da modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000
54. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002
55. GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997
56. GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas.
57. GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia. Caminhos e desafios**. 1ª ed. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
58. GUILLEBAUD, J. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
59. GUIMARÃES, I.B. Desigualdades de classe e gêneros: mudanças e permanências. Em: COSTA, A.A.A.; ALVES, I. (org.) **Ritos, mitos e fatos. Mulher, gênero na Bahia**. Salvador: NEIM/FFCH/UFBA, 1997
60. GUTMANN, Matthew C. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. **Annual Review of Antropology**, n. 26, 1997, pp. 385-409, 1997
61. HARDING, Sandra. “Existe un método feminista?” In: Eli Bartra (org) **Debates em torno a uma metodologia feminista**, México, D.F.: UNAM, 1998.
62. HARAWAY, Donna. Saberes localizados. **Cadernos Pagu (5)** Núcleo de Estudos de Gênero. PAGU/UNICAMP, 1995 p. 7-41
63. HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. SP: Edições Loyola, 1994
64. HEILBORN, MARIA LUIZA. Gênero: um olhar estruturalista. In PEDRO, JOANA MARIA; GROSSI, MIRIAM PILLAR (org). **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 43-56
65. HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. **As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, - SP, 2004
66. HITA, Maria Gabriela. Igualdade, identidade e diferença (as): feminismo na reinvenção de sujeitos. Em: ALMEIDA, H.B. et al. (org) **Gênero em Matizes**. Campinas: Estudos CDAPH, 2002

67. JABLONSKI, Bernardo. Crenças e credices sobre a sexualidade humana. **Psicologia teoria e pesquisa**, Brasília, DF, vol. 14, n.3, p. 209-218, set-dez 1998
68. _____. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FÉRRES-CARNEIRO, T. (org) **Família e casal. Arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2003
69. JAIVEN, Ana Lau, Cuando hablan las mujeres. In: Eli Bartra (org). **Debates em torno a uma metodologia feminista**. Mexico, D.F.: UNAM, 1998, pp.1 85- 198
70. JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997
71. JOHNSON, Allan G. Feminism and Feminists. In: ____ **The gender knot: unraveling our patriarchal legacy**. Phyladelphia: Temple Univ. Press, 1997, pp.: 99-130.
72. LASCH, Cristopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Trad. Ernani Pavareli. Rio de Janeiro: Imago, 1983
73. LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997
74. MACEDO, Márcia. **Tecendo os fios e segurando as pontas. Trajetórias e experiências de chefia feminina em Salvador**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
75. MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos PAGU (11): Trajetórias do gênero, masculinidades...** Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/ÚNICAMP, 1998, pp.106-125
76. MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília –DF, 2000.
77. MANSUR, Luci Helena Baraldo. **Sem Filhos: a mulher singular no plural**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003
78. MARTINHO, Cássio. **Redes. Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. ed.1 WWF, 2003
79. MATTOSO, Katia de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Corrupio, 1988
80. MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: Dell Publishing, 1968
81. MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2002
82. NASCIMENTO, Erico Silva. Territórios e circuitos homossexuais em Salvador: há um gueto gay? Trabalho monográfico. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Bacharel em urbanismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007
83. NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o parentesco com o econômico. In: BENHABIB, s; CORNELL, D. (eds). **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 23-37.
84. NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 8, n 2, 2000. p. 09-41.

85. NICHOLS, M. P. & SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar. Conceitos e Métodos**. Porto Alegre: Artmed, 1998, pp. 309-340
86. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, 2004a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jan 2007. doi: 10.1590/S0102-37722004000200009.
87. _____. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**. 2004b, 24, pp. 82-98
88. _____. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. **Psic.: Teor. e Pesq.** v.21 n.3 Brasília set./dez. 2005
89. NERI, Sexo, casamento e solidão. **Conjuntura nacional**, junho, 2005 Disponibiliade e acesso:
<http://www.fgv.br/ibre/cps/artigos/Conjuntura/2005/Sexo,%20casamento%20e%20solidao.pdf> Acessado em 25/07/2005
90. NOGUEIRA, C. Feminismo e discurso de gênero na psicologia social. **Psicologia e Sociedade**. n. 13 v., p. 107-128, jan/jun, 2001
91. OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discurso sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 6, n.1, 1998
92. PHILLIPS, Anne. Feminismo y democracia. In: **Género y teoria democrática**, cap. 1. México: PUEG, 1996, pp. 13-65
93. PAPP, Peggy (org.) **Casais em perigo. Novas diretrizes para terapeutas**. Artmed: Porto Alegre, 2002.
94. PERLIN, Giovana. **Gênero, multissexualismo e constituições familiares contemporâneas: Desafios para uma atuação ética**. Salvador, 2002 (mimeo)
95. PERLIN, Giovana. **Psicologia da Sexualidade**. Aula ministrada no curso de Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar, na Faculdade Ruy Barbosa. Salvador, 2004
96. PIERUCCI, A.F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP Editora, 1999
97. PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, cap. 7, p.183 -214
98. PINO, A. **La cara oculta de la publicidad: como triunfar y pasarlo bien**. Madrid: Ediciones de las Ciencias Sociales, 1991 *apud* SEVERIANO, M.F.V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001
99. PISCITELLI, A. Reflexões em torno do Gênero e Feminismo. In COSTA, CLÁUDIA DE LIMA; SCHMIDT, SIMONE PEREIRA (org). **Poéticas e Políticas Feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 43-66.
100. PRATES, Adriana. Homossexualidade, “modernidade”, consumo e hierarquia: a relação entre identidade e consumo na contemporaneidade. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005

101. RAGO, Margareth. "Epistemologia feminista, gênero e história". In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (orgs.) **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998, pp.: 21-42
102. REINHARZ, Shulamit. "Introduction". In: _____ **Feminist Methods in Social Research**, New: Oxford: Oxford University Press, 1992, pp.: 3-17
103. RAMPAGE, Cheryl; AVIS, Judith Myers. Identidade sexual, feminismo e terapia familiar. Em: ELKAIM, Mony (org.) **Panorama das terapias familiares**. Vol.2. Summus editorial: São Paulo, 1998
104. ROCHA –COUTINHO, M.L. Dos contos de fadas aos superheróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. **Psicologia clínica**, n.2, v.2, p.65-82, 2000.
105. RODRIGUES, A. F. **Como elaborar citações e notas de rodapé**. 3ª ee. Coleção Metodologias, v. 1 São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. 74p.
106. ROMAO-DIAS, Felipea e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. "Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais": algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicol. cienc. prof.** [online]. mar. 2005, vol.25, no.1 [citado 11 Março 2007], p.70-87. Disponível na World Wide Web: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.
107. RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex. In: R. Reiter (ed.) **Toward na Antropology of women**. New York: Monthly Review Press, 1975, pp.: 157-210. [traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania]
108. SALES, C. M. V.; AMARAL, C. C. G.; ESMERALDO, G. G. L. **Feminismo: memória e história**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.
109. SAMARA, Eni de Mesquita. O espaço da família: vida doméstica e relações sociais. Em: ___ **As mulheres, o poder e a família. São Paulo, século XIX**. São Paulo: Marco zero, 1989, p.15-45
110. SARDENBERG, Cecília M. B. Estudos feministas: um esboço crítico. In: GURGEL, Célia (org.), **Teoria e práxis dos enfoques de gênero**. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, pp.: 17-40
111. SARDENBERG, C.M.B. Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. Em: BRITTO DA MOTTA, A.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (org) **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. FFCH/NEIM/UFBA, 2000
112. SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____ **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988, pp.:28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993]
113. SCOTT, Joan. História das mulheres. Em: BURKE, Peter. (org) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-95.
114. SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, São Paulo, 1994, p. 11-27
115. SPINK, Mary Jane (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editora, 1999
116. SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004
117. SEVERIANO, M.F.V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001

118. SENNET, R. **O declínio do homem político: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1993
119. SOUSA SANTOS, B. **Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. SP: Cortez, 2001
120. TILIO, R. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. Cap.3 Em: LOPES, L.P.M. **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado das Letras, 2003
121. TOSI, Lúcia. Mulher e Ciência. A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos PAGU** (10), 1998, pp. 369-397
122. TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995
123. TURKLE, S. (1995). Life on Screen: identity in the age of the Internet. Nova York: Touchstone. Apud NICOLACI-DA-COSTA, A.M. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. **Psic.: Teor. e Pesq.** v.21 n.3 Brasília set./dez. 2005
124. VAITSMAN, **Flexíveis e plurais**. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
125. VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade, uma experiência de geração**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989
126. WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. (1978) Em: BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. Beauvoir, Wittig e Foucault. In: CEYLA, B. e DRUCILLA, C. (coords.), **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, pp.:139-154
127. WEINGÄRTNER, Carmen L.;et al. O “ficar” entre adolescentes no Brasil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol.8, n.2, p.181-203,1995
128. WEBER, Max. “Classe, estamento, partido”. Em: GERTH & MILSS, (org). **Max Weber. Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974
129. WOLF, Virgínia. **Um teto seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
130. WINBERG, M & MIZUTA, E. Capitais da Solidão. **Revista Veja**. Edição n. 1902, de 25/04/05

ANEXOS

5) Projetos para o futuro

Você está satisfeita/o com o que está fazendo no campo do trabalho? Quais planos para o futuro?

Está satisfeito/a com seu estilo de vida? O que gosta e o que pretende mudar? Pretende continuar em Salvador?

Quais seus projetos familiares? Pensa em se casar? Em ter filhos?

Como seria um relacionamento amoroso ideal?

ANEXO 2

Roteiro para entrevista de História de vida

Parte 1 – Reconstrução de trajetórias

1. Infância: descrição geral: onde morava, com quem, quem criou, caracterizar a família (que tipo de família tinha, a relação com os pais, irmãos, parentes e outros próximos), estudo (frequência a escola), religião (incluindo frequência a festas, cultos, etc., as pessoas que a/o acompanhavam e/ou instruíram na religião, trajetória), formas de lazer (brincadeiras, buscando as diferenças de gênero)
2. Adolescência: descrição geral: principais inquietações, as pessoas mais significativas: familiares e amigos, (as concepções de relações amorosas, casamento e família que tinha). Iniciação sexual: primeiros namoros, como foi, reação dos pais, amigos e familiares. Relação sexual: com que idade, em que contexto de relação se deu, como se comportou perante o/a parceiro/a na iniciativa sexual, queria que acontecesse?, tinha algum conhecimento sobre sexualidade?, com quem conversava sobre isso?, qual a idéia que tinha da relação sexual?. Falar sobre alguns dos namoros e/ou encontros afetivos-sexuais mais importantes na adolescência, descrevendo comportamentos de gênero.
3. Vida adulta: Relacionamentos amorosos: pedir que faça uma narrativa cronológica dos relacionamentos, descrever os relacionamentos vivenciados, as dificuldades encontradas e as vantagens, os comportamentos de gênero (quem tomava a iniciativa, como se comportavam na relação, os comportamentos permitidos e proibidos, o perfil das pessoas com quem se relacionou), o término da relação. Descrever sobre os relacionamentos atuais: estilos (descrição de tipos de relacionamentos adotados, regras, comportamentos de gênero e sexuais permitidos e proibidos); vantagens e desvantagens encontradas nos relacionamentos atuais; a visão que tem hoje dos relacionamentos (o que seria um relacionamento ideal e qual a importância dos relacionamentos amorosos para sua vida). Você conheceu alguém que era solteiro(a), vivia frequentando muitas festas ou morava sozinho(a), ou que nunca quis se casar? O que você achava desta pessoa? Como era a sua relação social?
4. Trajetória laboral e educacional: formação profissional, primeiros trabalhos, fases de desemprego, relação trabalho/estudo, trabalho/família, redes acionadas para conseguir distintos trabalhos, apoios em épocas de desemprego. Expectativas frente ao trabalho. Relações sociais no trabalho, amizades, conflitos e importância dessas relações.
5. Trajetória religiosa: caracterizar o contato e frequência a distintos grupos religiosos (se há frequência simultânea a grupos distintos e porque), mudanças e suas razões, redes que conduziam, mantinham e a levaram a mudar de grupo religioso, tipos de participação, relação com entidades (santos católicos, orixás, caboclos, exus, erês, espíritos, etc), relação com familiares no que toca à religião (há conflitos?), procura trazer familiares ou amigos a sua religião, tem amigos no grupo religioso (caracterizar essas amizades).
6. Migração: em que lugares já morou? Como chegou a Salvador? Descrever como era a vida fora de Salvador (rotina, trabalho, estudo, lazer, redes sociais de amizade, família,

relacionamentos amorosos). Falar sobre a relação com a família de origem frente às migrações e as novas relações estabelecidas. Descrever o tipo de moradia e falar sobre a relação com as pessoas com quem convive (caso não resida sozinho/a).

7. Relação com as redes: Como eram as amizades na infância, adolescência e vida adulta? Quais as pessoas mais significativas em cada fase? O que costumavam fazer/compartilhar juntos/as? Falar de outros ambientes que propiciam a formação de redes e como são estas relações, como, nos locais onde pratica esportes, nas viagens, no lazer (o que busca no lazer? E na prática de esportes?).
8. Vida de solteiro/a atual: redes de apoio social: caracterizar o estilo de moradia, as relações estabelecidas e a ruptura com a família de origem, as dificuldades e vantagens; Há momentos que se sente sozinho/a? Sente solidão? Como lida com a solidão e estar sozinho?

ANEXO 3: Quadro: Dados dos Sujeitos

Codinome	Cidade de origem	Tempo de residência em Salvador	Bairro	Formação	Ocupação	Tipo de residência	Prática de esporte	Idade	Cor	Orientação sexual	Religião
1.Luana	São Paulo	7 anos	Amaralina	Ciências Sociais (Antropologia) M e Doutorado	Pesquisadora em Universidade Pública	Mora sozinha; aluguel	Não	37 anos	Branca	Heterossexual	Não tem
2.Daniela	Feira de Santana-Ba	3 anos	Pituba	Enfermagem Especialização Mestado	Enfermeira concursada (maternidade pública); mestranda	Mora sozinha; aluguel	Não	29 anos	Branca	Heterossexual	católica
3.Ana	Feira de Santana-Ba	20	Rio Vermelho	Odontologia Especialização	Dentista em consultório particular	Mora sozinha; Apt. Próprio	Dança contemporânea	45 anos	Parda	Heterossexual	Espiritualista
4.Gisela	Vitória da Conquista-Ba.	19 anos	Graça	Pedagogia Cursos	Professora de educação infantil em escola particular	Mora com 3 pessoas; de favor	Não.	40 anos	Parda	Heterossexual	Evangélica, Freqüenta I. Batista
5.Antônia	Salvador	38 anos	Patamares	Direito Especialização	Industriaria, Advogada e professora	Mora sozinha há 4 anos; casa própria	Dança.	38 anos	Parda	Heterossexual	Freqüenta Católica e Espírita
6.Cristiane	Madrid - Espanha	1 ano e meio	Graça	Ciências Sociais (Antropologia) Mest. e Dout.	Professora particular de espanhol	Mora com 4 colegas; divide aluguel	Dança e musculação	32 anos	Branca	Heterossexual	Católica Não praticante.
7.Mariana	Interior da Bahia	12 anos	Piedade	Filosofia Mestrado	Mestranda em Universidade (bolsista)	Reside com uma amiga; divide aluguel	Não	33 anos	Parda	Heterossexual	Católica não Praticante
8.Joana	Tiradentes-MG	1 ano	Graça	Psicologia Cursos de Formação	Psicóloga em Setor público	Mora com 3 pessoas; alugou quarto	Não.	33 anos	Negra	Heterossexual	Católica Não praticante
9.Grace	Salvador (nasceu na Ilha)	30 anos	Rio Vermelho	Ciências Sociais Mestrado	Produtora de eventos e DJ	Mora com irmã em apartamento da mãe	Não.	37 anos	Parda	Homossexual	Não tem
10.Isadora	Porto Alegre-RS	2 anos	Graça	Ciências Sociais (C. Política) M e Doutorado	Doutoranda em Universidade Pública (bolsista)	Mora com 4 colegas; divide aluguel	Musculação	46 anos	Branca	Bissexual	Não tem.

Codônimo	Cidade de origem	Tempo de residência em Salvador	Bairro	Formação	Ocupação	Tipo de residência	Prática de esporte	Idade	Cor	Orientação sexual	Religião
11.Rui	São Paulo	3 anos	(Lauro de Freitas)	Engenharia Especialização	Engenheiro Automotivo Em fábrica de automóveis	Mora sozinho	Natação e ciclismo	34 anos	Branco	Heterossexual	Não tem.
12.Marcelo	São Paulo	4 anos	Caminho das Árvores	Engenharia Especialização	Supervisor em fábrica de automóveis	Mora sozinho	Ciclismo	44 anos	Pardo	Heterossexual	Católico e espírita.
13.Marcos	Salvador-Ba	43 anos	Graça	Economista Cursos	Empresário	Mora com os pais, provisoriamente, mas morou muitos anos sozinho	Caminhada.	43 anos	Pardo	Heterossexual	Católico
14.Paulo	Santo Antônio de Jesus - Ba	+ - 6 anos	Engenho Velho da Federação	Economista Mestrado e Doutorado	Doutorando (bolsista)	Mora sozinho	Não.	36 anos	Pardo	Heterossexual	Não tem
15Ricardo	São Paulo	25 anos	Lauro de Freitas	Analista de Sistemas	Consultoria em Informática (empresa própria)	Mora sozinho na casa da mãe	Futebol, corrida e natação	30 anos	Pardo	Heterossexual	Espírita
16. Tiago	Alagoi-nhas	4 anos e meio	Politeama	Educação Física	Instrutor de academia; <i>personal training</i>	Mora sozinho na casa de um tio	Natação, musculação	23 anos	Branco	Heterossexual	Católico Não praticante.
17. João	Prado – Ba.	10 anos	Pituba	C.computação Cursos	Supervisor de informática	Mora com a mãe	Não.	40 anos	Pardo	Heterossexual	É religioso
18. André	Salvador	28 anos	Jardim Apipema	Dentista (vai começar uma pós)	Dentista (recém-formado; vai trabalhar no PSF ou consultório)	Mora sozinho	Não, mas já fez musculação	28 anos	Pardo	Homossexual	Não tem
19 Felipe	Salvador	29 anos	Campo Grande	Jornalista MBA	<i>Free lancer</i> como jornalista	Mora sozinho	Musculação e ciclismo	29 anos	Negro	Homossexual	ecumênico
20.Alex	Buenos Aires-Argentina	7 anos	Centro	Teatro Cursos	Professor de Espanhol em escolas e particular; ator	Mora sozinho	Capoeira e musculação	37 anos	branco	Bissexual	Católico Não praticante

ANEXO 4:

Perfil da amostra

Luana, 37 anos, heterossexual, paulista, branca, cientista social

Tem graduação também em Publicidade, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais, trabalha com pesquisa em uma Universidade, é natural do interior de São Paulo e morou na capital paulista antes de vir para Salvador. Está nesta cidade há sete anos por não estar satisfeita com a vida agitada da capital paulista. Está solteira e reside sozinha, no bairro de Amaralina. Já dividiu apartamento com um namorado por dois anos, com amigos e parentes, mas optou por morar sozinha para ter mais privacidade. Saiu de casa aos 21 anos, quando seus pais faleceram. Sua rotina envolve o trabalho na Universidade, no campo onde pesquisa e em casa quando tem que elaborar relatórios, além de cuidar da organização da casa com a ajuda de uma faxineira semanal. Não gosta de cozinhar, mas é organizada na preparação de refeições e nos cuidados com o lar. Tem um gato de estimação. Não pratica esportes, mas gostaria de fazer capoeira. Nos momentos de lazer gosta de ler, freqüentar bares “alternativos” (os que tenham atrações dos anos oitenta) e voltados para intelectuais como o “Pós-tudo” (no Rio Vermelho), o “Buteco do França” (no Rio Vermelho), boates tipo *clubs* como a Borracharia ou outros localizados no bairro do Comércio. Costuma fazer jantar na casa de amigos, ir aos cinemas como o “Cinema do Museu” (Avenida Sete de Setembro) e ao teatro. Critica os lugares freqüentados por “mauricinho”, ou seja, os mais influenciados pelos modismos passageiros, e para ela não há muitas opções de lazer na cidade que coincidam com seu gosto pessoal. Busca auto-conhecimento em processo analítico. Na sua rotina encontra dificuldade pela sobrecarga de tarefas, quando se sente sozinha em momentos de dificuldade financeira e quando está sensível. Por outro lado, gosta da privacidade e liberdade que seu estilo de vida proporciona. Tem costume de ficar sozinha e se considera uma pessoa independente. Sua família de origem é composta por um irmão que mora no interior de São Paulo. Seus pais são falecidos. Tem maior aproximação com uma avó e mantém uma relação distante com os outros parentes, para que estes não se “intrometam” na sua vida. Aprendeu com os pais a ser uma pessoa independente e a não buscar o casamento como alternativa para viver bem. Tem relacionamentos de amizade significativos com pessoas que convive na Universidade e com estes compartilha momentos de lazer. Seus relacionamentos amorosos costumam ter curta duração (alguns meses até dois anos), gosta de paquerar e passa por fases de agitação que denomina de “galinhagem”, na qual freqüenta festas e encontra parceiros eventuais, até que se cansa e prefere ficar em casa e fazer algum programa de lazer com amigos. Considera que este cansaço tem a ver com sua idade. Costuma se relacionar também com homens mais jovens. Morou com um namorado aqui em Salvador e considera que essa experiência foi ruim porque em um momento percebeu que os estilos de vida do casal era muito diferente. Apontou diferenças de comportamento de mulheres que querem namorar e das que não querem um compromisso sério. Por exemplo, quando se quer namorar, a mulher se mostra mais atenciosa, prestativa, participa dos eventos familiares, ao contrário da postura feminina quando se quer “ficar”, em que a mulher se mostra disponível para o encontro sexual, muitas vezes toma a iniciativa para que este encontro aconteça, sem preocupação com um possível envolvimento afetivo. Hoje afirma que prefere pagar a conta de um analista a investir em um relacionamento que vai acabar causando transtornos quando o parceiro quiser discutir seus problemas e invadir o seu espaço. Não acredita que um relacionamento estável possa durar muito nem que as famílias de ambas as partes devam estar sempre juntas. Busca desta forma,

um relacionamento em que haja independência e individualidade para ambos. Não faz muitos planos para o futuro, buscando continuar investindo na profissão e não tem um projeto de constituição de família. As entrevistas para colher dados do perfil e de História de Vida foram realizadas no local de trabalho e num segundo momento em sua residência. Ela reside em um apartamento quarto e sala em um prédio antigo. O apartamento tem pouca iluminação, é decorado em tons pastéis e pouco organizado.

Daniela, 29 anos, heterossexual, baiana, branca, enfermeira

Trabalha em uma maternidade pública e está fazendo mestrado. É natural de Feira de Santana, interior da Bahia e está em Salvador há três anos por ter sido aprovada em concurso público. Há cinco anos concluiu a graduação, já morou em outras cidades no interior da Bahia também por motivos de trabalho. Mora sozinha há quatro meses, em um apartamento quarto-sala, na Pituba e no início dividiu apartamento com parentes e amigas, mas prefere morar sozinha para não ter problemas de incompatibilidade de gostos e costumes pessoais. Sua rotina consiste em trabalhar, estudar para o mestrado, fazer as tarefas domésticas e nos finais de semana realizar atividades de lazer como ir à praia (em Stella Maris), ao cinema em Shoppings da cidade, bares, e eventualmente visita os familiares no interior. Encontra dificuldades em arcar com todas as despesas da casa e todas as tarefas fora e dentro do lar. Sente falta de alguém para lhe fazer companhia e para dividir as despesas. Por outro lado gosta de ter sua privacidade e liberdade de organizar seus horários. Sua rede social constitui-se de familiares (seus pais e dois irmãos mais novos) que vivem no interior. A relação com esta família é de distância emocional. Esta família não a apoia por estar solteira e cobram dela uma vida estável em termos de constituição de família. Atualmente tem um ciclo de amizades principalmente com colegas do mestrado – pessoas com quem tem afinidade e com elas compartilha situações de lazer e são quem lhe oferece apoio emocional. Não tem a mesma afinidade com as colegas do trabalho porque estas são mais velhas. No campo afetivo, teve dois namoros sérios, que duraram cerca de dois anos cada e foi noiva. Predominaram os relacionamentos efêmeros. Atualmente está solteira e tem saído para locais propícios para paquerar, buscando conhecer alguém para namorar. Tem relacionamentos afetivo-sexuais eventuais, como um médico que conheceu em um congresso e um turista que conheceu no verão. E com estes homens manteve contato também via internet. Para o futuro, busca estabilidade financeira e emocional, pretendendo comprar bens como casa e carro e constituir uma família, porque acredita que está no momento, mas não quer ter um relacionamento somente para dizer que não está solteira, e sim, quer um homem que atenda seus anseios. A entrevista foi realizada em sua residência, que é um espaço pequeno e organizado. O contato com D. foi mantido após a entrevista, quando fui convidada para seu aniversário em uma boate e outras situações de lazer, como ida à praia (Praia do Flamengo, em Stella Maris), no cinema (no shopping Iguatemi), em boates (Café Cancun e Fashion Club) e em um restaurante, no decorrer dos anos de 2006 e 2007. Também foi mantido contato por *messenger* e correio eletrônico. Nestas situações de lazer, Daniela se mostrou disposta a encontrar "paqueras", a conhecer homens para se relacionar e se comportava mostrando disponibilidade para se relacionar, por exemplo, na boate, dançava forró com quem lhe convidava, se mostrava disponível para conversar, conhecer e até "ficar" com a pessoa. Em conversas que participei no seu ciclo de amizades, ela estimula as amigas a transarem num primeiro encontro, o que é prática comum entre elas, além da prática de jogos de sedução para conquistar um homem, como investir no olhar, na conversa discreta, na dança, etc.

Ana, 44 anos, heterossexual, baiana, parda, dentista

Exerce a profissão há 21 anos, tem curso de Especialização, trabalha em consultório particular, é natural de Feira de Santana, interior da Bahia, mora em Salvador há dez anos, atualmente no Rio Vermelho, em apartamento próprio. Reside sozinha desde então. Logo que chegou em Salvador, morou com parentes e já morou junto com um namorado argentino, por dois anos. Sua rotina consiste em trabalhar no consultório, organizar a casa com ajuda de uma faxineira; faz aula de dança e pretende fazer mestrado nesta área, faz psicoterapia e cursos voltados para o auto-conhecimento. Nos momentos de lazer costuma ir à praia, sair para conversar com amigas, ia a bares ou restaurantes e viajar. Afirma que sua vida mudou após ter passado por um processo de doença, que perdurou em média um ano, e depois disso mudou de apartamento, diminuiu o ritmo de trabalho e tem investido no seu bem-estar, com o curso de dança e outras atividades. Sua rede social é formada por poucos amigos, uma amiga em especial, um pouco mais velha. Tem um irmão que mora no interior e sua mãe que reside em Salvador. Seu pai faleceu quando ela era adolescente, e ela optou por entrar no mercado de trabalho, o que a fez amadurecer cedo. A relação com esta família em alguns momentos é conflituosa quando a família quer opinar sobre sua vida e ela procura manter uma distância emocional para preservar sua individualidade. No âmbito afetivo, costumava ter namoros longos, que duraram de dois a oito anos. Houve um período sem namorado e foi quando manteve relacionamentos eventuais, o que foi uma época de grande aprendizagem, porque pode resgatar sua auto-estima, valorizar o prazer sem compromisso e se conhecer melhor, adotando posturas mais ativas frente aos relacionamentos como telefonar para marcar um encontro. Há três meses iniciou um namoro com um homem mais jovem, com quem se encontra nos finais de semana porque ele mora no interior. Considera um desafio manter um relacionamento porque é difícil para as pessoas aceitar o outro como ele é. Para o futuro, quer investir no estudo da dança e outras atividades que lhe dê prazer. Pretende casar e ter uma filha adotiva. Ana foi participante de uma pesquisa que fui colaboradora, em 2002, quando estava na faculdade e também participou de grupo terapêutico e de estudos sobre mulheres e relacionamentos amorosos que coordenei junto com uma colega, em 2004, no consultório. Num primeiro contato para entrevista atual, a participante optou por uma conversa informal na praia, em janeiro deste ano. E lá ela foi paquerada por um rapaz jovem e “ficou” com ele na despedida. Eles se encontraram algumas vezes após este dia, houve envolvimento sexual, mas a relação não foi adiante porque ela percebeu que ele não tinha alguns limites, por exemplo, ele ligava querendo encontrar com ela de madrugada quando ele estava saindo de alguma festa, o que ela avaliou que era um ato sem limites.

Mariana, 33 anos, heterossexual, baiana, parda, pesquisadora

É filósofa, e atualmente é bolsista em curso de mestrado, é natural do interior da Bahia, filha de trabalhadores rurais. Mudou-se para Salvador por motivo de trabalho há cerca de doze anos e residiu com um tio por cinco anos até entrar na Universidade e morar na Residência Universitária. Há um ano reside com uma amiga, atualmente no bairro da Piedade. Sua rotina consiste em ir para Universidade, estudar durante o dia, fazer as atividades domésticas que divide com a amiga com auxílio de uma faxineira que trabalha semanalmente. Nos finais de semana costuma sair para bares com as amigas, gosta de ir ao teatro, praia, mas também fica muito em casa. Participa ativamente de movimentos sociais e de um partido político de caráter socialista, e acreditar em uma revolução que irá quebrar com as malesas do capitalismo. Os ideais do movimento feminista e de mulheres estão presentes em sua prática social e nos seus

estudos acadêmicos, que a fazem discutir sobre as relações que mantém com os homens. Considera importante o período que morou na Residência por ter adquirido mais autonomia e independência e atualmente está satisfeita com seu estilo de vida. Tem muitas amigas que conquistou neste período e mantém contato com familiares que residem no interior, considerando-os acolhedores, apesar de ainda sua mãe ter uma perspectiva tradicional e querer que os filhos morem perto dela e sigam a tradição de casar e ter filhos. Tem sete irmãos que residem em casas próximas à dos pais. Não mencionou sentimento de solidão e lida bem com estar solteira. No seu histórico amoroso, teve um namorado por quase cinco anos e este rapaz queria casar, mas ela não quis. No período de faculdade, foi quando iniciou sua vida sexual, aos 21 anos e desde então tem se envolvido em relacionamentos passageiros. Atualmente tem um relacionamento estável, que não se definiu como um namoro, mas que tem prática de um namoro com característica de abertura para o diálogo, divisão de tarefas e obrigações. Considera que um relacionamento é baseado em negociações e está revendo seu conceito de relação estável. Sua família quer que ela volte para o interior, se case e tenha filhos, mas não é o que pretende neste momento. Para o futuro quer seguir carreira acadêmica e pensa em fazer isso em cidades do interior do estado. A entrevista foi realizada em sua residência, que é um apartamento pequeno, de dois quartos e é bem organizado. Após a entrevista, ela sinalizou que deixou de falar sobre alguns assuntos porque a faxineira estava presente e por ser uma pessoa conservadora, poderia achar estranho o seu relato.

Isadora, 46 anos, bissexual, sulista, branca, pesquisadora

Isadora é bolsista de Doutorado, natural do sul do país, reside em Salvador há um ano e meio por motivos de estudo. Mora com quatro colegas, na Graça, em um apartamento espaçoso e organizado, onde cada pessoa tem um quarto decorado ao gosto pessoal. Sua rotina consiste em ir para Universidade, mas passa maior parte do tempo em casa estudando e trabalhando principalmente utilizando a internet. Os cuidados com a casa são divididos igualmente. Isadora não gosta de realizar os trabalhos domésticos e pede auxílio de uma faxineira, convivendo bem com esta divisão de tarefas e não encontra dificuldades em dividir apartamento com outras pessoas por ter morado desta forma por muitos anos. Considera que este tipo de moradia permite aprendizado, devido à convivência com pessoas diferentes e assim pode perder algumas manias de filha única. Gosta também de ficar sozinha. Nos finais de semana, costuma ficar em casa, na internet e vendo televisão, gosta de praia e bares que não tenham música baiana, mas não tem saído por não achar lugares que a agrade. Pratica musculação como esporte. Sua mãe faleceu quando ela era criança, e passou a viver com a avó. Seu pai constituiu uma nova família. No início da adolescência fez parte do grupo de Bandeirantes, formado por meninas, que convivia com os meninos que participavam do grupo de Escoteiros e foi nesta época que exercitou a convivência em grupo porque até então ficava muito sozinha e ficou neste grupo até o início da Faculdade, e lá fez importantes amigos. Foi um período onde iniciou sua vida sexual e os relacionamentos amorosos eram esporádicos e baseados no desejo. Também participava de discussões políticas, o que a motivou mais tarde a fazer o curso de Ciências Sociais. Antes disso, trabalhou com informática e cursou Análise de Sistemas por dois anos, mas não quis continuar o curso. No período da faculdade, dividiu apartamento com colegas e morou por muito tempo em uma república organizada por sua orientadora, onde também administrava. Realizava trabalhos esporádicos como Pesquisa de mercado e era bolsista de pesquisa. Neste período, tinha poucos amigos e gostava de frequentar bares tipo “pubs” e de festas em casa dos colegas. Não gosta de boates. Era engajada em debates sobre feminismo e fez cursos nesta área. Atualmente sua rede social constitui-se de amigos e colegas da Universidade e da residência. Convive pouco com os

familiares que moram no sul do país, mantendo uma vida independente desta família. Passou a maior parte da sua vida solteira, nunca quis casar nem ter filhos, por ter pânico de engravidar. Considera sua vida sexual boa, porque não tem dificuldade de sentir orgasmo, não se preocupa em transar no primeiro encontro, e quando sente falta de sexo, se masturba. Para se sentir mais segura, toma pílula porque a idéia de poder engravidar lhe tira o tesão. Começou a usar camisinha depois do *boom* da Aids no país, no final dos anos 80, porque antes essa preocupação não existia. Seus relacionamentos amorosos geralmente foram esporádicos. No período da Faculdade teve um namoro mais sério. Atualmente tem preguiça de sair para bares ou locais onde possa encontrar alguém para se relacionar, porque considera que os jogos de sedução não mudaram e sente-se incomodada com as críticas sociais em torno de estar solteira. Considera ser uma pessoa mimada, com vícios e costumes que acha difícil mudar, por isso a opção em ser solteira. Para o futuro, não pensa em constituir família, quer investir no trabalho como docente e em atividades via internet, que lhe dê flexibilidade de organização de horários. Gostaria de investir também no lazer, viajar e ter uma casa na praia. As entrevistas com Isadora foram realizadas em sua residência, nos ambientes da sala e no quarto. Ela faz parte da minha rede social e se mostrou disponível para participar da pesquisa. Acompanhei a entrevistada em momentos de lazer, em viagem para Recife, passeio no shopping Barra e na praia do Flamengo (em Stella Maris), mantendo contato também por correio eletrônico e *messenger*. Nestes locais, ela se mostrou uma pessoa observadora, gosta de comprar roupas, gosta de passear ao ar livre, observa e sente atração por homens mais jovens (o que foi visto na viagem a Olinda e na praia). Em conversa no Shopping, afirmou que tinha faltado um dado na pesquisa sobre sua orientação sexual. Ela se considera bissexual porque já foi apaixonada por duas mulheres e mesmo não tendo concretizado a paixão, ela não se sente culpada por ter fantasiado com essas mulheres e por isso se considera bissexual.

Joana, 33 anos, heterossexual, mineira, negra, psicóloga

Joana trabalha com psicologia comunitária em um setor público. É natural de Congonhas no estado de Minas Gerais, já morou em Belo Horizonte, São João Del Rey e em Palmas (Tocantins), por motivos de estudo e trabalho. Está em Salvador há dois anos, atualmente na Graça, e mora com três mulheres jovens, cada uma tem seu quarto onde muitas vezes se isolam dos espaços coletivos da casa, já que cada uma tem o que precisa no quarto, como os livros e a televisão. Mudou-se para Salvador por ter se identificado com a valorização das características das pessoas negras, percebida num primeiro contato com a cidade quando participou como estagiária do Projeto Axé (que trabalha com crianças de rua). A convivência na casa é tranqüila, apesar de ser distante, porque cada pessoa permanece mais tempo em seu quarto. Há divisão das tarefas e uma das mulheres (que é parente da dona do apartamento) é responsável pela administração da casa. Em momentos de lazer, gosta de ir à praia, cinema, bares e shows com preços acessíveis, mas costuma ser mais “caseira”, por se considerar “bucólica” (sic). No trabalho, está satisfeita com os colegas, com as atividades que consegue realizar, apesar de estar observando melhor a relação com a coordenação do trabalho. Faz terapia e não pratica esportes. Na sua rede social estão presentes colegas de trabalho e poucos amigos aqui em Salvador. A relação com a família de origem é de proximidade. Teve perdas familiares significativas. Quando criança, o pai e dois irmãos faleceram em um acidente de carro, sua mãe se casou de novo e teve dois filhos e faleceu quando Joana estava adulta. Foi quando conviveu com sua avó e irmãos. Esta avó também faleceu. Atualmente mantém contato com os dois irmãos, cunhadas e sobrinhos. Sempre que pode, os visita e considera ter ficado mais independente da família depois que sua mãe faleceu, pois tinha a obrigação de ajudá-la financeiramente, além de se sentir apegada aos sobrinhos como se eles fossem seus

filhos. Encontra dificuldade em morar longe da família por não se sentir totalmente feliz estando solteira, já que a vontade de ter sua própria família é muito grande. Sua vida afetivo-sexual teve início no período da faculdade, principalmente quando morou em residência estudantil. Antes de morar em São João Del Rey, passou um tempo em Belo Horizonte estudando e trabalhando, e no início da graduação trabalhou em sua cidade natal, viajando todos os dias para estudar, até que recebeu bolsa de iniciação científica e incentivada por um professor, fixou endereço nesta cidade. Neste período não se achava bonita, o que atrapalhava a aproximação para um encontro amoroso e segundo ela, os homens que se aproximavam tinham um perfil de querer namorá-la e com alguns manteve relacionamentos longos, outros mais curtos. Quando terminou a faculdade, foi morar em Tocantins para trabalhar e lá conheceu um cubano com quem namorou e com quem morou por dois anos, até que ele precisou voltar ao seu país de origem e mesmo tendo sido convidada a ir com ele, preferiu investir na sua carreira profissional aqui no Brasil. Em Salvador, tem permanecido solteira, e atualmente tem um “ficante”: um homem com quem mantém um relacionamento amoroso eventual. Através dos relacionamentos amorosos, busca encontrar uma pessoa para constituir sua própria família e quer conciliar estes planos familiares com a vida profissional. Joana em momentos fora das entrevistas, quando a encontrei junto com colegas de trabalho (na Dinha do Acarajé), ela mostrou ser uma pessoa interessada em fazer amizades, é alegre, disposta a buscar coisas para o seu bem-estar, como mudar de cidade, de apartamento (quando a conheci, ela morava sozinha em um apartamento no bairro de Itapuã), por exemplo; é uma pessoa observadora. A entrevista foi realizada em sua residência, que fica em um prédio antigo. Após um mês depois da realização da entrevista, encontrei J. na barraca de praia “Marguerita”, na praia do Flamengo (em Stella Maris). Ela estava muito animada e afirmou que mudou sua concepção de vida desde que conversamos, e está mais feliz, mas não tivemos espaço para conversar sobre essas novas concepções.

Gisela, 40 anos, heterossexual, baiana, branca, pedagoga

Gisela trabalha com educação infantil, há mais de dez anos, é natural de Vitória da Conquista, interior da Bahia e reside em Salvador há dezenove anos por motivos de estudo e trabalho. Atualmente mora na Graça com mais três mulheres que alugaram quartos, em apartamento de sua irmã. Os quartos são alugados para estas jovens que são estudantes e profissionais. Gisela é responsável pela administração da casa, apesar das tarefas domésticas serem divididas entre todas. Está neste apartamento por não ter ainda condições financeiras de morar sozinha. Sua rotina consiste em trabalhar durante o dia, almoçar no trabalho, e no final do dia reserva um tempo para fazer orações e cuidar da casa. Frequentemente vai à igreja semanalmente. Eventualmente sai com as amigas (que geralmente são do ambiente de trabalho) para conversar, ir à praia e em aniversários de alunos de onde trabalha. Sua família mora no interior, seu pai faleceu há dois anos e sua mãe tem dez irmãos e com eles mantém uma relação saudável. Nunca teve um namorado, mas já se envolveu em muitos relacionamentos breves. Tem preferência por homens mais novos. Já passou por períodos de frustração por não estar casada quando tinha na faixa dos trinta anos e via suas amigas e familiares constituindo família. Encontrou apoio na religião para lidar com a condição de estar solteira e acredita que Deus está reservando uma pessoa para ela e está preparando o momento certo para que esse encontro aconteça. Acredita que uma família para ser completa tem que ter pais heterossexuais e filhos, por isso não pensa em ser mãe solteira. Sente falta de um namorado em muitos momentos e lida com o sentimento de solidão, orando. Para o futuro quer ter sua casa e uma família, mas acima de tudo busca estar feliz e bem consigo mesma, aceita o que Deus puser na sua vida, o que a tranqüiliza e a deixa feliz. A entrevista foi realizada em sua residência.

Antônia, 38 anos, heterossexual, baiana, parda, industriária

Antônia é advogada, tem especialização na área de Direito, trabalha como industriária em uma grande estatal. Exerce também a função de advogada e professora universitária. Soteropolitana, nascida em bairro de periferia onde passou sua infância e adolescência, morando com familiares (pais, irmãos, tios, primos) em uma casa com dois quartos. Há quatro anos reside em apartamento próprio, em Patamares. Sua rotina envolve além do trabalho, cursos de dança, teatro e formação em Psicologia Analítica. Considera seu trabalho repetitivo e pouco criativo. Gosta dos momentos de descontração e conversas com as amigas neste ambiente. Pretende mudar de profissão e ser terapeuta. No teatro, gosta de interpretar papéis de pessoas que demonstram ser fortes e poderosas e nestes papéis consegue repensar sua postura perante a vida. Sua rotina envolve também as tarefas domésticas. Conta com auxílio de uma faxineira, e enfrenta o desafio de ter que consertar equipamentos domésticos sozinha, como trocar a resistência do chuveiro, concertar algum cano quebrado, etc. Nos momentos de lazer costuma sair com as amigas ou sozinha. Frequenta bares, locais para dançar, gosta de ouvir músicas. Mantém uma boa relação com os familiares; sua mãe faleceu quando tinha 14 anos, seu pai constituiu outra família e ela tem três irmãos. Há momentos de solidão e nestes, procura ler, sair, ouvir música ou ver filmes. Encontra dificuldade em ter amigas para sair, em alguns momentos, porque a maioria está casada e há preconceito contra mulheres solteiras que saem com grupos de pessoas casadas, também porque não encontra opções de lazer para pessoas da sua faixa etária. Na falta de companhia, costuma sair sozinha para bares dançantes, onde pode transitar sem notarem que está sozinha e onde encontra os paqueras e “ficantes”. Não costuma sair do bar com algum homem que acabou de conhecer, por temer assalto ou agressão. E procura conhecer melhor a pessoa para ter envolvimento sexual, mantendo atualmente, relacionamentos eventuais. Seus relacionamentos anteriores tiveram durações diversas, uns mais longos e outros mais breves; já foi amante. Prevaleceram os períodos em que esteve solteira e nestes tem procurado investir no seu crescimento pessoal. Enfrentou algumas dificuldades em relação à maternidade devido às cobranças pessoais e sociais, principalmente de algumas pessoas do seu ciclo de amizade que têm filhos e são casadas. Atualmente não se preocupa tanto em ter uma família convencional, porque se considera exigente na escolha de um parceiro e pensa em adotar uma criança. Considera estar vivendo uma fase boa da vida, de amadurecimento e crescimento pessoal e busca se divertir mesmo solteira. A entrevista foi feita na minha casa, proposta pela informante que realiza atividades de trabalho ou cursos perto da minha residência.

Cristiane, 32 anos, heterossexual, espanhola, branca, professora

Cristiane é espanhola, tem mestrado e está em Salvador há nove meses, para fazer parte do Doutorado, mas desistiu de continuar o curso porque passou grande parte da sua vida estudando e agora tem outros interesses. Atualmente trabalha como professora de Espanhol e pretende permanecer alguns meses no Brasil até seu visto vencer. Desde então, reside em um apartamento na Graça com quatro pessoas, cada uma em um quarto individual. Sua rotina consiste em dar aulas três dias na semana, frequenta academia de musculação e faz aulas de forró, organiza atividades domésticas, compartilhando-as com as colegas. A convivência é harmonia. Considera ruim a distância dos familiares e procura lidar com a saudade, tendo pensamentos positivos, focados em aproveitar a oportunidade que está tendo de viver fora do seu país de origem. Nos momentos de lazer gosta de sair para dançar, para praia, shopping, cinema e boates. E tem aprendido a fazer alguns desses programas sozinha, o que não fazia

parte de sua realidade. É uma pessoa que não gosta de ficar em casa. Sua rede social é formada pelas colegas do apartamento, amigos nos cursos e pessoas que conhece em locais de lazer. Sua família de origem é constituída por pais separados, tem duas irmãs que residem com sua mãe em Barcelona. Mantém boa relação familiar. Considera ser uma pessoa tímida, romântica e “certinha”. Teve um namorado sério com quem morou por dois anos, finalizando o relacionamento depois de ter se mudado para o Brasil. Tem se deparado com diferenças culturais no que se refere aos relacionamentos, considerando que as práticas aqui são mais “avançadas”: as pessoas se beijam em um primeiro encontro, os homens tomam mais iniciativas. Está se acostumando a ter relacionamentos amorosos temporários, já que nunca havia beijado alguém que não tivesse um envolvimento afetivo, o que foi experimentar no período do Carnaval. Para o futuro, almeja trabalhar com idiomas e conhecer outros lugares do mundo. A entrevista foi realizada em sua residência. Após a entrevista, acompanhei a entrevistada em momentos de lazer em uma boate (Fashion Club) e na praia (Praia do Flamengo, em Stela Maris, na barraca Marguerita), onde relatou sua vontade de conhecer pessoas e se colocou disponível para isso, conversando com os homens que queriam conhecê-la, e também dançando forró com eles (na boate). Também, na praia, comentou sobre sua preocupação em fazer exercícios físicos para ter um corpo bonito, quando viu que grande parte dos homens e mulheres malhados, o que não era uma preocupação quando morava na Espanha. Observou e comentou sobre a rapidez com que as pessoas se relacionam, o que ela não se sente à vontade para fazer, mas tem se colocado aberta para conhecer essa nova forma de se relacionar. Ela troca telefone com os rapazes que conhece, e já encontrou com alguns. Notou que os homens em Salvador (pelo menos uma parte dos que conheceu), não cumprem com o que falam. Depois de um primeiro encontro, eles a elogiam, prometem que vão ligar para marcar um novo encontro, mas não cumprem. Ela acha estranho este comportamento, porque é acostumada a conhecer homens que falam e prometem. Ela recebe eventualmente amigas da Espanha e com elas viajou para conhecer outros estados brasileiros.

Grace, 37 anos, homossexual, baiana, parda, produtora de eventos

Grace tem mestrado na área de Ciências Humanas, trabalhou por alguns anos no departamento de pesquisa de uma Universidade, e pretende ingressar no Doutorado. Atualmente está desempregada, mas exerce atividade como produtora de eventos. Considera esta atividade mais um hobby do que um trabalho. Reside com um irmão em um apartamento no bairro de Ondina que pertence à sua família. Sua rotina atual consiste em passar grande parte do tempo na internet, resolvendo questões dos eventos que organiza, pesquisando temas da sua área de conhecimento e também mantém contato com amigos e amigas, mas prefere encontrá-los pessoalmente. Nos momentos de lazer costuma ir a bares e boates gays, localizados no bairro onde reside, e se reunir com amigos e amigas para conversar, tocar ou ouvir música. Mora em Salvador desde os sete anos de idade; seus pais são separados e seu pai tem uma nova família. Não tem proximidade com a família paterna e tem na sua mãe um apoio emocional importante. Tem duas irmãs e é mais próxima de uma delas, com quem mantém uma relação também de amizade. Seu ciclo de amizade é muito variado, convivendo com pessoas mais velhas e mais novas de estilos de vida diferentes, indo das pessoas “patricinhas” às “alternativas”. Seus amigos e amigas são gays em sua maioria. Gosta de estar entre pessoas, de conhecer pessoas diferentes. Sobre seus relacionamentos afetivo-sexuais, relatou três relações homossexuais duradouras que foram importantes na sua vida, e as que se seguiram a estas não duraram mais de alguns meses, sendo focadas no encontro sexual momentâneo. Estes relacionamentos geralmente acontecem, segundo ela, por iniciativa das outras pessoas, pois ela não tem paciência para paquerar e não se considera uma pessoa

atraente. Afirma ter preferência por mulheres homossexuais, evitando se relacionar com as bissexuais, porque com elas, a chance de traição é duplamente maior. Sua iniciação sexual e os relacionamentos na adolescência foram com homens. Desde a infância mostrava interesse pelas atividades realizadas pelos meninos, porque eram mais interessantes. Sempre se sentiu incomodada com as atitudes das mulheres dos filmes, novelas e também em relação às mulheres com quem convivia porque eram consideradas desinteressantes. Atualmente se relaciona com homens quando estes são interessantes, não restringindo sua prática sexual ao homoerotismo. Somente procura não “ficar” com homens em ambientes gays para que não duvidem da sua orientação sexual. Para o futuro pensa em trabalhar na sua área com pesquisa, não pensa em se casar nem ter filhos. Por outro lado, está aberta para uma união homossexual, caso encontre um amor. Acredita que em um relacionamento ideal haja abertura pra o sexo fora da relação, com objetivo de satisfazer a curiosidade e necessidade de transar com outra pessoa, caso as duas pessoas concordem com este acordo.

Rui, 34 anos, heterossexual, paulista, branco, engenheiro

Trabalha no setor automotivo nas áreas de engenharia de produto e planejamento, tem especialização na área de Engenharia de Segurança. É natural da capital paulista e migrou para Salvador há três anos por motivos de trabalho. Desde então mora sozinho em apartamento alugado, em um condomínio em Lauro de Freitas. Morar sozinho já estava em seus planos e ele foi incentivado pela família a ter uma vida independente. Gosta de estar sozinho e está acostumado a fazer atividades de lazer sozinho como viajar, ir à praia, cinema e museu, e também atividades domésticas como preparar sua refeição. Sua rotina consiste em trabalhar o dia inteiro, almoçar no trabalho, praticar esportes (natação e ciclismo) regularmente durante a semana e nos fins de semana, também organiza a casa e tem alguns equipamentos como máquina de lavar roupa pra ajudar na economia de tempo. Nos finais de semana costuma arrumar seu carro, e realizar atividades que planejou durante a semana, como ver algum filme, sair com amigos para festas, bares e praia, visitar museus ou alguma novidade cultural em Salvador, além das competições de natação que costuma participar. Gosta também de viajar e conhecer lugares novos. Não teve dificuldades em se adaptar a morar sozinho, por ser uma pessoa disposta a aprender e por se sentir bem sozinho. Sente dificuldade para resolver atividades referentes a serviços bancários e da casa como pagar alguma conta durante a semana e não consegue porque trabalha o durante o dia. Costuma freqüentar o Aeroporto para realizar serviços diversos. Sente falta de companhia feminina para jantar em algum restaurante sofisticado, e nestes momentos, convida alguma amiga para acompanhá-lo. Mantém uma boa relação com seus pais e os dois irmãos. Seus pais são separados e convivem bem. As relações de amizades encontram-se nos diferentes contextos em que transita como no trabalho e na natação. Costuma encontrar os colegas e amigos do trabalho em espaços de lazer, o que não acontecia em São Paulo. Também mantém amizades do período que morou em São Paulo, através de correio eletrônico e *messenger*, e alguns amigos vieram trabalhar na mesma fábrica. Começou a namorar no período da faculdade (antes “ficava” em festas e sua vida era focada em freqüentar clube, fazer esportes, viajar para o interior para visitar parentes, e estudar para o vestibular). Desde então tem transitado entre períodos de namoros longos (geralmente duravam três anos) e relacionamentos eventuais. Quando chegou a Salvador, tinha planos de morar com uma namorada, mas ela não se adaptou à cidade e terminaram o relacionamento. Atualmente não tem um relacionamento estável e não se preocupa em encontrar uma namorada. Acredita que os bares ou as boates não são ambientes propícios para encontrar mulheres com o perfil para namorar. Acha que é mais provável encontrar alguém que tenha mais afinidade fora destes locais. Compara Salvador

com São Paulo no que se refere ao estilo de vida, apontando que a capital paulista oferece mais serviços para pessoas solteiras, como lojas e departamentos que ficam abertos 24 horas, além de mais opções de bares e outros locais de lazer próprios para solteiros/as, o que não se vê em Salvador; também em São Paulo as pessoas se casam mais tarde e em Salvador, mais cedo. Quanto ao futuro, não tem planos específicos, buscando a felicidade através da auto-realização que inclui o campo do trabalho e o lazer, e que independe de constituir uma família. Este informante foi participante de pesquisa anterior sobre as pessoas solteiras (ANDRADE, 2005). Com ele foi feita uma entrevista de História de Vida. A primeira entrevista foi realizada no playground da minha residência e a segunda, no ano seguinte, no playground do seu prédio. Durante este período, encontrei P. em um bar (What's up?, na Pituba), em um aniversário de uma amiga em comum. Ele comentou sobre sua viagem de férias e da vida de solteiros paulistanos. Eles levam uma vida mais independente, não tem como meta o casamento, e quando há casamento, a duração é breve. Na cidade também há mais opções de lazer e serviços do que em Salvador.

Marcelo, 44 anos, heterossexual, paulista, pardo, engenheiro

Trabalha em uma fábrica de automóveis há 22 anos, atualmente no cargo de supervisor. É natural de São Paulo e reside em Salvador por motivos de trabalho, há quatro anos. Mora sozinho há quase sete anos, desde que residiu nos Estados Unidos e na Inglaterra também por motivos de trabalho. Atualmente reside no bairro Caminho das Árvores. Sua rotina consiste em trabalhar, jantar fora de casa também durante a semana, e realizar atividades de esporte (ciclismo) e lazer nos finais de semana, como ir a festas com amigos, à praia e viagens eventuais a São Paulo para visitar os familiares ou para outras cidades quando tem férias. Não tem horários fixos para fazer as refeições, nem rotina para organização da casa e não se preocupa com isso. Tem uma faxineira para limpar a casa semanalmente. Na sua geladeira e nos armários encontram-se bebidas e comidas pré-prontas. Gosta de morar sozinho por ter privacidade. Por outro lado sente falta de companhia feminina para compartilhar sua vida e organizar seus horários. Fazem parte de sua rede social os amigos do trabalho e os familiares que residem em São Paulo e que visita eventualmente, mantendo uma boa relação com estes. Alguns amigos são mais próximos, com quem costuma sair para jantar durante a semana e nos finais de semana, com mais frequência. Na sua trajetória de vida amorosa, teve poucos namoros longos, que duraram até três anos, prevalecendo períodos de solteiro. Quer muito ter uma namorada para fazer companhia e se preocupa com a dificuldade em encontrar alguém devido a sua idade e à sua timidez. Quer estar com uma pessoa sem ter demais preocupações ou conflitos, porque considera que as mulheres estão mais independentes financeiramente e isso contribui para que as pessoas não tolerem conflitos, já que não tem obrigação (ou necessidade devido à situação financeira) de manter um relacionamento. Atualmente tem relacionamentos amorosos eventuais, iniciados em situações de lazer como em bares, boates e em viagens. Pretende, no futuro, montar um negócio próprio como uma loja de relógios e teme não ter uma companhia feminina nem um filho. Esta entrevista foi realizada em sua residência, e ele permitiu que fotografasse algumas partes da casa, mostrando os bens que possui (televisão grande, computador, notebook, bicicleta, etc.) e os itens nos armários e geladeira. Em momentos de lazer (na praia, na barraca “Marguerita”, em Stela Maris), conversou sobre as viagens que fez em período de folga no trabalho, e comentou, dentre outros assuntos, que fizera uma faxina em um quarto onde guarda coisas do tempo que morou em São Paulo e fora do país. Nesta faxina, achou um brinquedo que tinha comprado para seu futuro filho e agora que não sabe se terá este filho, quer doar o brinquedo para alguma criança carente.

André, 28 anos, homossexual, baiano, pardo, dentista

André é recém-graduado por uma faculdade particular e tem propostas de trabalho em uma cidade do interior do estado. É natural de Salvador e reside sozinho há um ano e meio, no Jardim Apipema. Está morando sozinho porque seu pai decidiu comprar um apartamento para cada filho, já que sua mãe queria vender o apartamento onde moravam. Sua rotina consistia em passar o dia na faculdade e no estágio e descansar à noite e desde que terminou a faculdade tem estado mais em casa durante o dia, ou sai com sua mãe ou amigos. Realiza as tarefas domésticas sozinho e não gosta de cuidar da casa nem de cozinhar. Geralmente almoça ou janta no Shopping, com os amigos ou com sua mãe. Seu lazer varia de acordo com o fato de estar namorando ou solteiro. Quando namorando, costuma ficar mais em casa, faz programa de “casal” como ir à cinema, bares, fica em casa vendo televisão com o namorado, vai para motel, e reuniões em casa de amigos gays. Freqüenta feiras de moda ou vai ao shopping acompanhando sua mãe, pois sente-se mais tranqüilo e disposto a acompanhá-la quando está namorando. Quando está solteiro, costuma a ir à festas ou reuniões em casa de amigos ou faz festas na sua própria casa, freqüenta boates e bares gays, com intuito de encontrar parceiros eventuais. Também gosta de ir ao cinema nas quartas-feiras. Já praticou esporte (musculação), mas desde que foi morar sozinho, abandonou a academia e engordou. Atualmente está no início de um namoro que dura dois meses. Aos 21 anos se reconheceu homossexual, depois de ter tido algumas experiências heterossexuais na adolescência. A partir daí teve namoros curtos e um namoro longo, de 4 anos que terminou há uns 7 meses. Gosta de estar apaixonado e considera ser uma pessoa carente afetivamente. Quando está solteiro, nos domingos, sente-se sozinho, pois considera o domingo um dia para estar com a família. Então, os amigos e familiares preenchem este sentimento de solidão. Relatou as diferenças de comportamentos que tem quando está solteiro e quando está namorando: quando solteiro, o homem busca se divertir, quer sexo casual e sem compromisso, passa noites em festas e fica menos em casa até mesmo durante a semana. Já quando está namorando, ele fica mais sossegado, é mais caseiro e costuma fazer programas relatados por ele, comparado a um namoro heterossexual, de casais que se falam por telefone durante a semana e se encontram nos finais de semana para ir ao cinema, a algum bar, e a motel. Considera boa a vida de solteiro, mas prefere estar acompanhado e apaixonado. Mantém uma boa relação com sua mãe e com seu irmão, mas tem pouco contato com este devido aos horários de trabalho dos dois. Seus pais são separados e constituíram novas famílias. Seu pai mantém uma relação distante com os filhos, e eles se encontram duas vezes no mês para conversar e para receber a mesada. Já sua mãe é uma pessoa presente e companheira. Considera ter muitos amigos que são tão importantes quanto sua família e com eles divide os momentos de alegria e compartilha as dificuldades. Para o futuro espera firmar sua carreira profissional, vai iniciar uma Especialização este ano e quer passar pelo menos 2 anos trabalhando em cidade do interior. Não pensa em casar ou ter filhos. Considera um absurdo um casal gay adotar uma criança.

Alex, 37 anos, bissexual, argentino, branco, professor

Atualmente trabalha como professor de espanhol em escolas de idiomas e tem alunos particulares. Participa também de grupos de teatro como ator. É natural de Buenos Aires, Argentina, e mora sozinho em Salvador, no Centro (Piedade) há cerca de oito anos. Está em Salvador por querer ter a experiência de conhecer outros países e aprender outro idioma. Sua rotina inclui as atividades de docência, prática de esporte como musculação e fazia também capoeira, costuma ir à praia principalmente no Porto da Barra, sempre que tem vontade de

deitar na areia e dormir e no cinema às quartas-feiras. Ele cozinha e organiza a casa quando tem vontade. Nos finais de semana faz programas culturais como ir a teatro, cinema, gosta de ler livros, ver filmes em casa e encontrar com amigos. Não gosta de bares e boates. Gosta de ficar sozinho e costuma sair sozinho. Não sente solidão ou tristeza por isso. Sua família reside na Argentina e mantém contato por telefone ou correio eletrônico, sempre que marca para conversar com eles, pois não gosta muito da comunicação virtual. Seus pais são separados, e ele tem dois irmãos, cunhados e sobrinhos. A família apóia seu estilo de vida. Considera ter poucos amigos em Salvador e muitos colegas. Esteve solteiro a maior parte de sua vida, adotando relacionamentos esporádicos com homens e mulheres. Já morou com uma namorada aqui em Salvador por cerca de dois anos e não gostaria de ter a experiência de conviver com alguém de novo, por preferir ter sua privacidade. Considera ser diferente o relacionamento com homens e com mulheres. Com os homens, a relação é baseada em sexo e descompromisso; as mulheres gostam de conversar, são interessadas em conhecê-lo melhor, e nem sempre estão disponíveis para o sexo. Gosta de estar solteiro, de ter a possibilidade de conhecer pessoas e também de estar sozinho. Considera desvantagem estar em Salvador o fato de tratarem-no de forma diferente por ele ser branco e estrangeiro. Para o futuro, quer morar em outro país, ter estabilidade financeira, apesar de nunca ter se preocupado com este aspecto. Considera que sua idade pode atrapalhar o trabalho enquanto professor. Não pensa em casar, nem ter filhos. Está procurando um apartamento que não tenha vista para a parede de outro prédio e recebeu proposta para dar aula em outro país.

Ricardo, 30 anos, heterossexual, paulista, pardo, analista de sistemas

É dono de uma empresa de consultoria em Informática, prestando serviços em Salvador e Lauro de Freitas. É natural de São Paulo e está em Salvador há 25 anos, desde que seu pai se mudou por motivos de trabalho. Mora sozinho na casa de sua mãe, já que ela se aposentou e mora com a irmã em Guarajuba. Sua rotina consiste em trabalhar durante o dia, com alguns dias de folga que aproveita para ler livros, ver filmes e estudar. Tem uma empregada que faz o trabalho doméstico. Nos finais de semana costuma jogar futebol, encontrar com os amigos, freqüenta bares em Salvador e festas na casa de amigos. Faz terapia. Tem um irmão mais velho que mora no interior do estado por motivos de trabalho. Seus pais se separaram quando ele ainda era criança e na adolescência seu pai faleceu. Já morou no Cabula até a adolescência, na Pituba quando adulto e passou um ano em São Paulo a trabalho, mas não gosta da capital paulista. Tem uma relação saudável com sua mãe e seu irmão (que é professor universitário e está morando no interior do estado). Teme perder sua mãe, que está idosa. Considera ter poucos amigos e muitos colegas. Seus amigos se dividem entre os que têm um relacionamento amoroso estável e os solteiros, e a depender do grupo, fazem programas diferentes e estes têm opiniões diferentes sobre ele estar solteiro: os “casados” esperam que ele comece a namorar e os solteiros preferem o amigo também solteiro. Seus relacionamentos amorosos tenderam a ser duradouros. Seu último relacionamento durou sete anos. Está solteiro há menos de dois anos e mantém relacionamentos temporários com mulheres consideradas independentes, “atiradas”, que não querem um relacionamento estável. Tem gostado de estar solteiro porque está retomando algumas amizades e investindo nos seus planos pessoais. Sente-se sozinho em alguns momentos e acha que um dia vai se cansar da vida de solteiro e procurar alguém para namorar. Nos momentos de solidão, sai com os amigos para tomar cerveja. Para o futuro, espera investir no campo do trabalho, pensa em continuar com a empresa que tem, abrir um canil, e quer morar em uma casa maior. Pensa em casar e ter filhos, pois sente falta de uma família maior.

Tiago, 23 anos, heterossexual, baiano, pardo, *personal training*

Trabalha em uma academia como instrutor e é *personal training*. É natural do interior da Bahia e está em Salvador há quase cinco anos por motivos de estudo e trabalho. Reside sozinho em um apartamento que é do seu tio, no bairro do Politeama. Sua rotina envolve trabalho durante o dia, estudo à noite e afazeres domésticos. Ele não se preocupa em arrumar a casa e o faz quando tem vontade. Leva suas roupas sujas para serem lavadas na casa de sua mãe, que mora em cidade do interior. Considera que está tendo pouco tempo para lazer. Gosta de sair para nadar ou correr na orla da cidade, ir a cinema e bar com amigos. Tem uma família extensa, com dez irmãos. Seus pais são separados e convive bem com todos da família, indo visitá-los sempre que pode. Mantém uma relação mais próxima à sua mãe. Atualmente tem uma namorada que encontra eventualmente e está com ela porque gosta e também para ver sua mãe que mora no interior, menos preocupada com ele. Considera ser uma pessoa solteira porque não está casado e não pretende casar com a atual namorada, por considerar que ela não sabe o que quer da vida. Ele procura uma mulher como a sua mãe: decidida, independente e trabalhadora. Já teve namoros breves e era infiel quando começou a namorar. Quando solteiro, costuma ir para festas sozinho, para não ser criticado pelos amigos caso alguma mulher não quisesse “ficar” com ele. Gosta de sua vida atual e não se sente sozinho. Já foi amante de uma mulher com quem se relacionou por oito meses, antes desta atual namorada e apesar de gostar do relacionamento, preferiu namorar uma pessoa que não fosse muito ativa sexualmente. Para o futuro, quer investir na profissão. Pretende abrir uma academia em Salvador ou ir para o interior trabalhar, mas acha que aqui tem mais oportunidades porque no interior as pessoas não estão tão preocupadas em malhar. Está procurando uma casa para comprar e não pensa em casar por enquanto.

Felipe, 29 anos, homossexual, baiano, negro, jornalista

Atualmente está trabalhando como *free-lancer* depois de ter sido empregado em algumas empresas no setor de comunicação e está estudando para fazer a seleção de mestrado em Comunicação. É natural de Salvador e decidiu morar sozinho para ter sua independência. Reside em uma quitinete no Campo Grande. Sua rotina consiste em trabalhar com horários flexíveis, o que permite ter dias de folga para estudar e realizar atividades de lazer. Considera que seu apartamento tem “a sua cara” e gosta de estar morando sozinho e tem aprendido a lidar com os afazeres domésticos, o que considera uma vitória frente à dependência que os homens têm das mulheres (porque geralmente elas quem cuidam do lar e assim, os torna dependentes). Tem uma família composta por três irmãos. Seus pais faleceram. Sua avó é uma pessoa de referência para ele e para a família, considerada por ele uma “matriarca”. Mantinha uma relação conflituosa com os irmãos por estes terem personalidades fortes. Seu pai era comerciante e era alcoólatra e mantinha uma relação periférica com a família. Sua mãe era responsável pelos cuidados com os filhos e em manter a harmonia no lar. No seu ciclo de amizades, há pessoas significativas com quem compartilha momentos de lazer, as idéias e reflexões sobre estar solteiro e sobre os relacionamentos amorosos em geral. Costuma ter namoros curtos. Desde criança tem preferência por homens, mas já namorou uma menina na adolescência. Já se apaixonou por algumas pessoas, umas concretizou o sentimento, outras não. Depois de uma experiência dessas, que interferiu em sua saúde física, considera a paixão uma doença. Atualmente tem conseguido controlar seus sentimentos e não ficar tão envolvido com uma pessoa, como costumava fazer. Tem parceiros eventuais e costuma se relacionar com pessoas que se interessa em ter um envolvimento sentimental que vai além do sexo, mas

não fica esperando manter um relacionamento estável, como esperava antes. Considera que atualmente há uma diversidade de formas de se relacionar e tem se surpreendido cada vez mais com as pessoas, a exemplo do seu relacionamento atual com um homem que tem uma namorada e que “fica” com o primo desta namorada e com ele. Para o futuro quer investir na carreira acadêmica, pretende se mudar para uma cidade maior, pois considera Salvador uma cidade ainda pequena em termos culturais. Já pensou em adotar uma criança, mas não em casar.

Marcos, 43 anos, heterossexual, soteropolitano, pardo, empresário

Marcos é empresário, autônomo, natural de Salvador. Morou durante muito tempo sozinho, mas há seis meses reside com os pais por ser o único filho solteiro que pode neste momento morar com os pais que estão idosos. Acredita que ficará cerca de um ano com eles até contratar um cuidador. Sua rotina consiste em trabalhar durante o dia, ficar na casa dos pais à noite, e às vezes durante a semana sai para alguns bares com amigos. Nos finais de semana costuma ir à praia, bares, boates, ou praias próximas à Salvador como Praia do Forte. Freqüenta o circuito (território) da “moda” da cidade, ou seja, bares, praias e boates típicos da classe média ou média alta da cidade como o Bar “Moema”, as praias de Stella Maris, as boates como a Dolce e a Lótus. Na sua rotina, seus pais ficam encarregados da administração da casa. Considera desvantagem estar morando com os pais pela falta de privacidade e liberdade que tinha. Quando morava sozinho, podia organizar reuniões com amigos, não se preocupar com horários e levar namoradas em casa. No período que morou sozinho, ficava encarregado de toda organização da casa e realizava com prazer as tarefas domésticas, inclusive cozinhar, que para ele virou um hobby. Tem a caminhada na orla da Barra como um esporte que gosta de praticar. Sua rede social é composta por grupos de amigos “casados” (ou que possuem relacionamento estável) e solteiros. São pessoas que conhece há muito tempo, considerados como parte de sua família. Mantém contato com amigos também pela internet e considera interessantes os sites de bate-papo para conhecer pessoas, apesar de não utilizá-los com freqüência, porque prefere conversar através da rede, com pessoas que já conhece pessoalmente. Tem cinco irmãos vivos e um falecido. Três deles moram em Aracaju. Mantém uma relação familiar próxima e afetuosa. Sobre seus relacionamentos amorosos, afirma gostar de namorar, de conhecer e manter amizade com as mulheres com quem se relaciona. Teve namoros longos, que duraram mais de um ano e já foi noivo. Atualmente tem namoros mais curtos que duram cerca de três meses, além dos encontros eventuais. Considera que está difícil ter um relacionamento estável devido à falta de paciência das pessoas para lidar com o outro e à velocidade com que as relações estão acontecendo, por exemplo, em um encontro amoroso num intervalo curto de tempo, acontece a relação sexual, as pessoas ficam disponíveis para viajarem juntas, freqüentarem a casa um do outro, participarem da vida pessoal um do outro, e a relação termina na mesma velocidade que se inicia. Considera ainda que as mulheres se apaixonam rapidamente se o homem lhes dá carinho e atenção, e já viveu situações que em cerca de dois ou três meses de namoro, a namorada queria morar junto ou casar com ele. Considera boa e interessante a possibilidade do encontro amoroso momentâneo entre as pessoas (“ficar”) e ao mesmo tempo há a desvantagem no vazio deste encontro, porque este não permite que as pessoas conversem mais e se conheçam melhor. Desta forma, não há um ganho significativo além do prazer. Alguns amigos e familiares cobram dele um casamento devido à sua idade, mas isso não o incomoda. Está satisfeito com sua vida atual e seus planos para o futuro incluem ter um filho. Considera um relacionamento ideal o casal morando em casas separadas.

Paulo, 34 anos, heterossexual, baiano, pardo, economista

Paulo tem investido na carreira acadêmica desde que saiu da faculdade, tendo como renda bolsas de pesquisa desde que cursou o mestrado. Já trabalhou como professor universitário e atualmente é bolsista de Doutorado. É natural do interior da Bahia, já morou em Feira de Santana e no interior de Minas Gerais por motivos de estudo. Desde que saiu da casa dos pais tem vivido em república de estudantes ou dividido apartamento com colegas e em Salvador, dividiu apartamento com namoradas. Há dois anos tem morado sozinho e não pretende voltar a dividir apartamento com outra pessoa. Mora no Engenho Velho da Federação, em um apartamento de dois quartos, em um condomínio fechado. É ele quem organiza as atividades domésticas, e sua rotina também inclui estudos e trabalhos referentes ao Doutorado. Nos momentos de lazer costuma ir a teatro, cinema, bar e gosta de namorar. No seu estilo de vida encontra dificuldade financeira em alguns momentos, mas no geral está satisfeito com sua vida de solteiro. Já foi casado por três anos com a mãe do seu filho de 9 anos, mas eles nunca moraram juntos. Ele nunca se sentiu casado e atualmente mantém uma relação de amizade com a mãe do seu filho e com o filho mantém uma boa relação. Visita o filho (que mora em uma cidade do interior) a cada quinze dias. Seus pais e irmãos moram no interior e com eles mantém uma boa relação. Tem como rede social, além destes familiares, colegas e amigos dos locais de estudo e trabalho. Atualmente mantém relacionamento amoroso “aberto” com duas mulheres. Nestes relacionamentos, inclui um acordo de que ele não participa com frequência de reuniões familiares, não convive com os amigos da parceira e não cobra fidelidade. Também não quer ser cobrado. Muitos dos seus amigos e colegas não sabem destas relações e pela falta de compromisso, ele eventualmente “fica” com outras mulheres. Para o futuro quer ter uma estabilidade financeira, pretende continuar na carreira acadêmica e não faz outros planos.

João, 41 anos, heterossexual, baiano, pardo, supervisor de informática

É natural do interior da Bahia, já morou em diferentes estados como Minas Gerais e Mato Grosso, por motivos de trabalho, mas foi em Belo Horizonte que passou maior parte da sua vida profissional, onde começou a trabalhar para ter sua independência financeira e também onde iniciou sua vida amorosa, mantendo um relacionamento estável por alguns anos, com preensões de casamento, mas que não se firmou. Está em Salvador há cerca de dez anos e mora com sua mãe. Tem uma família numerosa e mantém boa convivência familiar. Sua rotina consiste em trabalhar o dia todo como chefe do setor de informática de um curso de Inglês, e em momentos de lazer costuma sair com amigos. Considera ser uma pessoa caseira. A organização da casa e das atividades domésticas fica por conta de sua mãe. Sobre seus relacionamentos amorosos, acredita que precisa de um tempo para conhecer a parceira para ter envolvimento mais íntimo, mas na sua prática, já se envolveu sexualmente com mulheres que não teve envolvimento afetivo. É uma pessoa religiosa e valoriza a virgindade. Seu último namoro durou poucos meses e ele ficou assustado com a velocidade com que a parceira quis avançar na relação. Ela queria casar e morar com ele, mas ele não quis e o relacionamento terminou. Para o futuro, quer constituir família e se firmar profissionalmente.